

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE – FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES – ILA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS
MESTRADO EM LETRAS
ÁREA DE CONCENTRAÇÃO: HISTÓRIA DA LITERATURA

RAQUEL LADEIRA PEREIRA

**BRUXA, FADA MÁ E MADRASTA:
ANÁLISE DAS ANTAGONISTAS FEMININAS NOS CONTOS DE FADAS**

RIO GRANDE

2022

RAQUEL LADEIRA PEREIRA

BRUXA, FADA MÁ E MADRASTA: ANÁLISE DAS
ANTAGONISTAS FEMININAS NOS CONTOS DE FADAS

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras,
Mestrado em Letras, Área de Concentração: História da Literatura, na
Universidade Federal do Rio Grande, como requisito parcial para obtenção
de grau de Mestre em Letras.

Orientadora: Profa. Dra. Sylvie Dion

Rio Grande

2022

Ficha Catalográfica

P436b Pereira, Raquel Ladeira.

Bruxa, fada má e madrasta: análise das antagonistas femininas nos Contos de Fadas / Raquel Ladeira Pereira. – 2022.

165 f.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal do Rio Grande – FURG, Programa de Pós-Graduação em Letras, Rio Grande/RS, 2022.

Orientadora: Dra. Sylvie Dion.

1. Bruxas 2. Madrastas 3. Conto de Fadas 4. Estereótipos
5. Antagonistas Femininas I. Dion, Sylvie II. Título.

CDU 82-93

Catálogo na Fonte: Bibliotecário José Paulo dos Santos CRB 10/2344



SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG
INSTITUTO DE LETRAS E ARTES
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS



ATA DE DEFESA DE DISSERTAÇÃO nº 7/2022

No dia oito de julho de dois mil e vinte e dois, através de videoconferência, realizou-se a defesa de dissertação da mestrand **RAQUEL LADEIRA PEREIRA**, intitulada "**Bruxa, fada má e madrasta: análise das antagonistas femininas nos contos de fadas**". A sessão foi aberta às catorze horas pela Profa. Dra. Sylvie Dion (FURG), orientadora da dissertação e presidente da Comissão de Avaliação que também foi composta pelas professoras doutoras Fabiane de Oliveira Resende (FURG) e Fabiane Verardi (UPF). Depois da apresentação, arguição e respostas, a Comissão decidiu que **APROVA** a mestrand neste requisito parcial e último para a obtenção do grau de Mestre em Letras, na área de concentração em História da Literatura. Após, a presidente publicou o resultado e encerrou a sessão, da qual foi lavrada a presente ata. Atendendo à Deliberação nº 025/2020 do COEPEA, que dispõe sobre Diretrizes Acadêmicas Gerais para o ensino de pós-graduação Stricto Sensu durante o período emergencial devido à pandemia da COVID-19, o presidente da comissão examinadora assinará a ata, substituindo as assinaturas dos demais membros da banca. Este documento possui chave de autenticidade gerada pelo sistema FURG, podendo ser verificada em <https://www.furg.br/consultardocumentos>.

Sylvie Dion

Profa. Dra. Sylvie Dion (Orientadora - FURG)
Profa. Dra. Fabiane de Oliveira Resende (FURG)
Profa. Dra. Fabiane Verardi (UPF)

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente à minha orientadora, Prof^a Dr^a Sylvie Dion, por todos os ensinamentos e pela parceria que teve início ainda durante meu curso de graduação em Letras – Português e Francês.

À Universidade Federal do Rio Grande (FURG), a todos os professores que participaram de minha formação e me permitiram chegar a defender minha dissertação de mestrado. Ao PPGL, pela oportunidade de realizar este trabalho.

À CAPES, por me contemplar com uma bolsa durante todo o meu curso de pós-graduação.

À banca avaliadora, por aceitarem o convite e ajudarem a enriquecer o meu trabalho, acrescentando à minha formação.

À Prof^a Dr^a Normelia Parise, por toda a ajuda e parceria durante meu período na pós-graduação.

À Prof^a Msc Eliane Misiak, pela compreensão e incentivo ao meu trabalho como professora do CELE.

Aos meus amados pais, Adriana e Claiton (*in memoriam*), por todo o amor, carinho e apoio, e por terem sempre investido em minha educação.

À minha irmã e melhor amiga Isabel, pela amizade e companheirismo de sempre.

À minha querida tia Angelina, pela ajuda na revisão linguística deste trabalho.

Aos meus pets, Billy e Dorothy, por todo o apoio moral nos momentos de estresse.

RESUMO

O presente trabalho pretende analisar e comparar algumas antagonistas femininas de nove contos de fadas: “Cinderela” e “A Bela Adormecida”, de Charles Perrault, “Branca de Neve e os sete anões”, “Rapunzel” e “João e Maria”, de Jacob e Wilhelm Grimm, “Vasilisa, a bela”, de Aleksandr Afanasiev, “O Pé de Zimbro”, de Philipp Otto Runge, “A Pequena Sereia” e “Os Cisnes Selvagens”, de Hans Christian Andersen. Antes de passar para a análise propriamente dita dos contos e das antagonistas, nos primeiros capítulos apresento o conto de fadas como gênero narrativo e depois um resumo de eventos importantes do período da caça às bruxas, para tentar melhor explicar as razões que levaram ao estereótipo que se tem dessas mulheres, que passaram a ser retratadas na literatura, e sobretudo nos contos de fadas, como más, e muitas vezes, também velhas e feias. Para melhor organizar minha pesquisa, optei por dividir as personagens em dois grupos: um que compreende as antagonistas humanas, representadas pelas madrastas, e outro que apresenta as antagonistas sobrenaturais, que podem ser bruxas, feiticeiras, fadas más ou ograds. Apesar de haver essa diferença quanto à natureza da vilã, veremos que todas elas são uma variação da bruxa tradicional.

Palavras-chave: bruxas; madrastas; conto de fadas; estereótipos; antagonistas femininas.

ABSTRACT

The following work intends to analyze and compare a few female antagonists of nine fairy tales: “Cinderella” and “The Sleeping Beauty”, by Charles Perrault, “Snow White and the seven dwarves”, “Rapunzel” and “Hansel and Gretel”, by Jacob and Wilhelm Grimm, “Vasilisa, the beautiful”, by Aleksandr Afanasiev, “The Juniper Tree”, by Philipp Otto Runge, “The Little Mermaid” and “The Wild Swans”, by Hans Christian Andersen. Before moving on to the analysis of the tales and of the antagonists, in the first chapters I present the tale as a narrative genre and a summary of important events from the time of the witch hunt, to try to better explain the reasons that led to the stereotype that we have about these women, who began to be portrayed in literature, and especially in fairy tales, as evil, and many times, also old and ugly. To better organize my research, I chose to divide the characters in two groups: one that comprises to the human antagonists, represented by the stepmothers, and other that presents the supernatural antagonists, that might be witches, sorceresses, evil fairies or ogres. Despite there is this difference about the nature of the villain, we’ll see that all of them are variations of the traditional witches.

Keywords: witches; stepmothers; fairy tales; stereotype; antagonists.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Domenico Zamperi. Sibilla. 1917.	p.21
Figura 2 - Francisco de Goya. Sabá das Bruxas. 1797-8.	p.23
Figura 3 - Jan Luyken. Suplício de Anneken Hendriks. 1571.	p. 24
Figura 4 - Francisco de Goya. Conjuuro. 1797-8	p.29
Figura 5 - Cena de “Branca de Neve e os sete anões”. A madrasta disfarçada dá a maçã à Branca de Neve. 1937.	p.44
Figura 6 - Cena de “A Bela Adormecida”. A fada má lança a maldição sobre a princesa. 1959.	p.57
Figura 7 - Ivan Bilibin. Ilustração para o livro <i>Vasilisa the beautiful and Baba Yaga</i> . 1900.	p.74

SUMÁRIO

Introdução.....	10
1. O conto de fadas como gênero narrativo.....	14
1.1.O conto popular e algumas abordagens metodológicas	15
1.2. Origens e transmissão dos contos de fadas	17
2. Percurso histórico das bruxas	20
3. A bruxa como antagonista dos contos de fadas	27
3.1. Antagonistas humanas (madrastas).....	31
3.1.1. Cinderela.....	34
3.1.2. João e Maria.....	38
3.1.3. Branca de Neve e os sete anões	42
3.1.4. Vasilisa, a bela	46
3.1.5. O Pé de Zimbro	49
3.1.6. A crueldade das madrastas	51
3.2. Antagonistas sobrenaturais (bruxas, feiticeiras e ogras).....	52
3.2.1. A Bela Adormecida	54
3.2.2. João e Maria.....	59
3.2.3. Rapunzel	61
3.2.4. A Pequena Sereia	64
3.2.5. Os Cisnes Selvagens	66
3.2.6. Vasilisa, a bela	72
3.2.7. Vilãs que às vezes ajudam	77
4. Considerações finais	78
5. Referências	82
6. Anexos	85
6.1. Cinderela ou o sapatinho de vidro	85
6.2. João e Maria	90
6.3. Branca de Neve	97
6.4. Vasilisa, a bela	104
6.5. O Pé de Zimbro	111
6.6. A Bela Adormecida	119
6.7. Sol, Lua e Talia	126
6.8. Rapunzel	130
6.9. A Pequena Sereia	133
6.10. Os Cisnes Selvagens	152

INTRODUÇÃO

Quando somos crianças, de um modo geral, frequentemente nos encontramos maravilhados pela magia dos contos de fadas. Nossa imaginação possibilita, principalmente a nós, meninas, identificarmo-nos e, por consequência, vermo-nos como as heroínas dessas histórias. Porém, com o passar do tempo, após crescermos, começamos a questionar alguns elementos desses contos que, na infância, nos passavam despercebidos. É evidente que contos escritos entre os séculos XVII e XIX poderiam “envelhecer mal” em alguns aspectos, sobretudo no que diz respeito à construção de personagens femininos, tendo em vista as modificações sociais oriundas do movimento feminista. Isso explica as muitas releituras que esses contos receberam nos últimos anos, tal como o filme “Cinderela”, lançado no ano de 2021. Na trama, a jovem Cinderela almeja tornar-se uma estilista, modernizando o conto original em que a protagonista ascende socialmente pelo casamento. Se, quando crianças, nos identificávamos com as jovens, belas e doces princesas protagonistas desses contos, na idade adulta começamos a perceber as problemáticas referentes ao modo como essas personagens são tratadas nessas histórias, afinal, a ideia que se tem após ler qualquer um desses contos que disponha de uma protagonista feminina é que a obediência e o recato são as melhores qualidades que uma mulher pode ter. Entretanto, sabemos que não é bem assim.

O silenciamento de *A Pequena Sereia*, a “morte” de *Branca de Neve*, os maus tratos que *Cinderela* sofre, são exemplos de o quanto a mulher se encontra em posição vulnerável nessas histórias, necessitando, quase sempre, de um homem que a salve. “A princesa, ou moça pobre que se torna princesa, representa o caminho a ser percorrido pela mulher no papel que a sociedade patriarcal lhe reservou: a realização por meio do casamento.” (MENDES:1999, p.36). Conforme as meninas tornam-se mulheres e começam a problematizar sobre questões enraizadas socialmente, percebem que seu papel no mundo não se resume a ser esposa de alguém.

É notável o tom machista nesses contos, o que é algo de se esperar, afinal, são histórias muito antigas, provenientes de uma época em que a sociedade era ainda mais patriarcal do que atualmente. Ao analisar esses contos, podemos facilmente nos indignar com alguns aspectos e talvez até mesmo passar a nos identificarmos melhor com as antagonistas do que com as mocinhas. Os contos de fadas são caracterizados pelo maniqueísmo, havendo sempre a tradicional oposição entre o bem e o mal, como a mãe boa e a mãe má (madrasta), a bela e a feia, a jovem e a velha, etc. Esses contos possuem uma enorme quantidade de vilãs do sexo

feminino, podendo ser bruxas, feiticeiras, ograds, madrastas, fadas más, etc. O que todas elas possuem em comum é o fato de que pretendem causar algum mal à protagonista. Não estou dizendo que nos identificamos com elas por quererem causar o mal a alguém, longe disso. Essa identificação pode se dar pelo fato de que hoje a mulher adquiriu sua independência e possui a liberdade de escolher o conhecimento e o trabalho ao invés de dedicar-se somente à família. As antagonistas geralmente possuem essa característica: são mulheres inteligentes e muitas vezes independentes (pois muitas vivem sozinhas).

Sejam elas jovens ou velhas, belas ou horrorosas, as vilãs dos contos de fadas possuem uma origem comum: o estereótipo de bruxa que se tem desde a caça às bruxas. Por mais que eu tenha apresentado duas características que considero bastante positivas dessas personagens, a inteligência e a independência, ao realizar a leitura dessas histórias, o narrador não evidenciará nada disso ao descrever as antagonistas. Na verdade, elas são comumente descritas como mulheres invejosas, más, muitas vezes feias e velhas, diferentemente das princesas, cuja beleza é sempre posta em evidência, assim como sua bondade, gentileza e obediência. Mas por que a obediência é considerada uma característica positiva nas mulheres? O que há de errado em expor suas próprias vontades, ao invés de apenas baixar a cabeça para as ordens de um homem? Se pensarmos assim, podemos facilmente enxergar múltiplas qualidades nas personagens antagônicas, que durante toda a nossa infância nos causavam medo. Os contos de fadas nos apresentam o lado maligno e nos fazem acreditar que tais personagens são realmente detestáveis: eles mostram o modelo de mulher que as meninas devem seguir, a mocinha indefesa, e o modelo a não seguir, a temida bruxa. Afinal, elas sempre foram temidas em razão de um pré-conceito em relação a um grupo de mulheres que foi brutalmente massacrado durante séculos de nossa história. Ao estudar o período de perseguição aos hereges, veremos o quanto estas pessoas (acusadas de bruxaria) sofreram injustiças.

Neste trabalho, realizarei uma análise detalhada das antagonistas de alguns contos de fadas selecionados: Cinderela e A Bela Adormecida, de Charles Perrault; Rapunzel, Branca de Neve e João e Maria, de Jacob e Wilhelm Grimm; A Pequena Sereia e Os Cisnes Selvagens, de Hans Christian Andersen; Vasilisa, a bela, de Alexander Afanasiev e O Pé de Zimbros, de Phillip Otto Runge. Separarei as antagonistas em duas categorias: antagonistas humanas e antagonistas sobrenaturais. Para selecionar os contos, levei em consideração alguns critérios: evidentemente, a presença do antagonismo feminino e a participação efetiva da antagonista até pelo menos metade do conto.

Com base nas demandas que essa pesquisa requeria, optei por escrever este trabalho na seguinte ordem: no capítulo um, tentarei definir o conto de fadas enquanto gênero narrativo, trazendo as definições de contos de fadas de especialistas no assunto, como Michèle Simonsen, que acredita ser mais correto nomear esse gênero narrativo como “contos maravilhosos”, em razão das restrições que o nome “conto de fadas” carrega. Em contrapartida, apresentarei também as opiniões de Tzvetan Todorov e Nelly Novaes Coelho, que consideram o conto de fadas como uma das variedades do conto maravilhoso. Após expor as concepções desses estudiosos, procurarei me deter a explorar algumas abordagens metodológicas acerca do conto popular, discorrendo a respeito do modelo de classificação criado por Antti Aarne, que foi posteriormente traduzido e ampliado por Stith Thompson, e o estudo morfológico do conto, feito por Vladimir Propp. Depois, tentarei apresentar as origens desses contos, que se acredita datarem da Pré-história, muito antes da invenção da escrita; sendo assim, estes eram transmitidos na oralidade na época de sua origem e ainda o são na atualidade. Explicitarei a importância que as mulheres tiveram na propagação dessas histórias, ainda que a criação de boa parte das versões que conhecemos hoje sejam atribuídas a homens, em razão de terem sido homens os escritores que publicaram as mesmas por escrito.

No segundo capítulo, fixar-me-ei em expor alguns dados históricos sobre o percurso das bruxas ao longo dos séculos. Para isso, busquei embasamento teórico em diversos autores, principalmente Russell e Alexander, em seu livro *História da Bruxaria*, onde discorrem sobre a bruxaria e seus praticantes ao longo da história da humanidade; Carlo Ginzburg, que, em seu livro *História Noturna*, descreve os antecedentes às perseguições às bruxas na Europa, atestando que antes de culpabilizarem as bruxas por tudo de ruim que acontecia no mundo, outros grupos foram marginalizados e responsabilizados pelas doenças e outras mazelas que afetavam a Europa. Ginzburg ainda descreve o que seria o sabá; Silvia Federici, que trouxe uma visão feminista para explicar o que levou milhares de mulheres à execução sob pena de bruxaria no final da Idade Média e início da Era Moderna, associando a caça às bruxas ao surgimento do capitalismo; e Jules Michelet, o primeiro historiador a apresentar a bruxa sob um semblante positivo.

No terceiro capítulo, tentarei juntar aspectos referentes aos dois capítulos anteriores, a fim de descrever e analisar as antagonistas femininas dos contos de fadas selecionados, partindo de leituras prévias de autores como Marina Warner, que destaca os dramas e questões de ordem psicanalítica existentes nos contos de fadas, dando ênfase às personagens femininas. Marie-Louise von Franz e Karin Hueck, que explanam sobre o lado sombrio dos contos de fadas;

Robert Darnton, que discute sobre aspectos históricos relacionados à França no período em que a maior parte destes contos foram transcritos; e o psicanalista Bruno Bettelheim. Este capítulo será dividido em duas seções: antagonistas humanas (madrastas) e antagonistas sobrenaturais. Para escrever a seção destinada à análise das antagonistas humanas, busquei embasamento teórico no livro de Ana Cristina Canosa Gonçalves, pois neste a autora pretende desmitificar a imagem da madrasta malvada, além de outros autores já citados, como Karin Hueck e Robert Darnton. Regina Michelli também foi uma importante referência para compreender as razões pelas quais, no período em que essas histórias foram escritas, os pais tratassem seus filhos de forma tão diferente da que estamos habituados a ver na atualidade.

No que diz respeito à seção voltada para as antagonistas sobrenaturais, meu principal embasamento foram as definições trazidas por Michelet, além de Marie-Louise Von Franz e suas considerações sobre a obscuridade de personagens femininas nos contos de fadas, e Arlete Bouloumié, que dedicou um artigo a estudar as representações do ogro na literatura. Cabe ressaltar que, dentro dessas duas seções, apresentarei outras subseções intituladas a partir do nome dos contos analisados, para assim poder realizar uma análise detalhada de cada uma das antagonistas presentes nessas histórias. Apesar de ter optado por analisar uma versão específica de cada conto, apresentarei dentro dessas subseções outras versões desses mesmos contos, algumas de Giambattista Basile¹, outras presentes na coletânea de Angela Carter², para fins comparativos. Por fim, colocarei minhas considerações finais a respeito de toda a discussão feita até então.

¹ Giambattista Basile (1566-1632) foi um soldado e escritor italiano, cuja obra mais famosa é o *Pentameron*, publicado postumamente por sua irmã, Adriana Basile. O *Pentameron* é um livro escrito em prosa que reúne uma série de contos dirigidos ao público infantil. Muitas das histórias presentes no livro foram posteriormente popularizadas por Perrault e os Irmãos Grimm.

² Angela Carter (1940-1992) foi uma jornalista, poeta, escritora e contista britânica, conhecida por sua literatura pós-feminista.

1 O CONTO DE FADAS COMO GÊNERO NARRATIVO

Em *Teoria do Conto*, Nádya Gotlib apresenta as três acepções que Julio Casares dá à palavra “conto”: “1. relato de um acontecimento; 2. narração oral ou escrita de um acontecimento falso; 3. fábula que se conta às crianças para diverti-las. Todas apresentam um ponto comum: são modos de se contar alguma coisa e, enquanto tal, são todas narrativas.” (GOTLIB, p.11: 1990). De modo geral, podemos encaixar o subgênero conto de fadas em todas essas interpretações do que seria um conto. Quanto à primeira ideia, podemos dizer que em todos os contos de fadas tem-se um narrador que relata acontecimentos, alguns reais e outros irrealis, em decorrência da existência do elemento mágico típico desses contos; alguns podem dizer que tais histórias são totalmente falsas, o que os enquadraria melhor na segunda acepção; porém, muitos são os elementos verossímeis embutidos nessas histórias, como a fome, a perversidade humana etc. Talvez, à primeira vista, a noção em que melhor poderíamos encaixar esses contos seria a terceira. Porém, anteriormente essas histórias não eram nem um pouco infantis. Michèle Simonsen delimita o que são, afinal, os contos de fadas:

Contos maravilhosos, frequentemente designados em francês pelo nome “contos de fadas”, impróprio porque demasiado restrito, já que raramente se trata de fadas. Os contos maravilhosos, de estrutura complexa, comportam elementos sobrenaturais, originalmente não-cristãos (encantadores, metamorfoses, objetos mágicos, etc). Os contos maravilhosos, aos quais tende-se às vezes a incorporar todos os contos populares, na realidade constituem apenas uma pequena parte do repertório. (SIMONSEN: 1987. p.7)

Jean Mainil descreve esse tipo de conto: “Atemporal, oral mas também escrito, o conto de fadas é ao mesmo tempo universal e pessoal” (MAINIL: 2012, p.30)³. De fato, o conto de fadas abarca uma série de características opostas ao mesmo tempo. Podemos dizer que é atemporal, visto que, apesar de terem sido criados há muito tempo, permanecem relevantes ainda hoje, provavelmente em razão das questões sociais que carregam. Quanto à sua universalidade, é evidente que são histórias conhecidas mundialmente, e justamente por possuir esse caráter popular, fazem parte da memória afetiva de quase todas as pessoas, que se identificam com um ou outro aspecto desses contos, tornando-se, assim, pessoais. No que diz respeito ao fato de serem orais e também escritos, analisarei essas duas formas de difusão dos contos mais adiante.

Para Todorov (1975), o conto de fadas corresponde a uma das variedades do conto maravilhoso. No que diz respeito aos elementos sobrenaturais, Todorov afirma que estes não

³ Tradução minha. No original: « Atemporel, oral mais aussi écrit, le conte de fées est à la fois universel et personnel. »

ocasionam nenhuma surpresa, e que não são eles que diferenciam o conto de fadas como um gênero variante de um gênero maior, que seria esse conto maravilhoso: o que propulsiona essa diferença é a escritura. Todorov ainda aponta que:

Os contos de fadas, que contêm geralmente elementos sobrenaturais, aproximam-se às vezes às fábulas; tal o caso dos contos de Perrault. Neles, o sentido alegórico está explicitado em grau supremo: encontramos-lo resumido sob a forma de uns poucos versos, ao final de cada conto. (TODOROV: 1975, p.71)

Nelly Novaes Coelho (2008) explica a necessidade da inserção de seres mágicos na literatura, sobretudo nos contos de fada: para ela, as limitações do ser humano fizeram com que ele precisasse de mediadores mágicos. Em outras palavras, para que seja possível a realização de seus sonhos e aspirações, o ser humano conta com esses mediadores, que seriam os elementos mágicos que os ajudariam em suas tarefas; estes podem ser as fadas, por exemplo. No entanto, assim como há seres mágicos dispostos a auxiliar o protagonista em sua jornada, há também aqueles que visam atrapalhar seus planos, os quais Coelho denomina “opositores”. Esses opositores normalmente são bruxas, ogros e, às vezes, até mesmo o próprio diabo.

Marie-Louise Von Franz, por sua vez, escreveu um livro em que analisa a sombra e o mal nos contos de fada. Franz, que dedicou quase trinta anos trabalhando com Jung, explica que: “Nos contos de fada quando não existe a sombra, ocorre a duplicação de uma figura arquetípica, uma parte sendo a sombra da outra.” (VON FRANZ: 2020, p.49-50). Isso quer dizer que o modelo de um arquétipo possui um lado luminoso e outro sombrio: “No arquétipo da Grande Mãe temos a bruxa, a mãe diabólica, a velha sábia e a deusa que representa a fertilidade”. (VON FRANZ: 2020, p.50)

1.1 O CONTO POPULAR E ALGUMAS ABORDAGENS METODOLÓGICAS

Em *Autour de la notion de conte écrit: quelques définitions*, Demers e Gauvin trazem uma série de definições sobre o que seria um conto, além de desdobramentos sobre os subgêneros de contos mais conhecidos. Uma observação bastante interessante é a de Jean Marcel (apud DEMERS; GAUVIN: 1976, p. 158), que diz que, se excluirmos a epopeia, o conto é o único gênero literário oral que é considerado digno de também figurar entre os mais importantes gêneros da literatura erudita. Apesar de possuírem entre eles tantas características comuns, há uma série de elementos que os distinguem. Pensando nisso, foram elaborados alguns modelos de catalogação de contos.

O folclorista finlandês Antti Aarne foi encarregado pela escola finlandesa a desenvolver um sistema de classificação de contos que foi publicado em 1910. Segundo Simonsen:

Em 1907, K. Krohn e Antti Aarne, principais animadores da “escola finlandesa” fundam a sociedade dos *Folklore Fellows*, que devia patrocinar uma série de publicações, os FFC (*folklore fellows communications*) que publicam monografias sobre os contos, catálogos nacionais sistemáticos de classificações de motivos, etc. (SIMONSEN: 1981, p.25)⁴

Esse sistema foi traduzido e ampliado por Stith Thompson, estudioso estadunidense do folclore. O catálogo Aarne-Thompson propõe uma análise codificada que decompõe os contos em elementos, separando-os em contos-tipos. Nelly Novaes Coelho aponta que o modelo de Aarne-Thompson “se torna o mais importante e completo catálogo internacional de motivos folclóricos, servindo como indispensável ponto de partida para todos os estudiosos do folclore.” (COELHO: 2012, p.114). O modelo Aarne-Thompson é baseado na análise comparativa e estabelecia a classificação por motivos e tipos de contos. Os contos de fada são catalogados entre os números 300 e 749, havendo ainda subtipos dentro desse grupo de contos. Michèle Simonsen explica que:

Os relatos cujas semelhanças são maiores do que as diferenças pertencem ao mesmo conto-tipo. Cada escrito atestado concretamente constitui uma versão particular, e os motivos de que é constituído apresentam variantes em relação às outras versões do mesmo conto-tipo. (SIMONSEN: 1987, p.31)

Esses contos-tipos são então classificados sob as seguintes rubricas: oponentes sobrenaturais (300-399); familiares sobrenaturais ou encantados (400-459); tarefas sobrenaturais (460-499); ajudantes sobrenaturais (500-559); itens mágicos (560-649); poder ou conhecimento sobrenatural (650-699) e outras histórias do sobrenatural (700-749). Esse catálogo separa os contos em seções com um número “AT” (Aarne-Thompson) de entrada, e os contos que possuem tipos próximos com frequência se agrupam dentro de um mesmo modelo, ou seja, contos extremamente semelhantes pertencerão a um mesmo grupo numérico. Para diferenciar um do outro, será acrescentada uma letra, como por exemplo: 510A, 510B.

Diferente do modelo proposto por Aarne e Thompson, cuja classificação é baseada na temática, o folclorista russo Vladimir Propp desenvolveu um estudo morfológico do conto, criando um modo de catalogação que se baseava na estrutura do próprio conto. Ele realizou uma classificação dos contos em ações e funções dos personagens. Propp analisou os elementos

⁴ Tradução minha. No original: « En 1907, K. Krohn et Antti Aarne, principaux animateurs de l' « école finlandaise » fondent la société des Folklore Fellows, qui devait patronner une série de publications, les FFC (folklore fellows communications) , qui publient des monographies sur les contes, des catalogues nationaux systématiques, des classifications de motifs, etc. »

básicos do enredo de um corpus de cem contos populares russos, a fim de identificar as características narrativas mais simples e únicas.

Ao cabo de sua análise, Propp chega à conclusão de que os contos maravilhosos russos são constituídos de uma sequência sintagmática de 31 funções, ligadas umas às outras por uma relação de implicação. Essas 31 funções, sem estarem forçosamente presentes em cada conto atestado concretamente, encadeiam-se entretanto, segundo Propp, em uma ordem idêntica. (SIMONSEN: 1987, p.41)

Em *Le pouvoir des contes*, Georges Jean (1981, p. 18-23) lista algumas constantes universais e gerais referentes ao conto, como o fato de possuírem o caráter de relato e de se desenvolverem sempre em um passado indeterminado. Além disso, aponta que uma das características mais comuns a todos os contos é a forma como ele se inicia e termina: podemos pensar na estrutura “Era uma vez” e “... e foram felizes para sempre” como fórmulas típicas de abertura e fechamento de um conto.

1.2 ORIGENS E TRANSMISSÃO DOS CONTOS DE FADAS

Não se sabe exatamente quando os contos de fadas surgiram. Ana Lúcia Merege aponta que teóricos de todas as áreas acreditam que eles tenham origens muito antigas, possivelmente na pré-história, sendo originados das histórias contadas ao redor do fogo, quando ainda não existia a escrita. A única forma de difundir essas histórias era, portanto, a transmissão oral. Havia pessoas responsáveis por memorizar as histórias e passá-las de geração em geração, até que, finalmente, essas pudessem ser registradas por escrito muito tempo depois. Nelly Novaes Coelho, por sua vez, afirma que o conto de fadas:

“Originou-se entre os celtas, com heróis e heroínas, cujas aventuras estavam ligadas ao sobrenatural, ao mistério do além-vida e visavam a realização interior do ser humano. Daí a presença da fada, cujo nome vem do termo latino “*fatum*”, que significa *destino*. (COELHO: 2000, p.174).

Coelho explica que, tradicionalmente, as fadas são seres do imaginário que possuem virtudes positivas e poderes sobrenaturais, podendo, assim, influenciar no destino do homem. Ela aponta também que, quando esses seres mágicos passam a apresentar um mau comportamento, passam a ser, então, bruxas. Coelho faz uso da interpretação de “feminino” e “masculino” de O. Spengler para explicar a relação que se faz entre a fada e a mulher e ilustrar a ideia de que a mulher representa, desde sempre, “uma força primordial, necessária e, ao mesmo tempo, temida e por isso mesmo continuamente dominada pelo homem.” (COELHO, p.177: 2000). Ela ainda sugere que a fada seria, então, a face positiva e luminosa de tal força,

enquanto a bruxa representaria justamente o contrário. Isso lembra a teoria sobre a sombra, de Jung, tratada por Marie-Louise Von Franz em seu livro *A sombra e o mal nos contos de fada*. Von Franz aponta que: “Pode-se dizer que o modelo de um arquétipo compõe-se de duas esferas, uma luminosa e outra sombria.” (VON FRANZ, p. 50: 2020)

Ao pensar no conto de fadas na modernidade, Merege destaca que, para Marina Warner, a “pedra fundamental” do conto de fadas moderno é o *Pentamerone*, de Giambattista Basile. Essa obra foi publicada entre 1634-36 e traz as primeiras versões de clássicos como “Cinderela” e “A Bela Adormecida”, “num tom cômico e às vezes grosseiro que soa de forma estranha aos leitores dos contos herdados da tradição dos Grimm.” (MEREGE: 2010, p.45).

Apesar de grande parte dos escritores de contos de fadas serem homens, é muito importante levar em consideração o papel que as mulheres tiveram na difusão dessas histórias. Reitero que antes do surgimento da escrita havia pessoas encarregadas de transmitir essas histórias para o povo. Geralmente, essas pessoas eram anciãos, que poderiam ser tanto homens quanto mulheres. Porém, conforme pontua Merege, em razão de as mulheres estarem sempre muito mais presentes no cotidiano doméstico, e de se encarregarem do cuidado com os filhos e netos, “[...] se teriam tornado guardiãs da memória familiar e mesmo tribal, perpetuando-se em gerações de mães, avós e bisavós contadoras de histórias.” (MEREGE: 2010, p.18)

Anteriormente trouxe uma consideração de Mainil que destacou, dentre outros atributos dos contos de fadas, o fato de estes serem orais, mas também escritos. Isso se dá ao fato de que, depois de muito tempo de tradição de difusão oral dessas histórias, em um período em que a escrita já existia, sendo muito apreciada, Charles Perrault marcou época em meio aos círculos literários da corte de Luís XIV, quando se popularizavam os romances “preciosos”. Tais romances eram lidos, em salões da alta sociedade, por mulheres ricas, que defendiam o direito feminino à intelectualidade. Essas mulheres eram chamadas “preciosas” e contribuíram também para a popularização dessas histórias. Apesar de Perrault, Grimm e Andersen serem talvez os contistas do gênero mais lembrados, muitas mulheres escreveram contos de fadas, como por exemplo as senhoritas L’Héritier, Bernard e de La Force e as senhoras Jeanne-Marie Leprince de Beaumont, bastante conhecida pelo conto “A Bela e a Fera” e Madame d’Aulnoy, a primeira pessoa a utilizar o termo “conto de fadas”.

Por fim, após realizar muitas leituras de diferentes teóricos a respeito do que seriam os contos de fadas e suas origens, acredito que tais contos possuam de fato semelhanças com os relatos orais, principalmente no que diz respeito ao modo como foram primeiramente

difundidos (a oralidade). Penso que os contos de fadas compõem uma pequena parte de um gênero literário muito vasto, o maravilhoso.

2 PERCURSO HISTÓRICO DAS BRUXAS

Segundo o dicionário Michaelis, o termo “bruxa” designa:

1 [OCULT] Mulher que, segundo a crença popular, tem o poder de empregar forças sobrenaturais para influenciar ou dominar outras pessoas por meio da magia, em geral para causar danos ou malefícios; mulher dada a práticas de prever o futuro e fazer sortilégios; feiticeira, sibila: “*Saul amava e odiava Davi a um tempo; tentou matá-lo, mas deu-lhe a filha em casamento. Que tivesse consultado a bruxa de Endor para, com sua ajuda, ouvir a voz do falecido mentor Samuel, era para mim a prova de seu desamparo emocional*” (MS).

2 [POR EXT] Mulher muito velha e feia; bruaca, jabiraca, megera: “*Era extremamente feia, grossa, triste, com olhos desvairados, dentes cortados à navalha, formando ponta, como dentes de cão, cabelos lisos, escorridos e ainda retintos apesar da idade. Chamavam-lhe ‘Bruxa’*” (AA1).

3 [POR EXT] Mulher mal-humorada e rabugenta; rabuja, ranheta, ranzinza: *A bruxa do primeiro andar não nos abriu a porta.*

Mas, afinal, o que é uma bruxa? Essa é a pergunta que Russell e Alexander tentam responder na introdução de seu livro *História da Bruxaria*. Entretanto, não parece haver uma única resposta para essa questão. Dependendo do ponto de vista, pode-se responder a tal de pergunta de uma forma ou outra:

(1) bruxa é o mesmo que feiticeira: esta é a abordagem antropológica; (2) a bruxa adora o Diabo: esta é a abordagem histórica para a bruxaria europeia; (3) a bruxa reverencia deuses e deusas e pratica magia para boas causas: este é o enfoque adotado pela maior parte dos bruxos modernos. Cada um desses pontos de vista pode ser justificado. (RUSSELL; ALEXANDER: 2019, p.11-12)

No começo da introdução de *La Sorcière*, Michelet traz as percepções do inquisidor James Sprenger e do monarca francês Louis XIII a respeito das feiticeiras. Ambos indicam que o número de mulheres envolvidas na feitiçaria seria muito superior ao número de homens: “Para um feiticeiro, dez mil feiticeiras”⁵. Além disso, outra observação que chama a atenção é a comparação entre a mulher e as fadas, o que fortalece a ideia anteriormente discutida acerca da força inerente da mulher. Michelet expõe a visão que se tem de que a mulher é naturalmente uma feiticeira:

A natureza as fez feiticeiras” – É o gênio próprio à mulher e seu temperamento. Ela nasce Fada. Pelo seu retorno regular da exaltação, ela é Sibila⁶. Pelo amor, ela é Maga.

⁵ Tradução minha. No original: « Pour un sorcier, dix mille sorcières. »

⁶ Segundo o *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*, Sibila “é o nome pelo qual muitas mulheres profetisas são chamadas, que ocorrem em muitos países e em diferentes momentos na antiguidade.” (SMITH: 1872, p.814-815)

Pela sua fineza, sua malícia (com frequência fantasiosa e benéfica, ela é Feiticeira e faz o feitiço, ao menos adormece, engana os males. (MICHELET: 2016, p.29)⁷

A mulher poderia então usar de seus poderes para o bem ou para o mal, podendo ser, conforme pontua Michelet, fada ou bruxa. Nasce fada, pois o ser humano, quando nasce, é puro, ainda não foi exposto ao mundo e às suas mazelas. Com o tempo, pode se tornar bruxa, dependendo de como a sociedade a tratar.

Figura 1. Domenico Zampieri. Sibilla. Roma. 1617.



Fonte: Galleria Borghese⁸

De acordo com Russell e Alexander, diferentemente do que comumente se acredita, as acusações de bruxaria aconteceram bem no final da Idade Média e, conseqüentemente, as grandes perseguições às bruxas ocorreram durante a Renascença. As razões que levaram a sociedade a crer que havia grupos de pessoas envolvidos em pactos demoníacos eram muitas, e discutirei algumas delas mais adiante. Como o foco deste trabalho são as antagonistas femininas nos contos de fadas, aqui me deterei principalmente em buscar explicar por que as mulheres eram as principais acusadas de bruxaria. Silvia Federici aponta que o primeiro indício na história do continente europeu de um movimento de mulheres aconteceu na luta antifeudal, visto que nesse período as mulheres se organizaram a fim de “desafiar as normas sexuais dominantes e de estabelecer relações mais igualitárias entre mulheres e homens.” (FEDERICI: 2017, P.45). Isso pode indicar o começo da inserção das mulheres no perfil de adoradoras do Diabo, frequentemente associado às bruxas, visto que elas começavam a mostrar insatisfação com os modelos patriarcais, e isso certamente incomodava as autoridades, que eram, evidentemente, homens.

⁷ Tradução minha. No original : « Nature les fait sorcières.” – C’est le génie propre à la Femme et son tempérament. Elle naît Fée. Par le retour régulier de l’exaltation, elle est Sibylle. Par l’amour, elle est Magicienne. Par sa finesse, sa malice (souvent fantasque et bienfaisante), elle est Sorcière et fait le sort, du moins endort, trompe les maux. »

⁸ Disponível em: <https://www.collezionegalleriaborghese.it/opere/sibilla-2>

Em seu prefácio ao livro *O Martelo das Feiticeiras*, Rose Marie Muraro explica que nas antigas sociedades de caça e coleta não se conhecia a função masculina na procriação. Desta forma, era comum que os homens invejassem o privilégio que as mulheres possuíam de reproduzir a espécie. Ela compara essa “inveja do útero” à atual “inveja do pênis”, que as mulheres sentem por viverem em sociedades muito mais patriarcais. Muraro também conta que é durante o neolítico que os homens começam a dominar e controlar sua função biológica e reprodutora. Com isso, também começa a controlar a sexualidade feminina. Nesse período, surge o casamento e, pouco a pouco, vão-se instaurando os modelos patriarcais nas sociedades.

Nesse mesmo texto, Muraro traz uma linha temporal sobre a participação feminina ao longo da história, apontando que durante a alta Idade Média, as mulheres tinham acesso às artes, ciência e literatura. Porém, logo depois, “no período que vai do fim do século XIV até meados do século XVIII, que aconteceu o fenômeno generalizado em toda Europa: a repressão sistemática do feminino. Estamos nos referindo aos quatro séculos de “caça às bruxas”.” (MURARO, In: KRAMER; SPRENGER: 2020, p.17).

Antes de ser socialmente instaurada a crença de que os males que cercavam a humanidade eram causados por bruxas, a Igreja católica apontava para outros possíveis culpados. Carlo Ginzburg, em seu livro *História Noturna*, explica que os judeus eram bastante perseguidos em razão da crença de que eles, assim como os leprosos, seriam os responsáveis pela difusão da peste negra. Acreditou-se, por algum tempo, que os judeus espalhavam venenos que transmitiam a doença. Ginzburg observa que Clemente VI destacou que assim como os cristãos, os judeus também morriam de peste, além da epidemia ter se propagado também em locais onde não havia judeus. Com o fim da culpabilização dos judeus, a Igreja apontou novos responsáveis pela epidemia: os pobres e os mendigos. De acordo com Ginzburg, ao culpar alguém pela disseminação da doença, “criava-se a ilusão de poder fazer algo para bloquear a epidemia.” (GINZBURG: 2021, p.81). No ano de 1409, o papa Alexandre V enviou uma bula ao inquisidor-geral de regiões como Genebra e Aosta.

A bula, evidentemente redigida à base de informações recebidas pelo inquisidor, lamentava que nas regiões mencionadas alguns cristãos tinham, junto com pérfidos judeus, instituído e difundido de forma clandestina novos ritos e seitas proibidos, contrários à religião cristã. [...] Além disso, prosseguia a bula, existem nas mesmas regiões muitos cristãos e judeus que praticam bruxarias, adivinhações, invocações dos demônios, exorcismos mágicos, superstições, artes malvadas e proibidas, com as quais pervertem e corrompem muitos cristãos ingênuos.” (GINZBURG: 2021, p.86)

Depois disso, as noções de quem seriam essas pessoas que praticariam bruxarias foram cada vez mais ganhando forma. O *Canon Episcopi* é o mais importante documento legal da alta

Idade Média relacionado à bruxaria. Segundo esse documento, conforme destacam Russell e Alexander, algumas mulheres eram pervertidas pelo Diabo e seduzidas por demônios; elas afirmavam cavalgar à noite certos animais junto a muitas outras mulheres, além de Diana, deusa dos pagãos, que seria a líder, e que chamaria essas mulheres a servi-la em certas noites. “Voos, batalhas, homicídios seguidos de atos de canibalismo e da ressurreição das vítimas: eis os ritos imaginários que, durante determinadas noites, a deusa impõe a suas seguidoras.” (GINZBURG: 2021, p.108).

Figura 2. Francisco de Goya. Sabá das bruxas. Óleo sobre tela. Museu Lázaro Galdiano. Madri. 1797-8.



Fonte: Museu Lázaro Galdiano⁹

Russell e Alexander explicam quem seria Diana e as razões sombrias que a levaram a ser tida como condutora das bruxas no início da crença medieval:

Diana era a deusa da Lua, caçadora virgem e irmã celestial de Apolo, o deus-sol. Mas Diana nem sempre era leve e graciosa. Sua associação com animais fez dela uma protetora bravia desses seres ao mesmo tempo que caçadora, e sua função de garantir a plenitude da caça vinculou-a à fertilidade em geral. Seu poder sobre a Lua associou-a aos ciclos mensais das mulheres; e os chifres do quarto crescente, simbolizando crescimento, reforçaram o elemento de fertilidade.

Tal como o mundo subterrâneo empurra as novas safras para a luz e as traga de volta quando morrem e apodrecem, as divindades da fertilidade também estão associadas à morte, e Diana foi identificada com Hécate, a lívida deusa trífrente da morte, protetora da feitiçaria maléfica e mãe das lârnias.” (RUSSELL; ALEXANDER: 2019, p.65)

De acordo com Russell e Alexander (2019, p.73), quando a caça às bruxas teve início, logo no final da Idade Média, as principais crenças a respeito do comportamento das bruxas eram além das já mencionadas cavalgadas noturnas, o pacto com o Diabo e o repúdio formal ao cristianismo. Acreditava-se que os membros dessa “seita” realizavam reuniões secretas à noite, denominadas “sabás”, onde aconteciam orgias, infanticídio sacrificial e canibalismo.

⁹ Disponível em: <http://catalogo.museolazarogaldiano.es/mlgm/search/pages/Main>

Russell e Alexander atribuem aos escolásticos a ideia de que a prática da bruxaria é feita majoritariamente por mulheres: eles afirmavam que o mestre de suas assembleias era o próprio Diabo, que poderia assumir a forma que quisesse, sendo quase sempre representado como uma entidade masculina. O sabá é certamente uma cerimônia que foi e ainda é muito discutida. Nubia Hanciau trouxe duas definições segundo para o termo “sabá”:

Para o dicionário, “do grego shabbath, pelo francês sabbat, o sabá é o descanso religioso que os judeus devem observar no sábado consagrado a Deus”; numa segunda acepção, diz ainda: “conciliábulo de bruxos e bruxas que, segundo superstição medieval, reunia-se no sábado à meia-noite, sob a presidência do Diabo. (HANCIAU: 2004, p.76)

A punição mais comum aos acusados de bruxaria era a fogueira, imposta com bastante frequência a partir do século XI (RUSSELL; ALEXANDER: 2019, p.90). Nubia Hanciau afirma que: “Dessa forma as vítimas ficavam impedidas de renascer, seus corpos desapareciam e suas almas penadas eram condenadas a errar eternamente, mesmo que o período fosse de crença na Ressurreição.” (HANCIAU: 2004, p.63). A Inquisição cada vez mais relacionava a feitiçaria com a heresia: “Os manuais para inquisidores, que começaram a aparecer por volta de 1230, frequentemente incluíam perguntas tanto a respeito de bruxaria quanto de heresia convencional.” (RUSSELL; ALEXANDER: 2019, p.90). Talvez o mais famoso manual para inquisidores seja o *Malleus Maleficarum*, conhecido como “O Martelo das Feiticeiras”, escrito pelos inquisidores Heinrich Kramer e James Sprenger, no ano de 1487. Esse manual registra um pensamento arcaico e extremamente machista, típico da sociedade da época. Michelet caracteriza-o como um livro pedante e ridiculamente calcado nas divisões e subdivisões utilizadas pelos tomistas.

Figura 3. Jan Luyken. Suplício de Anneken Hendriks, queimada em Amsterdã. Rijks Museum. Amsterdã. 1571.



Fonte: Rijks Museum¹⁰

¹⁰ Disponível em:

<https://www.rijksmuseum.nl/en/search/objects?q=jan+luyken&p=32&ps=12&st=Objects&ii=4#/RP-P-OB-78.447,376>

Se no período em que ocorreram as caças às bruxas, estas eram vistas como mulheres depravadas, diabólicas e outras tantas características nada lisonjeiras, Jules Michelet propôs uma visão diferente, e até mesmo romantizada da bruxa em *La Sorcière*. Michelet foi um dos primeiros a enxergar as feiticeiras para além do fato de terem seguido crenças diferentes das que eram socialmente aceitas, e as descrever como mulheres sábias e importantes, afinal, elas normalmente possuíam conhecimentos sobre plantas, o que fazia com que fossem excelentes curandeiras, sobretudo para as camadas mais pobres: “O único médico do povo, durante mil anos, foi a feiticeira” (MICHELET: 2016, p.31). Os efeitos do patriarcado refletem na condição feminina há muito tempo, tal como pontua Michelet:

Chamavam as feiticeiras de sujas, indecentes, devassas, imorais. No entanto, seus primeiros passos por este caminho foram, podemos dizer, uma feliz revolução sobre aquilo que é o mais moral, a bondade, a caridade. Por uma perversão de ideias monstruosas, a Idade Média considerava a carne, em sua representação (maldita desde Eva), a *Mulher*, como impura.¹¹ (MICHELET: 2016, p.146)

No que concerne à ideia de Michelet sobre esses primeiros passos da feiticeira, pela bondade e caridade, poderíamos inferir que faz alusão aos serviços que as mulheres acusadas de feitiçaria teriam prestado à sociedade. Sabe-se que muitas delas eram parteiras; e que a morte da mãe ou da criança durante o parto acabava sendo atribuída a algum malefício por parte da pessoa que auxiliava o parto. Além disso, conforme anteriormente mencionado, essas mulheres possuíam conhecimentos de plantas e ervas, o que possibilitava que conseguissem curar ou amenizar os sintomas de doenças a partir do uso dessas plantas.

Segundo Hanciau (2004), o médico Hans Weyer foi o mais forte combatente a favor das feiticeiras na Europa pensante da época das grandes perseguições. Weyer atacou o massacre a esse grupo de mulheres em seu livro *De praestigiis daemonum*, de 1563. Para ele, as feiticeiras não eram capazes de tornar homens impotentes ou de voar em vassouras até o sabá. Hanciau aponta que Weyer ofereceu respostas convincentes para comprovar que as acusações não tinham fundamento: não era possível que uma pessoa estivesse em mais de um lugar ao mesmo tempo, tal como muitos acreditavam. A explicação de Weyer era que:

Elas sofriam de uma doença, a melancolia, palavra com forte sentido na época, que significava uma tendência aos devaneios, um abatimento profundo, hoje chamado de depressão, perturbação que se dizia frequente nas mulheres, ligada a uma espécie de distúrbio uterino. O Diabo, segundo Weyer, sabia detectar essa histeria e se servia

¹¹ Tradução minha. No original : « On appela les sorcières sales, indécentes, impudiques, immorales. Cependant leurs premiers pas dans cette voie furent, on peut le dire, une heureuse révolution dans ce qui est le plus moral, la bonté, la charité. Par une perversion d'idées monstrueuse, le Moyen Âge envisageait la chair, en son représentant (maudit depuis Ève), la *Femme*, comme impure. »

desses sintomas em seu benefício. Explicavam-se assim as extravagâncias, os comportamentos fora da rotina e as supostas simulações das possuídas.

Mas por que a justiça civil subalterna teria julgado com maior rigor as feiticeiras? Talvez porque longe dos centros intelectuais o medo do Diabo fosse mais intenso. (HANCIAU: 2004, p.67-68)

Além de Weyer, Hanciau destaca também a importância de Ulrich Molitor, que ela coloca como “o maior adversário do livro de Kramer e Sprenger”. Conforme anteriormente citado, a maioria das acusadas de feitiçaria acabavam sendo queimadas na fogueira. Porém, antes disso, sofriam variados tipos de torturas. Hanciau (2004, p.64) aponta que o demonólogo francês Jean Bodin aconselhava a exibição dos instrumentos de tortura nas salas onde as supostas feiticeiras seriam interrogadas, além de sugerir que seus cúmplices gritassem em salas próximas ao local do interrogatório. Dentre as possibilidades de tortura, incluía-se a tortura por água e também a queima com ferro quente.

Durante muito tempo, acreditou-se que “as pessoas julgadas por bruxaria eram praticantes de uma religião pagã sobrevivente desde a Antiguidade e que agora eram aniquiladas pela caça às bruxas” (HUTTON: 2021, p.236). Segundo Hutton, essa crença foi sustentada por muitos autores entre o início do século XIX até meados do século XX. No início do século XX, Margaret Murray, arqueóloga, historiadora e folclorista britânica foi um dos nomes que ajudou a perpetuar essa teoria: por muito tempo, sua tese foi aceita, porém, segundo Hutton:

Por volta da década de 1960, foram levantadas dúvidas a respeito de sua teoria, mas a crença geral nessa vertente só começou a entrar em colapso entre os especialistas em estudos medievais e do início da era moderna por volta de 1970, com a publicação de trabalhos detalhados a respeito de julgamentos de bruxas locais baseados em estudos abrangentes de registros de arquivo (os quais Margaret Murray negligenciara). Isso se manteve até o presente e não deixou dúvidas de que a bruxaria não era uma religião pagã sobrevivente, ou qualquer outro tipo de religião coerente e independente. (HUTTON: 2021, p.238)

Essa ideia de que a bruxaria seria praticada por membros de uma certa religião era baseada em tradições folclóricas. Hutton afirma que Norman Cohn trouxe uma das primeiras respostas coerentes para a dúvida a respeito da veracidade da teoria de Murray, inclusive apontando as razões para o surgimento do estereótipo da bruxa satânica. Para Cohn, isso se deve à tradição do cristianismo em acusar socialmente grupos que não pertencessem à doutrina cristã e, portanto, não participassem das atividades habituais relacionadas à religião, de praticar rituais que incluíssem orgias, assassinato e canibalismo.

3 A BRUXA COMO ANTAGONISTA DOS CONTOS DE FADAS

Em “O Segundo Sexo”, Simone de Beauvoir aponta que desde a mais tenra idade, antes mesmo de compreender as diferenças entre os sexos femininos e masculinos, as meninas já são direcionadas, pelos seus próprios familiares, a compreender o seu “papel social”. Beauvoir propõe que a criança não possui instintos que a dirijam aos tradicionais interesses comumente atribuídos aos homens ou às mulheres. As crianças, independentemente de seu sexo biológico, possuem interesses iguais até um dado momento. A influência de terceiros é que lhes orientará a desenvolver as preocupações recorrentes do sexo feminino ou masculino:

Se, bem antes da puberdade e, às vezes, mesmo desde a primeira infância, ela já se apresenta como sexualmente especificada, não é porque misteriosos instintos a destinem imediatamente à passividade, ao coquetismo, à maternidade: é porque a intervenção de outrem na vida da criança é quase original e desde seus primeiros anos sua vocação lhe é imperiosamente insuflada. (BEAUVOIR: 2009, p.267)

Dessa forma, a “vocação” da mulher para, conforme a própria Simone de Beauvoir nomeia, a passividade, o coquetismo e a maternidade, é construída a partir de uma imposição social que às vezes nem a própria mãe da criança percebe estar repercutindo. Os próprios brinquedos que nos são dados quando crianças, bonecas, panelinhas, dentre outros, reforçam o estereótipo de que a mulher deve cuidar do lar e dos filhos. Assim, a ideia patriarcal de que o papel da mulher na sociedade está resumido à maternidade e a sua omissão em outras questões, resulta na redução da mulher enquanto cidadã.

Michelle Perrot explica que, em muitas sociedades, a invisibilidade e o silenciamento femininos fazem parte da ordem das coisas, e se e quando as mulheres se destacam de alguma forma, causam medo e desordem. "Que a mulher conserve o silêncio, diz o apóstolo Paulo. Porque primeiro foi formado Adão, depois Eva. E não foi Adão que foi seduzido, mas a mulher que, seduzida, caiu em transgressão." Elas devem pagar por sua falta num silêncio eterno. (PERROT: 2007, p.17).

Perrot ainda aponta que quando um grupo de mulheres vem a público a fim de manifestar-se por alguma razão, os adjetivos que lhes são costumeiramente designados pela polícia são “megeras” ou “viragos”, que seriam as mulheres que possuem um aspecto masculinizado, além do que já nos é, infelizmente, tão familiarizado: “histéricas”. Toda mulher que já reivindicou algum direito e se manifestou por igualdade de gêneros certamente já foi chamada de histérica. Inclusive, segundo o Dicionário etimológico da língua portuguesa, a própria palavra “histeria” vem do grego *hystéra*, que significa “útero”, visto que antigamente acreditava-se que distúrbios do útero eram a causa deste problema, que era tido como especial às mulheres.

Sabendo disso, podemos listar as razões que levaram a sociedade a discriminar, torturar e matar as primeiras mulheres que mostraram possuir crenças diferentes daquelas impostas pela doutrina cristã. Além da já famigerada suposição de que as mulheres acusadas de bruxaria teriam pacto com o Diabo, Perrot destaca uma outra razão para as acusações que essas mulheres sofreram:

Elas manifestam uma sexualidade desenfreada: têm a "vagina insaciável", segundo *Le Marteau des sorcières*. Praticam uma sexualidade subversiva. Subversão das idades: muitas feiticeiras velhas fazem sexo numa idade em que não se faz mais, após a menopausa. Subversão de gestos: fazem sexo por trás, ou cavalgam os homens, invertendo a posição que a Igreja considera a única possível: a mulher deitada, o homem sobre ela. (PERROT: 2007, p.89)

Em 1487, ano em que o Martelo das Feiticeiras foi publicado, era um verdadeiro escândalo uma mulher madura ainda possuir libido, visto que até mesmo uma mulher jovem não poderia manifestar desejo sexual. Michelle Perrot traz a definição do termo “frigidez”: “a ideia segundo a qual as mulheres não sentem prazer, não desejam o ato sexual, uma cansa para elas, é bastante difundida.” (PERROT: 2007, p.65). A sexualidade feminina sempre foi um tabu, e por mais que atualmente algumas barreiras tenham sido quebradas, as raízes patriarcais sociais ainda discriminam a mulher que possui liberdade sexual, não possuindo um parceiro fixo. Sendo assim, se as mulheres jovens, em pleno vigor, já sofrem preconceitos em relação à sexualidade, as mulheres mais velhas tendem a ser alvos de piadas e julgamentos ainda piores. Afinal, existe uma forte concepção imbuída socialmente de que:

A vida de mulher dura pouco: a menopausa, tão secreta quanto a puberdade, marca o final da vida fértil, e, por conseguinte, o término da feminilidade segundo as concepções do século XIX: "eu que não sou mais uma mulher", diz George Sand. Não ver mais seu sangue, é sair do campo da maternidade, da sexualidade e da sedução. (PERROT: 2007, p.55)

Sem dúvidas, esse é um pensamento machista. Sabemos que os modelos patriarcais sempre tentaram convencer as mulheres de que eram inferiores aos homens, que não possuíam a mesma importância social que os indivíduos do sexo masculino. Sendo assim, essa ideia de que a mulher teria alguma importância apenas na idade fértil foi muito difundida, fazendo com que as mulheres maduras acreditassem nessa suposição, pois com a menopausa perderiam o viço, deixariam de ser objeto de desejo masculino e, portanto, deixariam de ser femininas. Logo, imaginar uma mulher mais velha que praticasse o ato sexual seria abominável há alguns séculos. No período da caça às bruxas, as mulheres acusadas de bruxaria eram consideradas vulgares e pervertidas, justamente porque acreditava-se que sua vida sexual era bastante movimentada.

Levando essas informações em consideração, talvez seja um pouco mais simples a compreensão do porquê de elas possuírem até hoje um estereótipo tão marcado por características negativas. A compreensão acerca das acusações que essas mulheres sofreram também pode ser peça-chave para buscar as razões para elas estarem inseridas na maior parte dos contos de fadas tradicionais sempre ocupando o papel de vilãs. Silvia Federici aponta, em seu livro *Calibã e a bruxa*, que

No século XVII, as bruxas foram acusadas de conspirar para destruir a potência geradora de humanos e animais, de praticar abortos e de pertencer a uma seita infanticida dedicada a assassinar crianças ou ofertá-las ao demônio. Também na imaginação popular, a bruxa começou a ser associada à imagem de uma velha luxuriosa, hostil à vida nova, que se alimentava de carne infantil ou usava os corpos das crianças para fazer suas poções mágicas — um estereótipo que, mais tarde, seria popularizado pelos livros infantis. (FEDERICI, p.324: 2017)

Figura 4. Francisco de Goya. *Conjuro*. Óleo sobre tela. Museu Lázaro Galdiano. Madri. c. 1797-8. Na tela, a representação satírica do pintor, com bruxas estereotipadas carregando um cesto cheio de bebês mortos.



Fonte: Museu Lázaro Galdiano¹²

A má fama construída sobre as bruxas fez esse estereótipo tornar-se cada vez mais enraizado no imaginário social, impossibilitando que boa parte da população conseguisse enxergar essas mulheres por um viés diferente, conforme fez brilhantemente Michelet. Os resultados desses pensamentos antigos e preconceituosos, oriundos de tempos em que a mulher possuía como única função social a procriação, foram destrutivos em sua época, afinal, milhares de mulheres foram mortas. Posteriormente, essas ideias contribuíram para a inserção das bruxas em papéis antagônicos, completamente contrários aos das protagonistas das histórias, representando a dualidade “A mulher é a virgem pura; a mulher é a mãe carinhosa; a mulher é a megera maléfica e carnal.” (RUSSELL E ALEXANDER, p.148: 2019). O patriarcalismo conseguiu incutir socialmente a ideia de que a mulher representa ou a bondade e a pureza ou a libidinagem e a

¹² Disponível em: <http://catalogo.museolazarogaldiano.es/mlgm/search/pages/Main>

maldade, o que refletiu na forma como as personagens femininas eram representadas na literatura, sobretudo nos contos de fada. Marina Warner aponta que: “Figuras malignas femininas desfilam pelos contos de fadas mais clássicos e estimados: neste mundo, são madrastas malvadas e irmãs feias; no reino encantado, são fadas más, feiticeiras, ogras.” (WARNER: 1999, p.234). Partindo da mesma delimitação de Warner, dividirei as antagonistas dos contos escolhidos em dois grupos: o de antagonistas humanas (madrastas) e o de antagonistas sobrenaturais (bruxas, feiticeiras e ogras).

É interessante notar que a madrasta/mãe má e a bruxa apresentam-se como o oposto da mãe biológica das protagonistas, representando assim, a divisão do arquétipo da Grande Mãe explicado por Von Franz:

Nos contos de fada influenciados principalmente pela civilização cristã, o arquétipo da Grande Mãe, como todos os demais, se divide em dois aspectos. A Virgem Maria, por exemplo, é destituída de seu lado sombrio e representa apenas o lado luminoso da imagem da mãe; conseqüentemente, como aponta Jung, o momento em que a figura da Virgem Maria se torna mais importante corresponde à época das perseguições às bruxas. Como o símbolo da Grande Mãe era muito unilateral, o lado sombrio foi projetado na mulher, o que deu vazão às perseguições das bruxas; como a sombra da Grande Mãe não estava contida no culto oficial do símbolo da Deusa, a figura da mãe dividiu-se em mãe positiva e em bruxa destrutiva. Nos contos de fada surgem inumeráveis bruxas e até a Grande Mãe frequentemente aparece, como provou Albert Dietrich em seu livro *Mutter Erde*. (p.156-157)

É muito simples fazer essa conexão: basta analisar a forma como as mães biológicas das protagonistas que, em sua maior parte, já estão mortas, são descritas em comparação à forma como as madrastas e as bruxas o são. Inclusive, a própria morte denota essa questão de idealização: como a mãe está morta, ela é lembrada com perfeição em todos os sentidos, é romantizada, por assim dizer. Os contos de fadas parecem mostrar certa dificuldade em dosar as características de seus personagens: enquanto as princesas apresentam todas as qualidades boas que a sociedade julgava que uma mulher deveria ter, as antagonistas dificilmente serão descritas com algum adjetivo positivo, tirando a madrasta da Branca de Neve, que era belíssima, mas má. Na verdade, o fato de esta ser bela, porém má, a torna ainda mais perversa, pois sua aparência nos passa uma mensagem enganadora.

No que diz respeito à função do antagonista nesses contos, Propp explica que: “Seu papel consiste em destruir a paz da família feliz, em provocar alguma desgraça, causar dano, prejuízo.” (PROPP, p.20: 2001). A seguinte análise das antagonistas femininas foi realizada a partir do modelo proposto por Vladimir Propp (p.49:2001), para estudar os personagens com base em seus atributos e significação, partindo da ideia de Vesselóvski de construir tabelas para estudar os personagens dos contos. Essas tabelas deveriam seguir as três rubricas fundamentais:

aparência e nomenclatura; particularidades da entrada em cena e habitat. Além destas rubricas estabelecidas por Vesselóvski e Propp, julguei necessário acrescentar em minha análise mais duas rubricas, a fim de contemplar toda a participação dessas personagens em seus respectivos contos. Meu acréscimo a esse modelo são as seguintes rubricas: ações ao longo do conto e final.

3.1 ANTAGONISTAS HUMANAS (MADRASTAS)

Personagens bastante comuns nos contos de fadas, as madrastas sofrem com o estigma de serem más. Afinal, conforme pontua Ana Cristina Canosa Gonçalves:

No próprio vocábulo madrasta já está implícita a ideia de maldade, considerando-se o prefixo “ma” que se liga ao radical “drasta” (ma+drasta). Muito embora o prefixo “ma” derive de mãe, ou seja, é relativo à maternidade, este mesmo prefixo em outra circunstância é um adjetivo. (GONÇALVES: 1998, p.19)

Na própria língua de Perrault a palavra utilizada para denominar a segunda esposa do pai, é também problemática: antigamente, utilizava-se o termo *marâtre*. Ao procurar este vocábulo no dicionário *Le Robert*, teremos duas possibilidades de definição: *belle-mère*, que é o termo utilizado atualmente; e *mauvaise mère*, que, traduzindo, significa “mãe má”. Nos dias de hoje, a palavra *marâtre* não é mais utilizada para designar a mulher que se casa com um homem que já é pai; o termo passou a ter conotação pejorativa, servindo como uma forma de chamar a madrasta que de fato é má. É interessante refletir sobre a noção que o vocábulo nos traz, de quem é a madrasta, porque a própria palavra carrega uma série de estereótipos que não se aplicam necessariamente. Inclusive, o termo em francês *belle-mère* serve para designar tanto a madrasta quanto a sogra, e apesar de em uma tradução literal significar “bela mãe”, é utilizado pelos franceses de forma pejorativa e irônica, de acordo com Gonçalves (1999).

Mas, a verdade é que a presença das madrastas é bastante frequente nos contos de fadas porque na época em que os contos de Perrault foram escritos, por volta do século XVII, ou até mesmo antes disso, a mortalidade feminina era muito alta, tendo em vista que muitas mulheres jovens e saudáveis morriam ao dar à luz, por exemplo. Karin Hueck explica em *O Lado Sombrio dos Contos de Fada* (p.91:2017) que para alguns cientistas, a grande taxa de mortes nos partos seria a explicação para que antigamente, a expectativa de vida das mulheres fosse mais baixa do que a dos homens. Hoje em dia é o contrário: a expectativa de vida masculina é mais baixa do que a feminina. Com a morte de suas esposas, e se vendo sozinhos para criar seus filhos, a maioria dos homens casava-se novamente, conforme explica Darnton:

Terminados com a morte, e não com o divórcio, os casamentos duravam uma média de quinze anos, metade da duração que têm na França de hoje. Em Crulai, um em cinco maridos perdia a esposa, e então tornava a casar-se. As madrastas proliferavam por toda parte – muito mais que os padrastos. (DARNTON, p.44-45: 2001)

Sendo assim, pode-se dizer que a quantidade de madrastas presentes nesses contos não é apenas uma coincidência: elas são personagens bastante recorrentes nesse tipo de narrativa, porque de fato havia muitas madrastas naquele período da história; Darnton prossegue sua explicação: “Os camponeses, no início da França moderna, habitavam um mundo de madrastas e órfãos, de labuta inexorável e interminável, e de emoções brutais, tanto, aparentes como reprimidas.” (DARNTON: 2001, p. 47).

Os contos refletiam a realidade, evidentemente fazendo uso da fantasia. Ainda que essas personagens sejam constantemente antagonistas dessas histórias, Karin Hueck afirma que não há indicadores de que as madrastas daquele período fossem más, porém “Naqueles tempos apertados, com a pobreza batendo à porta, é de se imaginar que algumas segundas esposas tratassem melhor os filhos biológicos do que aqueles do primeiro casamento.” (HUECK, p. 92:2017). Possivelmente, esses casos isolados tenham inspirado os contadores de história a fazer uso da madrasta como vilã em seus contos.

Hueck (2017) ainda destaca que embora houvesse inúmeras madrastas naquela época, muitas dessas personagens foram invenções literárias, inseridas pelos contadores de histórias. Ela utiliza o exemplo de Wilhelm Grimm para ilustrar essa afirmação, pois este substituiu algumas mães biológicas maldosas das histórias por madrastas. Talvez o motivo dessa substituição seja tornar o conto menos “cruel”, por assim dizer, a fim de adaptá-lo para o público infantil. Afinal, é menos apavorante imaginar uma mulher que não possui parentesco genético com a criança causar mal a esta última do que sua própria genitora. Porém, a autora explica que nem todas as ocorrências de madrastas más foram resultado da liberdade criativa de Wilhelm para adaptar os contos, pois: “Muitas outras narrativas folclóricas – do século 19 e de muito antes – já contavam histórias com madrastas.” (HUECK: 2017, p.94). HUECK aponta que “De acordo com psicanalistas que estudaram os contos, é saudável que as crianças leiam histórias sobre madrastas maldosas em vez de sobre mães cruéis.” (2017, p. 94), o que comprova a ideia anterior.

Uma outra provável razão para a substituição da mãe biológica pela madrasta é o fato de que, desde o século XVIII, foram atribuídas às mães características próximas da santidade, conforme destaca Gonçalves (1998). A sociedade abraçou a ideia de que a mulher que é mãe deve colocar todas as necessidades de seus filhos à frente das suas, mesmo que isso lhe custe

desistir de seus próprios sonhos, doando-se completamente a fim de garantir o bem-estar e a felicidade dos seus filhos. Isso significaria, na época de Grimm, que a mulher que deu à luz a criança jamais a maltrataria, e por isso nessas histórias a mãe biológica morre e seus filhos precisam viver em meio às maldades da segunda esposa. Esta última como não pariu a criança, não teria sentimentos maternos, maltratando os filhos do primeiro casamento do marido com frequência e servindo como contraposição total à falecida mãe, pois:

As polaridades mau *versus* bom, sempre fizeram parte da humanidade. E cada sociedade se encarrega de depositar essas polaridades nas figuras que lhes convir, que possam garantir uma suposta “norma social”. Com a figura da madrasta isso não foi diferente. E a expressão social que mais delegou às madrastas as características típicas que modelam o mau, sem dúvida foi a divulgação dos Contos de Fadas clássicos. (GONÇALVES: 1998, p.30)

Embora as mães fossem idealizadas de forma a compará-las a santas (como a própria Maria, mãe de Jesus), Michelli (2019, p.153-154) aponta para a afirmação de Elisabeth Badinter de que, por volta do século XVII, na França urbana, os recém-nascidos eram entregues a amas-de-leite, que cuidariam destes até o desmame. Segundo a autora, posteriormente as crianças seriam enviadas para conventos, onde estudariam, e por consequência, ficariam longe de suas famílias. Isso mostra que naquele período a ligação entre mãe e filhos não era tão forte, visto que a participação da mãe na vida das crianças era bastante pequena. Michelli traz as observações de Darnton e Philippe Ariès sobre ser natural que os pais sentissem pouco afeto pelos filhos. Ariès diz que se acreditava que nasciam muitas crianças, entretanto, poucas sobreviveriam, o que fazia com que os pais sentissem “indiferença com relação a uma infância demasiado frágil, em que a possibilidade de perda é muito grande” (apud MICHELLI: 2019, p.157). Como consequência, mesmo aquelas que sobrevivessem até a vida adulta não receberiam o carinho que uma criança espera de seus pais.

Apesar de esses contos terem propagado a visão de que a madrasta é má, essa é uma estigmatização que partiu da própria humanidade: afinal, as histórias refletem aquilo que a sociedade crê e representa. Isso não quer dizer que as pessoas acreditem na existência de entidades mágicas: estas são apenas alguns recursos utilizados para contar uma história que carrega as ideias e os valores que uma determinada comunidade julga serem corretos.

A seguir, apresento minha análise em relação a cada uma das madrastas presentes nos contos escolhidos. Primeiramente, desenvolvi uma tabela baseada no modelo proposto por Propp e, conforme anteriormente dito, acrescentei duas rubricas que julguei necessárias: ações ao longo do conto e final. Essas tabelas permitem revisar o conto para finalmente escrever uma análise mais bem desenvolvida.

3.1.1 CINDERELA

Um dos mais populares dentre uma infinidade de contos do gênero, “Cinderela”, possui muitas versões. Entretanto, a versão escolhida para análise da antagonista foi a mais célebre, escrita por Charles Perrault, considerado por muitos como “o pai da literatura infantil”, por ter lançado “Contos da mamãe gansa ou histórias de tempos antigos”, a primeira coletânea de contos infantis, que posteriormente receberiam a denominação de contos de fadas. Nascido em 12 de janeiro de 1628, em Paris, Perrault foi o quinto filho de um casal integrante da alta burguesia francesa e foi um poeta e advogado de prestígio em sua época, tendo sido membro da Academia Francesa de Letras. Casou-se aos 44 anos com uma jovem chamada Marie Guichon, com quem teve quatro filhos. Tornou-se viúvo após seis anos de casamento. Perrault faleceu em 16 de maio de 1703, aos 75 anos. No que diz respeito à sua obra, seus contos permanecem sendo adorados e contados no mundo todo mesmo após tantos anos.

A seguir, apresento minha análise da principal antagonista da versão de “Cinderela” de Perrault, traçando algumas comparações com outras versões do mesmo conto:

APARÊNCIA E NOMENCLATURA	Madrasta. [...] a mulher mais soberba e mais orgulhosa que já se viu. Ela tinha duas filhas de temperamento igual ao seu, sem tirar nem pôr. (PERRAULT)
PARTICULARIDADES DA ENTRADA EM CENA	Assim que o casamento foi celebrado, a madrastra começou a mostrar seu mau gênio. Não tolerava as boas qualidades da enteada, que fazia suas filhas parecerem ainda mais detestáveis. (PERRAULT)
HABITAT	A casa do fidalgo, pai de Cinderela.
AÇÕES AO LONGO DO CONTO	Encarregava Cinderela dos serviços mais pesados da casa.
FINAL	Cinderela era tão boa que, ao casar-se com o príncipe, levou suas irmãs para viverem no palácio e casou-as com homens da corte. Entretanto, a madrastra não é mencionada.

Bruno Bettelheim afirma que a primeira versão de Cinderela teria sido registrada na China, durante o século IX d.C., relacionando a questão do minúsculo sapatinho, que só poderia caber em um pé igualmente pequeno, à tradição chinesa de venerar pés pequenos. Ao comparar a versão de Perrault (ANEXO 6.1, página 88) com a versão de Giambattista Basile, intitulada de “A Gata Borralheira”, considerei importante destacar que ali temos uma Cinderela bem menos

inocente que a jovem escravizada de Perrault. Zezolla, como era chamada a protagonista na versão napolitana, era filha de um rico príncipe viúvo que casara-se novamente com uma mulher detestável. A menina tinha uma mestra que lhe ensinava bordado e que lhe era sempre agradável.

Um dia, Zezolla disse à sua mestra que gostaria que ela fosse sua madrasta. Neste momento, a mulher lhe propõe pedir à madrasta por um velho vestido guardado em um baú, e que quando esta, que gostaria sempre de ver a enteada usando trapos fosse procurar pelo vestido, Zezolla deveria largar a tampa do baú, o que faria com que a madrasta quebrasse o pescoço e morresse. A menina assim o fez, e passado algum tempo desde que a madrasta morreu, Zezolla convenceu seu pai a casar-se com a mestra, que nos primeiros dias tratou-lhe como uma filha. Porém, logo em seguida trouxe suas seis filhas, que mantinha escondidas, e estas se tornaram as favoritas do príncipe, que parou de dar importância à Zezolla. Se antes Zezolla vivia cercada de luxos, agora estava fadada ao serviço doméstico.

Um dia, o príncipe viaja à Sardenha e pergunta às seis filhas da madrasta o que querem. Elas pedem as mais variadas coisas. Em seguida, ele pergunta à Zezolla, e esta lhe diz: “Nada, a não ser que me recomende à pombinha das fadas, dizendo-lhe que me mande alguma coisa, e se você esquecer, não poderá ir para frente nem para trás! Lembre-se do que digo: sua alma, sua palma!” (BASILE: 2018, p.89). Ao tentar retornar, o barco não saía do lugar e logo o dono do barco conta ao pai de Zezolla que sonhara que ele devia buscar aquilo que sua filha lhe havia pedido. Ele então foi, e encontrou uma fada, que lhe deu, dentre outras coisas, uma tâmara.

Zezolla então planta a tâmara e em poucos dias, tinha uma tamareira. De lá saiu uma fada, que permitiu que Zezolla saísse quando quisesse, sempre esplendidamente vestida. Uma diferença aparente entre a versão de Basile e a de Perrault se dá no fato de que Zezolla encontra sua fada madrinha em uma tamareira, e isso não acontece em Perrault. Além disso, Zezolla comparece a mais de uma festa até que o rei consiga descobrir sua identidade e, quando percebe que está sendo seguida, joga moedas de ouro ou pérolas para distrair o servo do rei. Até que, por fim, perde o sapato. Sendo assim, é evidente que o desfecho dessa história é igual ao de Perrault, um rei se apaixona por Zezolla e casa-se com ela, deixando suas irmãs cheias de inveja.

Percebo que esse conto difere bastante dos outros no quesito da índole da protagonista: ela sofre nas mãos de suas duas madrastas, mas cometeu assassinato e, de certa forma, obrigou seu pai a lhe trazer um presente proveniente das fadas. Desta forma, ela não era a mulher desapegada de bens materiais e benévola que em geral protagonizam esses contos. Entretanto,

consegue seu final feliz junto a um rei e muitas riquezas. Bettelheim percorre as mais célebres versões deste antigo conto, e aponta que, na versão do italiano Giambattista Basile, a protagonista não é totalmente inocente:

Na história de Basile, Cinderela é inocente em relação a suas meias-irmãs e à governanta que virou madrasta, embora seja culpada de assassinar sua primeira madrasta. Nem na história de Basile, nem no muito mais antigo conto chinês há qualquer menção a maus-tratos a Cinderela por parte de suas irmãs, ou a qualquer degradação que não a de ser forçada por uma mãe (madrasta) a executar tarefas domésticas em roupas esfarrapadas. Não a excluem deliberadamente de comparecer ao baile. (BETTELHEIM, p. 342: 2019)

A versão de Perrault, por outro lado, nos apresenta uma Cinderela de coração puro, bondosa, o que tornava todos os maus tratos que sofria injustos. Logo no começo do conto, temos a informação de que o pai de Cinderela (até então descrito apenas como “um fidalgo”) se casou pela segunda vez “com a mulher mais soberba e mais orgulhosa que já se viu” (PERRAULT). Logo em seguida, aprendemos que tal mulher tinha duas filhas de índole igual a sua, enquanto o fidalgo tinha uma filha doce e bondosa, assim como havia sido sua mãe, descrita como “a melhor criatura do mundo”. É interessante observar que, não apenas em “Cinderela”, mas em muitos contos de fadas, há a relação paradoxal entre mãe biológica e madrasta: enquanto uma possui personalidade indulgente e generosa, a outra vem a ser o completo oposto: uma pessoa amarga e maligna.

Um outro elemento a observar nesses contos é a maneira como as madrastas conseguem manipular seus maridos, tomando o poder e as decisões da casa somente para elas. De certo modo, isso indica o machismo enraizado a respeito da mulher que se impõe, que não permite que o homem tome as decisões sozinho: esse machismo se dá pelo fato de que, para os homens, a mulher que possui personalidade forte e impõe suas ideias, seria uma mulher maldosa, cruel, indelicada, dentre tantas outras características consideradas ruins.

Infelizmente, essas mulheres que mostram suas convicções e que não se deixam levar pelas ordens dos maridos são retratadas de forma que demonstram tirania e maldade. No caso de “Cinderela”, a madrasta obrigava a menina a realizar todas as tarefas domésticas, rebaixando assim, o status social da moça. Cinderela, por sua vez: “Não ousava se queixar ao pai, que a teria repreendido, porque era sua mulher quem dava as ordens na casa.” (PERRAULT). O pai de Cinderela não parecia ter jamais tentado defender sua filha das maldades da madrasta. A ideia que se tem é que, se o homem desse as ordens, tudo seria melhor, passando a imagem de que a mulher enquanto líder seria opressora, e que o pai de Cinderela seria apenas um pobre homem sujeito a aceitar as ordens da esposa. Além disso, também havia a concepção de que

era a mulher quem deveria se ocupar da criação dos filhos e dos cuidados do lar, enquanto o homem deveria se preocupar com o sustento da casa.

GONÇALVES (1998, p.85) sustenta que as madrastas que assumem a maternidade de crianças muito pequenas, que não tiveram muito contato com suas mães biológicas, tendem a conseguir desenvolver um laço mais forte de mãe e filho do que as madrastas que passam a conviver com seus enteados quando estes já são mais velhos. Isso se dá pelo fato de que, nesse segundo caso, a criança conheceu verdadeiramente sua mãe biológica e, quando esta lhe falta, passa a ser idealizada pelo filho. Assim, surge o contraste da mãe boa, que seria a mãe biológica, que na cabeça da criança era perfeita, e a mãe má, que seria a mulher que em seu entendimento, estaria tentando usurpar o papel de sua mãe.

Personagens também antagônicos, as duas meias-irmãs de Cinderela parecem ficar “à sombra” de sua mãe, a madrasta. É verdade que a madrasta é quem lidera as maldades contra Cinderela, porém, as irmãs a provocam e menosprezam. Quando perguntam à protagonista se ela gostaria de ir ao baile, Cinderela responde “Pobre de mim! As senhoritas estão zombando. Isso não é coisa que convenha.” (PERRAULT). Elas então, fazem questão de demonstrar desprezo pela irmã: “Tem razão, todo mundo riria um bocado se visse uma Gata Borralheira indo ao baile.” (PERRAULT). A versão de *Cinderela* escrita por Perrault nos mostra um desenvolvimento mais leve da história, o que torna, conseqüentemente, os atos das irmãs malvadas mais toleráveis. A versão dos irmãos Grimm, lançada depois da de Perrault, já traz uma atmosfera mais pesada. Segundo Maria Tatar:

A versão de Perrault de 1697, em seus *Contos da Mamãe Gansa*, está entre as primeiras elaborações literárias completas da história. Foi seguida pela versão mais violenta registrada em 1812 pelos Irmãos Grimm. Estes se deleitaram descrevendo o sangue nos sapatos das filhas da madrasta, que tentam cortar fora pedaços de seus calcanhares para que o sapatinho lhes sirva. A versão alemã também nos dá uma Cinderela menos compassiva, que não perdoa as filhas da madrasta mas as convida para seu casamento, quando pombos lhes bicam os olhos. (TATAR: 2013, p.45-46)

É interessante destacar isso, afinal, Cinderela é talvez o conto de fadas que mais originou novas versões. A versão de Perrault é provavelmente a mais notável, afinal, foi a escolhida para adaptação do desenho da Disney, lançado em 1950. Evidentemente, o filme tomou algumas liberdades criativas em relação ao conto, como o momento em que Cinderela experimenta o sapatinho. No filme, a madrasta quebra o sapato que o fidalgo levou, a fim de evitar que a enteada o experimente. Cinderela então, mostra que tinha o outro sapato. No conto de Perrault, as irmãs debocham da mocinha quando esta pede para experimentar, mas o sapatinho não é quebrado.

3.1.2 JOÃO E MARIA

A história de dois irmãos que se perdem na floresta e acabam caindo na armadilha de uma bruxa horrenda tornou-se imortalizada nas palavras dos irmãos alemães Jacob e Wilhelm Grimm. O mais velho deles, Jacob, nasceu em 4 de janeiro de 1785, em Hanau, enquanto seu irmão mais novo nasceu em 24 de fevereiro de 1786, também em Hanau. Ambos eram filólogos, folcloristas e estudiosos da mitologia germânica, e foram responsáveis pela formação de uma enorme coletânea conhecida mundialmente como “Literatura Clássica Infantil”. Os irmãos Grimm tornaram célebres histórias como Branca de Neve e os Sete Anões, Rapunzel, Os músicos de Bremen, O Príncipe Sapo, dentre muitas outras, incluindo João e Maria. Segundo Michelli, os irmãos Grimm “filtraram” alguns elementos em suas histórias, retirando conteúdos que pudessem remeter à sexualidade, “ainda que mantivessem a presença da violência em alguns contos, como se observa na mutilação dos pés e nos olhos furados das irmãs de Cinderela.” (MICHELLI: 2009, p.1). Wilhelm faleceu em 1859, e seu irmão, quatro anos depois.

Posso dizer com segurança que “João e Maria” é uma história tão rica que não traz apenas uma, mas duas antagonistas femininas igualmente interessantes. A seguir, analisaremos a antagonista humana, responsável por abandonar as crianças na floresta.

Madrasta

APARÊNCIA E NOMENCLATURA	Madrasta.
PARTICULARIDADES DA ENTRADA EM CENA	Convence o pai de João e Maria a abandonar as crianças na floresta, a fim de evitar que os quatro morram de fome. É sempre ríspida com as crianças.
HABITAT	Casa próxima a uma grande floresta.
AÇÕES AO LONGO DO CONTO	A madrasta faz de tudo para que as crianças fiquem na floresta, apesar de elas conseguirem retornar à casa na primeira tentativa dos pais de abandonarem-nas. Ela então, persuade o pai das crianças a tentar novamente o abandono dos filhos.
FINAL	Acaba morrendo. Quando João e Maria finalmente retornam à sua casa com os tesouros que conseguiram na casa da bruxa má, a madrasta já havia morrido, não podendo assim, desfrutar das riquezas, o que significa que ela foi castigada por ter feito mal às crianças.

João e Maria (ANEXO 6.2, página 93) é um exemplo de conto em que há duas antagonistas femininas. Ainda que remetamos o conto primeiramente à bruxa canibal, ao analisar a história mais a fundo, podemos perceber que a madrasta é também uma vilã, assim como em muitos outros contos do gênero. Em uma época em que a população passava muita fome, a madrasta convence o pai de João e Maria a largá-los na floresta, pois não tinham condições de sustentá-los. Novamente temos um exemplo da mulher que manipula o marido. Além de influenciá-lo a abandonar os filhos, trata os mesmos com certo desdém, com rispidez.

O fim da mulher não poderia ser bom, pois quando as crianças retornam à casa do pai, com joias e preciosidades após terem derrotado a bruxa, a madrasta havia morrido, ainda que não se saiba o motivo. O homem também abandonou os filhos e, ainda assim, teve um final feliz junto deles, sendo perdoado pelos seus atos e desfrutando dos tesouros que as crianças trouxeram. Entretanto, conforme pontua o psicanalista Bruno Bettelheim: “[...] o pai permanece uma personagem apagada e ineficaz ao longo da história, tal como se revela à criança no início de sua vida, quando a mãe assume toda a importância, tanto nos aspectos benignos como nos ameaçadores.” (BETTELHEIM, p. 227: 2019).

A partir do apontamento de Bettelheim, pode-se destacar que, ainda que o pai devesse possuir as mesmas obrigações e responsabilidades que a mãe, na prática, sabemos que não é bem assim. A própria criança aprende desde cedo que a mãe é a provedora dos cuidados, da alimentação, enquanto o pai normalmente é associado ao trabalho fora de casa. Mesmo atualmente, essa ideia ainda persiste: por mais que existam muitas mães que também possuem uma carreira profissional, a mãe continua sendo o referencial primário para a maior parte das crianças como fonte de alimento, sendo considerada como protetora pelos mesmos. Talvez seja por isso que a mãe sempre sofre o pior castigo quando causa algum mal às crianças nos contos de fadas: apesar de o pai ter sido conivente com o plano de abandonar João e Maria na floresta, a ideia inicial foi da mãe, quando na verdade, esta deveria colocar o bem-estar dos pequenos à frente do seu próprio. Se analisarmos o conto do ponto de vista social, perceberemos que, no geral, os acusados de infanticídio eram sempre mulheres, e estas ainda o são, se pensarmos no caso do aborto, por exemplo. É sempre a mulher a responsável, apesar de tragédias como o estupro, o incesto etc. Se a mãe precisa colocar o bem-estar dos filhos à frente do seu próprio, o pai não necessariamente precisaria ter esse pensamento, pelo fato de não possuir, dentro da concepção social, o mesmo papel da mãe na vida dos filhos. Por isso, seus atos não seriam tão graves, ainda que consistissem também, em abandonar duas crianças indefesas na floresta.

Nesse conto, a madrasta representa a parte má da figura materna. O fato de ela não ser a mãe biológica das crianças torna mais aceitável que desejasse se livrar dos pequenos, seja quais fossem suas razões para isso. Gonçalves (1998) destaca que muitos homens que já são pais acreditam que suas companheiras devem suprir a falta da mãe e a sua própria falta. Essa pressão faz com que as madrastas sintam que estão sendo exigidas, “e elas costumam ficar apavoradas quando descobrem sua falta de amor maternal e muitas vezes chocadas com a raiva que encontram em seu lugar.” (GONÇALVES: 1998, p.66-67). Obviamente isso não justifica a madrasta querer deixar duas crianças à própria sorte na floresta, porém, conforme anteriormente discutido, é inegável que, quando a nova companheira do pai da criança acompanha o desenvolvimento da mesma desde a mais tenra idade, as chances de que exista uma conexão maior no âmbito maternal são bem maiores do que se ela começar a fazer parte da vida do enteado quando este já for crescido. Porém, não fica claro na história quando a mulher assumiu o papel de “mãe” das crianças.

A fome é um tema bastante recorrente nos contos de fadas e isso não se dá apenas por uma mera coincidência: afinal, esses contos foram escritos em um período em que as pessoas passavam por grandes dificuldades para sobreviver. Além disso, as famílias eram muito extensas, em razão da ausência de métodos contraceptivos eficazes. O grande número de filhos dificultava bastante o sustento. Diana Litchenstein Corso e Mário Corso discorrem sobre esse assunto, em seu livro *Fadas no divã: psicanálise nas histórias infantis*:

Esta é uma história de pais que condenam seus filhos a morrer de fome, livram-se deles para ficar com o pouco alimento que restou, já que são incapazes de abastecer a família. A fome é um dos eixos em torno dos quais girou boa parte da história da humanidade, muitas vezes, impulsionando os movimentos migratórios, as disputas de poder, as guerras. No cenário europeu, onde nasceram essas histórias, o tema da falta de alimento só foi superado recentemente. Incontáveis ondas de escassez dizimaram boa parte da população ou os deixaram fracos para doenças de ocasião, de modo que, não faz muitos anos, o medo de morrer de fome era uma realidade cotidiana nesse continente [...] (CORSO; CORSO, p.42: 2006)

Talvez alguém que não tivesse conhecimento dessas informações pudesse pensar que a situação em que João e Maria são postos era uma invenção dos contos de fadas. Entretanto, assim como pontuam CORSO e CORSO, situações como essas aconteciam com mais frequência do que se pode imaginar. Isso vem a dialogar com o problema anteriormente apresentado, sobre qual a melhor aceção de conto para categorizar o conto de fadas. “O Pequeno Polegar” é uma versão francesa de “João e Maria”. Escrita por Perrault, esse conto apresenta um casal muito pobre que tinha sete filhos, todos meninos. “Veio um ano de miséria, e a fome foi tão grande que esse pobre casal resolveu abandonar seus filhos.” (PERRAULT). Darnton aponta que: “O tom casual sugere como se tornara comum a morte de crianças, no

início da França moderna.” (DARNTON: 2001, p.49). Tendo em vista que Perrault escreveu essa história por volta de 1690, época em que a fome e a peste dizimaram não apenas a França, mas toda a Europa, abandonar os filhos para não ver as crianças morrerem de fome não era algo incomum. Darnton ainda pontua: “O mesmo tema existe nas versões camponesas do conto e em outros contos, juntamente com outras formas de infanticídio e maus-tratos infligidos a crianças.” (DARNTON: 2001, p. 49).

Uma versão mais antiga desta história é a de Giambattista Basile, chamada de “Nennillo e Nennella” conta com apenas uma vilã, diferentemente da versão mais conhecida, aqui analisada, de Grimm. O pai das crianças se casa com uma mulher má, que detesta os enteados, e após tanto reclamar, convence o marido a se livrar das crianças. Nesta versão, não existe a desculpa de que a situação econômica estava difícil, tanto que o pai leva os filhos até a floresta e os deixa com um cesto cheio de comida, largando uma trilha de cinzas para que eles pudessem retornar à casa quando não tivessem mais comida. Quando as crianças terminam com a comida, retornam, então, para a casa, seguindo a trilha de cinzas. A mulher se enfurece e diz ao marido que iria embora se ele não se livrasse dos filhos. Novamente, ele leva as crianças para a floresta com um cesto de comida e deixa uma trilha de farelos para que eles pudessem retornar. Entretanto, um asno come os farelos, e faz com que as crianças se percam.

Diferentemente do que acontece em Grimm, aqui as crianças acabam seguindo direções diferentes: um príncipe vai caçar no lugar onde estavam, e apavorado com os latidos de seus cães, Nennillo se esconde e Nennella corre até uma marina, onde corsários a levam. O chefe dos corsários levou a menina para casa, e sua esposa, tendo perdido uma filha recentemente, passa a criar Nennella como sua. Nennillo, por sua vez, foi levado pelo príncipe a seu palácio, onde foi educado virtuosamente. O corsário que adotou Nennella era ladrão, então, para fugir, levou todos os que com ele viviam em um barco leve, e todos se afogaram, menos Nennella, que foi engolida por um peixe mágico que possuía todo um reino dentro dele. A menina clamava pelo irmão, e quando este finalmente se aproximou do peixe, de lá ela saiu. O príncipe a acolheu e chamou pelo pai das crianças. Uma coisa que achei especialmente interessante nesta versão foi o fato de que o príncipe repreende o pai por sua fraqueza e incapacidade de lidar com a esposa e abandonar os filhos, pois, apesar de esses contos contarem frequentemente com pais fracos, estes nunca são questionados por suas faltas para com seus filhos. No final, a madrasta é morta, a colocam dentro de um barril e jogam-na de uma montanha. O pai, apesar de levar uma bronca, vive feliz ao lado dos filhos, que se casam com filhos de vassallos do príncipe.

3.1.3 BRANCA DE NEVE E OS SETE ANÕES

Outro conto célebre eternizado pelos irmãos Grimm é “Branca de Neve e os Sete Anões”. Este é um dos contos que melhor retratam a inveja entre as mulheres, ao trazer como grande antagonista uma madrasta que não aceita ser considerada menos bela que sua enteada e, por isso, decide matar a moça.

APARÊNCIA E NOMENCLATURA	Madrastra/Bruxa Era uma dama belíssima, mas orgulhosa e arrogante, e não podia suportar a ideia de que alguém fosse mais bonita do que ela. (GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm) Finalmente concebeu um plano. Pintou o rosto e vestiu-se como uma velha vendedora ambulante, tornando-se completamente irreconhecível. (GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm)
PARTICULARIDADES DA ENTRADA EM CENA	Ordena a um caçador que leve a enteada à floresta e a mate, trazendo seus pulmões e fígado como prova do assassinato; Vende à Branca de Neve um cadarço novo para o corpete, o qual aperta tão forte, que faz a moça cair como se estivesse morta; Depois, faz uso de feitiçaria e lhe vende um pente envenenado; Por fim, dá à princesa uma maçã envenenada.
HABITAT	Castelo.
AÇÕES AO LONGO DO CONTO	Elabora muitos planos para matar Branca de Neve, falhando em todos eles.
FINAL	A rainha ficou tão aterrorizada que estacou ali, sem conseguir se mexer um centímetro. Sapatos de ferro já haviam sido aquecidos para ela sobre um fogo de carvões. Foram levados com tenazes e postos bem na sua frente. Ela teve de calçar os sapatos de ferro incandescentes e dançar com eles até cair morta no chão (GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm)

A inveja é um elemento que se faz bastante presente em contos de fadas, principalmente entre mulheres. “Cinderela” já mostra a face invejosa da madrasta e das irmãs, mas talvez “Branca de Neve” (ANEXO 6.3, página 100) seja o conto que melhor retrata esse sentimento. O ciúme como sentimento decisivo para a rivalidade feminina é assunto recorrente em

diferentes histórias. Sabe-se que, após a morte da mãe de Branca de Neve, seu pai, o rei, casa-se novamente com “uma dama belíssima, mas orgulhosa e arrogante, e não podia suportar a ideia de que alguém fosse mais bonita do que ela.” (GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm). Porém, o rei desaparece completamente da história após esse acontecimento. A rainha possuía um espelho mágico que sempre lhe dizia a verdade. Quando Branca de Neve chegou aos sete anos, tornou-se mais bela que a rainha. O espelho disse à rainha que Branca de Neve era mais bela do que ela e: “Ao ouvir estas palavras a rainha pôs-se a tremer, e seu rosto ficou verde de inveja. Desse momento em diante, odiou Branca de Neve.” (GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm).

GONÇALVES (1998, p. 114) aponta uma observação bastante pertinente de Rubem Alves a respeito da relação da rainha com seu espelho: segundo Rubem Alves, o espelho seria o outro, que viria a reforçar o narcisismo. Ele afirma que o ser humano se embeleza para o outro, para ser notado, por assim dizer, e quando o espelho lhe diz que Branca de Neve era a mais bela, ela se sente ameaçada. Nesse momento, notamos a fragilidade da rainha, sua insegurança, o que faz com que ela tente de todas as maneiras matar a menina, para que possa, enfim, ser a mais bela.

Ao descobrir que sua jovem enteada era a mulher mais bela, a madrasta ordena que um caçador leve Branca de Neve à floresta e a mate. Como prova de que a menina estava morta, mandou o caçador lhe trazer seus pulmões e seu fígado. O caçador se apiedou da princesa, poupando sua vida e orientando-a a fugir. Levou para a rainha os pulmões e o fígado de um filhote de javali que matou na floresta. “O cozinheiro recebeu instruções de fervê-los na salmoura, e a perversa mulher os comeu, pensando que estava comendo os pulmões e o fígado de Branca de Neve” (GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm). Essa passagem é muito interessante porque dialoga com o arquétipo da bruxa canibal, visto que ela acreditava estar comendo os órgãos de um ser humano. Além disso, “os antigos acreditavam que se ingerissem as vísceras de outra pessoa adquiririam suas virtudes”. (GONÇALVES: 1998, p.128). A madrasta invejava a beleza e a jovialidade de sua enteada, e talvez, inconsciente ou conscientemente, imaginasse que ao comer seus órgãos, absorveria as qualidades da menina que tanto invejava.

Evidentemente, a beleza era objeto da inveja da madrasta, assim como a juventude: nesses contos é bastante comum o impasse entre mulheres mais velhas e mais jovens, sendo as mais velhas constantemente traçadas como invejosas e malignas. Bruno Bettelheim destaca que:

O genitor narcisista é aquele que se sente mais ameaçado pelo crescimento de seu filho, pois isso significa que ele, genitor, deve estar envelhecendo. Enquanto a criança é totalmente dependente, ela como que continua sendo parte do genitor; não ameaça o narcisismo deste. Mas quando começa a amadurecer e buscar a independência, passa a ser vista como uma ameaça por um tal genitor, como sucede com a rainha em “Branca de Neve”. (BETTELHEIM, p.283: 2019)

Desta forma, a madrasta é, mais uma vez, a vilã da história, má e invejosa, o que a diferencia por completo da jovem heroína Branca de Neve, uma menina pura e generosa. MICHELLI aponta para uma possibilidade menos discutida quando pensamos na rainha má de Branca de Neve: talvez ela também não quisesse ceder espaço para a enteada, traçando um comparativo com o mito de Cronos, que temia ser destronado pelos filhos, e então, engolia os mesmos quando nasciam. Ela afirma que a rainha não sabia lidar com a passagem do tempo, pretendendo então conservá-lo e afirmar sua superioridade. (MICHELLI:2019, p.173-174)

Diferentemente do que nos é mostrado no desenho lançado por Walt Disney em 1938, na história original dos Irmãos Grimm, muitas são as invenções da madrasta para tentar matar Branca de Neve: primeiro, ordena a um caçador que mate a menina, conforme já mencionado. Porém, ao descobrir que o mesmo não havia cumprido sua missão, decide disfarçar-se: “Pintou o rosto e vestiu-se como uma velha vendedora ambulante, tornando-se completamente irreconhecível.” Fazendo uso do disfarce, a madrasta enfeitiça um cadarço para o corpete da moça, seguindo para um pente envenenado e, por fim, a famigerada maçã envenenada.

Figura 5. Cena de “Branca de Neve e os sete anões”, filme de Walt Disney de 1937. A madrasta disfarçada dá à enteada a maçã envenenada.



Fonte: Youtube¹³

A madrasta, por fim, acaba sendo castigada, tendo um final trágico: teve que dançar com sapatos incandescentes até cair morta. Na versão popularizada por Walt Disney, em seu filme de 1938, o final da madrasta é diferente: após ser perseguida pelos anões, acaba caindo de um penhasco e morrendo. Sabe-se que a Igreja condena a vaidade como pecado. Além da vaidade,

¹³ Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=74FlpczZ4BU>

a madrasta sentia inveja da enteada, o que configura um pecado capital. Em *Fadas no Divã: Psicanálise nas Histórias Infantis*, temos a seguinte observação:

Na cultura medieval cristã, a beleza feminina se identificava ao maligno, à influência do demônio, o que vem a ser o coroamento de uma longa carreira de preconceito para com a mulher. Como os contos de fadas desde sempre foram dessacralizados, nunca foram muito afetados por essa visão cristã da beleza como um problema (como o esconderijo do diabo): a beleza era sempre um bom sinal, e a feiura, o signo dos maus. (CORSO; CORSO: 2006, p.79)

Por mais que a madrasta fosse bela, o que nos contos de fada, simboliza algo bom, de acordo com CORSO e CORSO, ela era feia por dentro, por ser má e invejosa. Isso por si só já pode nos remeter a uma moral, ainda mais se levarmos em conta a doutrina cristã: “Não seja o adorno destas o exterior enfeite dos cabelos riçados, ou as guarnições de renda de ouro, ou a gala da compostura dos vestidos: mas o homem que está escondido no coração, em incorruptibilidade de um espírito pacífico e modesto, que é rico diante de Deus.” (1 Pedro 3:3-4). Em síntese, não adianta possuir beleza exterior se não houver beleza interior e um bom caráter. Ainda pensando na moral cristã, é interessante lembrar que a palavra latina *vanitas* significa “vacuidade, futilidade”, sendo na história da arte interpretada como “ vaidade”. Em geral, nas artes, significa uma alusão à vida fútil e efêmera na Terra. Isso pode nos remeter à personagem da madrasta que, desesperada em ser a mais bela, acabou sendo castigada por cometer atos tão atroz em razão de dar tanta importância a algo passageiro como a beleza.

Outro ponto importante a considerar são as provações pelas quais Branca de Neve passa ao longo da história: a protagonista não obedece aos anões quando eles insistem que ela não deve deixar ninguém entrar em casa, e acaba caindo “morta” algumas vezes. Isso vem a dialogar perfeitamente com a ideia que propus previamente de que esses contos sugerem que a mulher deve ser obediente, ideia reforçada em “Chapeuzinho Vermelho”, por exemplo. Afinal, ao desobedecer, a jovem princesa se dá mal. Percebo isso como uma moral intrínseca. Talvez a lição que mais chame a atenção nessa história seja a de que a inveja e a maldade não trazem nenhuma recompensa, apenas punições. Porém, é notável que o conto também pretende passar a noção de que as mulheres não devem cultivar a curiosidade, afinal, Branca de Neve se mostrou curiosa pelos itens que a madrasta disfarçada oferecia, e essa curiosidade a levou a desobedecer aos homens que a acolheram, o que evidentemente lhe acarretou algumas punições, as experiências de quase morte.

O conto “A escrava”, de Giambattista Basile é considerado como um antepassado do tão conhecido “Branca de Neve e os Sete Anões”. Em uma primeira leitura, podemos não perceber as semelhanças entre os dois contos. Porém, apesar de serem muito diferentes, há

elementos-chave no conto de Basile que remetem à versão mais célebre desse conto. Primeiramente, a vilã na versão de Basile, não é a madrasta da menina, mas a esposa de seu tio. A concepção da jovem protagonista na versão de Basile remete ao nascimento de alguns deuses na mitologia grega: sua mãe engole uma pétala de rosa e engravida. Quando Lisa, nome dado à protagonista, nasce, sua mãe a envia para as fadas. Cada uma lhe concede um dom. A última fada, querendo correr para ver a menina, acidentalmente desloca o pé e, furiosa pela dor, a amaldiçoa, dizendo que, aos sete anos, ao penteá-la, sua mãe esquecerá o pente em seus cabelos e ela morrerá. Quando isso aconteceu, a mãe fechou a menina em sete caixas de cristal, uma dentro da outra, e deixou-a no último cômodo da casa. Sentindo que iria morrer, pediu ao irmão, um barão que muito a estimava, que nunca abrisse tal cômodo. Ele consentiu. Um ano se passou e o barão casou-se. Sendo convidado para caçar, orientou a esposa que não abrisse aquele cômodo, “Mas nem bem ele deu as costas, ela, levada pela suspeita, empurrada pelo ciúme e massacrada pela curiosidade, que é o primeiro dote da mulher, pegou a chave e abriu o quarto” (BASILE:2018, p.226). Lá, encontrou a menina, que havia crescido. A mulher, cega pelo ciúme, puxa a jovem pelo cabelo, o pente cai e ela retorna à vida, procurando sua mãe. A mulher bate nela, corta seu cabelo e a faz vestir trapos, transformando-a em escrava. Após algum tempo, seu tio escuta a jovem se lamentando para uma boneca que ele trouxera de uma de suas viagens e descobre sua verdadeira história. Ele então a envia para a casa de uma parente, para que pudesse se restabelecer. Algum tempo depois, ela retorna para um jantar, segundo as palavras de Basile “como uma deusa”, e conta sua história. Todos os convidados choram, o barão expulsa a esposa de casa e, por fim, arruma um bom marido para a sobrinha.

Ainda que existam aspectos nesse conto que remetam mais à famosa versão de Perrault de “A Bela Adormecida”, como os dons concedidos pelas fadas e a maldição, penso que os sete caixões de cristal que envolvem a jovem protagonista podem fazer alusão aos sete anões, que sempre tentavam protegê-la. Lisa é tratada como escrava, assim como Cinderela. A esposa do barão inveja a beleza da protagonista e, por isso, bate nela e a faz vestir trapos, o que acredito ser uma tentativa de reduzir seus encantos.

3.1.4 VASILISA, A BELA

Este conto pode ser menos conhecido que alguns outros presentes neste trabalho, porém, ele carrega muitos elementos reais da sociedade, ainda que disfarçados pelos elementos mágicos típicos deste gênero narrativo. “Vasilisa, a bela” é um conto russo, escrito por Alexander Afanasiev, o mais importante folclorista russo de seu tempo. Inclusive: “A coletânea

de Afanasiev foi usada como base para a Morfologia do conto popular, um estudo pioneiro da estrutura dos contos de fadas.” (TATAR: 2013, p.398). Afanasiev nasceu em 11 de julho de 1826, em Voronej, Rússia, e realizou o importante trabalho de recolher e editar contos da tradição eslava que se perderam ao longo dos séculos, tendo sido o primeiro a passar esses contos para o papel, visto que, antes disso, eram transmitidos apenas pela oralidade. Afanasiev faleceu aos 45 anos, em 23 de outubro de 1871, na cidade de Moscou.

O conto “Vasilisa, a bela” remete em muitos momentos a outros contos populares e conta com a presença de duas antagonistas, ou quatro, se contarmos também as irmãs postiças da protagonista. A seguir, ocupar-me-ei em analisar a madrasta de Vasilisa:

Madrasta

APARÊNCIA E NOMENCLATURA	<p>Madrasta</p> <p>Após a morte da mulher, o negociante cumpriu o luto da maneira adequada e começou então a pensar em se casar de novo. Era um homem bonito e não lhe era nada difícil encontrar noiva, mas preferiu uma certa viúva. Essa viúva tinha duas filhas quase da mesma idade de Vasilisa, e o negociante achou que ela daria uma boa dona de casa e uma boa mãe. Assim casou-se com ela, mas estava errado, pois a mulher não se revelou boa mãe para Vasilisa. Vasilisa era a menina mais bonita de toda a aldeia, e a madrasta e as irmãs postiças tinham inveja de sua beleza. (AFANASEV)</p>
PARTICULARIDADES DA ENTRADA EM CENA	<p>Os anos se passavam e Vasilisa cresceu, chegando à idade de se casar. Todos os rapazes da aldeia queriam se casar com ela, e não davam nem uma olhadinha para as filhas da madrasta. A madrasta passou a detestar Vasilisa ainda mais. (AFANASIEV)</p>
HABITAT	<p>Na casa do rico negociante, pai de Vasilisa. Um dia o pai de Vasilisa teve de partir para terras distantes numa longa viagem. A madrasta mudou-se para uma outra casa à beira de uma densa floresta. (AFANASIEV)</p>
AÇÕES AO LONGO DO CONTO	<p>Descarregava sua raiva dando bofetadas na enteada, além de obrigá-la a fazer todo tipo de serviço doméstico.</p>
FINAL	<p>Vasilisa entrou em casa com a caveira, cujos olhos começaram a fitar a madrasta e as duas irmãs. Aquele olhar começou a queimá-las.</p>

	Tentaram se esconder, mas os olhos as seguiam aonde quer que fossem. Pela manhã, estavam transformadas em cinzas no chão. (AFANASIEV)
--	---

No conto russo “Vasilisa, a bela” (ANEXO 6.4, página 107), menos conhecido no Ocidente que os demais, tem-se como protagonista Vasilisa, filha de um rico negociante viúvo. Conforme pontuado por TATAR (2013, p.186), esse conto parece ser uma mistura entre os contos de *Cinderela* e *João e Maria*. O motivo dessa comparação se torna evidente após realizar a leitura do texto. Antes de morrer, a mãe de Vasilisa havia lhe presenteado com uma bonequinha abençoada, que lhe ajudava nos mais diversos afazeres. O pai de Vasilisa casa-se pela segunda vez com uma viúva que tinha duas filhas, por acreditar que a mesma seria boa dona de casa e uma boa mãe para Vasilisa. Entretanto, a madrasta e as filhas invejavam a beleza de Vasilisa e a odiavam por isso. A premissa é muito semelhante à de *Cinderela*. Afinal, temos novamente o paradoxo da bondade e maldade quando comparamos a mãe biológica, que cuidou para que Vasilisa tivesse a proteção da boneca, com a madrasta, que inclusive faz com que a menina vá até a choupana de Baba Iaga, uma bruxa canibal para buscar fogo. Essa segunda parte já remete bastante ao conto de João e Maria, mas essa questão será explorada mais adiante, quando analisarmos as antagonistas sobrenaturais. Marie-Louise Von Franz aponta que:

O negociante casa-se então com essa mulher má, mãe de duas filhas. Há um trio de bruxas invejosas que perseguem Vasilisa. Aí está um tema arquetípico: onde se encontra a pérola, se tem também o dragão, e vice-versa; não se encontra jamais um sem o outro.¹⁴ (VON FRANZ: 1993, p.238)

Von Franz explica, por meio da metáfora da pérola e do dragão, que nesses contos para que exista uma jovem bela e gentil, deve haver ao menos um personagem que represente o oposto disso; no caso deste conto, há a madrasta e suas duas filhas, que munidas pela inveja e pela maldade, pretendem se livrar da mocinha ao mandá-la procurar Baba Iaga. Como é habitual nos contos de fadas, que carregam uma moral, mesmo que implícita, a madrasta e suas filhas recebem uma punição pelas maldades que cometeram contra Vasilisa, ao serem queimadas pela caveira flamejante que Baba Iaga dá a menina.

Um outro ponto interessante a considerar, sobretudo após essa comparação ao conto de *Cinderela*, é o papel da boneca de Vasilisa. Se *Cinderela* tem uma fada-madrinha, que a ajuda

¹⁴ Tradução minha. No original : « Le marchand épouse donc cette méchante femme, mère de deux fillettes. Il y a un trio de sorcières jalouses qui persécutent Wassilissa. C'est là un thème archétypique : là où se trouve la perle, se tient aussi le dragon, et inversement ; on ne rencontre jamais l'un sans l'autre. »

a realizar seu desejo de ir ao baile, Vasilisa tem a boneca. Tanto a fada-madrinha como a boneca possuem a função de auxiliar mágico, pois são seres ou objetos que, conforme o próprio nome diz, auxiliam as protagonistas. Além disso, tanto a fada-madrinha quanto a boneca parecem ser representantes do arquétipo da Grande Mãe, ou seja, apesar de as mães biológicas das mocinhas terem morrido, Cinderela tinha uma fada-madrinha que exerceu, de certa forma, o papel de mãe, consolando-a em um momento de tristeza e oferecendo-lhe algo que desejava muito, o que, por consequência, fez com que a moça ascendesse socialmente; e Vasilisa tinha uma bonequinha que a protegia de todos os males que a madrasta, as irmãs e Baba Iaga poderiam lhe causar.

3.1.5 O PÉ DE ZIMBRO

Autor de uma das histórias mais cruéis do gênero, Philipp Otto Runge nasceu em 23 de julho de 1777 na cidade de Wolgast, na Alemanha, e faleceu muito jovem, aos 33 anos, no dia 2 de dezembro de 1810. Runge foi um pintor, desenhista, escritor e teórico tido como um dos melhores pintores do romantismo alemão. Runge publicou versões escritas de dois contos de fadas da tradição oral, que mais tarde foram incluídos pelos Irmãos Grimm em sua coletânea.

APARÊNCIA E NOMENCLATURA	Madrasta Casa-se com o pai do menino. Sempre que olhava para sua filha, a mulher sentia amor por ela, mas sempre que olhava para o menino, ficava infeliz. (RUNGE)
PARTICULARIDADES DA ENTRADA EM CENA	Casou-se com um viúvo que tinha um filho. Desse casamento, nasceu uma filha. Ficava feliz quando via a menina, mas infeliz quando olhava para o enteado.
HABITAT	Na casa, junto ao pai do menino, o menino e a filha.
AÇÕES AO LONGO DO CONTO	O demônio se apossou de tal maneira da mulher que ela começou a odiar o menino, dando-lhe palmadas a torto e a direito, beliscando-o aqui e soltando um sopapo ali. (RUNGE) Quando o menino se curvou, o diabo a instigou e <i>bam!</i> Ela bateu a tampa com tanta força que a cabeça do menino caiu dentro da arca com as maçãs. (RUNGE)
FINAL	A mulher foi até a porta e, <i>bam</i> , a ave soltou a pedra de moinho em cima da cabeça dela, que morreu esmagada. (RUNGE)

Provavelmente um dos contos mais perversos dentre todos os contos de fadas, podendo remeter mais a uma história de horror do que a um conto de fadas, “O pé de zimbro” (ANEXO 6.5, página 115), também conhecido como “Minha mãe me matou, meu pai me comeu”, conto do tipo AT 720, é mais um exemplo do estereótipo da madrasta malvada. No início do conto temos a informação de que “havia um homem rico casado com uma mulher bonita e piedosa. Eles se amavam muito, mas não tinham filhos, por mais que desejassem.” (RUNGE). Não muito adiante, temos um episódio que lembra muito uma cena do clássico “Branca de Neve”:

Diante da casa havia um jardim, e no jardim crescia um pé de zimbro. Uma vez, durante o inverno, a mulher estava descascando uma maçã debaixo da árvore, e enquanto a descascava cortou o dedo. O sangue pingou na neve. “Ah”, disse a mulher, suspirando fundo. “Se pelo menos eu tivesse uma criança vermelha como o sangue e branca como a neve!” Depois de dizer essas palavras, começou a se sentir melhor, pois teve a impressão de que elas iriam resultar em alguma coisa. (RUNGE)

Depois ficamos sabendo que a mulher deu à luz a um menino que era vermelho como o sangue e branco como a neve, mas que infelizmente, ficara tão feliz quando viu o filho, que morreu de alegria. A mulher foi enterrada de baixo do pé de zimbro, e seu marido, casou-se novamente com uma mulher, com quem teve outra filha. A segunda esposa amava sua filha, mas sentia raiva toda vez que olhava para o menino. GONÇALVES (1998, p.132) explica que, para algumas mulheres, “a cada vez que os enteados estão com a madrasta, a figura da mãe está com elas como um fantasma que ameaça sua segurança e autoestima”. Ela explica que isso acontece porque algumas madrastas sentem ciúmes do fato de não terem sido as primeiras escolhidas do companheiro. No caso, o marido já havia tido outra esposa, que como é habitual nos contos de fadas, era uma mulher boa e bonita, diferente da segunda, que era má.

TATAR (2013, p.173) coloca que “Na madrasta encontramos uma figura que representa o poder materno enlouquecido, a encarnação de uma força natural tão cruel e inexorável que realça a fraqueza e o desamparo das crianças.” De fato, se pararmos para pensar, a maldade existe nos contos de Perrault, dos irmãos Grimm e de Andersen; porém, ela é muito mais explícita neste conto de Runge. As descrições das maldades da madrasta são bastante gráficas, quase como um filme de terror. A mulher oferece uma maçã ao menino quando este chega da escola e diz que ele pegue a fruta dentro de uma arca, então: “Quando o menino se curvou, o diabo a instigou, e *bam!* Ela bateu a tampa com tanta força que a cabeça do menino caiu dentro da arca com as maçãs.” (RUNGE). Essa cena em particular lembra muito o conto de “Zezolla”, de Basile, quando a protagonista mata a madrasta exatamente da mesma maneira. Desesperada que descobrissem a atrocidade que cometera, ela prende a cabeça da criança de volta ao pescoço com o uso de um lenço e senta-o em uma cadeira. Inclusive, “É ainda interessante observar,

neste conto, a atribuição ao diabo como ser responsável por pensamentos e ações malignos da madrasta.” (MICHELLI: 2019, p.170). Isso demonstra a convicção na doutrina cristã de que se existe Deus, que é bom e misericordioso, também existe o Diabo, que é o oposto disso. Essa ideia que as religiões cristãs carregam está bastante inclusa nesses contos, se pensarmos no conceito maniqueísta da dualidade entre o bem e o mal.

Após posicionar o enteado morto de forma a parecer estar sentado, sua filha Marlene pergunta para a mãe o porquê de o irmão estar tão pálido e de não lhe responder. A madrasta então a manda dar uma bofetada no menino. A criança o faz, e se apavora quando a cabeça cai, pensando que ela tinha matado o próprio irmão. A mulher era tão má, que além de ter matado o enteado, deixou que a filha pequena acreditasse que tinha sido ela a cometer tal ato, e ainda fez um ensopado da carne do menino, servindo-o ao marido. Esse padrão do canibalismo involuntário remete ao conto de “Sol, Lua e Tália”, a versão de Bela Adormecida de Basile. A mulher acaba por ser penalizada pela sua maldade, quando o menino, que havia se transformado em pássaro, após a irmã ter enterrado seus ossos no pé de zimbro, largou uma pedra de moinho em sua cabeça.

Um aspecto que me chamou bastante atenção foi que ninguém parece ter se importado com a morte da vilã, nem o marido, que não sabia da atrocidade que a mesma havia feito, nem a filha. Quando o menino reapareceu, após a mulher ter sido esmagada, o pai e a irmã ficaram muito felizes, voltaram os três para a casa e não se falou mais na mulher.

3.1.6 A CRUELDADE DAS MADRASTAS

Todas as cinco personagens analisadas nesta subseção parecem competir no quesito crueldade para com seus enteados. Apesar de a primeira madrasta da Zezolla, de Basile ter sido má com a menina, esta não ficou atrás na competição, pois foi a responsável por assassinar a esposa do pai. A segunda madrasta foi astuta o suficiente para manipular a menina, a fim de fazê-la acreditar que seria uma boa madrasta. No entanto, após casar-se com o pai de Zezolla, mostrou quem era de verdade e passou a menosprezar a enteada. Porém, a Cinderela de Perrault nunca fez nada para merecer as maldades da madrasta. Isso torna o caráter da madrasta pior do que o das madrastas de Zezolla, que diferente da Cinderela francesa, que era ingênua e bondosa, tinha um lado cruel e manipulador.

No que diz respeito à madrasta de João e Maria, sua maldade era tanta que ela não se conformava em humilhar os enteados tal como fizera a madrasta de Cinderela: ela sentia a necessidade de se ver livre dos mesmos, ainda que para isso fosse necessário abandoná-los à própria sorte na floresta. O que ambas as madrastas, tanto a de Cinderela quanto a de João e Maria possuem em comum, é o fato de que nos dois contos, elas conseguem manipular seus maridos a ponto de eles concordarem com seus atos.

Já a madrasta de Branca de Neve me remete à ideia anteriormente mencionada de que a vida da mulher dura pouco, somente até a menopausa, e que depois disso, a mulher deixa de ser feminina e atraente. Apesar de ser inegavelmente bela, a madrasta de Branca de Neve não aceitava ser a segunda mais bela: a própria existência da enteada era uma afronta para ela, pois a menina simbolizava tudo aquilo o que a madrasta gostaria de ser: era mais jovem e mais bela do que ela.

No caso de “Vasilisa, a bela” temos, conforme já mencionado, uma situação bem parecida com “Cinderela” e “João e Maria”. A razão de a madrasta odiar a menina se baseava também na inveja e no fato de a enteada possuir virtudes que suas filhas biológicas não tinham. Porém, creio que a madrasta de Vasilisa consiga ser mais cruel do que a de Cinderela por mandá-la encontrar Baba Iaga, certa de que a bruxa devoraria a enteada.

Porém, se a madrasta de Vasilisa era má, acredito que a do menino de “O Pé de Zimbro” seja ainda pior, visto que ela não se utiliza de terceiros para dar fim à vida do garoto: ela própria o assassina, e ainda possui a frieza de servir sua carne no jantar ao pai da criança, como se fosse carne de algum animal. De certa forma, parece que ainda que sem querer, ordenei essas personagens para apresentá-las de forma crescente no quesito crueldade.

3.2 ANTAGONISTAS SOBRENATURAIS (BRUXAS, FEITICEIRAS E OGRAS)

À sua aparição, a Bruxa não tem nem pai, nem mãe, nem filhos, nem esposo, nem família. É um monstro, um aerólito, vindo de sabe-se lá onde. Quem ousaria, grande Deus! Se aproximar?

Onde ela está? Nos lugares impossíveis, na floresta de espinhos, nos pântanos, onde o espinho, o cardo emaranhado, não permitem a passagem. À noite, sob algum dólmen antigo. Se a encontramos, ela está isolada pelo horror comum; ela está cercada como por um círculo de fogo.¹⁵ (MICHELET: 2016, p.37)

¹⁵ Tradução minha. No original: « À son apparition, la Sorcière n’a ni père, ni mère, ni fils, ni époux, ni famille. C’est un monstre, un aérolithe, venu on ne sait d’où. Qui oserait, grand Dieu ! en approcher ? Où est-elle ? Aux lieux impossibles, dans la forêt des ronces, sur la lande, où l’épine, le chardon emmêlés, ne permettent pas le passage. La nuit, sous quelque vieux dolmen. Si on l’y trouve, elle est isolée par l’horreur commune ; elle a autour comme un cercle de feu. »

Michelet utiliza estes termos para caracterizar e definir a bruxa, partindo do ponto de vista que a sociedade tinha da mesma à sua época. Se pararmos para pensar, muitas vezes é difícil enxergar pessoas que consideramos muito ruins como seres humanos normais, que possuem família e tiveram uma infância. Esses indivíduos, no geral, são demonizados. Basicamente, era esse mesmo pensamento que se tinha para com as mulheres acusadas de bruxaria. Como acreditavam que essas pessoas participavam de rituais macabros, onde sacrificavam crianças, comiam sua carne, dentre outras coisas, era impossível enxergar qualquer traço minimamente positivo nelas. A forma como Michelet descreve o local onde as bruxas viveriam dialoga perfeitamente com as descrições dos narradores de alguns contos de fadas, quando estes nos falam sobre a morada da bruxa.

Conforme já explicitado, boa parte das vilãs dos contos de fada são as madrastas das protagonistas. Entretanto, há um outro tipo de antagonista bastante frequente nessas histórias: trata-se da antagonista sobrenatural, que pode ser tanto a famigerada bruxa, fada má, feiticeira como também a ogra. Nesta seção, serão analisadas as personagens que se enquadram dentro desse grupo. Antes de partir para a análise, cabe tentar explicar as particularidades existentes nas bruxas, fadas más e feiticeiras, bem como aquelas que qualificam as ogras.

RUSSELL e ALEXANDER (2019) explicam, se utilizando de exemplos como Circe, Medeia e Dipsias, que a feiticeira sempre foi representada na literatura como uma personagem, em suas próprias palavras “tenebrosa”. Os autores dissertam que os contos populares que possuem como tema a feitiçaria expõem os medos que se tinha delas, em razão de seus poderes. Eles ainda apontam que:

Elementos da mulher selvagem, frequentemente tida por sanguinária, comedora de crianças e sugadora de sangue, persistiram nos contos populares da bruxa solitária que habita na floresta: gradualmente, na Alta Idade Média, as características das caçadoras e das mulheres selvagens foram transferidas para as bruxas. (RUSSELL e ALEXANDER, p.66: 2019)

Isso mostra que, como acontece costumeiramente em todas as sociedades, aqueles que possuem crenças e hábitos diferentes do comum, acabam sendo marginalizados, excluídos e vítimas do preconceito baseado no medo. Medo do que é diferente, tal como aponta Von Franz: “Guardiã do limiar, a bruxa encarna o medo da vida e de seu mistério, o medo do inconsciente que devemos aceitar enfrentar para entrar na aventura interior.” (VON FRANZ: 1993, p.297)¹⁶. A bruxa solitária que vive na floresta, tão famosa nos contos de fada, é a representação da

¹⁶ Tradução minha. No original: « Gardienne du seuil, la sorcière incarne la peur de la vie et de son mystère, la crainte de l'inconscient qu'il faut consentir à affronter pour entrer dans l'aventure intérieure. »

mulher mais velha e solteira. Sabe-se que, antigamente, a mulher que não se casava acabava sendo alvo de falácias e de rumores sobre sua índole. Tão temida quanto a bruxa, a ogra pode vir a ser, em alguns casos, uma variação da mesma, se pensarmos na bruxa canibal. Arlette Bouloumié traz uma explicação da etimologia da palavra “ogro”:

Segundo Dontenville, uma das etimologias da palavra *ogro* remeteria a Gorgone e Gargantua, nomes que foram associados à raiz *garg*, que significaria garganta. Gargantua evocaria o sol celta com o sentido de engolir, de devorar nas trevas. Essa ideia de devoração relaciona o ogro à noite e à morte. Uma outra etimologia derivaria a palavra *ogro* da palavra latina *Orcus*, deus da morte e do inferno, que teria sobrevivido nas crenças populares. Essa etimologia é apoiada pelo italiano *orco*, que significa bicho-papão.¹⁷ (BOULOUMIÉ, p. 108-109: 2013)

Dentre os contos escolhidos para análise, são frequentes as antagonistas canibais. Nem sempre elas são descritas no conto como sendo “ogras”, como é o caso da sogra da Bela Adormecida, que era proveniente da raça dos ogros, conforme as palavras do narrador. Desta forma, fica a critério do leitor fazer essa conexão.

3.2.1 A BELA ADORMECIDA

A história de uma bela jovem condenada a dormir durante cem anos em razão de uma maldição possui muitas versões. Estima-se que uma das mais antigas seja a de Giambattista Basile, porém, a versão que analisarei aqui será a de Charles Perrault, ainda que a mais célebre seja a dos irmãos Grimm, pelo fato de ter sido transformada em desenho por Walt Disney. Mesmo que a versão de Perrault seja o foco da análise, não hesitarei em traçar comparações entre ela e outras versões conhecidas do mesmo conto.

La Belle au Bois Dormant, de Perrault, conta com duas antagonistas: a mais conhecida, a fada má, que amaldiçoa a jovem princesinha em seu batismo, e aquela que surge após o despertar da moça: sua sogra, inexistente na versão de Grimm, visto que a história termina após a princesa acordar com o beijo do príncipe. A seguir, analisarei as duas antagonistas, visto que ambas se caracterizam como sobrenaturais, a fada má por ser uma fada e a sogra, mãe do

¹⁷ Tradução minha. No original : « Selon Dontenville, une des étymologies du mot ogre renverrait à Gorgone et Gargantua, noms qui ont été associés à la racine *garg* qui signifierait gosier. Gargantua évoquerait le soleil celtique avec le sens d’avalier, d’engloutir dans les ténèbres. Cette idée de dévoration rattache l’ogre à la nuit et à la mort. Une autre étymologie ferait dériver le mot ogre du mot latin : *Orcus*, dieu de la mort et l’enfer lui-même, qui aurait survécu dans les croyances populaires. Cette étymologie est appuyée par l’italien : *orco* qui signifie croquemitaine. »

príncipe com quem a protagonista se casa, e por consequência, rainha, por ser, conforme nos é dito pelo narrador, proveniente da raça dos ogros.

A fada má

APARÊNCIA E NOMENCLATURA	Fada má [...] quando todos tinham tomado lugar à mesa, viu-se entrar uma velha fada que não tinha sido convidada, porque havia mais de cinquenta anos que ela não saía de sua torre, e a julgaram enfeitiçada ou morta. (PERRAULT, p.6:2015)
PARTICULARIDADES DA ENTRADA EM CENA	Entrou sem ser convidada, achou que tinha sido menosprezada, agindo por despeito.
HABITAT	Sua torre.
AÇÕES AO LONGO DO CONTO	Lança uma maldição na jovem princesa, que a faria dormir para sempre em sono profundo.
FINAL	Não se sabe o que acontece com a velha fada, pois ela desaparece após o batismo da princesinha.

A rainha

APARÊNCIA E NOMENCLATURA	Rainha, era da raça dos ogros.
PARTICULARIDADES DA ENTRADA EM CENA	Suspeitava que o filho estivesse envolvido com alguma moça, visto que este viajava muito. Após o príncipe tornar público seu casamento, ela ordena ao mordomo que deseja comer os netos e a nora.
HABITAT	Castelo, casa de campo.
AÇÕES AO LONGO DO CONTO	Só soube que o filho se casara após a morte de seu marido. Enviou nora e netos para a casa de campo, onde mandou o mordomo matar os netos e posteriormente a nora, pois queria comê-los no jantar.
FINAL	Todos estavam lá e os carrascos já se preparavam para atirá-los no tonel quando o rei, que não era esperado assim tão cedo, entrou no pátio a cavalo; ele viera num cavalo alugado e, cheio de espanto, perguntou o que significava aquele horrendo espetáculo; ninguém se atreveu a lhe dar explicações, até que a ogra, enraivecida com o que estava vendo, jogou-se ela mesma de cabeça no tonel, onde os bichos ferozes que ela mandara

pôr lá a devoraram num instante. (PERRAULT, p.14:2015)

Na versão de “A Bela Adormecida”, de Charles Perrault (ANEXO 6.6, página 122) tem-se duas vilãs bastante interessantes: a fada má que amaldiçoa a princesa em seu batismo e a Rainha ogra que se torna sua sogra após a princesa ter sido salva da maldição. Depois de muito lutarem para ter um filho, um rei e uma rainha concedem uma bela festa para o batismo da filha, convidando todas as fadas encontradas no reino para serem madrinhas da mesma. Foram encontradas sete fadas. O que eles não contavam era com a chegada de uma oitava fada, já velha, que há muitos anos não saía de sua torre e, por isso, todos pensavam estar morta.

Revoltada e se sentindo excluída por não ter recebido um convite para o batismo, assim como por não receber talheres e estojo de ouro como as demais fadas, pois apenas sete haviam sido confeccionados, a fada má lança sobre a princesinha uma maldição: ela espetaria o dedo num fuso e morreria. Entretanto, uma das fadas, que ainda não havia lhe concedido nenhum dom, disse que ela não morreria, mas dormiria por cem anos, e que um príncipe a despertaria. A fada má é caracterizada de forma bastante comum às antagonistas femininas dos contos de fada: era uma mulher velha e, pelo pouco que Perrault a descreve, aparenta ser rabugenta e obviamente, má. Cabe aqui lembrar a consideração de Von Franz, já mencionada anteriormente a respeito do arquétipo da Grande Mãe: nesse conto em particular, tem-se a sétima fada, que salva a princesinha de um destino terrível, amenizando a maldição da fada má, como um exemplo do arquétipo das deusas mães e protetoras, enquanto a fada má seria a representação da “mãe má”, ameaçadora e cruel.

A fada má é a vilã mais conhecida do conto “a Bela Adormecida”, recebendo, no desenho de Walt Disney, o nome de Malévola. Walt Disney não representou a fada má tão fielmente ao conto de Perrault, visto que Malévola não é velha: ela é uma mulher alta e elegante, que possui chifres e está sempre acompanhada de um corvo. Os estúdios Disney lançaram dois filmes em que Malévola é a personagem principal. Nesses filmes, tem-se uma possível origem para a vilania da personagem. Entretanto, o conto original apenas nos traz uma fada indignada por ter sido excluída. Inclusive, diferente do que o desenho nos mostra, a fada má não tem uma entrada triunfal: ela é vista entrando, resmungando pois não havia sido convidada.

Figura 6. Cena do desenho de Walt Disney “A Bela Adormecida”, de 1959. A fada má lança a maldição sobre a princesa.

Fonte: Youtube¹⁸

Após ter finalmente se livrado da maldição, a jovem princesa ainda teria outro obstáculo frente à felicidade plena: sua sogra, descrita como proveniente da raça dos ogros. Nesse caso, temos um exemplo de antagonista canibal, tendo em vista que ela ordena ao mordomo que mate seus netos e nora, pois pretendia comê-los no jantar. É importante destacar que:

A ogra é sempre uma megera; ela está longe da misericordiosa esposa do ogro de O Pequeno Polegar; este papel é desempenhado quando há lugar para uma jovem prisioneira que parece ser, na verdade, o personagem primitivo. A ogra procura-as para comê-las, crianças ou pessoas jovens e, antes de sacrificá-las, mantêm-nas às vezes por muito tempo a seu serviço. Este feliz prazo permite que esperem pela ocasião de escapar, o que fazem com frequência aproveitando o momento em que a ogra dorme. (FARÈS, p.10: 1994)¹⁹

GONÇALVES (1998, p.48) explica que, nesse caso, “A sogra é uma madrasta disfarçada”. Daí podemos traçar a relação com a questão do duplo sentido da palavra *belle-mère*. Conforme anteriormente mencionado, *belle-mère* pode significar tanto madrasta quanto sogra, e se pensarmos no contexto da sogra da bela adormecida, poderemos notar algumas características comuns entre ela e as madrastas anteriormente analisadas: em “A Bela Adormecida”, a sogra era boa para o filho, mas má com a nora, assim como em “Cinderela” a madrasta era boa com as filhas, mas má com a enteada. Em ambos os contos, as personagens em questão são invejosas e maldosas, o que muda é a relação familiar que ocupam. MICHELLI (2019, p.188) traz a explicação de Delumeau sobre a personagem da mãe-ogro:

O historiador Jean Delumeau, citando W. Lederer (Gynophobia), afirma que a mãe ogra, de que Medeia é um exemplo, é uma personagem tão antiga quanto o próprio canibalismo e mesmo a humanidade, acrescentando que “Por trás das acusações feitas nos séculos XV-XVII contra tantas feiticeiras que teriam matado crianças para

¹⁸ Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=1q3Aw5D_J3I

¹⁹ Tradução minha. No original : « L’ogresse est toujours une mégère ; elle est loin de la charitable femme de l’ogre du Petit Poucet ; ce rôle est tenu quand il y a lieu par une jeune fille prisonnière qui semble être en effet le personnage primitif. L’ogresse cherche à se procurer, pour les manger, des enfants ou des jeunes gens, et, avant de les sacrifier, les garde quelquefois longtemps à son service. Cet heureux délai leur permet de guetter l’occasion de s’échapper, ce qu’ils font souvent en profitant du moment où l’ogresse dort. »

oferecê-las a Satã encontrava-se, no inconsciente, esse temor sem idade do demônio fêmea assassino de recém-nascidos.” (DELUMEAU, 1989, p.312).

Ao analisar a ideia de Delumeau, e pensando no mito de Medeia, sobretudo na versão de Eurípedes (431 a.C), é inevitável não traçar um paralelo entre a personagem título da peça e as diversas mães más ou madrastas presentes nos contos de fadas. Medeia estava munida pela raiva de seu então marido Jasão, que ao resolver casar-se com outra mulher, bane-a de Corinto. Como vingança, Medeia entrega à noiva de Jasão um vestido envenenado e mata seus próprios filhos, para destruir o marido infiel. Isso por si só já mostra que a ideia da dualidade entre a mãe boa – que protege e coloca os filhos em primeiro lugar – e mãe má – que é capaz de cometer infanticídio contra suas crianças – é muito mais antiga que os contos de fadas.

Na versão mais antiga do conto que conhecemos como “A Bela Adormecida”, intitulada “Sol, Lua e Tália”, do italiano Giambattista Basile (ANEXO 6.7, página 130), não é a mãe do príncipe que ordena que cozinhem as crianças, mas sim sua esposa infértil. Nesta versão, o príncipe trai a esposa com a bela princesa adormecida. A esposa, com raiva e inveja, ordena que o empregado cozinhe os filhos da amante e sirva-os ao príncipe. Apesar de o príncipe ser o adúltero e estuprador, pois se ele fez sexo com a princesa enquanto esta dormia, não havia consentimento, sua esposa que é a vilã da história e que, por fim, virá a ser punida. O príncipe, por sua vez, não sofre nenhuma punição, vivendo feliz para sempre ao lado de Tália e de seus dois filhos. É um tanto incômodo pensar que a sororidade é completamente inexistente nesse momento; afinal, Tália foi vítima de estupro e a esposa, traída. O príncipe foi infiel e criminoso e, mesmo assim, era disputado pelas duas mulheres. Tália era doce e não causou nenhum mal propositalmente à primeira esposa, que por sua vez, queria punir a todos os envolvidos, matando as crianças e a mulher, deixando o marido infeliz. Marina Warner explana sobre as diferenças entre as versões de Basile, Perrault e Grimm:

Basile tratou de adultério; em seu conto brutal, a primeira e infértil esposa comete um crime contra a família. Perrault adaptou o conto para tratar de um crime mais palatável: o canibalismo parecia então bem menos escandaloso do que o estupro, o adultério e a bigamia, e mais adequado para a fantasia infantil do público almejado. No entanto, a conclusão que Perrault modificara, mas que ainda era horripilante, desapareceu das edições infantis a partir do século XVIII. Em seu lugar a história adotou a versão mais romântica e inócua dos irmãos Grimm, “*Dornröschen*” (Rosinha Silvestre), que termina com o famoso beijo salvador do príncipe, que acordou a bela adormecida e conduziu ao casamento dos dois. (WARNER, p.255: 1999)

A questão do canibalismo, também presente em outros contos de fadas, nesse caso dialoga perfeitamente com o da madrasta de Branca de Neve, que pensava ter comido o fígado e os pulmões de sua jovem enteada. A sogra da Bela Adormecida poderia também pensar estar absorvendo a juventude e as virtudes de seus netos e nora ao pensar estar comendo-os.

Os elementos mais chocantes presentes no conto foram suprimidos no desenho de Walt Disney lançado em 1959, que termina após a princesa ser salva pelo príncipe com um beijo apaixonado, abordando então a versão dos irmãos Grimm. Sendo assim, as rainhas ogbras, tanto a sogra da princesa quanto a esposa original do príncipe, são personagens menos conhecidas entre o público. Esse perfil de vilã canibal é recorrente nos contos de fadas, e provavelmente é resultado de crenças muito antigas relacionadas às mulheres que praticavam magia, pois estas muitas vezes recebiam, conforme anteriormente mencionado, a alcunha de comedoras de crianças. Perrault adaptou a história, retirando elementos que poderiam chocar a moral e a corte. Após essas reformulações, o conto tornou-se mais aceitável moralmente, pois o príncipe se casa com a princesa antes de consumir o casamento.

Michelli destaca o quanto o falecido rei, sogro da Bela Adormecida, faz falta no que diz respeito ao controle dos impulsos da rainha:

A personagem da rainha mãe representa o feminino que intensifica os atributos masculinos de autoridade e domínio, assimilando o lado negativo do *animus*, especialmente por não ter mais a seu lado uma figura masculina capaz de auxiliá-la a controlar seus ímpetos, como o marido falecido, sem o filho demonstrar tal capacidade de enfrentamento. O feminino, na ausência do masculino (representado pelo marido) ou sem a integração do *animus*, assume a virilidade nociva, destruidora – o lado negativo do *animus*, em que, segundo Marie-Louise Von Franz, “As mulheres tendem a se tornar masculinas e dominadoras” (1990, p. 196). (MICHELLI: 2015, p.163)

Isto quer dizer que a princesa necessitava da proteção masculina contra a sogra, pois sozinha nada poderia fazer para deter a rainha. Como o sogro havia morrido e o príncipe necessitou se ausentar, a princesa estava completamente indefesa, e a sogra viu ali a oportunidade perfeita para se livrar da moça.

3.2.2 JOÃO E MARIA

Personagem mais marcante de João e Maria, a Bruxa má que come crianças será analisada a seguir:

Bruxa má

APARÊNCIA E NOMENCLATURA	<p>Bruxa/Ogra.</p> <p>De repente a porta se abriu e uma mulher velha como Matusalém, apoiada numa muleta, saiu coxeando da casa [...] As bruxas têm olhos vermelhos e não conseguem enxergar muito longe, mas, como os animais, têm um olfato muito apurado e sempre sabem quando há um ser humano por perto. (GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm)</p>
--------------------------	--

PARTICULARIDADES DA ENTRADA EM CENA	A velha estava só fingindo ser bondosa. Na verdade, era uma bruxa malvada, que atacava criancinhas e tinha construído a casa de pão só para atraí-las. Assim que uma criança caía nas suas mãos, ela a matava, cozinhava e comia. (GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm)
HABITAT	Casa feita de doces na floresta.
AÇÕES AO LONGO DO CONTO	Aprisiona João e obriga Maria a fazer os serviços domésticos.
FINAL	É empurrada por Maria para dentro do forno, onde morre queimada.

A bruxa má que quer devorar crianças em João e Maria (ANEXO 6.2, página 93) é a antagonista que mais chama atenção no conto. Ela enganou as crianças, para que eles aceitassem entrar em sua casa, quando na verdade pretendia devorá-los. Essa é a personagem mais rica em descrições em todo o conto: “De repente a porta se abriu e uma mulher velha como Matusalém, apoiada numa muleta, saiu coxeando da casa [...] As bruxas têm olhos vermelhos e não conseguem enxergar muito longe, mas, como os animais, têm um olfato muito apurado e sempre sabem quando há um ser humano por perto.” (GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm). A imagem de uma mulher velha e assustadora é recorrente nos contos de fadas, e é por isso que frequentemente associa-se a palavra “bruxa” a esse estereótipo. Além disso, uma das acusações mais comuns às bruxas no período que denota a caça às bruxas era a de que elas devoravam crianças. A bruxa era muito esperta e conseguiu enganar as crianças no início, conforme destaca Bruno Bettelheim:

Inicialmente, a bruxa é uma figura materna perfeitamente gratificante, uma vez que nos é dito que “ela os tomou pela mão e os levou para dentro de sua casinha. Então colocou bons alimentos diante deles, leite e panquecas com açúcar, maçãs e nozes. Depois cobriu duas belas caminhas com lençóis brancos e limpos, e João e Maria se deitaram e pensaram estar no céu.” Só na manhã seguinte ocorre um rude despertar desses sonhos de felicidade infantil. “A velha apenas fingira ser tão amável; na realidade, era uma bruxa má...” (BETTELHEIM: 2019, p. 230)

A inteligência e a astúcia são, com frequência, atribuídas nessas histórias a personagens femininas para fazer o mal. Digo isso com base no fato de a velha bruxa ter enganado duas crianças inocentes para torná-las suas prisioneiras e, futuramente, sua comida. Em sua primeira aparição, a bruxa é gentil, convida as crianças a adentrarem sua casa e se sentirem confortáveis. Para João e Maria, a bruxa pode ter simbolizado, naquele momento, a mãe que eles não tinham, por lhes oferecer comida e proteção. Porém, no dia seguinte, ela mostra suas reais e cruéis intenções para com as crianças. Desse momento em diante, “A bruxa está representando a parte

má da mãe, que foi projetada na madrasta no início da história. Bruxa e madrasta são a mesma figura.” (GONÇALVES: 1998, p.71)

Ao final da história, Maria se mostra bastante inteligente e consegue matar a bruxa. Novamente, por mais que ela seja a heroína da história, ao livrar ela própria e o irmão das maldades da antagonista, é necessária uma ação destrutiva para tal. Bettelheim aponta que “São as mulheres – a madrasta e a bruxa – as forças inimigas da história. A importância de Maria na libertação das crianças reassegura à criança que uma figura feminina pode ser tanto libertadora quanto destruidora.” (BETTELHEIM: 2019, p.232). Percebo um certo diferencial nessa história em relação às demais no que diz respeito à protagonista feminina. Em geral, é uma mulher frágil e obediente, que precisa constantemente ser “salva” por uma figura masculina, normalmente um príncipe. Em “João e Maria”, a menina, com toda a fragilidade e inocência de uma criança, consegue vencer a bruxa sozinha, sem a ajuda de uma personagem masculina.

Por mais que a bruxa tenha atrapalhado muito a vida dos dois irmãos, no final do conto, ela ainda consegue involuntariamente exercer o papel de auxiliar mágico, de certa forma. Digo isso com base no fato de que após Maria fechar a vilã dentro do forno, as crianças descobrem vários tesouros na casa da bruxa, e levam-nos consigo para a casa de seu pai. Esses tesouros seriam a chave para o “e viveram felizes para sempre”, tão famoso nesse tipo de história, afinal, conforme evidenciado logo no começo do texto, a família de João e Maria era muito pobre, e os pais tentaram se livrar das crianças pois não tinham como sustentá-los. Sendo assim, encontrar esses tesouros acabaria com seus problemas de ordem econômica.

3.2.3 RAPUNZEL

Famoso conto dos irmãos Grimm, Rapunzel narra a história de uma jovem que é dada a uma feiticeira no dia de seu nascimento e passa confinada no alto de uma torre durante toda a sua vida. A feiticeira é a grande vilã da história e uma das poucas aqui analisadas que não sofre nenhum tipo de punição por suas maldades.

APARÊNCIA E NOMENCLATURA	Feiticeira [...] ninguém ousava entrar ali porque pertencia a uma poderosa feiticeira temida por todos nas redondezas. (GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm)
PARTICULARIDADES DA ENTRADA EM CENA	Deixou que o pai de Rapunzel colhesse as alfaces, contanto que quando a criança nascesse, eles entregassem-na a ela.

HABITAT	O jardim e a torre.
AÇÕES AO LONGO DO CONTO	Mantém Rapunzel presa no alto de uma torre e castiga o príncipe que tentara salvar a jovem, deixando-o cego.
FINAL	Nada de ruim acontece com a feiticeira, sendo assim, ela não é punida por suas maldades.

Em Rapunzel (ANEXO 6.8, página 133) tem-se uma vilã um pouco diferente das demais: trata-se de uma feiticeira que cria a protagonista após exigir isso de seu pai, que, amedrontado, após ter roubado uma alface de seu jardim, em razão dos suplícios de sua esposa que estava grávida, acata. Temos aqui mais um exemplo de pai fraco que é manipulado pela esposa: é manipulado, pois, mesmo contra a sua vontade, rouba as alfaces do jardim da vizinha. Além de sofrer manipulação de sua mulher, também é manipulado pela feiticeira a entregar sua filha. A feiticeira em questão é a Mãe Gothel, que não é exatamente a madrasta da menina, pois não se casou com seu pai. Mesmo assim, exerceu o papel de mãe, ainda que submetendo Rapunzel a uma vida de isolamento em uma torre. Acredito que a fraqueza dos pais pode vir a contribuir para tornar a feiticeira ainda mais malvada, se analisarmos pelo viés tradicional de que a antagonista os obrigou a entregar sua filha. Porém, o pai fez uma espécie de pacto com a feiticeira, o que significa que ele não teria como evitar entregar a menina, ainda que pareça que nada o fez para protegê-la. Ele precisava respeitar o pacto, mesmo que o preço a pagar por ele fosse bastante alto.

Mainil dedicou-se a analisar e comparar três versões deste conto: *Petrosinella*, de Giambattista Basile, *Persinette*, de Charlotte-Rose de Caumont de La Force e *Rapunzel*, de Jacob e Wilhelm Grimm. Um dos aspectos dos quais ele discute as diferenças é justamente a construção da antagonista:

A figura da agressora, assim como a transgressão da mesma são radicalmente diferentes em Basile e nos outros contistas. Em Basile, trata-se de uma ogra, enquanto que, em La Force, é uma fada e em Grimm, uma feiticeira (“*Zauberin*”). O elemento antropofágico associado à ogra desapareceu logo nos primeiros contos de fadas literários franceses, sendo então ausente em Grimm. Estes não utilizam a palavra “fada”, mas uma perífrase que define a função da fada no universo do conto: é uma “feiticeira que tinha um poder imenso e que o mundo inteiro temia”. (MAINIL: 2012, p. 38)²⁰

²⁰ Tradução minha. No original: « La figure de l’agresseur, mais aussi la transgression elle-même, sont radicalement différentes chez Basile et chez les deux autres conteurs. Chez Basile, il s’agit d’une ogresse alors que chez La Force, c’est une fée et chez les Grimm, une magicienne (« *Zauberin* ») L’élément anthropophage associé à l’ogresse a disparu dès les premiers contes de fées littéraires français, il est donc absent chez les Grimm.

A cada versão, a vilã sofreu algumas modificações quanto à sua natureza; porém, seu propósito permaneceu o mesmo: tomar a menina de seus pais biológicos e criá-la, obrigando-a a viver isolada no alto de uma torre. Entretanto, não é apenas a antagonista que possui diferenças entre as versões italiana, francesa e alemã: segundo MAINIL (2012, p. 39), na versão de La Force, assim como na conhecida versão dos Grimm, o pai promete a filha à fada, e a mãe apenas acata. Porém, na versão de Basile, a mãe reluta a entregar sua filha, levando sete anos até finalmente abrir mão da criança. Em uma outra versão, de Madame d'Aulnoy, para que a criança seja cedida, um dragão ameaça devorar todos os súditos do rei.

A vilã no conto de Grimm fez de Rapunzel uma refém durante anos, e quando a menina se apaixonou por um príncipe que jurou salvá-la da torre, foi punida, sendo enviada para um deserto, onde teve sozinha seus filhos gêmeos. O príncipe, como castigo, acabou ficando cego, e vagou durante muito tempo sozinho, sem conseguir enxergar nada, até encontrar sua amada e seus filhos, sendo salvo da cegueira pelas lágrimas de Rapunzel. Ao final do conto, nada acontece com a feiticeira como punição por suas maldades, diferente do destino de muitas vilãs de contos de fadas, como foi o caso da madrasta de Branca de Neve ou da sogra da protagonista de Bela Adormecida. Na versão de Basile, a ogra é advertida por uma comadre que suspeitava do envolvimento de Petrosinella com um rapaz. A jovem então escuta a ogra dizer à comadre que “[...] não era possível que fugisse, pois lhe havia posto o encantamento de que se não tivesse nas mãos três bolotas de carvalho, que estavam escondidas numa trave da cozinha, era trabalho perdido escapar.” (BASILE: 2018, p.174). Nisso, Petrosinella apanha as bolotas de carvalho e parte com o amado. Porém, a ogra os persegue. A jovem então, joga uma das bolotas por vez: da primeira, surge um cão feroz que poderia devorar a ogra; da segunda, um leão que lhe poderia engolir. A ogra consegue driblar os dois animais, porém, ao lançar a terceira bolota de carvalho, surge um lobo, e a ogra não teve tempo de pensar em uma estratégia para enganá-lo. Assim, ela é devorada pelo animal. Petrosinella é levada ao reino do príncipe e se casa com ele.

Uma questão interessante presente neste conto é a relação estabelecida entre os longos cabelos de Rapunzel e a sua pureza, sua castidade. Conforme pontua Marina Warner:

Cabelos de donzelas podem simbolizar a virgindade – e sua perda também, e o fluxo de energia sexual que assim é liberada, como nos mostram contos de fadas tais como Persinette/Rapunzel, que usa os cabelos para puxar o amante torre acima (p.415). Um provérbio alemão diz: “Os cabelos da mulher são mais resistentes que uma corda de sino”, ou “Os cabelos da mulher são mais fortes que uma corda de cânhamo”, e na

Ceux-ci n'utilisent pas le mot « fée » mais une périphrase qui définit la fonction de la fée dans l'univers du conte : c'est une « magicienne qui avait un pouvoir immense et que le monde entier craignait ».

história, à maneira equívoca dos sonhos, Rapunzel ilustra essa crença literalmente. (WARNER: 1999, p.413)

A feiticeira corta os cabelos da jovem após descobrir que a mesma vinha se encontrando com o príncipe: “Num ataque de fúria, agarrou o belo cabelo de Rapunzel, enrolou as tranças na sua mão esquerda e passou-lhes uma tesoura com a direita. Rápidas tesouradas, zip zap, e as tranças caíram no chão.” (GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm). E conforme explicou Warner, isso pode indicar uma metáfora para a perda da inocência, da virgindade.

3.2.4 A PEQUENA SEREIA

Hans Christian Andersen nasceu em Odense, Dinamarca, no dia 2 de abril de 1805. Ele foi um escritor e poeta, responsável pela transcrição de histórias como A Pequena Sereia, Os Cisnes Selvagens, O Patinho Feio etc. Diferente de Perrault, que desde cedo teve boas condições socioeconômicas, Andersen teve uma infância marcada pela pobreza, apesar de seu pai sempre ter incentivado sua criatividade. Pôde estudar graças a um amigo chamado Jonas Collin, que pagou seus estudos. Os contos de Andersen possuem em geral uma certa melancolia, bastante predominante na literatura romântica.

A seguir, analisarei a antagonista de “A Pequena Sereia”, a temida bruxa do mar.

APARÊNCIA E NOMENCLATURA	Bruxa Não há uma descrição física da bruxa, apenas de seu habitat.
PARTICULARIDADES DA ENTRADA EM CENA	Estava na casa construída de ossos de humanos naufragados, deixava que um sapo comesse de sua boca.
HABITAT	O lado mais distante dos remoinhos espumantes [...] Não havia nada além do fundo arenoso cinzento que se estendia até os turbilhões [...] A casa da bruxa ficava atrás do charco, no meio de uma floresta fantástica. Todas as árvores e arbustos eram pólipos, metade animal e metade planta [...] No meio do charco erguia-se uma casa, construída com os ossos de humanos naufragados. (ANDERSEN)
AÇÕES AO LONGO DO CONTO	Aparece pela primeira vez quando a Pequena Sereia a procura a fim de tornar-se humana. A bruxa faz da princesa humana, em troca de sua voz. Posteriormente, sabe-se que as irmãs da sereia trocaram seus cabelos com a

	bruxa para salvar a irmã de tornar-se espuma do mar.
FINAL	No conto não se fala mais sobre a bruxa, após a morte da sereia. O que se entende é que ela permaneceu vivendo exatamente como antes.

Diferentemente de muitos contos do mesmo gênero, a bruxa do mar de “A Pequena Sereia” (ANEXO 6.9, página 137) não procura a protagonista para lhe causar mal, o que a coloca em uma posição diferente da antagonista tradicional. No conto, tem-se a informação de que ela vivia nas profundezas do oceano, afastada de todos. A sereia é quem a procura, pois sabe que a bruxa era a única capaz de ajudá-la a realizar seu sonho. E de fato, a bruxa é aquela que possibilita que a protagonista conheça o mundo dos humanos e, sobretudo, o príncipe pelo qual se apaixonara. Porém, sua ajuda, por assim dizer, veio com algumas condições: toda vez que a princesa tocasse com o pé no chão sentiria como se uma faca o atravessasse. Além disso, a bruxa fez com que a princesa pagasse pelo seu serviço com sua própria voz, considerada a mais bela da terra e do mar. Sendo assim, a jovem sereia fez um pacto com a bruxa, tal como o pai de Rapunzel fizera com a feiticeira, a fim de escapar da mesma ao ser pego roubando sua horta; além de “Rapunzel”, outro conto aqui analisado dispõe de um tipo de pacto, se pensarmos no acordo entre Vasilisa e Baba Iaga. Marina Warner aponta uma diferença bastante importante entre o conto original de Andersen, e a adaptação para o cinema feita pelos estúdios Disney, em que a bruxa recebeu o nome de Úrsula:

No conto de Andersen, a Bruxa do Mar, uma velha alcoviteira que descende diretamente da ama de Cárite ou Julieta, concede à jovem sereia a sexualidade humana madura (ao dividir suas pernas) em troca de sua voz. No desenho de Disney, ela em seguida prende a adorável voz da sirena numa concha que leva pendurada ao pescoço, e a usa para cativar o príncipe e usurpar o lugar da Pequena Sereia como sua noiva. Em última análise, a voz é mais poderosa que a beleza – ou mesmo a bondade. Somente quando a concha se parte e a voz da Pequena Sereia volta misteriosamente para sua garganta é que ela triunfa e conquista – nessa versão – a forma humana e o amor do príncipe. (WARNER: 1999, p.444)

A bruxa é, neste conto, um auxiliar mágico ou um adjuvante diabólico, pois ela ajudará a sereia contanto que ela pague um preço por essa ajuda. Deste modo, pode-se refletir sobre a verdadeira índole da personagem, visto que como ela concedeu um serviço à jovem, o esperado era que esta última a pagasse de alguma forma. A protagonista escolheu renunciar a sua voz, a sua natureza de sereia, o que torna a bruxa deste conto diferente da fada má de “A Bela Adormecida”, por exemplo. Afinal, a antagonista de “A Bela Adormecida” lança a maldição na inocente princesinha, sem que esta tenha qualquer poder para contestá-la. A sereia ficou muda,

com a esperança de conquistar o príncipe usando de seus outros atributos, como sua beleza, mas se não conseguisse se casar com o amado, morreria no dia do casamento do mesmo, tornando-se espuma do mar. Warner disserta sobre a mensagem que o conto, o único analisado aqui que não tem um final feliz, passa:

A história de Andersen provoca lágrimas, mas de modo algum reconfortantes, pois parece aprovar o desfecho mórbido. A mensagem deprimente da história é a de que apenas cortar a língua não é suficiente. Para ser salva, é preciso mais: auto-anulamento, dissolução.” (WARNER, p.438: 1999)

Isso indica que a heroína precisa se sacrificar para atingir a felicidade plena. Diferentemente da história que conhecemos na infância, com o filme da Disney de 1989, a Pequena Sereia morre ao final do conto original. A bruxa, ainda que tenha se aproveitado da ingenuidade da sereia, alertou: “Sei exatamente o que você procura [...] Que idiota você é!”, o que de certa forma, se analisarmos o contexto com nossa visão de mundo atual, levando em conta que a menina iria desistir de uma vida com a família, em plena liberdade no mar, poderíamos vir a concordar com a vilã. Viremos a concordar ainda mais com a visão da bruxa a partir dos eventos que se seguem, e a forma como o príncipe trata a moça, não que ele a maltrate, mas o carinho que ele oferece a ela me parece bastante semelhante ao carinho que a maior parte das pessoas dão a seus bichinhos de estimação: “O príncipe disse que ela nunca deveria deixá-lo, e ela ganhou permissão para dormir do lado de fora de sua porta, numa almofada de veludo.” (ANDERSEN). O filme lançado por Walt Disney apresenta uma versão muito mais alegre dessa mesma história: o final foi modificado, tornando-se um final feliz para a jovem sereia apaixonada, que por fim, se casa com o príncipe.

3.2.5 OS CISNES SELVAGENS

A antagonista de “Os Cisnes Selvagens” poderia configurar tanto nesta seção quanto na anterior, visto que ela também é uma madrasta, assim como a vilã de Branca de Neve, que é, da mesma forma, uma espécie de feiticeira. Entretanto, optei por deixar a rainha má de Branca de Neve entre as madrastas pelo fato de esta ser, a meu ver, melhor reconhecida como madrasta do que como bruxa. Já a antagonista de “Os Cisnes Selvagens” ocasiona o grande problema da história a partir de seus feitiços, então, achei correto colocá-la entre as antagonistas sobrenaturais.

APARÊNCIA E NOMENCLATURA	Madrasta/Feiticeira O pai, que era o rei de todo o país, casou com uma rainha má, nada gentil para com as pobres crianças. (ANDERSEN)
PARTICULARIDADES DA ENTRADA EM CENA	Em todo o palácio havia grande ostentação e as crianças brincavam «às visitas», mas em vez de receberem bolos e maçãs assadas, que era o que havia para oferecer, a rainha deu-lhes apenas areia numa chávena de chá, dizendo que podiam fingir que era outra coisa. Logo na semana seguinte pôs a irmãzinha Elisa no campo, em casa de camponeses, e não durou muito até que dissesse tanta coisa ao rei sobre os pobres príncipes, que este nunca mais se importou com eles. – Voem por esse mundo fora e tratem de vós mesmos – disse a rainha má. – Voem como grandes aves sem voz! – Não lhes pôde, porém, fazer tanto mal como queria. Transformaram-se em onze belos cisnes selvagens. Com um grito estranho, partiram a voar das janelas do palácio sobre o parque e o bosque. (ANDERSEN)
HABITAT	Palácio
AÇÕES DURANTE O CONTO	É a responsável por fazer com que o rei deixe de se importar com os filhos, além de seus males perseverarem até o final do conto, quando Elisa finalmente quebra o feitiço que ela lançou sobre seus irmãos.
FINAL	Não se sabe o que acontece com ela no final.

O conto “Os Cisnes Selvagens” (ANEXO 6.10, página 157) pode não ser tão célebre quanto alguns dos outros contos aqui analisados. Porém, segue a mesma fórmula no que diz respeito à construção da vilã. Tem-se novamente uma madrasta, que fez absolutamente tudo o que podia para prejudicar seus doze enteados: onze príncipes e a princesa Elisa. Novamente a madrasta é tão manipuladora a ponto de colocar o pai contra seus filhos. Entretanto, o rei não recebe a alcunha de vilão, ele apenas sofreu manipulação da esposa, que era a verdadeira vilã. Isso é problemático, pois independente do que a mulher lhe dissesse, ele era pai dos rapazes, e deveria defendê-los, ao invés de dar as costas a eles. O mesmo praticamente acontece com Elisa, quando a madrasta, após sujar a menina e torná-la irreconhecível faz com que o marido não reconheça a própria filha e a rejeite.

Neste conto, tem-se mais um exemplo de que a segunda esposa do pai rejeita sua prole proveniente de uma união anterior. O pai acaba “caindo” na astúcia da esposa e despreza todos os seus doze filhos. Novamente, não se nota qualquer culpabilização no rei, ele é tratado como uma vítima da maldade da mulher, ainda que como pai, devesse se manter firme e zelar pelos filhos. Após a saída de Elisa do palácio, não se sabe o que aconteceu a seu pai e madrasta. Mesmo que a vilã deixe de ser mencionada, o feitiço lançado por ela sobre os príncipes ocasiona todo o enredo seguinte. Um evento extremamente interessante que acontece mais ao final do conto dá-se quando Elisa - forçada a se manter em silêncio até que termine de confeccionar as camisas - está atrás das urtigas necessárias para confecção das mesmas e, para quebrar a maldição dos irmãos, transformados em cisnes selvagens durante o dia, é acusada de bruxaria, o que quase a leva à fogueira. Isso demonstra, de certa forma, como era provável que se queimassem mulheres inocentes, que nunca haviam proferido nenhum mal, na época da caça às bruxas. GUIMARÃES (2005, p.120) conta que este conto apareceu no Brasil, pela primeira vez, sob o título “Os Onze Irmãos da Princesa”, e disserta sobre essa temática de perseguição às bruxas, presente no conto:

Na trama mítica de “Os Onze Irmãos da Princesa”, percebe-se como Andersen insere o tema histórico da perseguição das bruxas na Europa durante a Inquisição católica. O enredo reproduz três etapas dos casos de instauração e andamento de processos contra feiticeiros e outros hereges, em vários países, durante a Inquisição, na Idade Média e séculos posteriores, como: a acusação, o julgamento e a execução do réu na fogueira. (GUIMARÃES: 2005, p.121-122)

É interessante notar que este é mais um conto em que a protagonista está fadada ao silêncio. Por alguma razão, o silenciamento feminino costuma ser associado à dignidade, o cristianismo tem esse silenciamento como virtude: a mulher deveria resistir e enfrentar os problemas calada. Warner explana sobre a questão do silêncio: “Shakespeare embutiu na figura única de Cordélia, na cena de abertura, vários modelos do folclore que provam sua virtude pelo silêncio.” (WARNER, p.431: 1999). Isso vem totalmente a dialogar com a situação de Elisa, assim como a da protagonista de “A Pequena Sereia”: a ideia machista de que a mulher deve se manter quieta para ser admirada, pois a mulher que muito falasse não seria respeitada pelos homens. Ao se manter em silêncio, Elisa conquista o coração de um rei, casa-se com o mesmo, e quase acaba sendo queimada viva, mas no final é salva pelos irmãos, que se transformam novamente em homens. Percebe-se que, apesar de Elisa ter salvado os irmãos da maldição, eles foram os heróis da história por livrarem-na da fogueira: o conto coloca a mulher em uma posição vulnerável para ser salva por um grupo de homens.

Em uma outra versão deste conto, proveniente da Noruega, tem-se a mesma premissa, dos príncipes que se transformam em aves, neste conto, em patos selvagens. Porém, a história começa diferente, remetendo inclusive ao conto de “Branca de Neve”, “O Pé de Zimbro” e “A Bela Adormecida”. Angela Carter apresenta esse conto, intitulado “Os doze patos selvagens” em sua coletânea “103 Contos de fadas”. Nessa história, uma rainha que tinha doze filhos e nenhuma filha andava de trenó quando seu nariz começou a sangrar. Ela viu o sangue sobre a neve branca e disse: “Se eu tivesse uma menina branca como a neve e vermelha como o sangue, não me importaria com o destino dos meus filhos.” (CARTER: 2007, p.261). Ao terminar a frase, uma velha bruxa se aproximou dela e disse que ela teria uma filha, mas que seus doze filhos seriam da bruxa. Porém, a rainha poderia ficar com eles até que a menina fosse batizada. A criança nasceu. Era branca como a neve e vermelha como o sangue. Ela recebeu o nome de Branca de Neve e Rósea, mais uma razão para lembrar o célebre conto de Grimm. A rainha mandou confeccionar treze colheres de prata iguais, para cada um de seus filhos. Quando a princesinha foi batizada, os doze meninos transformaram-se em patos selvagens e saíram a voar, não sendo mais vistos pela família. Anos se passaram, e por mais que a princesa fosse bela, parecia sempre triste, em razão de não ter irmãos. Até que a rainha lhe contou a verdade e a moça resolveu encontrar os doze irmãos. Ela encontrou a casa onde eles viviam e soube que lhes pertencia por haver doze camas e doze colheres iguais às suas. Ela arrumou a casa, preparou o jantar e, cansada, deitou-se na cama do mais novo. Essa cena remeteu bastante à chegada de Branca de Neve à casa dos sete anões. Quando os irmãos chegaram e perceberam a presença da irmã, o mais velho queria matá-la, por acreditar que era a responsável pelo sofrimento deles, que viviam como patos selvagens de dia e príncipes à noite. Ela implorou pela vida e disse que estava disposta a fazer qualquer coisa para libertá-los do que os afligia. Ele falou que ela deveria então, confeccionar doze casacos, doze camisas e doze lenços de pescoço e permanecer muda até terminar o trabalho, pois somente assim poderia salvá-los. O sacrifício da princesa é exatamente o mesmo que ela sofre na versão de Andersen. E assim como na versão escolhida para análise, um rei se apaixona por Branca de Neve e Rósea e casa-se com ela. A mãe dele, enciumada pela beleza da nora, conta-lhe que ela provavelmente era uma feiticeira. Mas ele não lhe dá ouvidos. O tempo passa e Branca de Neve e Rósea dá à luz a um menino. Enquanto a nora dormia, a sogra rouba o bebê e o coloca em um poço cheio de cobras e sapos, corta o dedo da moça e passa o sangue em sua boca, para mostrar ao filho que ela comeria o próprio filho. Esse episódio lembra bastante as maldades da sogra de “A Bela Adormecida”, ainda que aqui a sogra não pretenda comer os netos, ela ainda assim os coloca em uma situação

de risco extremo. O rei, entretanto, perdoa à esposa. O mesmo acontece com o segundo filho ao qual Branca de Neve e Rósea dá à luz. Porém, ao dar à luz a uma menina, e a sogra fazer o mesmo, o rei decide que não tem mais como perdoá-la, e a condena à fogueira. Nesse momento, ela dispõe próximas à fogueira as roupas que confeccionou aos seus irmãos, que chegam em forma de patos e transformam-se em príncipes. Com isso, eles salvam a irmã, encontram seus bebês brincando com as cobras e sapos e a sogra é condenada a ser puxada por doze cavalos, pois cada um poderia arrancar um pedaço seu.

Os irmãos Grimm escreveram um conto bastante parecido com este, intitulado “Os doze irmãos”. Na versão alemã não há a presença de uma madrasta má, diferente do conto de Andersen. A história tem início com a conversa entre um rei e uma rainha, que eram pais de doze meninos. A rainha esperava o 13º filho, e o rei disse que caso o bebê que ela esperava fosse uma menina, que todos os seus doze filhos deveriam morrer, pois assim os bens dela seriam maiores e o reino seria apenas dela. A rainha, temendo pela vida de seus filhos, disse ao menor deles, que se chamava Benjamin, que fosse com seus irmãos para a floresta e que um deles ficasse permanentemente sobre a árvore mais alta que encontrassem, pois se o bebê fosse outro menino, ela levantaria uma bandeira branca, porém, se fosse uma menina, levantaria uma bandeira vermelha, e então, eles deveriam fugir. Dias se passaram e a rainha levantou uma bandeira vermelha. Os meninos, enraivecidos por estarem jurados de morte por causa de uma menina, juraram que não poupariam a vida de qualquer menina que lhes cruzasse o caminho.

Dez anos se passaram e a princesinha encontrou doze camisas, que eram demasiado pequenas para serem de seu pai. Ela então questionou a mãe sobre de quem eram aquelas roupas. A rainha lhe contou a verdade e a menina prometeu que encontraria seus irmãos. A princesinha levou consigo as doze camisas e partiu para encontrar os meninos. Andou o dia todo e ao anoitecer, encontrou a casinha onde eles viviam. Lá, ela encontrou Benjamin e mostrou-lhe as doze camisas. Ele logo entendeu que ela era sua irmã, abraçaram-se e ele contou-lhe do combinado entre os irmãos de matar as meninas que encontrassem, então, prometeu a ela que nada lhe aconteceria. Quando os demais meninos chegaram, a menina estava escondida e Benjamin os fez prometer que poupariam a primeira menina que vissem para que pudesse lhes contar algo. Os irmãos prometeram, a princesinha apareceu e Benjamin lhes disse que era irmã deles. Todos a abraçaram felizes. A menina ficou morando com eles, e cuidava junto de Benjamin dos afazeres da casa. Havia um pequeno jardim na casa encantada onde cresciam doze lírios. A menina, querendo surpreender os irmãos, colheu os lírios, com a intenção de presentear cada um com uma flor. Porém, quando terminou de cortá-los, seus irmãos

transformaram-se em corvos. Sem entender o que aconteceu, a menina avistou uma velha que lhe disse que a única forma de trazer seus irmãos de volta seria ficar sete anos sem falar sequer uma palavra, e nem rir. A princesa então, ficou anos sem nada dizer.

Nessa versão também há um rei que se apaixona por ela. Eles se casam e, após alguns anos, a mãe do rei lhe diz que ele trouxera para o reino uma mendiga vulgar, e que provavelmente estaria tramando maldades em segredo, pois não falava e nem ria. Inicialmente o rei não deu importância ao que a mãe dizia, mas após tanta insistência, ele se convenceu de que ela estava certa, e condenou sua esposa à morte. A jovem já estava na fogueira quando se ouviu um grande ruído, eram doze corvos que, ao pousarem no chão, transformaram-se em doze homens. Eles então salvaram a irmã da fogueira, e esta contou ao marido a verdade. A mãe do rei foi mandada a responder em tribunal, sendo condenada a ficar em um barril cheio de óleo fervente e cobras venenosas, onde morreu.

Curiosamente, a versão de Grimm traz um pai que deseja matar os filhos e uma mãe que pretende protegê-los. Em geral, tem-se o oposto nesse tipo de conto. A versão trazida por Angela Carter já mostra uma mãe que, desejando tanto ter uma filha, promete seus filhos a uma bruxa. Essas são apenas algumas das diferenças entre a versão dos irmãos Grimm, o conto norueguês e a versão de Andersen, que é aqui o foco principal de análise. Em Andersen, o rei tinha onze filhos e uma filha, e em Grimm, tinha doze filhos e a esposa esperava mais um, que poderia ser outro menino ou uma menina. Em Grimm, o que ocasiona a transformação dos irmãos em aves são lírios que possuíam algum tipo de encantamento.

Outra diferença notável é que no conto de Andersen os rapazes se transformam em cisnes; no conto norueguês, em patos selvagens e, no conto de Grimm, em corvos, um animal que costumeiramente é associado ao mau agouro, à morte. Já os cisnes são aves elegantes que representam, em muitas culturas, a pureza e a luz. Apesar das três versões apresentarem tantas diferenças, elas ainda possuem muito em comum, sobretudo ao que diz respeito à protagonista feminina, que passa por uma enorme provação e sacrifício a fim de salvar os irmãos, estando disposta a morrer queimada por aqueles que amava. Na versão de Grimm, após a menina partir do castelo em busca dos irmãos, não se fala mais sobre seus pais, portanto, mesmo que o rei tenha sido capaz de preparar a morte de seus doze filhos, acredito que nada lhe tenha acontecido. Já a sogra da menina, que provavelmente como a maioria das mães preocupava-se com seu filho, por este ter casado com uma mulher que nunca falou ou riu, e com razão tinha dúvidas a respeito da índole da nora, foi condenada a uma morte horrível. Por mais que o narrador nos

traga a ideia de que a mãe do rei era má e envenenou os ouvidos do filho, consigo perceber o outro lado da história: ela não conhecia a mulher que ele escolheu como esposa e não sabia quais eram suas reais intenções no reino. Porém, como toda mulher que muito questiona nesses contos, seu destino não foi nada bom. Diferentemente do conto de Grimm, no conto norueguês, a sogra é realmente perversa, capaz de matar os netos para incriminar a nora.

3.2.6 VASILISA, A BELA

A enigmática Baba Iaga age como vilã e como auxiliar mágico, contrapondo a ideia maniqueísta difundida pela maior parte dos contos de fadas. De acordo com Pilinovsky:

Baba Iaga é a notoriamente ambígua proeminente bruxa do folclore eslavo. Seu nome é sinônimo com o termo russo *ved'ma* (bruxa) e suas variantes regionais. Ela é um tipo de *genious loci* (espírito protetor) para os valores e associações que se ligam ao arquétipo de “bruxa da floresta” na tradição eslava. No entanto, ela é mais que um substituto natural ou melhoramento de qualquer bruxa. Ela é referida como a tia ou senhora de todas as bruxas, demonstrando o nível de influência que tem na imaginação russa. [...] De muitas formas, Baba Iaga representa um tipo de sinédoque dos arquétipos do folclore russo, sendo uma das personagens mais antigas e persistentes na tradição russa.

Assim como as bruxas de outras culturas, o método preferido de transporte de Baba Iaga é um utensílio doméstico comum. Entretanto, diferente das bruxas do oeste, ao invés de viajar sobre uma vassoura, ela escolhe montar um almofariz, remando com um pilão e usando uma vassoura para varrer todos os traços que deixar. Sua casa é uma choupana móvel empoleirada sobre pernas de galinha. Vladimir Propp propôs a ideia de que a choupana deveria servir como uma memória cultural de rituais de iniciação, refletindo a história de Baba Iaga como deusa ctônica. (PILINOVSKY: 2016, p.95)²¹

Baba Iaga

APARÊNCIA E NOMENCLATURA	Bruxa/Ogra (era canibal)
	Velha bruxa. Nunca permitia que ninguém chegasse perto de sua casa, comia humanos como se fossem frangos.
PARTICULARIDADES DA ENTRADA EM CENA	Baba Iaga apareceu, voando num almofariz que esporeava com seu pilão e varrendo

²¹ Tradução minha. No original: Baba Yaga is the notoriously ambiguous preeminent witch of Slavic folklore. Her name is synonymous with the Russian term *ved'ma* (witch) and its regional variants. She is a kind of a *genious loci* (protective spirit) for the values and associations that attach themselves to the archetype of “the witch in the forest” in Slavic tradition. However, she is more than a natural substitute or enhancement of any one witch. She is referred to as the aunt or mistress of all witches, demonstrating the degree to which she holds sway in the Russian imagination. [...] In many ways, Baba Yaga represents a kind of a synecdoche of the archetypes of Russian folklore, being one of the oldest and most persistent characters in Russian lore.

Like the witches of other cultures, Baba Yaga’s preferred method of transportation is a commonly used household implement. However, unlike Western witches, rather than travelling upon a broom, she chooses to ride in a mortar, rowing with a pestle and using a broom to sweep away the tracks it leaves. Her home is a mobile hut perched upon chicken legs. Vladimir Propp posited the belief that the hut might serve as a cultural memory of rituals of initiation, reflecting Baba Yaga’s history as a chthonic goddess.

	seus rastros com uma vassoura. (AFANASIEV)
HABITAT	Numa clareira dessa floresta havia uma choupana, e na choupana morava Baba Iaga. (AFANASIEV)
AÇÕES AO LONGO DO CONTO	Promete ajudar Vasilisa, contanto que a moça trabalhasse para ela; caso não conseguisse terminar suas tarefas, a bruxa a devoraria.
FINAL	Ela acaba ajudando Vasilisa, ao lhe dar uma caveira flamejante que posteriormente queimaria a madrasta e as irmãs. Após Vasilisa partir da casa de Baba Iaga, ela não é mais mencionada no conto, entende-se que permaneceu vivendo em sua choupana na floresta.

Famosa integrante do folclore russo, mas talvez desconhecida por boa parte das pessoas no Brasil, Baba Iaga é uma outra antagonista da história. JOHNS (2004, p.13) aponta que segundo a lenda, o diabo, querendo criar a essência do mal perfeita, cozinhou doze mulheres nojentas em um caldeirão, coletando vapor de sua boca e cuspidando dentro dele. Dali nascera Baba Iaga. Por mais que ela se configure como uma vilã, é evidente que de certa forma ela ajudou Vasilisa, desde que a moça trabalhasse para ela. O significado do nome “Baba Iaga” promove muitas discussões:

Em Russo antigo, a palavra *baba* pode se referir a uma parteira, feiticeira, ou cartomante, e a palavra “avó” no Russo standard moderno (*babushka*) é derivada disso. *Baba* em russo moderno é também um termo pejorativo para mulher assim como para um homem efeminado, tímido ou sem caráter. Assim como outros termos eslavos populares, *baba* também foi aplicado a conceitos de fora do domínio do popular, talvez como resultado de um assunto tabu.

[...]

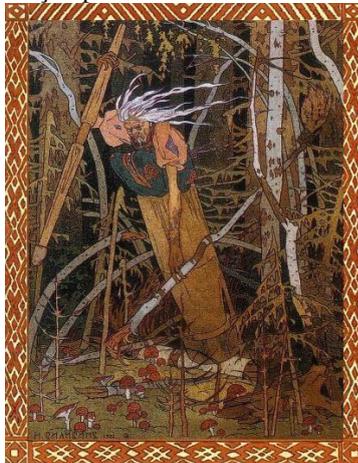
A origem e significado de *Iaga* é muito mais obscura e inspirou muitas interpretações diferentes entre os linguistas. (JOHNS: 2004, p. 9-10)

Se pensarmos nas funções dos personagens definidas por Propp, poderíamos facilmente concordar com Johns quando ele diz que a ambiguidade é o aspecto mais intrigante que surge quando analisamos um corpus de contos populares em que Baba Iaga aparece. Essa ambiguidade se dá pelo fato de que, de forma geral, a maior parte dos personagens de contos populares tradicionais da Europa vai ou ajudar o herói ou atrapalhá-lo. Baba Iaga faz as duas coisas.

Isso quer dizer que: “Às vezes ela atua como auxiliar e às vezes como vilã”²² (JOHNS: 2004, p.3). Assim como em “A Pequena Sereia”, ela é um auxiliar mágico, pois ajuda a protagonista a partir de um preço: Baba Iaga ordenava que Vasilisa executasse tarefas para testar o seu valor. Ela voava em um almofariz com seu pilão e varria seus rastros com uma vassoura. Apesar do medo de ser devorada pela velha bruxa, caso não cumprisse as tarefas que a mesma lhe havia encarregado, em troca de fogo, Vasilisa deu conta de todos os afazeres graças à boneca abençoada.

Conforme anteriormente mencionado, esse conto possui aspectos bastante parecidos com o conto *João e Maria*, principalmente a partir do segundo ato da história, quando Vasilisa é obrigada pela madrasta e pelas irmãs a ir buscar fogo na casa de Baba Iaga. Sabemos que João e Maria não foram obrigados a procurar a bruxa, porém, a situação em que foram expostos a partir do momento em que a bruxa os “acolheu” em sua casa, parece bastante com a de Vasilisa, principalmente as tarefas que a bruxa impõe à Maria. Vasilisa precisa fazer todo tipo de trabalho na choupana da bruxa, como uma escrava, assim como a menina no conto dos irmãos Grimm, para que a bruxa não a devore.

Figura 7. Ivan Bilibin. Ilustração para o livro *Vasilisa The Beautiful and Baba Yaga*. 1900.



Fonte: Pinterest²³

É interessante refletir sobre o que bruxa disse à Vasilisa quando esta pediu permissão para lhe fazer uma pergunta: “Pergunte à vontade! [...] Mas tome cuidado, Nem toda pergunta tem uma boa resposta. Se souber muito, ficará velha logo.” (AFANASIEV). Tal frase me incomodou bastante, pois parece um jogo para que as meninas não queiram aprender e saber muito. De fato, Michelle Perrot afirma que:

²² Tradução minha. No original: “Sometimes she acts as a donor and sometimes as a villain.”

²³ Disponível em: <https://br.pinterest.com/pin/443182419585241402/>

O saber é, contrário à feminilidade. Como é sagrado, o saber é o apanágio de Deus e do Homem, seu representante sobre a terra. É por isso que Eva cometeu o pecado supremo. Ela, mulher, queria saber; sucumbiu à tentação do diabo e foi punida por isso. (PERROT: 2007, p.91).

Porém, ainda podemos interpretar essa fala da bruxa pensando que quanto mais se sabe, mais assuntos teremos para nos preocupar. Quando perguntada pela bruxa sobre como deu conta de tantas tarefas, Vasilisa lhe disse a verdade, o que fez com que Baba Iaga a mandasse embora imediatamente, pois não queria ninguém abençoado em sua casa. Quando digo que Baba Iaga ajudou a protagonista, apesar de, antes disso, tê-la feito de escrava e a amedrontado, refiro-me ao momento após a expulsão de Vasilisa da choupana da bruxa, que lhe dá uma caveira flamejante como recompensa, pois o que a menina tinha ido lá procurar era fogo. Essa caveira flamejante queimou a madrasta e as irmãs, que tão logo tornaram-se três montinhos de cinzas, livrando Vasilisa das maldades das três e possibilitando que ela fosse viver sua própria vida.

A Baba Iaga se encontra por conseguinte, no texto, no centro de um processo dialógico: personagem assustador mas cujo medo é distanciado no texto por seus traços cômicos e grotescos, ela se inscreve num desvio entre a inversão fantasmagórica que ela organiza e a trivialidade de sua textualização.²⁴ (ROUSSELET: 2016, p.5)

De fato, Baba Iaga é uma personagem enigmática, poderia até dizer carismática. É vilã, mas ao mesmo tempo, é graças a ela que a mocinha se vê livre da madrasta malvada e de suas irmãs invejosas, tal como pontua Von Franz: “Ela não é, então, completamente malvada e pode, mesmo que de forma indireta, se revelar prestativa: ela incarna o duplo aspecto da Grande Mãe.” (VON FRANZ: 1993, p.240). Von Franz explica que Baba Iaga remete à Grande Mãe de forma arcaica, visto que seu lado positivo e seu lado negativo encontram-se misturados, pois, ao mesmo tempo em que possui poderes para destruir e causar o caos, pode ser bastante útil para um bem maior. (1993, p.241).

Essa personagem é tão complexa que vai contra o comum dos contos de fadas: em geral, esse tipo de narrativa tem dificuldades em atribuir características boas e ruins a um mesmo personagem. A limitação entre o bem e o mal é muito bem definida: os heróis não possuem defeitos, enquanto os vilões não possuem nenhuma característica positiva. Entretanto, sabemos que na realidade, isso não se aplica, pois todos possuem qualidades e defeitos. Baba Iaga é de

²⁴ Tradução minha. No original : « La Baba Yaga se trouve dès lors, dans le texte, au centre d'un processus dialogique : personnage effrayant mais dont l'effroi est distancié dans le texte par ses traits comiques et grotesques, elle s'inscrit dans un écart entre l'investissement fantasmagorique qu'elle organise et la trivialité de sa textualisation. »

fato descrita como uma bruxa má e canibal, mas seu carisma quebra o padrão estabelecido para personagens desse gênero literário.

Baba Iaga está presente em muitos outros contos. Um bom exemplo está na coletânea de Angela Carter. Neste conto, intitulado “A Baba-Iagá”, tem-se um velho viúvo que se casa novamente. De seu primeiro casamento, nasceu uma menina, cuja madrasta a detestava. Certo dia, ela ordenou à enteada que fosse até a casa de sua irmã e pedisse linha e agulha para que ela pudesse lhe fazer um vestido. A menina era inteligente o suficiente para saber que a irmã da madrasta era uma Baba Iaga, então, foi até a casa de uma outra tia e lhe contou o que acontecera. A tia lhe orientou tudo o que deveria fazer para driblar os desafios que encontraria na casa de Baba Iaga. Quando chegou lá, a menina pediu à bruxa o que a madrasta solicitara. A bruxa ordenou que a criada aquecesse água, desse banho na garota e que não tirasse os olhos dela, pois a comeria no café da manhã. A menina ofereceu um lenço para a criada e pediu que ela não fizesse o que Baba Iaga mandara. Outros desafios surgiram, como o gato da bruxa, que poderia lhe furar os olhos; seus cães, que poderiam lhe dilacerar; porém, a menina conseguiu que nada lhe causasse mal, oferecendo algo de bom em troca. A bruxa, furiosa que seus criados não lhe obedeceram, agrediu a todos. Por fim, a menina conseguiu sair de lá e, quando chegou a casa, contou a seu pai o que passara. O pai ficou furioso com a madrasta e a matou com tiros. Depois disso, viveu feliz com a filha.

Por mais que este conto pareça bastante diferente de “Vasilisa, a bela”, podemos perceber muitos aspectos comuns entre eles. Em ambos há uma madrasta que envia a enteada para o domínio de Baba Iaga, e uma espécie de amuleto: se em “Vasilisa, a bela” a protagonista tinha a boneca que sua mãe lhe dera, neste conto a menina tinha sua tia bondosa, que lhe ensinou como escapar das armadilhas da bruxa. Além disso, nos dois contos a madrasta possui um fim trágico, e nada acontece à Baba Iaga. No que diz respeito ao fato de a madrasta ser irmã de Baba Iaga, alguns autores apontam que a bruxa possui, em alguns contos, irmãs ou filhas. Hubbs coloca que: “Embora Baba Iaga possa aparecer como uma velha mulher sábia, uma adorável solteirona, ou três irmãs, ela é tão frequentemente vista em seu papel como a malvada.” (HUBBS: 1993, p.39)²⁵.

²⁵ Tradução minha. No original: “Although Baba Yaga may appear as a wise old woman, a lovely maiden, or three sisters, she is just as frequently seen in her role as the evil one.”

3.2.7 VILÃS QUE ÀS VEZES AJUDAM

Apesar de, na maioria dos casos, as vilãs analisadas nessa seção possuírem algum tipo de poder, o que poderia torná-las mais perigosas e cruéis do que uma antagonista humana, acredito que há casos específicos em que a antagonista não é exatamente uma vilã, mas sim uma mulher que, em troca de algum serviço ou ajuda, cobra alguma coisa. Evidentemente, a fada má e a sogra da Bela Adormecida são personagens malvadas, visto que a fada desconta sua insatisfação para com o esquecimento dos pais da princesinha em um bebê indefeso, enquanto a sogra se propõe a comer os próprios netos. Porém, a bruxa do mar de “A Pequena Sereia” jamais procurou a protagonista: é verdade que ela tinha poderes e tomou a voz da mocinha para si, mas a sereia concordou com essas regras.

A bruxa de “João e Maria” em muito se assemelha com Baba Iaga, pelo fato de que, ainda que fosse má e canibal, acabou ajudando as crianças: se Baba Iaga possibilitou que Vasilisa se visse livre de sua madrasta e meias-irmãs, a bruxa de “João e Maria” possuía tesouros que as crianças levaram consigo para casa após matarem a bruxa. Esses tesouros garantiram que sua família não passaria mais por dificuldades financeiras. Baba Iaga submete a protagonista a tarefas impossíveis, sem saber que Vasilisa tinha ajuda de uma boneca mágica. A bruxa pensava que Vasilisa não conseguiria realizar todas as tarefas e, assim, poderia devorar a moça. Tanto a bruxa de “João e Maria” quanto a de “Vasilisa, a bela” ajudam os protagonistas involuntariamente. Baba Iaga, entretanto, cumpre com sua promessa de dar fogo a Vasilisa, entregando a caveira em chamas para se livrar da menina de uma vez por todas. Porém, se as duas velhas bruxas canibais em questão acabaram ajudando os protagonistas, a madrasta de Elisa, de “Os Cisnes Selvagens”, que era também uma feiticeira, foi a razão para os suplícios que a jovem e seus irmãos vivenciaram durante toda a história.

Já a feiticeira de Rapunzel era amedrontadora o suficiente para fazer com que os pais desistissem de criar sua filha em razão do roubo de uma alface. Temendo o que a feiticeira poderia fazer contra ele e a esposa, o pai de Rapunzel aceita fazer um pacto. É verdade que tememos sempre aquilo que nos é desconhecido, então, poder-se-ia imaginar que os pais da menina temiam que a feiticeira lhes impusesse alguma maldição ou até mesmo causasse algum mal para o bebê. Não há como saber ao certo, pois isso não é mencionado no texto, então, posso apenas supor.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os contos de fadas são clássicos da humanidade e permanecem vivos mesmo após tanto tempo porque as pessoas ainda se encantam com eles, passando-os adiante para seus filhos e netos. Essas histórias, repletas de conteúdo maravilhoso, podem parecer meras ficções, mas carregam significados bastante realistas da sociedade da época em que foram criados. Alguns aspectos inclusive permanecem muito atuais, como a própria busca pela ascensão social e econômica, presente em muitos contos, como “O Gato de Botas”, por exemplo. Darnton aponta que: “Apesar de ocasionais toques de fantasia, portanto, os contos permanecem enraizados no mundo real. Quase sempre acontecem dentro de dois contextos básicos, que correspondem ao cenário dual da vida dos camponeses nos tempos do Antigo Regime.” (DARNTON: 2001, p.54). Os dois contextos dos quais Darnton faz referência seriam o conjunto da casa e aldeia e a estrada aberta. Podemos traçar o paralelo entre essa afirmação e os cenários de contos como “João e Maria” e “Vasilisa, a bela”, por exemplo: os protagonistas são forçados a deixar suas casas e vagar pela estrada, ou floresta.

Outros aspectos realistas presentes nesses contos em relação com as sociedades dos séculos XVII, XVIII e XIX, são, conforme já mencionei ao longo deste trabalho, as famílias muito extensas, o que muitas vezes as levava à pobreza: “Um novo filho, muitas vezes, significava a diferença entre a pobreza e a indigência.” (DARNTON: 2001, p.45); o grande índice de mortalidade feminina, o que levava os homens a se casarem novamente, e aqui, reitero a fala de Darnton, que aponta que no início da França moderna, os camponeses “habitavam um mundode madrastas e órfãos” (DARNTON: 2001, p.47); além do número elevado de mulheres jovense saudáveis que morriam, muitas vezes ao dar à luz, naquele período muitas eram as crianças que faleciam antes de atingir a idade adulta: Darnton (2001) aponta que no século XVII, 236 acada 1000 bebês vinha a óbito antes de completar um ano de vida, ao passo que atualmente, morrem vinte.

O sobrenatural há muitos séculos vem sendo um assunto que rende discussões. Desta forma, a existência de pessoas que praticam magias é também motivo de debate e pode ocasionar diferentes interpretações. Para alguns, uma bruxa seria uma mulher dotada de poderes sobrenaturais, que podem ser usados tanto para o bem como para o mal. Para outros, o dom que as pessoas chamadas de bruxas possuem não é algo de ordem sobrenatural, mas conhecimentos avançados sobre plantas e ervas. Os mais céticos, não acreditam que bruxas existam. Seja como for, é inegável que milhares de pessoas foram torturadas e mortas sob acusação de bruxaria, e não há como saber ao certo se havia algum fundamento nessas acusações, se de fato essas

peças causaram mal a alguém ou se tudo isso não foi resultado de fanatismo religioso. Considero que a segunda opção é a mais plausível, afinal, até hoje são noticiados casos de intolerância religiosa.

Além disso, em um período regido pelo fervor religioso do catolicismo, possuir crenças diferentes do que a maioria da população ocasionava, conforme já explicitarei anteriormente, muitas falácias. É muito fácil acabar com a reputação de uma pessoa, e no período em que as bruxas eram perseguidas, qualquer diferença no modo de vida de uma pessoa já era motivo o suficiente para que as autoridades acreditassem que esta praticava o mal contra a sociedade. Uma simples denúncia de um vizinho já poderia levar uma pessoa para a fogueira, sem que esta tivesse a oportunidade de provar sua inocência, visto que as torturas que sofria podiam levá-la a admitir ter realizado atos que não cometera. Apesar de muitos homens terem sido acusados de bruxaria, sabe-se que a maior parte de pessoas executadas sob esta pena foram mulheres. Aquelas que viviam sozinhas e que não frequentavam a Igreja eram alvos certos desse tipo de acusação.

São muitas as questões que chamam atenção nesses contos, se analisarmos a partir de nossas vivências na contemporaneidade. Entretanto, o que me é mais visível e gritante é a maneira como as personagens femininas são retratadas. Acho muito positivo o fato de que boa parte desses contos cede o protagonismo às mulheres, sendo os homens personagens bastante secundários. Porém, a personalidade das protagonistas é problemática, bem como a das antagonistas. Esses contos representam a luta entre as mulheres, os homens parecem muito ausentes; o pai é sempre fraco; o príncipe parece um prêmio de consolação para as protagonistas, após estas terem sofrido muito.

Ao longo deste trabalho, em muitos momentos mencionei as oposições existentes entre as protagonistas e antagonistas: tais como o recato usual das princesas e a tal depravação à qual as bruxas são frequentemente acusadas; a bondade característica das mocinhas dessas histórias e a maldade das vilãs; a humildade da protagonista em contrapartida ao orgulho da antagonista e evidentemente, a beleza e a feiura, ainda que existam vilãs belíssimas, tal como a madrasta de Branca de Neve, a maioria das vilãs é caracterizada como uma velha feia. Essas características antônimas evidenciam justamente essa dualidade entre o bem e o mal, dando a entender que aquele que pratica o mal não possui qualidades.

Os contos de fadas ilustram as duas faces da mãe: a mãe boa, que é sempre representada pela mãe biológica, e a mãe ameaçadora e cruel, representada pela madrasta. Enquanto a mãe

biológica, que já está morta, é sempre idealizada, as madrastas são sempre vilãs, descritas de forma caricatural, não apresentando nenhum tipo de qualidade: são mulheres más, invejosas e que detestam seus enteados, ao passo que privilegiam sempre seus filhos biológicos.

Uma questão que me chamou muita atenção conforme estudava os contos, foi perceber que as antagonistas humanas são, de forma geral, muito mais cruéis do que as antagonistas sobrenaturais. Essa percepção foi bastante surpreendente, pois, poderíamos facilmente pensar que os dons sobrenaturais das vilãs as tornariam mais ameaçadoras e mais cruéis para com suas vítimas. Porém, as madrastas, apesar de serem apenas humanas, conseguem se mostrar muito mais assustadoras e perversas que as bruxas. Isso me leva a refletir sobre dois aspectos: o primeiro, de que o humano é, com toda a certeza, o ser mais propenso à crueldade que existe; o segundo, de que as madrastas existem, são pessoas recorrentes na vida real, enquanto as bruxas, que possuem poderes sobrenaturais não o são. O fato de as madrastas serem tão comuns no meio familiar faz com que elas sejam uma ameaça possível, diferentemente de seres do imaginário, como as bruxas, fadas e ogras.

O final cruel das antagonistas humanas, que quase sempre são punidas com a morte, mostram uma justiça imanente. Os males que elas causam a seus enteados é sempre pior do que aquele causado pelas antagonistas sobrenaturais. Não estou dizendo que as bruxas não sejam más e não causem mal aos protagonistas dessas histórias. Mas ao compararmos as maldades das madrastas em relação à das bruxas, veremos que as primeiras disseminam muito mais ódio contra seus enteados. Talvez seja por isso que as antagonistas sobrenaturais morram com menos frequência nesses contos.

Por fim, os contos de fadas passam a ideia de que a mulher ou menina que ousar ter curiosidade e quiser perguntar e compreender as coisas, se tornará menos atraente: vide o que Baba Iaga diz à Vasilisa quando esta a faz uma pergunta: “Pergunte à vontade! [...] Mas tome cuidado. Nem toda pergunta tem uma boa resposta. Se souber muito, ficará velha logo!” (AFANASIEV). Outra consequência da curiosidade nesses contos é a punição: a menina que se atrever a bisbilhotar ou aprender receberá algum tipo de castigo. Posso exemplificar tal constatação com “A Bela Adormecida”, que encantada ao ver uma senhora tear, tenta fazer o mesmo e acaba por completar a maldição lançada pela fada má. Outro exemplo, que não foi aqui analisado, mas que também se aplica perfeitamente a esta ideia é o das esposas do Barba Azul, que curiosas em descobrir por que não poderiam entrar em determinado cômodo da casa, acabam sendo mortas.

O movimento feminista nos proporcionou muitas vitórias sociais, e só conseguiremos prosseguir conquistando mais direitos se tivermos em mente que nem tudo o que a bruxa representa é ruim, e que na verdade, há muita coisa nelas nas quais podemos nos espelhar. A desconstrução desses estereótipos extremos é um passo importante, visto que há uma forte imposição social que idealiza um padrão de como seria uma mulher perfeita, e que na verdade, está baseada em um modelo feminino irreal: nenhuma mulher real, por mais próxima que seja desse padrão, se encaixa completamente nesses parâmetros, e isso não as torna piores.

5 REFERÊNCIAS:

- ANDERSEN, Hans Christian. *Os Cisnes Selvagens*. Disponível em: <http://arquivos.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/16/2013/12/Os-Cisnes-Selvagens.pdf>
- BASILE, Giambattista. *O conto dos contos: PENTAMERON ou o Entretenimento dos Pequenininhos*. São Paulo: Nova Alexandria, 2018.
- BEAUVOIR, Simone de. *O segundo sexo*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- BETTELHEIM, Bruno. *A psicanálise dos contos de fadas*. São Paulo: Paz e Terra, 2019.
- BOULOUMIÉ, Arlette. Représentations des ogres dans la littérature. In : **Sens-Dessous**, 2013/2 (Nº 12), p. 105-120. DOI: 10.3917/sdes.012.0105. Disponível em: <https://www.cairn.info/revue-sens-dessous-2013-2-page-105.htm>
- BÍBLIA SAGRADA. 1ª Epístola de São Pedro. Português. In: Bíblia Sagrada. Tradução do Padre Antônio Pereira de Figueiredo. São Paulo: Sivadí Editorial, 1979. p.1075.
- BRUXA. In: Michaelis, Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa: Melhoramentos, 2021. Disponível em: <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/bruxa/>. Acesso em: 11 de outubro de 2021.
- CARTER, Angela. *103 Contos de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- COELHO, Nelly Novaes. *Literatura infantil: teoria, análise, didática*. 1ª edição. São Paulo: Moderna, 2000.
- _____. *O conto de fadas: símbolos - mitos - arquétipos*. 4ª edição. São Paulo: Paulinas, 2012.
- CORSO, Diana Litchenstein; CORSO, Mário. *Fadas no divã: Psicanálise nas histórias infantis*. Porto Alegre: Artmed, 2006.
- CUNHA, Antônio Geraldo da. *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 4ª edição revista e atualizada de acordo com a nova ortografia. Rio de Janeiro: Lexikon, 2010.
- DARNTON, Robert. *Histórias que os camponeses contam: o significado de mamãe ganso*. In: O grande massacre de gatos, e outros episódios da história cultural francesa. Rio de Janeiro: Edições Graal Ltda, 2001. p.21-101
- DEMERS, Jeanne; GAUVIN, Lise. Autour de la notion de conte écrit : quelques définitions. In : **Études françaises**, volume 12, número 1-2, p. 157–177. 1976
- EURÍPEDES. *Medeia*. Edição bilíngue. São Paulo: Editora 34, 2010.
- FARÈS, Nabile. *L'ogresse dans la littérature orale berbère : littérature orale et anthropologie*. Paris: Karthala, 1994.
- FEDERICI, Silvia. *Calibã e a bruxa: mulheres, corpo e acumulação primitiva*. São Paulo: Elefante, 2017.
- GINZBURG, Carlo. *História Noturna*. São Paulo: Companhia das Letras, 2021.
- GONÇALVES, Ana Cristina Canosa. *Madrastas – do conto de fadas para a vida real*. São Paulo: Iglu, 1998.
- GOTLIB, Nádia Batella. *Teoria do conto*. São Paulo: Ática, 1990.

GRIMM, Jacob; GRIMM, Wilhelm. Os doze irmãos. Disponível em: [https://pt.wikisource.org/wiki/Contos de Grimm/Os doze irm%C3%A3os](https://pt.wikisource.org/wiki/Contos_de_Grimm/Os_doze_irm%C3%A3os). Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

GUIMARÃES, Rosângela Maria Oliveira. A princesa Elisa e o seu julgamento como feiticeira. In: **Revista USP**, São Paulo, n.65, p.120-124, março-maio 2005.

HANCIAU, Núbia. A feiticeira no imaginário ficcional das Américas. Rio Grande: Ed. da FURG, 2004.

HUBBS, Joanna. *Mother Russia: The feminine myth in Russian culture*. Bloomington: Indiana University Press, 1993. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=fVQz3I4FCWUC&printsec=frontcover&dq=Mother+Russia:+The+Feminine+Myth+in+Russian+Culture&hl=fr&sa=X&redir_esc=y#v=onepage&q=Mother%20Russia%3A%20The%20Feminine%20Myth%20in%20Russian%20Culture&f=false. Acesso em: 15 de dezembro de 2021.

HUECK, Karin. *O lado sombrio dos contos de fadas: As origens sangrentas das histórias infantis*. São Paulo: Abril, 2017.

HUTTON, Ronald. *Grimório das bruxas*. Rio de Janeiro: DarkSide Books, 2021.

JEAN, Georges. *Le pouvoir des contes*. Paris: Casterman, 1981.

JOHNS, Andreas. *Baba Yaga: The Ambiguous Mother and Witch of the Russian Folktale*. New York: Peter Lang Publishing, Inc., 2004.

KRAMER, Heinrich; SPRENGER, James. *O Martelo das Feiticeiras*. 5ª edição. Rio de Janeiro : Best Bolso, 2020.

MAINIL, Jean. Persinette en Allemagne : le corpus « purement allemand pour sa naissance et sa mise en forme » des frères Grimm. In : **Féeries [en ligne]**. 9 | 2012. Páginas 29-54. Disponível em : <http://journals.openedition.org/feeries/817>. Acesso em: 28 de outubro de 2021.

MARÂTRE. In : LE ROBERT POCHE plus. Paris, 2016.

MENDES, Mariza Bianconcini Teixeira. *Em busca dos contos perdidos, O significado das funções femininas nos contos de Perrault*. São Paulo: Editora UNESP, 1999.

MEREGE, Ana Lúcia. *Os contos de fadas: origens, história e permanência no mundo moderno*. São Paulo: Claridade, 2010.

MICHELET, Jules. *La sorcière*. Paris : Gallimard, 2016.

MICHELLI, Regina. Embates e enlaces do feminino em contos de Grimm. In: **Darandina Revisteletrônica**, v. 2, p. 1-13, 2009. Disponível em: <https://www.ufjf.br/darandina/files/2010/01/Regina-Silva-Michelli.pdf>. Acesso em: 9 de dezembro de 2021.

_____. O mal na representação do feminino em contos de Charles Perrault e dos irmãos Grimm. In: **Tramas e sentidos na Literatura Infantil e Juvenil**. Rio de Janeiro: Dialogarts. p. 144-197. 2019. Disponível em: http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_literatura/livro_tramas_e_sentidos.pdf. Acesso em: 8 de dezembro de 2021.

_____. Contos do “era uma vez”: O feminino e o masculino na literatura infantil da tradição. In: **(Re)Visões do maravilhoso e do fantástico nas interfaces da literatura infantil**

e juvenil: Sempre há uma vez... Rio de Janeiro: Dialogarts. p.155-168. 2015. Disponível em: [http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_literatura/Revisoes do Maravilhoso.pdf](http://www.dialogarts.uerj.br/admin/arquivos_tfc_literatura/Revisoes_do_Maravilhoso.pdf). Acesso em: 6 de janeiro de 2022.

PERRAULT, Charles. *Contos da mãe gansa ou histórias do tempo antigo*. São Paulo: Cosac & Naify. 1ª edição, 2015

PERROT, Michelle. *Minha história das mulheres*. São Paulo: Contexto, 2007.

PILINOVSKY, Helen. Baba Iaga. In: **Folktales and Fairy Tales – Traditions and texts from around the world, revised and expanded**. 2ª edição. Volume I: A-F. Greenwood. Santa Barbara. 2016.

PROPP, Vladimir. *Morfologia do conto maravilhoso*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2006.

RUSSELL, Jeffrey B.; ALEXANDER, Brooks. *História da Bruxaria*. 2ª edição. São Paulo: Aleph, 2019.

SIMONSEN, Michèle. *Le conte populaire français*, Paris : PUF, 1981.

SIMONSEN, Michèle. *O conto popular*. São Paulo: Livraria Martins Fontes, 1987.

SMITH, William. *Dictionary of Greek and Roman Biography and Mythology*. Vol. III. Londres. Johan Murray. 1872. Disponível em: https://books.google.com.br/books?id=aA9QAAAACAAJ&printsec=frontcover&hl=fr&source=gbg_summary_r&cad=0#v=onepage&q&f=false. Acesso em: 27 de agosto de 2021.

TATAR, Maria. *Contos de Fadas: Edição Comentada e Ilustrada*. 2ª edição. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.

TODOROV, Tzvetan. *Introdução a literatura fantástica*. São Paulo: Perspectiva, 2017.

VON FRANZ, Marie-Louise. *La femme dans les contes de fées*. Paris: Albin Michel, 1993.

_____. *A sombra e o mal nos contos de fadas*. 2 ed. São Paulo: Paulus, 2020.

WARNER, Marina. *Da fera à loira: sobre contos de fadas e seus narradores*. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

6 ANEXOS

6.1. CINDERELA OU O SAPATINHO DE VIDRO

Charles Perrault

Era uma vez um fidalgo que se casou em segundas núpcias com a mulher mais soberba e mais orgulhosa que já se viu. Ela tinha duas filhas de temperamento igual ao seu, sem tirar nem pôr. O marido, por seu lado, tinha uma filha que era a doçura em pessoa e de uma bondade sem par. Nisso saíra à mãe, que tinha sido a melhor criatura do mundo.

Assim que o casamento foi celebrado, a madrasta começou a mostrar seu mau gênio. Não tolerava as boas qualidades da enteada, que faziam suas filhas parecerem ainda mais detestáveis. Encarregava-a dos serviços mais grosseiros da casa. Era a menina que lavava as vasilhas e esfregava as escadas, que limpava o quarto da senhora e os das senhoritas suas filhas. Quanto a ela, dormia no sótão, numa mísera enxerga de palha, enquanto as irmãs ocupavam quartos atapetados, em camas da última moda e espelhos onde podiam se ver da cabeça aos pés.

A pobre menina suportava tudo com paciência. Não ousava se queixar ao pai, que a teria repreendido, porque era sua mulher quem dava as ordens na casa. Depois que terminava seu trabalho, Cinderela se metia num canto junto à lareira e se sentava no meio das cinzas. Por isso, todos passaram a chamá-la Gata Borralheira. Mas a caçula das irmãs, que não era tão estúpida quanto a mais velha, começou a chamá-la Cinderela. No entanto, apesar das roupas suntuosas que as filhas da madrasta usavam, Cinderela, com seus trapinhos, parecia mil vezes mais bonita que elas.

Ora, um dia o filho do rei deu um baile e convidou todos os figurões do reino – nossas duas senhoritas entre os convidados, pois desfrutavam de certo prestígio. Elas ficaram entusiasmadas e ocupadíssimas, escolhendo as roupas e os penteados que lhes caíam melhor. Mais um sofrimento para Cinderela, pois era ela que tinha de passar a roupa branca das irmãs e engomar seus babados. O dia inteiro as duas só falavam do que iriam vestir.

“Acho que vou usar meu vestido de veludo vermelho com minha renda inglesa”, disse a mais velha,

“Só tenho minha saia de todo dia para vestir, mas, em compensação, vou usar meu mantô com flores douradas e meu broche de diamantes, que não é de se jogar fora.”

Mandaram chamar o melhor cabeleireiro das redondezas, para levantar-lhes os cabelos em duas torres de caracóis, e mandaram comprar moscas do melhor fabricante. Chamaram Cinderela para pedir sua opinião, pois sabiam que tinha bom gosto. Cinderela deu os melhores

conselhos possíveis e até se ofereceu para penteá-las. Elas aceitaram na hora. Enquanto eram penteadas, lhe perguntavam:

“Cinderela, você gostaria de ir ao baile?”

“Pobre de mim! As senhoritas estão zombando. Isso não é coisa que convenha.”

“Tem razão, todo mundo riria um bocado se visse uma Gata Borralheira indo ao baile.”

Qualquer outra pessoa teria estragado seus penteados, mas Cinderela era boa e penteou-as com perfeição. As irmãs ficaram quase dois dias sem comer, tal era seu alvoroço. Arreventaram mais de uma dúzia de corpetes de tanto apertá-los para afinar a cintura, e passavam o dia inteiro na frente do espelho.

Enfim o grande dia chegou. Elas partiram, e Cinderela seguiu-as com os olhos até onde pôde. Quando sumiram de vista, começou a chorar. Sua madrinha, que a viu em prantos, lhe perguntou o que tinha: “Eu gostaria tanto de... eu gostaria tanto de...” Cinderela soluçava tanto que não conseguia terminar a frase.

A madrinha, que era fada, disse a ela: “Você gostaria muito de ir ao baile, não é?”

“Ai de mim, como gostaria”, Cinderela disse, suspirando fundo.

“Pois bem, se prometer ser uma boa menina eu a farei ir ao baile.”

A fada madrinha foi com Cinderela até o quarto dela e lhe disse:

“Desça ao jardim e traga-me uma abóbora.”

Cinderela colheu a abóbora mais bonita que pôde encontrar e a levou para a madrinha. Não tinha a menor ideia de como aquela abóbora poderia fazê-la ir ao baile. A madrinha escavou a abóbora até sobrar só a casca. Depois bateu nela com sua varinha e no mesmo instante a abóbora foi transformada numa bela carruagem toda dourada. Em seguida foi espiar a armadilha para camundongos, onde encontrou seis camundongos ainda vivos. Disse a Cinderela que levantasse um pouquinho a portinhola da armadilha. Em cada camundongo que saía dava um toque com sua varinha, e ele era instantaneamente transformado num belo cavalo; formaram-se assim três belas parelhas de cavalos de um bonito cinza camundongo rajado. E vendo a madrinha confusa, sem saber do que fazia um cocheiro, Cinderela falou: “Vou ver se acho um rato na ratoeira. Podemos transformá-lo em cocheiro.”

“Boa ideia”, disse a madrinha, “vá ver.”

Cinderela então trouxe a ratoeira, onde havia três ratos graúdos. A fada escolheu um dos três, por causa dos seus bastos bigodes, e, tocando-o, transformou-o num corpulento cocheiro, bigodudo como nunca se viu. Em seguida ordenou a Cinderela: “Vá ao jardim, e encontrará seis lagartos atrás do regador. Traga-os para mim.”

Assim que ela os trouxe, a madrinha os transformou em seis lacaios, que num segundo subiram atrás da carruagem com suas librés, e ficaram ali empoleirados, como se nunca tivessem feito outra coisa na vida. A fada se dirigiu então a Cinderela: “Pronto, já tem como ir ao baile. Não está contente?”

“Estou, mas será que vou assim, tão maltrapilha?” Bastou que a madrinha a tocasse com sua varinha, e no mesmo instante suas roupas foram transformadas em trajes de brocado de ouro e prata incrustados de pedrarias. Depois ela lhe deu um par de sapatinhos de vidro, os mais lindos do mundo.

Deslumbrante, Cinderela montou na carruagem. Mas sua madrinha lhe recomendou, acima de tudo, que não passasse da meia-noite, advertindo-a de que, se continuasse no baile um instante a mais, sua carruagem viraria de novo abóbora, seus cavalos camundongos, seus lacaios lagartos, e ela estaria vestida de novo com as roupas esfarrapadas de antes. Cinderela prometeu à madrinha que não deixaria de sair do baile antes da meia-noite.

Então partiu, não cabendo em si de alegria. O filho do rei, a quem foram avisar que acabara de chegar uma princesa que ninguém conhecia, correu para recebê-la; deu-lhe a mão quando ela desceu da carruagem e conduziu-a ao salão onde estavam os convidados. Fez-se então um grande silêncio; todos pararam de dançar e os violinos emudeceram, tal era a atenção com que contemplavam a grande beleza da desconhecida. Só se ouvia um murmúrio confuso: “Ah, como é bela!”

O próprio rei, apesar de bem velhinho, não se cansava de fitá-la e de dizer bem baixinho para a rainha que fazia muito tempo que não via uma pessoa tão bonita e tão encantadora. Todas as damas puseram-se a examinar cuidadosamente seu penteado e suas roupas, para tratar de conseguir iguais já no dia seguinte, se é que existiam tecidos tão lindos e costureiras tão habilidosas.

O filho do rei conduziu Cinderela ao lugar de honra e em seguida a convidou para dançar: ela dançou com tanta graça que a admiraram ainda mais. Foi servida uma magnífica ceia, de que o príncipe não comeu, tão ocupado estava em contemplar Cinderela. Ela então foi se sentar ao lado das irmãs, com quem foi gentilíssima, partilhando com elas as laranjas e os limões que o príncipe lhe dera, o que as deixou muito espantadas, pois não a reconheceram. Estavam assim conversando quando Cinderela ouviu soar um quarto para a meia-noite. No mesmo instante fez uma grande reverência para os convidados e partiu chispando.

Assim que chegou em casa foi procurar a madrinha. Depois de lhe agradecer, disse que gostaria muito de ir de novo ao baile do dia seguinte, pois o filho do rei a convidara. Enquanto estava entretida em contar à madrinha tudo o que acontecera no baile, as duas irmãs bateram à porta; Cinderela foi abrir.

“Como demoraram a chegar!” disse, bocejando, esfregando os olhos e se espreguiçando como se tivesse acabado de acordar; na verdade não sentira nem um pingo de sono desde que as deixara. “Se você tivesse ido ao baile”, disse-lhe uma das irmãs, “não teria se entediado: esteve lá uma bela princesa, a mais bela que se possa imaginar; gentilíssima, nos deu laranjas e limões.”

Cinderela ficou radiante ao ouvir essas palavras. Perguntou o nome da princesa, mas as irmãs responderam que ninguém a conhecia e que até o príncipe estava pasmo. Ele daria qualquer coisa para saber quem era ela. Cinderela sorriu e lhes disse: “Então ela era mesmo bonita? Meu Deus, que sorte vocês tiveram! Ah, seu eu pudesse vê-la também! Que pena! Senhorita Javotte, pode me emprestar aquele seu vestido amarelo que usa todo dia?”

“Com certeza”, respondeu a senhorita Javotte, “vou fazer isso já, já! Emprestar meu vestido para uma Gata Borralheira asquerosa como esta, só se eu estivesse completamente louca.” Cinderela já esperava essa recusa, que a deixou muito satisfeita; teria ficado terrivelmente embaraçada se a irmã tivesse lhe emprestado o vestido.

No dia seguinte as duas irmãs foram ao baile, e Cinderela também, mas ainda mais magnificamente trajada que da primeira vez. O filho do rei ficou todo o tempo junto dela e não parou de lhe sussurrar palavras doces. A jovem estava se divertindo tanto que esqueceu o conselho de sua madrinha. Assim foi que escutou soar a primeira badalada da meia-noite quando imaginava que ainda fossem onze horas: levantou-se e fugiu, célere como uma corça. O príncipe a seguiu, mas não conseguiu alcançá-la. Ela deixou cair um dos seus sapatinhos de vidro, que o príncipe guardou com todo cuidado.

Cinderela chegou em casa sem fôlego, sem carruagem, sem lacaios e com seus andrajos; não lhe restara nada de todo o seu esplendor senão um pé dos sapatinhos, o par do que deixara cair.

Perguntaram aos guardas da porta do palácio se não tinham visto uma princesa deixar o baile. Responderam que não tinham visto ninguém sair, a não ser uma mocinha muito malvestida, que mais parecia uma camponesa que uma senhorita.

Quando suas duas irmãs voltaram do baile, Cinderela perguntou-lhes se tinham se divertido novamente, e se a bela dama lá estivera. Responderam que sim, mas que fugira ao

toque da décima segunda badalada, e tão depressa que deixara cair um de seus sapatinhos de vidro, o mais lindo do mundo. Contaram que o filho do rei o pegara, e que não fizera outra coisa senão contemplá-lo pelo resto do baile. Tinham certeza de que ele estava completamente apaixonado pela linda moça, a dona do sapatinho.

Diziam a verdade, porque, poucos dias depois, o filho do rei mandou anunciar ao som de trompas que se casaria com aquela cujo pé coubesse exatamente no sapatinho. Seus homens foram experimentá-lo nas princesas, depois nas duquesas, e na corte inteira, mas em vão. Levaram-no às duas irmãs, que não mediram esforços para enfiarem seus pés nele, mas sem sucesso. Cinderela, que as observava, reconheceu seu sapatinho e disse, sorrindo: “Deixem-me ver se fica bom em mim.” As irmãs começaram a rir e a caçoar dela. Mas o fidalgo que fazia a prova do chinelo olhou atentamente para Cinderela e, achando-a belíssima, disse que o pedido era justo e que ele tinha ordens de experimentá-lo em todas as moças.

Pediu a Cinderela que se sentasse. Levou o sapato até seu pezinho e viu que cabia perfeitamente, como um molde de cera. O espanto das duas irmãs foi grande, mas maior ainda quando Cinderela tirou do bolso o outro sapatinho e o calçou. Nesse instante chegou a madrinha e, tocando com sua varinha os trapos de Cinderela, transformou-os de novo nas mais magníficas de todas as roupas.

As duas irmãs perceberam então que era ela a bela jovem que tinham visto no baile. Jogaram-se aos seus pés para lhe pedir perdão por todos os maus-tratos que a tinham feito sofrer. Cinderela perdoou tudo e, abraçando-as, pediu que continuassem a lhe querer bem.

Levaram Cinderela até o príncipe, suntuosamente vestida como estava. Ela lhe pareceu mais bela que nunca e poucos dias depois estavam casados. Cinderela, que era tão boa quanto bela, instalou as duas irmãs no palácio e as casou no mesmo dia com dois grandes senhores da corte.

MORAL

*É um tesouro para a mulher a formosura,
Que nunca nos fartamos de admirar.
Mas aquele dom que chamamos doçura
Tem um valor que não se pode estimar.
Foi isso que Cinderela aprendeu com a madrinha,
Que a educou e instruiu com um zelo tal,
Que um dia, finalmente, dela fez uma rainha.*

*(Pois também deste conto extraímos uma moral.)
Beldades, ela vale mais do que roupas enfeitadas.
Para ganhar um coração, chegar ao fim da batalha,
A doçura é que é a dádiva preciosa das fadas.
Adorne-se com ela, pois que esta virtude não falha.*

OUTRA MORAL

*É por certo grande vantagem
Ter espírito, valor, coragem,
Um bom berço, algum bom senso –
Talentos que tais ajudam imenso.
São dons do Céu que esperança infundem.
Mas seus préstimos por vezes iludem,
E teu progresso não vão facilitar,
Se não tiveres, em teu labutar,
Padrinho ou madrinha a te empurrar.*

Retirado de: TATAR, Maria. Contos de Fadas: Edição Comentada e Ilustrada. 2ª edição. Rio de Janeiro. Zahar. 2013. (páginas 47-59)

6.2. JOÃO E MARIA

Jacob e Wilhelm Grimm

Perto de uma grande floresta, vivia um pobre lenhador com sua mulher e dois filhos. O menininho chamava-se João e a menina chamava-se Maria. Nunca havia muito que comer na casa deles, e, durante um período de fome, o lenhador não conseguiu mais levar pão para casa. À noite ele ficava na cama aflito, remexendo-se e revirando-se em seu desespero. Com um suspiro, disse para sua mulher: “O que vai ser de nós? Como podemos cuidar de nossos pobres filhinhos quando não há comida bastante nem para nós dois?”

“Ouça-me”, sua mulher respondeu. “Amanhã, ao romper da aurora, vamos levar as crianças até a parte mais profunda da floresta. Faremos uma fogueira para elas e daremos uma crosta de pão para cada uma. Depois vamos tratar dos nossos afazeres, deixando-as lá sozinhas. Nunca encontrarão o caminho de volta para casa e ficaremos livres delas.”

“Oh, não!” disse o marido. “Não posso fazer isso. Quem teria coragem de deixar essas crianças sozinhas na mata quando animais selvagens vão com certeza encontrá-las e esfaqueá-las?”

“Seu bobo”, ela respondeu. “Nesse caso vamos os quatro morrer de fome. É melhor você começar a lixar as tábuas para os nossos caixões.”

A mulher não deu ao marido um minuto de sossego até que ele consentiu no plano dela. “Mesmo assim, sinto pena das pobres crianças”, ele disse.

As crianças também não tinham conseguido dormir, porque estavam famintas, e ouviram tudo que a madrasta dizia ao pai. Maria chorou inconsolavelmente e disse a João: “Bem, agora estamos mortos.”

“Fique sossegada, Maria”, disse João, “pare de se preocupar. Vou descobrir uma saída.”

Depois que os dois adultos tinham adormecido, João se levantou, vestiu seu paletozinho, abriu a parte de baixo da porta e escapuliu. A lua resplandecia e os seixos brancos em frente à casa cintilavam como moedas de prata. João se abaixou e pôs tantos quanto pôde no bolso do paletó. Foi então até Maria e disse: “Não se aflija, irmãzinha. Vá dormir. Deus não haverá de nos abandonar.” E voltou para a cama.

Ao raiar do dia, pouco antes do nascer do sol, a madrasta se aproximou e acordou as duas crianças. “Levantem, seus preguiçosos, vamos à floresta apanhar um pouco de lenha.”

A madrasta deu a cada criança um pedaço de pão dormido e disse: “Aqui está alguma coisa para o almoço. Mas não comam antes da hora, porque não terão mais nada.”

Maria pôs o pão no avental, porque João tinha o bolso do paletó cheio de seixos. Partiram todos juntos pela trilha que penetrava na floresta. Depois que tinham caminhado um pouco, João parou e olhou para trás na direção da casa, e vez por outra fazia isso de novo. Seu pai disse: “João, porque a toda hora você para e olha? Preste atenção e não se esqueça de que tem pernas para andar.”

“Ah, pai”, João respondeu. “Estou olhando para trás para ver meu gatinho branco, que está sentado no telhado tentando me dizer adeus.”

A mulher disse: “Seu bobo, aquilo não é o seu gatinho. São os raios do sol refletindo na chaminé.”

Mas João não tinha olhado para nenhum gatinho. Tinha pegado os seixos cintilantes de seu bolso e deixado-os cair no chão. Ao chegarem no meio da floresta, o pai falou: “Vão catar um pouco de lenha, crianças. Vou fazer uma fogueira para vocês não sentirem frio.”

João e Maria juntaram uma pequena pilha de gravetos e fizeram fogo. Quando as chamas estavam altas o bastante, a mulher disse: “Deitem-se junto do fogo, crianças, e procurem descansar um pouco. Vamos voltar à floresta para cortar alguma lenha. Assim que acabarmos, viremos buscá-los.”

João e Maria sentaram-se perto do fogo. Ao meio-dia comeram suas crostas de pão. Como podiam ouvir os golpes de um machado, estavam certos de que o pai andava por perto. Mas não era um machado que estavam ouvindo, era um galho que o pai prendera numa árvore morta e que o vento fazia bater para cá e para lá. Ficaram sentados ali por tanto tempo que seus olhos se fecharam de exaustão, e adormeceram profundamente. Quando acordaram, estava escuro como breu. Maria começou a chorar, dizendo: “Nunca vamos conseguir sair desta floresta!”

João a consolou: “Espere um pouquinho, a lua vai nos ajudar. Então vamos encontrar o caminho de volta.”

Sob a luz do luar, João pegou a irmã pela mão e foi seguindo os seixos, que tremeluziam como moedas novas e apontavam o caminho de casa para eles. Caminharam a noite inteira e chegaram à casa do pai exatamente ao romper da aurora. Bateram à porta, e quando a mulher abriu e viu que eram João e Maria, disse: “Suas crianças malvadas! Por que ficaram dormindo esse tempo todo na mata? Pensamos que nunca voltariam.”

O pai ficou radiante, porque não gostara nada de ter abandonado os filhos na floresta. Pouco tempo depois, cada cantinho do país foi castigado pela fome, e uma noite as crianças ouviram o que a madrasta dizia a seu pai quando já estavam na cama. “Já comemos tudo que tínhamos de novo. Só sobrou a metade de um pão, e quando isso acabar estamos liquidados. As crianças têm que ir embora. Desta vez, vamos levá-las para o coração da floresta, de modo que não consigam encontrar uma saída. Caso contrário, não há esperança para nós.”

Tudo aquilo deixou o coração do marido apertado, e ele pensou: “Seria melhor que você partilhasse a última cõdea de pão com as crianças.” Mas a mulher não dava ouvidos a nada que ele dizia. Não fazia outra coisa senão ralhar e censurar. Cesteiro que faz um cesto, faz um cento, e como ele cedera na primeira vez, teve de ceder também numa segunda vez.

As crianças ainda estavam acordadas e ouviram a conversa toda. Depois que os pais adormeceram, João se levantou e quis ir catar uns seixos como fizera antes, mas a mulher tinha trancado a porta e ele não pôde sair. João consolou a irmã, dizendo: “Não chore, Maria. Trate só de dormir um pouco. O bom Deus vai nos proteger.”

Bem cedo na manhã seguinte a mulher veio e acordou as crianças. Cada uma ganhou um pedaço de pão, desta vez menor ainda que da outra. No caminho para a mata, João amassou o pão em seu bolso e, volta e meia, parava para espalhar migalhas no chão.

“João, por que está parando tanto?” perguntou o pai. “Não pare de caminhar.”

“Estava olhando para o meu pombinho, aquele que está pousado no telhado e tentando me dizer adeus”, João respondeu.

“Seu bobo”, disse a mulher. “Aquilo não é o seu pombinho. São os raios do sol da manhã refletindo na chaminé.”

Aos pouquinhos, João havia espalhado todas as migalhas pelo caminho.

A mulher levou as crianças ainda mais para o fundo da floresta, para um lugar onde nunca tinham estado antes. Mais uma vez fez-se uma grande fogueira, e a madrasta disse: “Não se afastem daqui, meninos. Se ficarem cansados, podem dormir um pouco. Vamos entrar na floresta para cortar um pouco de lenha. À tarde, quando tivermos acabado, viremos pegá-los.”

Era meio-dia e Maria dividiu seu pão com João, que havia espalhado as migalhas do dele pelo caminho. Depois adormeceram. A tarde passou, mas ninguém foi buscar as pobres crianças. Acordaram quando estava escuro como breu, e João consolou a irmã dizendo: “Espere um pouquinho, Maria, a lua vai nos ajudar. Então vamos poder ver as migalhas de pão que espalhei pelo caminho. Elas vão apontar o caminho de casa para nós.”

Sob a luz do luar, os dois partiram, mas não conseguiram encontrar as migalhas porque os milhares de pássaros que voam por toda parte na floresta e pelos campos as tinham comido. João disse a Maria: “Vamos encontrar o caminho de casa.” Mas não conseguiram encontrá-lo. Caminharam a noite inteira e depois o dia seguinte inteiro, desde a manhãzinha até tarde da noite. Tudo em vão: não acharam um caminho para sair da floresta e foram ficando cada vez com mais fome, pois não encontraram nada para comer além de umas amoras espalhadas pelo chão. Como suas pernas estavam bambas de tanto cansaço, deitaram-se embaixo de uma árvore e adormeceram.

Fazia três dias que tinham deixado a casa do pai. Começaram a andar de novo, mas só faziam se embrenhar cada vez mais na mata. Se não conseguissem uma ajuda logo, com certeza morreriam. Ao meio-dia, viram um lindo pássaro, branco como a neve, empoleirado num galho. Cantava tão docemente que pararam para ouvi-lo. Terminado seu canto, o pássaro bateu asas e foi voando à frente de João e Maria. Eles o seguiram até que chegaram a uma casinha, e o pássaro foi pousar lá no alto do telhado. Quando chegaram mais perto da casa, perceberam que era feita de pão, e que o telhado era de bolo e as janelas de açúcar cintilante.

“Vamos ver que gosto tem”, disse João. “Que o Senhor abençoe nossa refeição. Vou provar um pedacinho do telhado, Maria, e você pode experimentar a janela. Só pode ser doce.” João ergueu o braço e quebrou um pedacinho do telhado para ver que gosto tinha. Maria debruçou-se sobre a janela e deu uma mordidinha. De repente, uma voz suave chamou lá de dentro:

“Ouço um barulhinho engraçado.

Quem está roendo o meu telhado?”

As crianças responderam:

“É o vento, leve e ligeiro,

Que sopra no seu terreiro.”

Continuaram comendo, sem a menor cerimônia. João, que gostou do sabor do telhado, arrancou um grande pedaço dele, e Maria derrubou uma vidraça inteira e sentou-se no chão para saboreá-la. De repente a porta se abriu e uma mulher velha como Matusalém, apoiada numa muleta, saiu coxeando da casa. João e Maria ficaram tão apavorados que deixaram cair tudo o que tinham nas mãos. A velha sacudiu a cabeça e disse: “Olá, queridas crianças. Digam-me, como conseguiram chegar até aqui? Mas, entrem, entrem, poderão ficar comigo. Nada de mal vai lhes acontecer na minha casa.”

Pegou-os pela mão e levou-os para dentro de sua casinha. Uma bela refeição de leite e panquecas, com açúcar, maçãs e castanhas, foi posta diante deles. Um pouco mais tarde, duas bonitas caminhas, com lençóis brancos, foram arrumadas para eles. João e Maria se deitaram e tiveram a impressão de estar no céu.

A velha estava só fingindo ser bondosa. Na verdade, era uma bruxa malvada, que atacava crianças e tinha construído a casa de pão só para atraí-las. Assim que uma criança caía nas suas mãos, ela a matava, cozinhava e comia. Para ela, isso era um verdadeiro banquete. As bruxas têm olhos vermelhos e não conseguem enxergar muito longe, mas, como os animais, têm um olfato muito apurado e sempre sabem quando há um ser humano por perto. Quando sentiu João e Maria se aproximando, a velha riu cruelmente e siciou: “Estão no papo! Desta vez não vão escapar!” De manhã bem cedo, antes de as crianças se levantarem, ela saiu da cama e contemplou os dois a dormir tranquilamente com suas macias bochechas vermelhas. Murmurou baixinho consigo: “Vão dar um petisco muito gostoso.”

Agarrou João com seu braço magricela, levou-o para um pequeno galpão e o trancou atrás da porta gradeada. João poderia gritar o quanto quisesse que não adiantaria nada. Depois foi até Maria, sacudiu-a até que acordasse, e gritou: “De pé, sua preguiçosa. Vá buscar água e cozinhar

alguma coisa gostosa para seu irmão. Ele ficará lá fora no telheiro até ganhar um pouco de peso. Quando estiver gordo e bonito, vou comê-lo.”

Maria começou a chorar o mais alto que pôde, mas não adiantou nada. Teve de fazer tudo que a bruxa lhe mandava. A comida mais deliciosa foi preparada para o pobre João; para Maria, só sobraram as cascas dos caranguejos. Toda manhã a velha ia furtivamente até o pequeno galpão e gritava: “Mostre o dedo, João, para eu ver se você já está gorducho!”

João então enfiava um ossinho por entre as grades, e a velha, que tinha a vista fraca, acreditava que era o dedo do menino e não conseguia entender por que ele não estava engordando. Depois de quatro semanas e João continuando magrelo como sempre, ela perdeu a paciência e resolveu que não podia esperar mais. “Maria!” gritou para a menina. “Vá apanhar água, e depressa. Pouco se me dá se o João está magro ou gordo. Amanhã vou acabar com ele e depois vou cozinhá-lo.”

A pobre irmãzinha soluçou de aflição, as lágrimas correndo pelas faces. “Ó meu Deus, ajude-nos!” exclamou. “Se pelo menos os animais selvagens da floresta tivessem nos comido, teríamos morrido juntos.”

“Poupe-me da sua choradeira!” disse a velha. “Nada pode ajudá-la agora.”

De manhã cedo, Maria teve de ir encher o caldeirão e acender o fogo. “Primeiro tenho que assar pão”, a velha disse. “Já aqueci o forno e sovei a massa.”

Então empurrou Maria na direção do forno, que cuspiam labaredas. “Engatinhe até lá dentro”, disse a bruxa, “e veja se está quente o bastante para eu enfiar o pão.”

O que a bruxa estava planejando era fechar a porta assim que Maria se metesse dentro do forno. Depois iria assá-la e comê-la também. Maria percebeu o que ela estava tramando e disse: “Não sei como fazer para entrar ali. Como vou conseguir?”

“Sua pateta”, disse a velha. “Há espaço de sobra. Veja, até eu consigo entrar”, e ela trepou no forno e enfiou a cabeça dentro dele. Maria lhe deu um grande empurrão que a fez cair estatelada. Então fechou e aferrolhou a porta de ferro. Ufa! A bruxa começou a soltar guinchos medonhos. Mas Maria fugiu e a bruxa perversa morreu queimada de uma maneira horrível.

Maria correu para junto de João, abriu a porta do pequeno galpão e gritou: “João, estamos salvos! A bruxa velha morreu.”

Como um passarinho fugindo da gaiola, João voou porta afora, assim que ela se abriu. Que emoção os dois sentiram: abraçaram-se e beijaram-se e pularam de alegria! Como não havia mais nada a temer, foram direto para a casa da bruxa. Em todos os cantos havia baús

cheios de pérolas e joias. “Estas aqui são melhores ainda que seixos”, disse João e meteu nos bolsos o que podia.

Maria juntou-se a ele: “Vou levar alguma coisa para casa também.” E encheu seu aventalzinho.

“Vamos embora agora mesmo”, disse João. “Temos que sair desta floresta de bruxa.”

Após andar por várias horas, deram com um rio muito largo. “Não vamos conseguir atravessar”, disse João. “Não estou vendo nenhuma ponte.”

“Também não há nenhum barco por aqui”, notou Maria, “mas ali vem uma pata branca. Ela vai nos ajudar a atravessar, se eu pedir.”

Gritou:

“Ajude-nos, ajude-nos, patinha,

Que a sorte nos abandonou.

Não vemos ponte nem canoinha,

Só o seu socorro nos sobrou.”

Lá veio a pata, patinhando. João subiu nas suas costas e chamou a irmã para se sentar na garupa. “Não”, disse Maria, “seria uma carga pesada demais para a patinha. Ela pode nos levar um de cada vez.”

Foi exatamente o que a boa criaturinha fez. Depois que chegaram sãos e salvos do outro lado e caminharam por algum tempo, a mata começou a lhes parecer cada vez mais familiar. Finalmente avistaram a casa do pai lá longe. Começaram a correr e entraram em casa numa disparada, abraçando o pai. O homem tinha passado maus momentos desde que abandonara os filhos na floresta. Sua mulher tinha morrido. Maria esvaziou seu avental, e pérolas e joias rolaram por todo o piso. João enfiou as mãos nos bolsos e tirou um punhado de joias depois do outro. Suas aflições tinham terminado e eles viveram juntos em perfeita felicidade.

Minha história terminou. Entrou por uma porta, saiu pela outra, quem quiser que conte outra.

Retirado de: TATAR, Maria. Contos de Fadas: Edição Comentada e Ilustrada. 2ª edição. Rio de Janeiro. Zahar. 2013. (páginas 62-73)

6.3.BRANCA DE NEVE

Jacob e Wilhelm Grimm

Era uma vez uma rainha. Um dia, no meio do inverno, quando flocos de neve grandes como plumas caíam do céu, ela estava sentada a costurar, junto de uma janela com uma moldura de ébano. Enquanto costurava, olhou para a neve e espetou o dedo com a agulha. Três gotas de sangue caíram sobre a neve. O vermelho pareceu tão bonito contra a neve branca que ela pensou: “Ah, se eu tivesse um filhinho branco como a neve, vermelho como o sangue e tão negro como a madeira da moldura da janela.” Pouco tempo depois, deu à luz uma menininha que era branca como a neve, vermelha como o sangue e negra como o ébano. Chamaram-na Branca de Neve. A rainha morreu depois do nascimento da criança.

Um ano mais tarde seu marido, o rei, casou-se com outra mulher. Era uma dama belíssima, mas orgulhosa e arrogante, e não podia suportar a ideia de que alguém fosse mais bonita que ela. Possuía um espelho mágico e, sempre que ficava diante dele para se olhar, dizia:

“Espelho, espelho meu,

Existe outra mulher mais bela do que eu?”

E o espelho sempre respondia:

“Não, minha Rainha, sois de todas a mais bela.”

Então ela ficava feliz, pois sabia que o espelho sempre dizia a verdade. Branca de Neve estava crescendo e, a cada dia que passava, ficava mais bonita. Quando chegou aos sete anos, havia se tornado tão bonita quanto o dia e mais bonita que a própria rainha. Um dia a rainha perguntou ao espelho:

“Espelho, espelho meu,

Existe outra mulher mais bela do que eu?”

O espelho respondeu:

“Ó minha Rainha, sois muito bela ainda,

Mas Branca de Neve é mil vezes mais linda.”

Ao ouvir estas palavras a rainha pôs-se a tremer, e seu rosto ficou verde de inveja. Desse momento em diante, odiou Branca de Neve. Sempre que batia os olhos nela, seu coração ficava frio como uma pedra. A inveja e o orgulho medraram como pragas em seu coração. Dia ou noite, ela não tinha um momento de paz.

Um dia chamou um caçador e disse: “Leve a criança para floresta. Nunca mais quero ver a cara dela. Traga-me seus pulmões e seu fígado como prova de que a matou.”

O caçador obedeceu e levou a menina para a mata, mas no momento exato em que estava puxando sua faca de caça e prestes a mirar seu coração inocente, ela começou a chorar e a suplicar: “Misericórdia, meu bom caçador, poupe minha vida. Prometo correr para dentro da mata e nunca mais voltar.”

Branca de Neve era tão bonita que o caçador teve pena dela e disse: “Então vá, fuja, pobre criança!”

“Os animais selvagens não tardarão a devorá-la”, pensou, mas lhe pareceu seu coração aliviado de um grande peso, pois pelo menos não teria de matar a menina. Naquele instante um filhote de javali passou correndo, e o caçador matou-o a estocadas. Retirou os pulmões e o fígado e os levou para a rainha como prova de que matara a criança. O cozinheiro recebeu instruções de fervê-los na salmoura, e a perversa mulher os comeu, pensando que estava comendo os pulmões e o fígado de Branca de Neve.

A pobre menina foi deixada sozinha na vasta floresta. Estava tão assustada que ficou a olhar para cada folha de cada árvore, sem saber o que fazer. Depois começou a correr, passando sobre pedras pontudas e entre espinheiros. De vez em quando, feras passavam por ela, mas não lhe faziam mal. Ela correu enquanto suas pernas aguentaram. Ao cair da noite, avistou uma cabaninha e entrou para descansar. Todas as coisas na casa eram minúsculas, mas tão caprichadas e limpas que não se podia acreditar. Havia uma mesinha, com sete pratinhos sobre uma toalha branca. Sobre cada pratinho havia uma colher; além disso havia sete faquinhas e garfinhos e sete canequinhas. Contra a parede, sete caminhas lado a lado, todas arrumadas com lençóis brancos como a neve. Branca de Neve estava com tanta fome e com tanta sede que comeu um pouquinho de salada e um bocadinho de pão de cada pratinho e tomou uma gota de vinho de cada canequinha. Não queria tirar tudo de um só. Mais tarde, sentiu-se tão cansada que tentou se deitar numa das camas, mas nenhuma parecia lhe servir. A primeira era comprida demais, a segunda, curta demais, mas a sétima tinha o tamanho certo, e ali ela ficou. Rezou suas orações e adormeceu profundamente.

Era noite fechada lá fora quando os proprietários da cabana retornaram. Eram sete anões que trabalhavam o dia inteiro nas montanhas, garimpando a terra e escavando em busca de minérios. Eles acenderam sete lanterninhas e, quando a cabana se iluminou, viram que alguém passara por ali, pois nem tudo estava como haviam deixado.

O primeiro anão perguntou: “Quem se sentou na minha cadeirinha?”

O segundo perguntou: “Quem comeu do meu pratinho?”

O terceiro perguntou: “Quem comeu o meu pãozinho?”

O quarto perguntou: “Quem comeu minha saladinha?”

O quinto perguntou: “Quem usou o meu garfinho?”

O sexto anão perguntou: “Quem cortou com a minha faquinha?”

E por último o sétimo perguntou: “Quem bebeu da minha canequinha?”

O primeiro anão olhou em volta e viu que seus lençóis estavam amassados e disse: “Quem se deitou na minha caminha?”

Os outros vieram correndo e todos gritaram: “Alguém andou dormindo na minha cama também!”

Quando o sétimo anão olhou para sua caminha, viu Branca de Neve deitada nela, dormindo a sono solto. Gritou para os outros, que foram correndo e ficaram tão assombrados que todos ergueram suas sete lanterninhas para iluminar Branca de Neve.

“Ó céus, ó céus!” todos exclamaram. “Que bela menina!”

Os anões ficam tão encantados com aquela visão que resolveram não acordá-la, deixá-la continuar dormindo em sua caminha. O sétimo anão dormiu uma hora com cada um dos companheiros, até que a noite chegou ao fim.

De manhã Branca de Neve acordou. Quando viu os anões, ficou amedrontada, mas eles foram amáveis, e perguntaram: “Qual é o seu nome?”

“Meu nome é Branca de Neve”, ela respondeu.

“Como conseguiu chegar a esta casa?” eles quiseram saber.

Branca de Neve contou-lhes como sua madrasta havia tentado matá-la e como o caçador poupou sua vida. Contou que corraera o dia inteiro até chegar à cabana deles.

Os anões lhe disseram: “Se quiser cuidar da casa para nós, cozinhar, fazer as camas, lavar, costurar, tricotar e manter tudo limpo e arrumadinho, pode ficar conosco, e nada lhe faltará.”

“Sim, quero ficar, não desejo outra coisa”, Branca de Neve respondeu, e ficou com eles.

Branca de Neve cuidava da casa para os anões. De manhã eles iam para o alto das montanhas em busca de minérios e ouro. Ao cair da noite voltavam, e o jantar estava pronto à sua espera. Como a menina passava os dias sozinha, os anões a advertiram seriamente: “Tome cuidado com sua madrasta. Ela não vai demorar a saber que está aqui. Não deixe ninguém entrar na casa.”

Mas a rainha, acreditando que havia comido os pulmões e o fígado de Branca de Neve, estava certa de que era novamente a mais bela de todas. Foi até o espelho e perguntou:

“Espelho, espelho meu,

Existe outra mulher mais bela do que eu?”

O espelho respondeu:

“És sempre bela, minha cara rainha

Mas na colina distante, por sete anões cercada,

Branca de Neve ainda vive e floresce,

E sua beleza jamais foi superada.”

Ao ouvir estas palavras a rainha ficou pasma, pois sabia que o espelho nunca dizia uma mentira. Compreendeu que o caçador certamente a enganara e que Branca de Neve estava viva. E pôs-se a maquirar uma maneira de se livrar dela. Se não fosse a mais bela de todo o reino, nunca seria capaz de sentir outra coisa senão inveja. Finalmente concebeu um plano. Pintou o rosto e vestiu-se como uma velha vendedora ambulante, tornando-se completamente irreconhecível. Assim disfarçada, viajou para além das sete colinas até a casa dos sete anões. Lá chegando, bateu à porta e anunciou: “Mercadorias bonitas a precinho camarada.”

Branca de Neve espiou pela janela e disse: “Bom dia, minha boa mulher. O que a senhora tem para vender?”

“Coisas boas, coisas bonitas”, ela respondeu. “Cordões multicoloridos para o corpete”, e puxou um cadarço de seda tecido de muitas cores.

“Posso deixar esta boa mulher entrar”, Branca de Neve pensou, e, correndo o ferrolho da porta, comprou o bonito cadarço.

“Oh, minha filha, como você está desarrumada. Venha, deixe que eu arrume o cadarço como convém.”

Branca de Neve não estava nem um pouquinho desconfiada. Postou-se diante da velha e deixou que ela arrumasse o cadarço novo. A velha apertou o cadarço tanto e tão depressa que Branca de Neve ficou sem ar e caiu no chão como se estivesse morta.

“Agora quero ver quem é a mais bela de todas”, disse a velha, afastando-se depressa.

Não muito depois, ao anoitecer, os sete anões voltaram para casa. Quando viram sua amada Branca de Neve estendida no chão, ficaram horrorizados. Como não se mexia, nem um pouquinho, não tiveram dúvida de que estava morta. Ergueram-na e, percebendo que o cadarço de seu corpete estava apertado demais, cortaram-no em dois. Branca de Neve então começou a respirar, e pouco a pouco voltou à vida. Quando os anões souberam do que tinha acontecido, disseram: “A velha vendedora ambulante não era outra senão a rainha má. Tome cuidado e não deixe ninguém entrar, a menos que estejamos em casa.”

Ao chegar de volta em casa, a rainha foi até o espelho e perguntou:

“Espelho, espelho meu,

Existe outra mulher mais bela do que eu?”

O espelho respondeu como de costume:

“És sempre bela, minha cara rainha

Mas na colina distante, por sete anões cercada,

Branca de Neve ainda vive e floresce,

E sua beleza jamais foi superada.”

Quando a rainha ouviu essas palavras, o sangue gelou suas veias. Ficou horrorizada ao saber que Branca de Neve continuava viva. “Mas desta vez”, disse ela, “inventarei alguma coisa para destruí-la.”

Usando toda a bruxaria que conhecia, fabricou um pente envenenado. Depois trocou de roupa e se disfarçou de velha mais uma vez. E novamente viajou para além das sete colinas até a casa dos sete anões, bateu à porta e anunciou: “Mercadorias bonitas a precinho camarada.”

Branca de Neve espiou pela janela e disse: “Vá embora, não posso deixar ninguém entrar.” “Mas pode ao menos dar uma olhada”, disse a velha, e, pegando um pente envenenado, segurou-o no ar. A menina gostou tanto daquele pente que caiu como um patinho e abriu a porta. Quando chegaram a um acordo sobre o preço, a velha disse: “Agora vou pentear seu cabelo como ele merece.”

A pobre Branca de Neve não desconfiou de nada e deixou a mulher fazer como queria. Mal o pente tocou no seu cabelo, porém, o veneno fez efeito e a menina tombou no chão, sem sentidos.

“Pronto, minha bela”, disse a perversa mulher. “Está liquidada.”

E partiu a toda pressa.

Felizmente, os anões já estavam a caminho de casa, pois já era quase noite. Quando viram Branca de Neve caída no chão como morta, desconfiaram imediatamente da madrasta. Ao examiná-la, descobriram o pente venenoso. Assim que o desemaranhavam de seu cabelo, Branca de Neve voltou à vida e lhes contou o que havia acontecido. Mais uma vez eles lhe recomendaram que tivesse cuidado e nunca mais abrisse a porta para ninguém.

Em casa, a rainha se dirigiu ao espelho e perguntou:

“Espelho, espelho meu,

Existe outra mulher mais bela do que eu?”

O espelho respondeu como de costume:

“És sempre bela, minha cara rainha

Mas na colina distante, por sete anões cercada,

Branca de Neve ainda vive e floresce,

E sua beleza jamais foi superada.”

Ao ouvir as palavras pronunciadas pelo espelho, a rainha começou a tremer de raiva. “Branca de Neve tem de morrer!” exclamou. “Mesmo que isso custe a minha vida.”

Foi para uma câmara secreta, onde ninguém jamais pisava, e confeccionou uma maçã cheia de veneno. Do lado de fora, era bonita – branca com as faces vermelhas, vê-la era desejá-la. Mas quem lhe desse a menor das mordidas, morreria. Quando a maçã ficou pronta, a rainha pintou o rosto de novo, vestiu-se como uma camponesa e viajou para além das sete colinas até a casa dos sete anões.

A velha bateu à porta, e Branca de Neve pôs a cabeça pela janela para dizer: “Não posso deixar ninguém entrar. Os sete anões proibiram.”

“Não faz mal”, a camponesa respondeu. “Logo vou me livrar das minhas maçãs. Tome, dou-lhe esta.”

“Não”, disse Branca de Neve. “Estou proibida de aceitar qualquer coisa.” “Está com medo de que esteja envenenada?” perguntou a mulher. “Veja, vou partir a maçã ao meio. Você come a parte vermelha, eu como a branca.”

A maçã fora feita com tanta perícia que só a parte vermelha tinha veneno. Branca de Neve sentiu um ardente desejo pela linda maçã e, quando viu a camponesa dar uma mordida, não pôde resistir mais. Enfiou a mão pela janela e pegou a metade envenenada. Assim que mordeu, caiu morta no chão. A rainha contemplou-a com olhos furiosos e explodiu numa gargalhada: “Branca como a neve, vermelha como o sangue, negra como o ébano! Desta vez os anões não conseguirão trazê-la de volta à vida!”

Em casa, ela perguntou ao espelho:

“Espelho, espelho meu,

Quem é de todas a mais bela?”

E ele finalmente respondeu:

“Sois vós, minha rainha, do reino a mais bela.”

Finalmente o coração invejoso da rainha ficou em paz (tanto quanto um coração invejoso pode ficar em paz).

Quando os anões voltaram para casa ao cair da noite, encontraram Branca de Neve estendida no chão. Nem um sopro exalava de seus lábios. Estava morta. Ergueram-na e procuraram em volta algo que pudesse ser venenoso. Desataram seu corpete, pentearam seu cabelo, banharam-na com água e vinho, mas foi tudo em vão. A querida menina se fora, e nada

podia trazê-la de volta. Depois de colocarem Branca de Neve num caixão, todos os sete se sentaram em volta dele e a velaram. Choraram por três dias. Estavam prontos para enterrá-la, mas ela ainda parecia viva, com bonitas faces vermelhas.

Os anões disseram: “Não podemos enterrá-la na terra escura.” Assim, mandaram fazer um caixão de vidro transparente que permitia ver Branca de Neve de todos os lados. Colocaram-na dentro dele, escreveram seu nome nele com letras douradas e acrescentaram que se tratava da filha de um rei. Levaram o caixão até o topo de uma montanha, e um dos anões ficava sempre junto dele, montando guarda. Animais também foram chorar Branca de Neve, primeiro uma coruja, depois um corvo e por último um pombo.

Branca de Neve ficou no caixão por muito, muito tempo. Mas não se decompôs, e dava a impressão de estar dormindo, pois continuava branca como a neve, vermelha como o sangue, e com os cabelos tão negros como o ébano.

Um dia o filho de um rei atravessava a floresta quando chegou à cabana dos anões. Esperava poder passar a noite ali. Quando subiu no alto da montanha, viu o caixão com a linda Branca de Neve deitada dentro dele e leu as palavras escritas com letras douradas. Disse então aos anões: “Deixai-me levar este caixão. Eu lhes darei o que quiserem em troca.”

Os anões responderam: “Não o venderíamos nem por todo o ouro do mundo.”

Ele disse: “Deem-me então como um presente, pois não posso viver sem ver Branca de Neve. Vou honrá-la e tratá-la como se fosse a minha amada.”

Ao ouvirem estas palavras, os bons anões se apiedaram e lhe entregaram o caixão. O príncipe ordenou a seus criados que pusessem o ataúde sobre os ombros e o transportassem. Mas aconteceu que eles tropeçaram num arbusto e o solavanco soltou o pedaço de maçã envenenado que estava entalado na garganta de Branca de Neve. Ela voltou à vida e exclamou: “Céus, onde estou?”

O príncipe ficou emocionado e disse: “Você vai ficar comigo”, e contou-lhe o que acontecera. “Eu te amo mais que tudo no mundo”, ele disse. “Venha comigo para o castelo do meu pai, seja minha noiva.” Branca de Neve sentiu afeição pelo príncipe, e partiu com ele. As núpcias foram celebradas com enorme esplendor.

A madrasta perversa de Branca de Neve também foi convidada para a festa de casamento. Vestiu belas roupas, plantou-se diante do espelho e disse:

“Espelho, espelho meu,

Quem é de todas a mais bela?”

“Ó minha Rainha, sois muito bela ainda,

Mas a jovem rainha é mil vezes mais linda.”

A malvada mulher lançou uma praga e ficou tão paralisada de medo que não soube o que fazer. Primeiro resolveu não ir à festa de casamento. Como isso não a acalmou nem um pouco, viu-se obrigada a ver a jovem rainha. Quando entrou no castelo, Branca de Neve a reconheceu no mesmo instante. A rainha ficou tão aterrorizada que estacou ali, sem conseguir se mexer um centímetro. Sapatos de ferro já haviam sido aquecidos para ela sobre um fogo de carvões. Foram levados com tenazes e postos bem na sua frente. Ela teve de calçar os sapatos de ferro incandescentes e dançar com eles até cair morta no chão.

Retirado de: TATAR, Maria. Contos de Fadas: Edição Comentada e Ilustrada. 2ª edição. Rio de Janeiro. Zahar. 2013. (páginas 97-109)

6.4. VASILISA, A BELA

Aleksandr Afanasiev

Era uma vez um rico negociante que vivia num reino distante. Embora tivesse sido casado por doze anos, tinha só uma filha, e ela era chamada Vasilisa, a Bela. Quando Vasilisa tinha oito anos, sua mãe adoeceu. Chamou a filha para junto de si, tirou uma boneca de debaixo da coberta e deu-a à menina, dizendo: “Ouça, Vasilisuchka. Preste atenção às minhas últimas palavras e lembre-se do que vou lhe dizer. Estou morrendo e tudo que posso deixar para você é minha bênção de mãe, com esta boneca. Leve a boneca aonde quer que você vá, mas não a mostre a ninguém. Se estiver em apuros, basta lhe dar um pouco de comida e aguardar seu conselho. Depois de comer, ela lhe dirá o que fazer.” A mãe deu na filha um beijo de despedida e morreu.

Após a morte da mulher, o negociante cumpriu o luto da maneira adequada e começou então a pensar em se casar de novo. Era um homem bonitão e não lhe era nada difícil encontrar noiva, mas preferiu uma certa viúva. Essa viúva tinha duas filhas quase da mesma idade de Vasilisa, e o negociante achou que ela daria uma boa dona de casa e uma boa mãe. Assim casou-se com ela, mas estava errado, pois a mulher não se revelou boa mãe para Vasilisa.

Vasilisa era a menina mais bonita de toda a aldeia, e a madrasta e as irmãs postiças tinham inveja de sua beleza. Atormentavam-na, dando-lhe todo tipo de trabalho para fazer, na esperança de que ficasse esquelética de tanto mourejar e com a pele queimada e gretada pela exposição ao vento e ao sol. E, de fato, Vasilisa levava uma vida desgraçada. Mas suportava tudo sem queixas e tornava-se mais encantadora a cada dia, enquanto a madrasta e as irmãs, que

passavam o dia inteiro sentadas aqui e ali sem fazer nada, iam ficando chupadas e feias por causa da sua maldade.

Como foi que tudo isso aconteceu? As coisas teriam sido diferentes sem a boneca. Sem a ajuda dela a menina nunca teria dado conta de tanto trabalho. Havia alguns dias que Vasilisa não comia nada de nada. Esperava até que todos estivessem na cama e então se trancava no quarto onde dormia. Dando à boneca um gostoso petisco, dizia: “Coma isto, bonequinha, e ouça meus infortúnios. Moro na casa de meu pai, mas estou privada de alegria. Essa minha madrasta vai ser a minha morte. Diga-me como eu deveria viver e o que deveria fazer.” Primeiro a boneca comia, depois aconselhava Vasilisa e a consolava em seu sofrimento. De manhã, ela cuidava de todos os serviços enquanto Vasilisa descansava na sombra e colhia flores. A boneca arrancava as ervas daninhas dos canteiros, regava os repolhos, ia buscar água no poço e acendia o fogão. Chegou a mostrar a Vasilisa uma erva que a protegeria contra queimaduras de sol. Graças à boneca, a vida de Vasilisa era fácil.

Os anos se passaram e Vasilisa cresceu, chegando à idade de se casar. Todos os rapazes da aldeia queriam se casar com ela, e não davam nem uma olhadinha para as filhas da madrasta. A madrasta passou a detestar Vasilisa ainda mais. Declarava a todos os pretendentes: “Não pretendo casar a caçula antes das mais velhas.” Depois descarregava sua raiva dando bofetadas cruéis em Vasilisa.

Um dia o pai de Vasilisa teve de partir para terras distantes numa longa viagem de negócios. A madrasta mudou-se para uma outra casa à beira de uma densa floresta. Numa clareira dessa floresta havia uma choupana, e na choupana morava Baba Iaga, que nunca permitia a ninguém chegar perto dela e comia pessoas como se fossem frangos. A mulher do negociante tinha tal ódio de Vasilisa que, na nova casa, costumava mandar a enteada entrar na mata para buscar uma coisa ou outra. Mas Vasilisa sempre voltava sã e salva. Sua boneca lhe mostrava o caminho e a mantinha longe da choupana de Baba Iaga.

Numa noite de outono a madrasta deu um serviço para cada uma das filhas. Disse à mais velha para fazer renda, mandou a segunda cerzir meias e Vasilisa, fiar. Depois apagou todas as velas da casa, menos a que estava no quarto onde as meninas trabalhavam. Por algum tempo elas executaram suas tarefas tranquilamente. Depois a vela começou a fumer. Uma das irmãs postigas pegou uma tesoura e fingiu aparar o pavio, mas o que de fato fez, seguindo as ordens da mãe, foi apagar a vela, como se por acidente.

“E agora, o que vamos fazer?” disseram as irmãs postiças. “Não há luz na casa, e não estamos nem perto de terminar nossos serviços. Alguém tem de correr à casa de Baba Iaga para buscar fogo.”

“Eu não vou”, disse a moça que estava fazendo renda, “pois consigo ver com a luz de meus bilros.”

“Eu não vou”, disse a moça que estava cerzindo meias, “pois consigo ver com a luz de minhas agulhas de tricô.”

“Isso significa que você tem de ir”, ambas gritaram para a irmã postiça. “Depressa! Vá visitar sua amiga Baba Iaga!” E empurraram Vasilisa porta afora.

Vasilisa foi para o seu quartinho, arrumou a ceia que preparara para sua boneca, e disse: “Vamos, bonequinha, coma e me ajude na minha aflição. Elas querem que eu vá buscar fogo na casa de Baba Iaga, e ela vai me comer.” A boneca ceou. Seus olhos reluziam como duas velas. “Não tenha medo, Vasilisuchka”, ela disse. “Vá aonde a mandam ir. Só não esqueça de me levar com você. Se eu estiver no seu bolso, Baba Iaga não poderá lhe fazer mal.”

Vasilisa preparou-se para sair, pôs a boneca no bolso e fez o sinal da cruz antes de partir para a espessa floresta. Tremia de medo ao caminhar pela mata. De repente um cavaleiro passou a galope por ela. Seu rosto era branco, estava vestido de branco e montava um cavalo branco com rédeas e estribos brancos. Depois disso, tudo começou a clarear.

Vasilisa penetrou ainda mais na floresta, e um segundo cavaleiro passou a galope por ela. Seu rosto era vermelho, estava vestido de vermelho, e montava um cavalo vermelho. Depois o sol começou a despontar.

Vasilisa andou a noite inteira e o dia inteiro. Tarde na segunda noite, chegou à clareira onde ficava a choupana de Baba Iaga. A cerca em torno dela era feita de ossos humanos. Caveiras, com buracos no lugar dos olhos, miravam das estacas. O portão era feito com ossos de perna humana; os ferrolhos eram feitos de mãos humanas; e o cadeado era um maxilar com dentes afiados. Apavorada, Vasilisa ficou pregada no lugar.

De repente mais um cavaleiro passou a galope por ela. Seu rosto era negro, estava vestido de negro e montava um cavalo negro. Ele galopou até a porta de Baba Iaga e desapareceu, como se a terra o tivesse engolido. Depois caiu a noite. Mas não ficou escuro por muito tempo. Os olhos de todas as caveiras começaram a brilhar, e a clareira ficou iluminada como o dia. Vasilisa arrepiouse de terror. Queria fugir dali, mas não sabia para que lado ir.

Fez-se um barulho medonho na mata. As árvores estalaram e gemeram. As folhas secas farfalharam e chiaram. Baba Iaga apareceu, voando num almofariz que esporeava com seu pilão

e varrendo seus rastros com uma vassoura. Avançou até o portão, parou e farejou o ar à sua volta. “Fum, fum! Este lugar está cheirando a menina russa! Quem está aí?”

Tremendo de medo, Vasilisa aproximou-se da velha bruxa, fez uma profunda reverência e disse: “Sou eu, vovó. Minhas irmãs postiças me mandaram buscar fogo.”

“Pois não”, disse Baba Iaga. “Conheço suas irmãs muito bem. Mas antes de eu lhe dar fogo você deve ficar aqui e trabalhar para mim. Senão, vou comê-la no jantar.” Em seguida virou-se para o portão e gritou: “Desaferrolhai-vos, meus fortes ferrolhos! Abri-vos, meus largos portões!” Os portões se abriram e Baba Iaga entrou, conduzindo seu almofariz com um assobio estridente. Vasilisa seguia-a e depois tudo voltou a se fechar.

Baba Iaga entrou na choupana, estirou-se num banco e disse a Vasilisa: “Estou com fome. Traga-me o que estiver no forno!” Vasilisa foi acender uma vela nas caveiras na cerca e começou a servir a Baba Iaga a comida tirada do forno. Havia o bastante para alimentar dez pessoas. Trouxe kvas, hidromel, cerveja e vinho da adega. A velha comeu e bebeu tudo que foi posto diante dela, só deixando para Vasilisa uma tigela de sopa de repolho, uma crosta de pão e uma sobra de porco.

Baba Iaga preparou-se para dormir e disse: “Amanhã, depois que eu sair, trate de varrer o quintal, limpar a choupana, fazer o jantar, lavar a roupa e ir até a tulha catar um alqueire de trigo. E se não tiver terminado quando eu voltar, como você!” Depois de dar as ordens, Baba Iaga pôs-se a roncar. Vasilisa tirou a boneca do bolso e pôs os restos da comida de Baba Iaga diante dela. “Pronto, boneca, coma um pouco e me ajude! Baba Iaga deu-me tarefas impossíveis e ameaçou me comer se eu não cuidar de tudo. Ajude-me.”

A boneca respondeu: “Não tenha medo, Vasilisa, a Bela! Jante, faça suas preces e vá dormir. Uma noite bem-dormida é o melhor conselheiro.”

Vasilisa levantou cedo. Baba Iaga já estava de pé, andando de um lado para outro. Quando Vasilisa olhou pela janela, viu que as luzes nos olhos das caveiras estavam se apagando. Então o cavaleiro branco passou por ali galopando e o dia rompeu. Baba Iaga foi até o quintal e deu um assobio. Seu almofariz, pilão e vassoura apareceram. O cavaleiro vermelho passou por ali como um relâmpago e o sol despontou. Baba Iaga sentou-se em seu almofariz, esporeou-o com seu pilão e saiu varrendo seus rastros com a vassoura.

Sozinha, Vasilisa correu os olhos pela choupana de Baba Iaga. Nunca tivera tantas coisas para fazer em sua vida e não conseguia decidir por onde começar. Mas, vejam só, o trabalho já estava todo feito! A boneca estava catando os últimos pedacinhos de palha do trigo. “Você me salvou!” Vasilisa disse à boneca. “Se não fosse por você, eu seria devorada esta noite.”

“Agora tudo que tem a fazer é preparar o jantar”, disse a boneca enquanto subia para o bolso da menina. “Trate de cozinhá-lo com a bênção de Deus e depois descanse um pouco para ficar forte.”

Ao pôr do sol Vasilisa arrumou a mesa e esperou por Baba Iaga. Escureceu e, quando o cavaleiro negro passou galopando, a noite caiu. A única luz vinha das caveiras na cerca. As árvores estalaram e gemeram; as folhas secas farfalharam e chiaram. Baba Iaga estava chegando. Vasilisa saiu ao seu encontro. “Todo o serviço foi feito?” Baba Iaga perguntou. “Veja com seus próprios olhos, vovó”, Vasilisa respondeu.

Baba Iaga percorreu toda a choupana. Ficou aborrecida por não ter nada do que se queixar, e disse: “Muito bem.” Em seguida gritou: “Minhas servidoras fieis, minhas amigas queridas, moei o trigo!” Três pares de mãos apareceram. Pegaram o trigo e desapareceram com ele. Baba Iaga comeu até se fartar, aprontou-se para dormir e mais uma vez deu tarefas para Vasilisa. “Amanhã”, ordenou, “faça exatamente como hoje. Depois tire as sementes de papoula da tulha e espere a poeira, grão por grão. Alguém jogou poeira nas tulhas só para me aborrecer.” Baba Iaga se virou e se pôs a roncar.

Vasilisa foi dar comida para sua boneca, que comeu tudo na sua frente e repetiu as mesmas palavras que dissera no dia anterior. “Reze a Deus e vá dormir. Tudo será feito, Vasilisuchka.”

Na manhã seguinte Baba Iaga partiu outra vez em seu almofariz. Com a ajuda da boneca, Vasilisa terminou o serviço num piscar de olhos. A bruxa velha retornou ao entardecer, examinou tudo e exclamou: “Minhas servidoras fieis, minhas amigas queridas, espremei o óleo destas sementes de papoula.” Três pares de mãos apareceram, pegaram o caixote de sementes de papoula e desapareceram com ele. Baba Iaga sentou-se para jantar. Enquanto comia, Vasilisa permaneceu em silêncio perto dela.

“Por que não fala comigo?” Baba Iaga perguntou. “Fica aí como se fosse muda.”

“Não me atrevo a falar”, disse Vasilisa, “mas se me der permissão, há algo que gostaria de perguntar.”

“Pergunte à vontade!” disse Baba Iaga. “Mas tome cuidado. Nem toda pergunta tem uma boa resposta. Se souber muito, ficará velha logo.”

“Oh, vovó, só quero perguntar sobre algumas coisas que vi no caminho para cá. Quando estava vindo para cá, um cavaleiro com o rosto branco, montando um cavalo branco e vestido de branco me alcançou. Quem era ele?”

“Aquele era o dia claro”, Baba Iaga respondeu.

“Depois um outro cavaleiro me alcançou. Tinha um rosto vermelho, montava um cavalo vermelho e estava vestido de vermelho. Quem era ele?”

“Aquele é meu sol vermelho”, Baba Iaga respondeu.

“Então quem era o cavaleiro negro que encontrei junto ao seu portão, vovó?”

“É a minha noite escura. Todos os três são meus fiéis servidores.”

Vasilisa lembrou-se dos três pares de mãos, mas ficou de boca calada.

“Não quer perguntar mais nada?” indagou Baba Iaga.

“Não, vovó, isto é o bastante. Você mesma disse que quanto mais se sabe, mais depressa se envelhece.”

“Você é bem ajuizada”, disse Baba Iaga, “perguntando só sobre coisas que viu fora da minha casa, não dentro dela. Não gosto que saibam dos meus assuntos, e quando as pessoas ficam curiosas demais, eu as devoro. Agora tenho uma pergunta para você. Como conseguiu fazer todo o trabalho tão depressa?”

“Fui ajudada pela bênção de minha mãe”, disse Vasilisa.

“Ah, então foi assim!” Baba Iaga deu um grito estridente. “Fora daqui, filha abençoada! Não quero ninguém abençoado na minha casa.” Arrastou Vasilisa para fora do quarto e a empurrou portão afora. Depois pegou uma das caveiras de olhos flamejantes da cerca, espetou-a na ponta de uma vara e deu-a à menina, dizendo:

“Aqui tem fogo para suas irmãs postiças. Tome-o. Foi isto que veio buscar, não foi?”

Vasilisa correu para casa, usando o fogo da caveira para iluminar o caminho. Ao alvorecer o fogo se extinguiu e ao anoitecer ela chegou em casa. Quando estava se aproximando do portão, quase jogou a caveira fora achando que àquela hora suas irmãs postiças já tinham arranjado fogo, mas ouviu uma voz abafada vindo da caveira: “Não me jogue fora. Leve-me para sua madrasta.” Ela olhou para a casa da madrasta e, vendo que não havia nenhuma luz na janela, resolveu entrar com a caveira. Pela primeira vez a madrasta e as irmãs postiças a receberam gentilmente. Contaram-lhe que, desde a partida dela, não tinham tido nenhum fogo em casa. Não tinham conseguido acender nenhuma vela sozinhas. Tinham tentado trazer uma acesa da casa dos vizinhos, mas ela se apagava assim que transpunham a soleira.

“Talvez seu fogo dure”, disse a madrasta. Vasilisa entrou em casa com a caveira, cujos olhos começaram a fitar a madrasta e as duas irmãs. Aquele olhar começou a queimá-las. Tentaram se esconder, mas os olhos as seguiam aonde quer que fossem. Pela manhã estavam

transformadas em três montinhos de cinzas no chão. Só Vasilisa permaneceu intocada pelo fogo.

A menina enterrou a caveira no jardim, trancou a casa e foi para a cidade mais próxima. Uma velha senhora sem filhos deu-lhe abrigo e ali ela ficou morando, esperando a volta do pai. Um dia disse à mulher: “Estou cansada de ficar aqui sem nada para fazer, vovó. Compre para mim o melhor linho que achar. Assim pelo menos posso fiar um pouco.”

A velha senhora comprou do melhor linho das redondezas e Vasilisa pôs-se a trabalhar. Fiava com a rapidez de um raio, e seus fios eram uniformes e finos como cabelo. Fiou uma grande quantidade de fio. Estava na hora de começar a tecê-lo, mas não havia pentes finos o bastante para o fio de Vasilisa e ninguém se dispunha a fabricar um. Vasilisa pediu ajuda à boneca. A boneca disse: “Tragame um pente velho, uma lançadeira velha e uma crina de cavalo. Farei um tear para você.” Vasilisa fez o que a boneca disse, foi dormir e na manhã seguinte encontrou um maravilhoso tear à sua espera.

Antes que o inverno terminasse o linho estava tecido. Era tão fino que passava pelo buraco de uma agulha. Na primavera o linho foi alvejado, e Vasilisa disse à velha senhora: “Vovó, venda este linho e guarde o dinheiro para você.”

A velha senhora contemplou o tecido e perdeu a respiração. “Não, minha filha. Ninguém pode usar um linho como este a não ser o czar. Vou levá-lo para o palácio.”

A velha senhora foi até o palácio do czar e começou a andar para lá e para cá sob as janelas. O czar a viu e perguntou: “O que você quer, vovó?”

“Vossa majestade,” ela respondeu, “trouxe uma mercadoria rara. Não quero mostrá-la a ninguém senão a vós.”

O czar ordenou que levassem a velha senhora à sua presença e, quando ela lhe mostrou o linho, ele o admirou assombrado. “O que quereis por ele?” perguntou.

“Não posso cobrar nenhum preço por ele, paizinho czar! É um presente.” O czar agradeceu e cobriu-a de mimos.

O czar mandou que fossem feitas camisas do linho. Elas foram cortadas, mas ninguém conseguiu encontrar uma costureira disposta a costurá-las. Por fim ele convocou a velha senhora e disse: “Você foi capaz de fiar e tecer este linho. Deve ser capaz de costurar camisas com ele para mim.”

“Não fui eu quem fiou e teceu este linho, Vossa Majestade”, disse a mulher. “Isto é obra de uma moça a quem dei abrigo.”

“Muito bem, então que ela costure as camisas”, o czar ordenou.

A velha senhora voltou para casa e contou tudo a Vasilisa. “Eu sabia o tempo todo que teria de fazer esse trabalho”, Vasilisa lhe disse. E, trancando-se em seu quarto, pôs-se a costurar. Trabalhou sem parar e logo uma dúzia de camisas estava pronta.

A velha senhora levou as camisas ao czar. Vasilisa se banhou, penteou o cabelo, vestiu suas melhores roupas e se sentou junto à janela para ver o que aconteceria. Viu um dos servos do czar entrar no pátio. O mensageiro foi até a sala e disse: “Sua Majestade quer conhecer a costureira que fez suas camisas e recompensá-la com suas próprias mãos.”

A menina compareceu perante o czar. Quando ele viu Vasilisa, a Bela, apaixonou-se perdidamente. “Não, minha bela”, disse. “Nunca a deixarei. Será minha esposa.”

O czar tomou as belas mãos brancas de Vasilisa e a fez sentar-se ao seu lado. O casamento foi celebrado imediatamente. Logo depois o pai de Vasilisa regressou. Ficou radiante com a boa fortuna da filha e foi morar na casa dela. Vasilisa levou também a velha senhora para sua casa e carregou a boneca no bolso até o dia da sua morte.

Retirado de: TATAR, Maria. Contos de Fadas: Edição Comentada e Ilustrada. 2ª edição. Rio de Janeiro. Zahar. 2013. (páginas 187-198)

6.5.O PÉ DE ZIMBRO

Philipp Otto Runge

Muito tempo atrás, nada menos que dois mil anos, havia um homem rico casado com uma mulher bonita e piedosa. Eles se amavam muito, mas não tinham filhos, por mais que os desejassem. Dia e noite a mulher rezava pedindo um filho, mas apesar disso nada conseguiam.

Diante da casa havia um jardim, e no jardim crescia um pé de zimbro. Uma vez, durante o inverno, a mulher estava descascando uma maçã debaixo da árvore, e enquanto a descascava cortou o dedo. O sangue pingou na neve. “Ah”, disse a mulher, suspirando fundo. “Se pelo menos eu tivesse uma criança vermelha como o sangue e branca como a neve!” Depois de dizer essas palavras, começou a se sentir melhor, pois teve a impressão de que elas iriam resultar em alguma coisa. E voltou para casa.

Um mês se passou, e a neve derreteu. Dois meses se passaram, tudo se tornara verde. Três meses se passaram, e as flores estavam brotando do chão. Quatro meses se passaram, e as árvores na mata estavam crescendo, seus galhos verdes se entrelaçando. A mata ressoava com o canto dos pássaros e flores caíam das árvores. E assim o quinto mês passou. E quando a mulher se sentava debaixo do pé de zimbro, seu coração saltava de alegria, tão perfumada a

árvore estava. Ela caía de joelhos e não cabia em si de felicidade. Depois que o sexto mês se passou, o fruto ficou grande e firme e ela ficou muito sossegada. No sétimo mês ela colheu as bagas do zimbro e se deliciou com elas até ficar se sentindo muito mal e doente. Depois que o oitavo mês se passou, ela chamou o marido e lhe disse: “Se eu morrer, enterre-me debaixo do zimbro.” Depois disso, sentiu-se melhor e ficou tranquila até que o nono mês passou. Então deu à luz uma criança branca como a neve e vermelha como o sangue. Quando viu o filho, ficou tão feliz que morreu de alegria.

O marido a enterrou debaixo do pé de zimbro e chorou dia após dia. Depois de algum tempo sentiu-se melhor, mas ainda chorava de vez em quando. Finalmente parou de chorar e se casou pela segunda vez.

Teve uma filha com a segunda mulher. A criança do primeiro casamento fora um menininho, vermelho como o sangue e branco como a neve. Sempre que olhava para sua filha, a mulher sentia amor por ela, mas sempre que olhava para o menino, ficava infeliz. Parecia-lhe que, onde quer que fosse, ele estava sempre no caminho, e ela não parava de pensar em garantir que, no fim das contas, sua filha herdasse tudo. O demônio se apossou de tal maneira da mulher que ela começou a odiar o menino, dando-lhe palmadas a torto e a direito, beliscando-o aqui e soltando um sopapo ali. O pobre menino vivia aterrorizado, e quando voltava para casa depois da escola não tinha um minuto de paz.

Um dia a mulher entrou na despensa. Sua filhinha foi atrás e perguntou: “Mãe, me dá uma maçã?”

“Mas é claro, minha filha”, disse a mulher. Abriu uma arca de tampa grande e pesada, trancada com um cadeado de ferro, tirou uma bonita maçã e entregou-a à menina.

“Mãe,” perguntou a menininha, “o Irmão pode ganhar uma também?”

A mulher ficou irritada, mas respondeu: “Pode. Ele pode ganhar uma quando voltar da escola.”

A mulher olhou então pela janela e viu o menino voltando para casa. Como se estivesse possuída pelo diabo, arrancou a maçã da mão da filha e disse: “Você não pode ganhar uma antes do seu irmão.” Jogou a maçã na arca e trancou-a.

O menino entrou e o demônio fez a mulher sussurrar para ele, docemente: “Meu filho, gostaria de uma maçã?” Mas lançou-lhe um olhar cheio de ódio.

“Mãe,” disse o menino, “que olhar assustador! Sim, me dê uma maçã.”

A mulher teve a sensação de que alguém a obrigava a dizer: “Venha comigo.” E, abrindo a tampa da arca, ela completou: “Tire você mesmo uma maçã.”

Quando o menino se curvou, o diabo a instigou, e bam! Ela bateu a tampa com tanta força que a cabeça do menino caiu dentro da arca com as maçãs. Então, tomada pelo medo, pensou: “Como vou sair desta?” Foi até seu quarto e pegou um lenço branco na gaveta da cômoda. Pôs a cabeça do menino de volta sobre o pescoço e amarrou o lenço em volta, de modo que parecia não haver nada de errado. Depois o sentou numa cadeira diante da porta e pôs uma maçã na sua mão.

Mais tarde a pequena Marlene foi à cozinha à procura da mãe e encontrou-a de pé junto ao fogo, mexendo freneticamente uma panela de água quente. “Mãe”, disse a pequena Marlene, “o Irmão está sentado junto à porta e parece pálido. Está com uma maçã na mão e quando lhe pedi que a desse para mim, não respondeu. Fiquei muito assustada.”

“Volte lá”, a mãe disse, “e se ele não der resposta, dê-lhe uma bofetada.”

A pequena Marlene foi até lá e disse: “Irmão, dê a maçã para mim.”

O menino não respondeu. Diante disso Marlene lhe deu uma bofetada e a cabeça dele voou pelos ares. Ela ficou tão apavorada que começou a gritar e a chorar. Correu até a mãe e disse: “Mãe, arranquei fora a cabeça do Irmão!” E chorava tanto que não conseguia parar.

“Marlene”, disse a mãe, “que coisa medonha você fez! Mas não diga nada a ninguém, pois não há nada que possamos fazer. Vamos guisá-lo e fazer um ensopado.”

A mãe pegou então o menino e fez dele picadinho. Jogou os pedaços numa panela e preparou um ensopado. Marlene ficou junto ao fogo e chorou, mas chorou tanto que as lágrimas caíram na panela e nem foi preciso pôr sal na comida.

Quando o pai chegou em casa, sentou-se à mesa e perguntou: “Onde está meu filho?”

A mãe trouxe uma enorme travessa de ensopado, enquanto Marlene chorava, sem conseguir parar.

“Onde está meu filho?” o pai perguntou de novo.

“Oh”, disse a mãe, “ele viajou, foi visitar o tio-avô da mãe. Está pretendendo passar um tempo por lá.”

“O que ele foi fazer lá? Saiu sem nem me dizer adeus.”

“Bem, ele queria muito ir e perguntou se poderia ficar por seis semanas. Eles cuidarão bem dele.”

“Oh, isto me deixa tão triste”, disse o marido. “Não é direito. Devia ter se despedido de mim.”

Depois começou a comer e disse: “Marlene, por que você está chorando? Seu irmão voltará logo.” E para a mulher: “Oh, querida esposa, que delícia este ensopado! Quero mais um pouco.”

Quanto mais o pai comia, mais queria. “Quero mais um pouco”, disse. “Ninguém mais pode comê-lo. Tenho a impressão de que ele é todo para mim.”

O pai continuou a comer e foi jogando os ossos embaixo da mesa, até que a travessa ficou vazia. Nesse meio tempo, Marlene foi à sua cômoda e pegou seu melhor lenço de seda. Catou todos os ossos que estavam no chão, amarrou-os em seu lenço e levou-os para fora. Chorava amargamente. Depositou os ossos no capim verde debaixo do pé de zimbros e, depois de fazer isso, sentiu-se melhor de repente e parou de chorar.

O zimbros começou a se agitar. Seus galhos se separavam e se juntavam de novo como se estivesse batendo palmas de alegria. Uma névoa se despreendeu da árvore e no meio dela ardia uma chama, e da chama uma bela ave surgiu e se pôs a cantar gloriosamente. Elevou-se no ar e depois desapareceu. A árvore estava como era antes, mas o lenço com os ossos sumira. A pequena Marlene sentiu-se muito feliz e aliviada, porque parecia que o irmão ainda estava vivo. Voltou contente para casa e se sentou à mesa para comer.

Enquanto isso, o pássaro voou para muito longe e se empoleirou no telhado da casa de um ourives. Começou então a cantar:

“Minha mãe me matou, meu pai me comeu,
Minha irmã, Marlene, meus ossos recolheu,
Em seda os envolveu, e sob o zimbros os depositou.
Bela ave canora agora sou!”

O ourives estava em sua oficina, fazendo uma corrente de ouro. Ouviu a ave cantando sobre seu telhado e seu canto lhe pareceu muito bonito. Levantou-se e, ao transpor a soleira, perdeu um sapato. Mesmo assim seguiu em frente, indo até o meio da rua de meia e sapato num pé só. Estava também usando seu avental e numa das mãos tinha a corrente de ouro, na outra suas pinças. O sol brilhava na rua. Ele parou para olhar a ave e disse:

“Ave, seu canto é tão mavioso. Cante de novo aquela canção para mim.”

“Não”, disse a ave. “Nunca canto uma segunda vez a troco de nada. Dê-me sua corrente de ouro e eu a cantarei de novo para você.”

“Tome”, disse o ourives. “Tome minha corrente de ouro. Agora cante aquela canção de novo.”

Mais que depressa, a ave desceu. Pegando a corrente de ouro com a pata direita, empoleirou-se diante do ourives e começou a cantar:

“Minha mãe me matou, meu pai me comeu,
Minha irmã, Marlene, meus ossos recolheu,
Em seda os envolveu, e sob o zimbros depositou.
Bela ave canora agora sou!”

Depois a ave voou até a casa de um sapateiro, empoleirou-se no telhado e cantou:

“Minha mãe me matou, meu pai me comeu,
Minha irmã, Marlene, meus ossos recolheu,
Em seda os envolveu, e sob o zimbros depositou.
Bela ave canora agora sou!”

Quando o sapateiro ouviu a canção, saiu porta afora em mangas de camisa e olhou para o telhado. Teve de proteger os olhos com a mão para impedir que sol o cegasse. “Ave”, disse ele, “seu canto é tão mavioso.” Depois gritou para dentro de casa: “Mulher, venha cá fora um instante. Há uma ave ali. Está vendo? Que beleza é o seu canto!”

O sapateiro chamou a filha e os filhos dela, seus aprendizes, os operários, a criada. Todos foram correndo para a rua para ver a ave e admirar sua formosura. Ela tinha plumas vermelhas e verdes e, à volta do pescoço, uma faixa de ouro puro, e seus olhos faiscavam como estrelas.

“Ave”, disse o sapateiro, “cante aquela canção de novo.”

“Não”, disse a ave. “Nunca canto uma segunda vez a troco de nada. Você tem de me dar alguma coisa.”

“Mulher”, disse o homem, “suba até o sótão. Na prateleira de cima encontrará um par de sapatos vermelhos. Traga-os para mim.”

A mulher foi e trouxe os sapatos.

“Tome”, disse o homem. “Agora cante aquela canção de novo.”

Mais que depressa, a ave desceu. Pegando os sapatos com a pata direita, foi se pôr de novo sobre o telhado e cantou:

“Minha mãe me matou, meu pai me comeu,
Minha irmã, Marlene, meus ossos recolheu,
Em seda os envolveu, e sob o zimbros depositou.
Bela ave canora agora sou!”

Ao terminar a canção, a ave levantou voo. Tinha a corrente na pata direita e os sapatos na esquerda, e voou uma longa distância até um moinho. O moinho rodava, plect plec, plect ploc, plect plec. Lá dentro vinte empregados do moleiro talhavam uma pedra, ric rac, ric rac, ric rac. E o moinho continuava a rodar, plect plec, plect ploc, plect plec. E assim a ave foi se empoleirar numa tília na frente do moinho e cantou:

“Minha mãe me matou...”

E um dos homens parou de trabalhar.

“... meu pai me comeu...”

E mais dois homens pararam de trabalhar e escutaram.

“Minha irmã, Marlene...”

Então quatro homens pararam de trabalhar.

“... meus ossos recolheu,

Em seda os envolveu...”

Agora só oito homens continuavam talhando.

“... e sob o zimbros...”

Agora só cinco.

“... os depositou.”

Agora só um.

“Bela ave canora agora sou!”

O último parou para ouvir as palavras finais. “Ave”, ele disse, “seu canto é tão mavioso! Deixe-me ouvir a canção inteira também. Cante-a de novo.”

“Nunca canto uma segunda vez a troco de nada. Se me der a mó eu canto a canção de novo.”

“Se ela pertencesse a mim somente,” ele disse, “seria sua.” “Se a ave cantar outra vez”, disseram os outros, “poderá ter a mó.”

Mais que depressa, a ave desceu, e os empregados do moleiro, todos os vinte, pegaram uma alavanca e levantaram a pedra. Hei hup, hei hup, hei hup. E a ave enfiou o pescoço no buraco da pedra de moinho, ajeitou-a como se fosse um colar, voou de volta para a árvore e cantou:

“Minha mãe me matou, meu pai me comeu,

Minha irmã, Marlene, meus ossos recolheu,

Em seda os envolveu, e sob o zimbros os depositou.

Bela ave canora agora sou!”

Ao terminar sua canção, a ave bateu asas e voou. Na pata direita, a corrente, na esquerda, os sapatos e no pescoço, a mó. Então voou para longe, muito longe, até a casa do seu pai.

O pai, a mãe e Marlene estavam sentados à mesa, na sala, e o pai disse: “Como estou feliz! Meu coração parece tão leve.”

“Eu não”, disse a mãe. “Estou atormentada como se uma grande tempestade estivesse se armando.”

Enquanto isso, Marlene só ficava ali sentada, chorando. A ave se aproximou e, quando pousou no telhado, o pai disse: “Como estou me sentido feliz. Lá fora o sol brilha com tanto esplendor! Tenho a impressão de estar prestes a rever um velho amigo.”

“Eu não”, disse a mulher. “Estou tão apavorada que meus dentes estão batendo e tenho a impressão de ter fogo correndo nas veias.”

Puxou o corpete para afrouxá-lo um pouco mais, enquanto a pequena Marlene continuava a chorar. Segurava o avental junto aos olhos e chorava tanto que ele estava completamente encharcado de lágrimas. A ave se precipitou sobre o zimbros, empoleirou-se num galho e cantou:

“Minha mãe me matou...”

A mãe tapou os ouvidos e fechou os olhos, porque não queria ver nem ouvir nada, mas o ronco em seus ouvidos era como a mais violenta tempestade e seus olhos ardiam e chamejavam como relâmpagos.

“... meu pai me comeu...”

“Oh, mãe,” disse o homem, “há uma bela ave lá fora e está cantando tão gloriosamente. O sol está tão cálido, e o ar recende a canela.”

“Minha irmã, Marlene...”

Então Marlene pôs a cabeça no colo e continuou a chorar e chorar. Mas o marido disse. “Vou lá fora. Tenho de ver essa ave de perto.”

“Oh, não vá!” disse a mulher. “Sinto como se a casa inteira estivesse se sacudindo e prestes a arder em chamas!”

Mas o marido foi lá fora e olhou para a ave.

“... meus ossos recolheu,

Em seda os envolveu, e sob o zimbros os depositou.

Bela ave canora agora sou!”

Terminada a sua canção, a ave soltou a corrente de ouro, e ela caiu bem em volta do pescoço do homem, assentando-lhe perfeitamente. Ele entrou em casa e disse: “Venham dar uma olhada nessa linda ave ali! Ela me deu esta bonita corrente de ouro, quase tão bonita quanto ela.”

A mulher ficou tão apavorada que caiu imediatamente no chão e a touca que usava saiu da cabeça.

E mais uma vez a ave cantou:

“Minha mãe me matou...”

“Oh, quisera estar mil metros debaixo da terra para não ter de ouvir isso!”

“... meu pai me comeu...”

Então a mulher caiu de novo, como morta.

“Minha irmã, Marlene...”

“Oh”, disse Marlene. “Quero ir lá fora e ver se a ave me dará alguma coisa também.” E saiu.

“... meus ossos recolheu,

Em seda os envolveu...”

E a ave jogou-lhe os sapatos.

“... e sob o zimbro os depositou.

Bela ave canora agora sou!”

Marlene sentiu-se feliz, despreocupada. Calçou os novos sapatos vermelhos e saiu dançando e saltitando pela casa.

“Oh”, disse Marlene, “Eu estava tão triste quando saí, e agora estou tão alegre. Que bela ave está lá fora. Ela me deu um par de sapatos vermelhos.”

A mulher se levantou de um pulo e seu cabelo ficou arrepiado como línguas de fogo. “Sinto como se o mundo fosse acabar. Se eu for lá fora talvez me sinta melhor também.”

A mulher foi até a porta e, bam, a ave soltou a pedra de moinho em cima da cabeça dela, que morreu esmagada. O pai e Marlene ouviram o estrondo e saíram. Fumaça, chamas e fogo se erguiam e, quando desapareceram, o Irmãozinho estava de volta, postado bem ali. Ele pegou o pai e Marlene pela mão e os três foram arrebatados pela alegria. Depois voltaram para casa, sentaram-se à mesa e jantaram.

Retirado de: TATAR, Maria. Contos de Fadas: Edição Comentada e Ilustrada. 2ª edição. Rio de Janeiro. Zahar. 2013. (páginas 175-185)

6.6.A BELA ADORMECIDA

Charles Perrault

Era uma vez um rei e uma rainha que viviam tão chateados por não terem filhos, tão chateados que nem há como dizer. Eles percorreram todas as estações de águas do mundo; fizeram promessas, peregrinações, pequenas devoções, tentaram de tudo, mas nada adiantou de nada. Finalmente, no entanto, a rainha ficou grávida e deu à luz uma menina: fez-se um belo batizado; escolheram por madrinhas da princesinha todas as fadas que puderam encontrar pelo país (encontraram sete), para que cada uma lhe desse um dom, como era costume das fadas naquele tempo, e a princesa tivesse, desse modo, todas as perfeições imagináveis.

Depois das cerimônias de batismo, os convidados voltaram para o palácio do rei, onde houve um grande banquete para as fadas. Diante de cada uma, foram postos talheres magníficos com um estojo de ouro maciço, onde havia uma colher, um garfo e uma faca de ouro fino, cravejados de diamantes e rubis. Mas, quando todos tinham tomado lugar à mesa, viu-se entrar uma velha fada que não tinha sido convidada, porque havia mais de cinquenta anos que ela não saía de sua torre, e a julgavam enfeitiçada ou morta. O rei mandou lhe dar talheres, mas não tiveram como oferecer-lhe um estojo de ouro maciço como às outras, porque só tinham mandado fazer sete, para as sete fadas. A velha sentiu-se desprezada e, resmungando, sussurrou algumas ameaças. Uma das jovens fadas, que estava sentada perto dela, ouviu-a e, temendo que ela pudesse dar à princesinha algum dom maléfico, foi se esconder atrás da tapeçaria assim que todos se levantaram da mesa, no intuito de falar por último e tentar consertar, tanto quanto lhe fosse possível, o mal que a velha tivesse feito.

Enquanto isso, as fadas começaram a conceder seus dons à princesa. A mais jovem lhe deu o dom de ser a pessoa mais bonita do mundo; a seguinte, de ser tão inteligente quanto um anjo; a terceira, de ter uma graça admirável em tudo o que fizesse; a quarta, de dançar à perfeição; a quinta, de cantar como um rouxinol; a sexta, de tocar qualquer tipo de instrumento com o maior virtuosismo. Ao chegar a vez da fada velha, balançando a cabeça mais por despeito que por velhice, ela disse que a princesa haveria de furar a mão num fuso e morrer por causa disso.

Esse dom terrível fez todo mundo estremecer e não houve quem não chorasse. Mas no mesmo instante a fada jovem saiu de trás da tapeçaria e disse bem alto estas palavras:

– Que o rei e a rainha se tranquilizem, sua filha não morrerá por isso; é verdade, eu não tenho poder suficiente para desfazer por completo o que a fada mais velha fez. A

princesa há de furar a mão num fuso; mas, em vez de morrer, ela apenas vai cair num sono profundo que durará cem anos, ao fim dos quais o filho de um rei virá despertá-la.

O rei, para tentar evitar a desgraça prevista pela fada velha, mandou sem demora divulgar um decreto que proibia as pessoas de fiar em fusos e até mesmo de tê-los em casa, sob pena de morte.

Quinze ou dezesseis anos depois, tendo o rei e a rainha ido a uma de suas casas de campo, deu-se que a jovem princesa, andando um dia pelo castelo e subindo de quarto em quarto, chegou a uma água-furtada, bem no alto de uma torre, onde uma velhinha, sozinha, fiava em sua roca. Nunca aquela boa mulher tinha ouvido falar da proibição real de fiar em fusos.

– O que a senhora está fazendo, vozinha? – disse a princesa.

– Eu, menina bonita, estou fiando – respondeu-lhe a velha, que não a conhecia.

– Ah, que lindo – prosseguiu a princesa –, como é que a senhora faz? Deixa eu ver se consigo fazer igual.

Bastou ela pegar no fuso, impetuosa como era, e até um pouco estabanada, e também porque a decisão das fadas assim o ordenava, para logo ela furar a mão e ali cair desmaiada.

A boa velha, atordoada, grita por socorro: de todos os lados corre gente, jogam água no rosto da princesa, afrouxam sua roupa, batem em suas mãos, esfregam loção da rainha da Hungria em suas têmporas, mas nada a fazia voltar a si.

Foi então que o rei, ao subir até lá atraído pela barulheira, lembrou-se da previsão das fadas e, entendendo que aquilo tinha de acontecer porque assim fora dito pelas fadas, mandou colocarem a princesa no mais belo apartamento do palácio, numa cama bordada a ouro e prata. Ela, de tão bonita que ficou, poderia ser comparada a um anjo, pois as cores vivas não haviam sumido de sua pele com o desmaio: sua face estava cor-de-rosa e os lábios como coral; ela apenas tinha os olhos fechados, mas ouvia-se sua respiração muito leve, o que era a prova de que não estava morta.

O rei ordenou que a deixassem dormir sossegada, até chegar sua hora de acordar. A fada boa que lhe salvara a vida, condenando-a a dormir por cem anos, achava-se no reino de Mataquin, a doze mil léguas de distância dali, quando ocorreu o acidente com a princesa; mas num instante ela foi avisada por um pequeno anão que tinha botas de sete léguas (eram botas com as quais se percorriam sete léguas a cada passada). A fada partiu de lá sem delonga e uma hora depois a viram chegar numa carruagem de fogo puxada por dragões. O rei lhe ofereceu a mão para ajudá-la a descer da carruagem. Ela aprovou tudo o que ele tinha feito; mas, como era

muito previdente, pensou que, quando a princesa despertasse, ela ficaria muito confusa por estar totalmente sozinha naquele velho castelo; eis então o que ela fez.

Com sua varinha de condão, tocou em todos que estavam no castelo (menos no rei e na rainha), governantas, damas de honra, camareiras, fidalgos, mordomos, copeiros, cozinheiros, ajudantes de cozinha, mensageiros, guardas, porteiros, pajens, lacaios; tocou também em todos os cavalos das cocheiras, junto com os cavaliços, nos grandes mastins que ficavam pelo pátio e na pequena Pufe, a cadelinha da princesa, que estava em cima da cama, perto dela. Assim que a fada os tocou, todos caíram no sono, para só acordarem no mesmo instante em que sua senhora, a fim de estarem prontos para servi-la quando ela precisasse deles; até os espetos que estavam na lareira, cheios de perdizes e faisões, foram dormir, como o próprio fogo. Tudo isso aconteceu num instante; as fadas não demoravam nada em suas tarefas.

Então o rei e a rainha, depois de beijarem sua querida filha sem que ela despertasse, saíram do castelo e mandaram divulgar a proibição de que qualquer um, fosse quem fosse, se aproximasse do local. Proibição que, aliás, nem era necessária, pois em um quarto de hora cresceu em torno do parque uma quantidade tão grande de árvores altas e baixas, com muitas plantas espinhentas entrelaçadas umas nas outras, que nem gente nem bicho conseguiria passar por lá – apenas as pontas das torres do castelo ainda eram visíveis, e mesmo assim só de muito longe. Nunca se duvidou de que a fada tivesse feito aquilo como mais um dos ardis de que ela era capaz para que a princesa, enquanto adormecida, nada tivesse a temer dos curiosos.

Cem anos depois, o filho do rei que então reinava, e já era de outra família que não a da princesa adormecida, tendo ido caçar perto dali, perguntou o que eram as torres que ele avistava por cima da mata densa e fechada; cada um lhe respondia conforme o que tinha ouvido falar. Uns disseram que era um velho castelo habitado por fantasmas; outros, que todos os feiticeiros da região faziam seus encontros ali. A opinião mais comum era de que naquele castelo morava um ogro e que para lá ele levava todas as crianças que conseguia agarrar, para poder comê-las à vontade, sem que ninguém fosse capaz de segui-lo, uma vez que só ele tinha o poder de abrir passagem através da mata.

O príncipe já nem sabia no que acreditar quando um velho camponês tomou a palavra e disse:

– Há mais de cinquenta anos, meu príncipe, eu mesmo ouvi meu pai dizer que nesse castelo havia uma princesa, a mais bela do mundo, que teria de dormir por cem anos e só seria despertada pelo filho de um rei ao qual ela estava destinada.

Ao ouvir isso, o jovem príncipe sentiu-se todo afogueado; acreditou, sem titubear, que seria ele a dar fim a tão estranha aventura e, movido pelo amor e pela glória, decidiu ir ver de imediato do que se tratava. Assim que avançou em direção à mata, todas as grandes árvores e as muitas plantas espinhentas se afastaram espontaneamente para deixá-lo passar: ele, então, caminha para o castelo, que avistava no fim de uma longa alameda na qual havia entrado, e nota, surpreendendo-se um pouco, que nenhum de seus acompanhantes conseguira segui-lo, pois as árvores, depois de ele ter passado, logo voltavam a se fechar. Nem por isso ele deixou de prosseguir seu caminho: um príncipe jovem e apaixonado é sempre valente. E assim, ele entrou num grande pátio, onde tudo o que observou à primeira vista o fez gelar de medo: num silêncio pavoroso, a imagem da morte se apresentava ali por toda parte, não havendo senão corpos estendidos, de homens e de animais que pareciam mortos. No entanto, ele percebeu muito bem, pelo rosto corado e pelo nariz cheio de espinhas dos porteiros, que eles estavam simplesmente dormindo, e seus copos, onde ainda restavam algumas gotas de vinho, indicavam com clareza que estavam bebendo no momento em que dormiram.

Ele passa por outro pátio, todo pavimentado de mármore, sobe uma escada e entra na sala dos guardas, que estavam alinhados em duas fileiras frente a frente, de carabina no ombro e roncando tanto quanto podiam. Atravessa vários cômodos repletos de fidalgos e damas, todos dormindo, uns em pé, outros sentados, e, ao entrar num quarto completamente dourado, vê num leito com cortinados abertos o mais belo espetáculo que jamais vira: uma princesa que parecia ter quinze ou dezesseis anos e cuja beleza esplendorosa tinha algo de luminoso e de divino. Trêmulo e cheio de admiração, ele se aproximou e se ajoelhou perto dela.

Então, com o fim do encantamento, a princesa acordou; mirando-o com mais ternura nos olhos do que um primeiro encontro parecia permitir, disse a ele:

– É você, meu príncipe? Você, que se fez esperar por tanto tempo?

O príncipe, encantado com tais palavras, e mais ainda com a maneira como foram ditas, não sabendo como demonstrar sua alegria e gratidão, garantiu-lhe que a amava mais do que a si mesmo. Suas frases, saindo mal encadeadas, agradaram bem mais; pouca eloquência, muito amor. Ele, não há por que se espantar com isso, estava mais envergonhado do que ela, que tivera tempo de pensar no que lhe dizer, pois aparentemente (embora a história nada diga a respeito) a fada boa lhe havia propiciado, durante um sono tão longo, o prazer dos sonhos agradáveis. Por fim, depois de quatro horas de conversa, eles ainda não haviam falado nem metade das coisas que tinham para dizer um ao outro.

Enquanto isso, todo o palácio despertou junto com a princesa; cada um pensava no que tinha a fazer e, como nem todos estavam apaixonados, encontravam-se mortos de fome; apressada como os demais, a dama de honra se impacientou e disse à princesa, em voz alta, que a comida estava servida. O príncipe ajudou a princesa a se levantar; ela estava vestida do modo mais magnífico; mas bem que ele se poupou de lhe dizer que estava vestida como a avó dele, e ainda usava gola alta; nem por isso estava menos bonita.

Eles passaram para um salão espelhado, onde cearam, servidos pelos copeiros da princesa; os violinos e oboés tocaram músicas antigas, mas excelentes, embora já fizesse quase cem anos que ninguém as tocasse; depois da ceia, sem perder tempo, o capelão-mor casou-os na capela do castelo e a dama de honra foi fechar os cortinados da cama: eles dormiram pouco, a princesa já quase não precisava de sono, e o príncipe a deixou de manhã cedo para retornar à cidade, onde seu pai devia estar preocupado com ele.

O príncipe lhe disse que se perdera na floresta durante a caçada e tinha dormido na cabana de um carvoeiro, que lhe havia dado pão preto e queijo para comer. O rei, seu pai, que era bem ingênuo, acreditou, mas sua mãe não se deixou convencer e, vendo que quase todos os dias o filho saía para caçar e que sempre que dormia duas ou três noites fora alegava uma razão qualquer, não duvidou mais de que ele estivesse envolvido com algum namoro: de fato, ele viveu com a princesa por mais de dois anos, tendo com ela dois filhos: o primeiro, uma menina, que foi chamada de Aurora; o segundo, um menino, chamado de Dia, pois parecia ainda mais belo do que a irmã.

Várias vezes a rainha disse ao filho, para fazê-lo se explicar, que na vida era preciso satisfazer os desejos, mas ele jamais ousou contar seu segredo a ela; embora a amasse, tinha medo da mãe porque ela era da raça dos ogros e o rei só a desposara por causa de sua grande fortuna; dizia-se até nos cochichos da corte que a rainha tinha as mesmas inclinações dos ogros e que ela, quando via criancinhas passando, fazia o maior esforço do mundo para se conter e não se lançar sobre elas; portanto, o príncipe nunca quis lhe contar nada.

Mas depois que o rei morreu, o que aconteceu dois anos mais tarde, o príncipe passou ao comando, reconheceu publicamente seu casamento e, com grande pompa, foi buscar sua mulher, agora rainha, no castelo. Na capital, onde ela entrou cercada pelos dois filhos, fizeram-lhe uma recepção magnífica.

Pouco tempo depois, o novo rei foi à guerra contra o imperador Cantalabutte, seu vizinho. Na regência do trono, deixou a rainha-mãe, a quem recomendou com insistência que zelasse por sua esposa e seus filhos; ele deveria permanecer na guerra durante todo o verão.

Assim que ele se foi, a rainha-mãe mandou a nora e os filhos dela para uma casa de campo na floresta, a fim de satisfazer mais facilmente a sua horrível vontade. Passados alguns dias, ela também foi para lá e, certa noite, disse ao mordomo:

– No jantar de amanhã, quero comer a pequena Aurora.

– Ah! madame – disse o mordomo.

– Eu já disse que quero – insistiu a rainha (e o fez num tom de ogra que tem vontade de comer carne fresca). – E é no molho Robert que eu quero comê-la.

O pobre-coitado, percebendo que seria inútil tentar se opor a uma ogra, foi pegar seu facão e subiu ao quarto da pequena Aurora, que estava, então, com quatro anos; ao vê-lo, ela foi abraçá-lo aos pulos, rindo, para lhe pedir um doce. Ele desabou no choro, deixando o facão cair, e correu ao terreiro para cortar a garganta de um cordeirinho, para o qual fez um molho tão gostoso que a soberana lhe disse nunca haver comido nada igual. Ao mesmo tempo, pôs a salvo a pequena Aurora, dando-a à sua mulher para escondê-la no casebre que ela ocupava nos fundos do terreiro.

Oito dias depois, a malvada rainha disse ao mordomo:

– Na ceia, quero comer o pequeno Dia.

Sem nada responder, decidido a enganá-la como da outra vez, ele saiu à procura do pequeno Dia, a quem encontrou com uma espadinha na mão, esgrimindo contra um macaco grande; o menino tinha apenas três anos. Levou-o à sua mulher, que o escondeu junto com a pequena Aurora, e em lugar do pequeno Dia o mordomo serviu um cabritinho macio, que a ogra considerou uma verdadeira delícia.

Até então, tudo havia corrido muito bem; mas uma noite essa malvada rainha disse ao mordomo:

– Quero comer a rainhazinha no mesmo molho das crianças.

Foi então que o pobre mordomo perdeu toda a esperança de ainda poder enganá-la. A jovem rainha tinha mais de vinte anos, sem contar os cem que passara dormindo; sua pele, apesar de branca e bela, já estava um pouco dura; como encontrar, entre os animais que eles criavam ali, um assim tão duro? Para salvar a própria vida, ele resolveu cortar a garganta da jovem rainha e subiu ao quarto dela com a intenção de acabar logo com aquilo; fazendo-se de furioso, entrou com um punhal na mão. Ainda assim, não quis surpreendê-la, por isso lhe comunicou, com todo o respeito, a ordem que tinha recebido da rainha-mãe.

Ela esticou o pescoço para ele e disse:

– Pois cumpra o seu dever, execute a ordem que lhe foi dada; quanto a mim, vou rever meus filhos, as pobres crianças que eu tanto amava – pois ela os supunha mortos desde que os tinham levado sem nada lhe dizer.

– Não, não, madame – respondeu o pobre mordomo, comovido. – A senhora não irá morrer nem deixará de rever seus queridos filhos, e será na minha casa, onde os escondi; de novo vou enganar a rainha, fazendo-a comer, em vez da senhora, uma corça nova.

Imediatamente, ele a levou para sua casa, onde a deixou cobrindo os filhos de beijos e chorando com eles, enquanto ia preparar uma corça, que a rainha comeu durante a ceia com o mesmo apetite com que teria devorado a jovem rainha. Muito contente com sua crueldade, ela já se preparava para dizer ao rei, quando ele voltasse, que lobos enfurecidos haviam devorado sua esposa e seus dois filhos.

Uma noite, enquanto rondava, como era seu costume, pelos terreiros e pátios do castelo, a farejar por ali cheiro de carne fresca, ela ouviu o pequeno Dia chorando num porão, pois a rainha sua mãe queria mandar chicoteá-lo por ele ter agido mal; e ouviu também a pequena Aurora pedindo perdão ao irmão. Reconhecendo a voz da rainha e de seus filhos, a ogra, furiosa por ter sido enganada, já na manhã seguinte, bem cedo, determinou, com uma voz assustadora que fez todos tremarem, que fosse posto no meio do pátio principal um grande tonel, o qual mandou encher com sapos, víboras, cobras e serpentes, para jogar lá dentro a rainha e seus filhos, o mordomo, sua esposa e a ajudante do casal; eles foram trazidos, conforme a ordem dela, com as mãos amarradas às costas.

Todos estavam lá e os carrascos já se preparavam para atirá-los no tonel quando o rei, que não era esperado assim tão cedo, entrou no pátio a cavalo; ele viera num cavalo alugado e, cheio de espanto, perguntou o que significava aquele horrendo espetáculo; ninguém se atreveu a lhe dar explicações, até que a ogra, enraivecida com o que estava vendo, jogou-se ela mesma de cabeça no tonel, onde os bichos ferozes que ela mandara pôr lá a devoraram num instante. O rei não deixou de sentir pena: afinal tratava-se de sua mãe; mas logo ele se consolou com sua bela mulher e seus filhos.

MORAL

Esperar algum tempo para ter um esposo

Rico, belo, gentil, bondoso,

É coisa muito natural.

Mas para esperar cem anos, sempre dormindo,

Não se acha mais mulher igual,

Tão tranquilamente insistindo.

A fábula parece também querer mostrar

Que às vezes os agradáveis nós do casório,

Mesmo que tardem, podem dar em caso sério.

Nada se perde por esperar;

Mas a mulher com tanto ardor

Aspira à fé conjugal,

Que eu não tenho força nem destemor

De lhe pregar esta moral.

Retirado de: PERRAULT, Charles. *Contos da mamãe gansa ou histórias do tempo antigo*. São Paulo. Cosac & Naify. 1ª edição. 2015 (páginas 6-15)

6.7.SOL, LUA E TÁLIA

Giambattista Basile

Talia, morta por uma felpa de linho, é deixada num palácio, onde chega um rei que faz dois filhos nela; a esposa ciumenta os pega e manda que sejam cozidos, dados de comer ao pai e que Talia seja queimada; o cozinheiro salva as crianças e Talia é libertada pelo rei, mandando jogar a esposa no mesmo fogo preparado para Talia.

O caso das ograds, que podia trazer alguma migalha de compaixão, foi causa de prazer, todos se alegrando que as coisas tivessem saído melhor para Parmetella do que se pensava; depois desse conto, tocando a Popa discorrer, ela, que estava com o pé no estribo, disse assim:

É sabido que, no mínimo, a crueldade serve de carrasco para aquele que a exercita, nem nunca se viu quem cuspa no céu e não lhe caia na cara. O reverso dessa medalha, a inocência,

é um escudo de figueira, sobre o qual se quebra ou deixa a ponta toda a espada de malignidade, de modo que, quando se acredita que um pobre homem esteja morto e sepultado, vê-se que ressuscita em carne e osso: como vocês ouvirão no conto que do barril da memória, com a verruma da língua, estou para extrair.

Era uma vez um grande senhor, que lhe tendo nascido uma filha chamada Talia, mandou vir os sábios e adivinhos de seu reino para predizer sua sorte, os quais depois de várias reuniões concluíram que ela corria um grande perigo por causa de uma felpa de linho, por isso, mandou proibir que entrasse linho, cânhamo ou outra coisa semelhante em sua casa para escapar desse mal. Mas sendo Talia já grandinha e estando à janela, viu passar uma velha que fiava; e porque nunca vira roca nem fuso e, agradando-lhe muito aquela dança que faziam, veio-lhe tanta curiosidade que a fez entrar e, pegando a roca na mão, começou a estender o fio, mas por desgraça entrou-lhe uma felpa de linho na unha e ela caiu morta no chão.

Vendo isso, a velha correu escadas abaixo, e o pobre pai, sabendo da desgraça acontecida, depois de pagar com um barril de lágrimas este balde de asprinio, colocou-a no mesmo palácio, que ficava no campo, sentada num trono de veludo sob um baldaquim de brocado e, fechando as portas, abandonou para sempre o palácio, causa de tanto pesar, para esquecer em tudo e por tudo a memória dessa desgraça.

Passado algum tempo, o falcão de um rei que estava caçando escapou e voou pela janela para dentro daquele palácio, não voltando ao seu chamado, o rei então mandou bater na porta acreditando que ali morasse gente. Mas depois de bater por um bom tempo, mandando vir uma escada de vindimador, quis ele mesmo escalar o palácio e ver o que havia dentro; subindo, entrando em tudo e não encontrando pessoa viva, ficou como uma múmia. Por fim, chegou ao quarto onde estava Talia como que encantada; ao vê-la, o rei achou que dormia e a chamou, mas não a acordando por mais que fizesse e gritasse, e incendiado por aquela beleza, levou-a nos braços até uma cama, onde colheu os frutos do amor; deixando-a deitada, voltou para seu reino e por um tempo não se lembrou mais do que acontecera.

Depois de nove meses, Talia pariu um casal de filhos, um menino e uma menina, que pareciam duas pedras preciosas, os quais foram acudidos por duas fadas que apareceram no palácio e os puseram nos seios da mãe; ali, querendo sugar e não encontrando o bico do seio, pegaram o dedo, e tanto sugaram que tiraram a felpa, e pareceu a Talia que acordasse de um grande sono, mas vendo aquelas joias a seu lado deu-lhes o seio e cuidou delas como a própria vida.

E enquanto não sabia o que lhe tinha acontecido, estando sozinha naquele palácio com dois filhos ao lado, e vendo lhe trazerem algo para comer sem ver a pessoa, o rei, lembrando-se de Talia e aproveitando a ocasião de ir à caça, foi vê-la; encontrando-a acordada e com duas belezinhas, teve um prazer atordoante. Contando para Talia quem ele era e como as coisas se passaram, fizeram uma grande amizade, e ele ficou alguns dias com ela; despedindo-se com a promessa de voltar e levá-la com ele, voltou para seu reino falando o tempo todo em Talia e nos filhos, tanto que se comia tinha Talia, Sol e Lua (dera esses nomes aos filhos) na boca, se se deitava os chamava.

A esposa do rei, que com a demora do marido na caça tivera alguma suspeita, com esse chamar de Talia, Lua e Sol foi tomada por outro calor que não era de sol, e por isso chamou o secretário e lhe disse: “Escute aqui, meu filho: você está entre Cila e Caríbdis, entre o umbral e a porta, entre a bigorna e o martelo; se você me disser de quem meu marido está enamorado eu o faço rico, e se você me esconder isso eu faço com que você não seja encontrado nem morto nem vivo”. O rapaz, de um lado abalado pelo medo, de outro levado pelo interesse, que é uma mancha aos olhos da honra, uma venda à justiça, um desferra cavalo da fé, lhe disse do pão pão e do vinho vinho. Por isso a rainha mandou-o em nome do rei dizer a Talia que queria ver os filhos, e ela mandou-os com grande alegria, mas aquele coração de Medeia ordenou ao cozinheiro que os matasse e fizesse várias sopas e pratos para dar de comer ao pobre marido. O cozinheiro, que era de bom coração, vendo esses dois pomos de ouro, teve compaixão e, entregando-os à esposa para que os escondesse, preparou dois cabritos de cem modos diferentes.

Chegando o rei, a rainha com muito prazer mandou vir as vivandas, e enquanto o rei comia com grande gosto, dizendo: “Oh, como é bom isto, pela vida de Lanfusa! Oh, como é gostoso este outro, pela alma de meu avô!”, ela sempre dizia: “Coma, que você come o que é seu!”. O rei, duas ou três vezes, não deu ouvidos a esse estribilho, por fim, ouvindo que a música continuava, respondeu: “Sei que como o que é meu, porque você não trouxe nada para esta casa!”; e levantando-se foi até uma casa pouco distante para desafogar a cólera.

Nesse meio tempo, a rainha não satisfeita com o que havia feito, chamou de novo o secretário e mandou buscar Talia com a desculpa de que o rei a esperava; ela foi na mesma hora desejosa de encontrar sua luz, sem saber que o fogo a esperava. Chegando diante da rainha, esta com uma cara de Nero, encolerizada, lhe disse: “Seja bem-vinda, madame Troccola! Você é

aquela bela peça, aquela erva daninha que se diverte com meu marido? Você é aquela cachorra que me faz perder a cabeça? Seja bem-vinda ao purgatório, onde vai pagar o mal que me fez!”

Talia, ouvindo isso, começou a se desculpar, dizendo que não era culpa sua e que o marido tomara posse do seu território quando ela estava adormecida, mas a rainha não querendo ouvir desculpas, mandou acender no pátio do palácio uma grande fogueira para que a jogassem lá dentro. Talia, que viu as coisas malparadas, ajoelhou-se diante dela, pediu que ao menos lhe desse algum tempo para despir as roupas que estava usando. A rainha, não tanto por misericórdia da infeliz jovem, quanto para poupar aquelas roupas bordadas de ouro e pérolas, disse: “Dispa-se, que me contento!”. E Talia, começando a se despir, a cada peça de roupa que tirava soltava um grito, tanto que tendo tirado a blusa, a saia e o casaco, quando foi tirar o saiote, soltando o último grito enquanto a levavam para fazer sabão para lavar as cuecas de Caronte, apareceu o rei, que vendo esse espetáculo, quis saber o que estava acontecendo, e perguntando pelos filhos ouviu da própria esposa, que lhe acusava pela traição recebida, como os havia mandado matar.

Ouvindo isso, o pobre rei foi tomado pelo desespero e começou a dizer: “Então eu mesmo fui o lobo mau de minhas ovelhinhas! Pobre de mim, por que minhas veias não reconheceram as fontes do mesmo sangue? Ah, turca renegada, quanta crueldade a sua! Agora você vai colher o caroço e não vou mandar esta cara de tirano pagar penitência no Coliseu!”. E dizendo isso ordenou que fosse jogada no mesmo fogo aceso para Talia, e junto com ela o secretário, que foi peça desse amargo jogo e teceu essa malvada trama; e querendo fazer o mesmo com o cozinheiro, que pensava ter picado os filhos, jogando-se aos pés do rei, ele disse: “Na verdade, senhor, seria preciso outra praça morta pelo serviço que lhe prestei do que um braseiro; seria preciso outra muleta do que um pau atrás; seria preciso outro entretenimento do que me retorcer e enroscar no fogo; seria preciso outra vantagem do que não misturar as cinzas de um cozinheiro com as de uma rainha. Mas não é esta a grande graça que espero por lhe ter salvado os filhos a despeito daquele fel de cão que os queria matar, para voltar ao seu corpo o que era parte do mesmo corpo!”.

O rei, que ouviu essas palavras, ficou fora de si, e lhe parecia estar sonhando, não podia acreditar no que seus ouvidos ouviam; então, voltando-se para o cozinheiro, disse: “Se é verdade que você salvou meus filhos, esteja certo de que o tirarei de virar espetos e o colocarei na cozinha deste peito para virar como quiser as minhas vontades, dando-lhe tal prêmio que você se chamará o homem mais feliz do mundo!”.

Enquanto o rei dizia estas palavras, a mulher do cozinheiro, que viu a necessidade do marido, levou Lua e Sol até o pai; este, brincando a três com a esposa e os filhos fazia um moinho de beijos, ora com um, ora com outro; dando uma grande recompensa ao cozinheiro e fazendo-o cavalheiro de sua câmara, tomou Talia como esposa, a qual gozou de longa vida com o marido e os filhos, reconhecendo com todas as provas que

de quem a ventura gosta até

quando dorme o bem chove.

Retirado de: BASILE, Giambattista. *O conto dos contos: PENTAMERON ou o Entretenimento dos Pequeninos*. São Paulo. Nova Alexandria. 2018.

6.8.RAPUNZEL

Era uma vez um homem e uma mulher que desejavam um filho havia muitos anos, mas sem sucesso. Um dia a mulher pressentiu que Deus ia satisfazer seu desejo. Nos fundos da casa em que moravam havia uma janelinha que dava para um esplêndido jardim, cheio de lindas flores e verduras. Era cercado por um muro alto, e ninguém ousava entrar ali porque pertencia a uma poderosa feiticeira temida por todos nas redondezas. Um dia a mulher estava à janela, olhando para o jardim. Seus olhos foram atraídos para um certo canteiro, que estava plantado com o mais viçoso rapunzel, um tipo de alface. Parecia tão fresco e verde que ela foi tomada pela ânsia de colhê-lo. Simplesmente tinha de conseguir um pouco para sua próxima refeição. A cada dia seu desejo crescia, e ela começou a se consumir, pois sabia que nunca conseguiria um pouco daquele rapunzel. Vendo o quanto estava pálida e infeliz, seu marido lhe perguntou: “O

que está acontecendo, querida esposa?”

“Se eu não conseguir um pouco daquele rapunzel do jardim atrás da nossa casa, vou morrer”, ela respondeu.

O marido, que a amava muito, pensou: “Em vez de deixar minha mulher morrer, é melhor ir buscar um pouco daquele rapunzel, custe o que custar.”

Ao cair da noite, ele subiu no muro e pulou no jardim da feiticeira, arrancou correndo um punhado de rapunzel e levou-o para a mulher. No mesmo instante ela fez uma salada, que comeu com voracidade. O rapunzel era tão gostoso, mas tão gostoso, que no dia seguinte seu apetite por ele ficou três vezes maior. O homem não viu outro jeito de sossegar a mulher senão voltar ao jardim para pegar mais.

Ao cair da noite lá estava ele de novo, mas depois que pulou o muro o pavor tomou conta dele, pois ali estava a feiticeira, bem à sua frente. “Como ousa entrar no meu jardim às escondidas e pegar meu rapunzel como um ladrão barato?” ela perguntou com um olhar furioso. “Ainda se arrependerá por isso.”

“Oh, por favor”, ele respondeu, “tenha misericórdia! Só fiz isso porque fui obrigado. Minha mulher avistou seu rapunzel pela janela. Seu desejo de comê-lo foi tão grande que ela disse que morreria se eu não lhe conseguisse um pouco.”

A raiva da feiticeira arrefeceu e ela disse ao homem: “Se o que disse é verdade, vou deixá-lo levar tanto rapunzel quanto quiser. Mas com uma condição: terá de me entregar a criança quando sua mulher der à luz. Cuidarei dela como uma mãe, e não lhe faltará nada.”

Como estava apavorado, o homem concordou com tudo. Quando chegou o momento da entrega, a feiticeira apareceu pontualmente, deu à criança o nome Rapunzel e a levou embora.

Rapunzel era a menina mais bonita do mundo. Ao completar doze anos, a feiticeira a levou para a floresta e a trancou numa torre que não tinha escadas nem porta. Lá no alto da torre havia uma janelinha minúscula. Sempre que queria entrar, a feiticeira se plantava no pé da torre e chamava:

“Rapunzel, Rapunzel!

Jogue as suas tranças.”

Rapunzel tinha cabelos longos, tão finos e bonitos como ouro fiado. Sempre que ouvia a voz da feiticeira, ela desenrolava as tranças, amarrava-as no trinco da janela e as deixava cair até o chão. A feiticeira subia então por elas para entrar na torre.

Alguns anos mais tarde, aconteceu que o filho de um rei estava atravessando a floresta a cavalo. Passou bem junto à torre e ouviu uma voz tão bela que parou para escutar. Era Rapunzel, que, inteiramente sozinha na torre, passava seus dias a cantar doces melodias para si mesma. O príncipe quis subir para vê-la e deu a volta na torre à procura de uma porta, mas não achou nenhuma. Voltou para casa em seu cavalo, mas a voz de Rapunzel comovera seu coração tão intensamente que ele passou a ir à floresta todos os dias para ouvi-la. Certa vez, quando estava escondido atrás de uma árvore, viu a feiticeira chegar à torre e ouviu-a chamando:

“Rapunzel, Rapunzel!

Jogue as suas tranças.”

Rapunzel jogou as tranças e a feiticeira subiu até ela.

“Se é por essa escada que se sobe até o alto da torre, gostaria de tentar a minha sorte nela também.” E no dia seguinte, quando mal começava a escurecer, o príncipe foi até a torre e chamou:

“Rapunzel, Rapunzel!

Jogue as suas tranças.”

As tranças caíram, e o príncipe subiu por elas.

A princípio, ao ver um homem entrar pela janela, Rapunzel ficou apavorada, especialmente porque nunca tinha visto um. Mas o príncipe começou a falar de uma maneira gentil e lhe contou que ficara tão comovido com sua voz que não teria tido paz se não pusesse os olhos nela. Logo Rapunzel perdeu o medo, e quando o príncipe, que era jovem e bonito, perguntou se ela queria se casar com ele, pensou consigo mesma: “Ele vai gostar mais de mim que a velha Mãe Gothel.” E assim aceitou, deu-lhe a mão e disse: “Quero ir embora daqui com você, mas não sei como sair desta torre. Cada vez que vier me visitar, traga uma meada de seda, e trançarei uma escada. Quando estiver pronta, descerei e poderá me levar em seu cavalo.”

Os dois combinaram que ele viria visitá-la toda noite, pois durante o dia a velha estava lá. A feiticeira não notou nada até que, um dia, Rapunzel lhe disse: “Diga-me, Mãe Gothel, por que é tão mais difícil içar a senhora do que o jovem príncipe? Ele sobe até aqui num piscar de olhos.”

“Menina malvada!” gritou a feiticeira. “O que fez? Achei que a tinha isolado do resto do mundo, mas você me traiu.”

Num ataque de fúria, agarrou o belo cabelo de Rapunzel, enrolou as tranças na sua mão esquerda e passou-lhes uma tesoura com a direita. Rápidas tesouradas, zip, zap, e as tranças caíram no chão. A feiticeira era tão cruel que levou a pobre Rapunzel para um deserto, onde ela teve de viver uma vida miserável e infeliz.

No mesmo dia em que mandara Rapunzel embora, a feiticeira amarrou as tranças cortadas ao trinco da janela e, quando o príncipe chegou e chamou:

“Rapunzel, Rapunzel! Jogue as suas tranças”, ela deixou as tranças tombarem.

O príncipe subiu, mas em vez de sua preciosa Rapunzel quem esperava por ele era a feiticeira, com um olhar irado e venenoso. “Arrá!” ela gritou, triunfante. “Veio à procura da esposa queridinha, mas a bela ave já não está no seu ninho, cantando. A gata a pegou e, antes de terminar o serviço, vai arranhar os seus olhos também. Você perdeu Rapunzel para sempre. Nunca a verá de novo.”

O príncipe ficou transtornado de dor e, em seu desespero, saltou do alto da torre. Sobreviveu, mas seus olhos foram arranhados pela sarça que crescia no pedaço de chão em que caiu. Vagou pela floresta, incapaz de ver as coisas. Só encontrou raízes e bagas para comer, e passava seu tempo a chorar e a lastimar a perda de sua querida esposa.

O príncipe vagou de um lado para outro em sua desgraça por muitos anos e finalmente chegou ao deserto onde Rapunzel mal conseguia sobreviver com os gêmeos – um menino e uma menina – que dera à luz. Ouvindo uma voz que lhe soou familiar, o príncipe a seguiu. Quando se aproximou o bastante da pessoa que cantava, Rapunzel o reconheceu. Enlaçou-o com os braços, e chorou. Duas dessas lágrimas caíram nos olhos do príncipe, e de repente ele passou a ver como antes, claramente.

O príncipe voltou para seu reino com Rapunzel e lá houve grande comemoração. Viveram felizes e alegres por muitos e muitos anos.

Retirado de: TATAR, Maria. Contos de Fadas: Edição Comentada e Ilustrada. 2ª edição. Rio de Janeiro. Zahar. 2013. (páginas 123-129)

6.9.A PEQUENA SEREIA

Hans Christian Andersen

Bem longe no mar a água é azul como as pétalas da mais linda hortênsia e clara como o vidro mais puro. Mas é muito fundo, mais fundo do que qualquer âncora pode atingir. Seria preciso empilhar muitas torres de igreja, uma em cima da outra, para chegar do fundo do mar até a superfície. Lá embaixo mora a gente do mar.

Mas não pense nem por um instante que não há nada lá além de areia nua, branca. Oh, não! As mais maravilhosas árvores e plantas crescem no fundo do mar. Seus talos e folhas são tão maleáveis que se agitam ao mais ligeiro movimento da água, como se fossem gente. Todos os peixes, grandes e pequenos, deslizam por entre os galhos, tal como os pássaros voejam entre as árvores aqui em cima. Lá embaixo, no ponto mais profundo de todos, fica o castelo do rei do mar. Suas paredes são feitas de coral, e as janelas compridas, pontudas, são feitas do mais claro âmbar. O telhado é formado de conchas que se abrem e fecham ao sabor da corrente. É uma linda visão, pois cada concha tem uma pérola deslumbrante, qualquer uma das quais seria um esplêndido ornamento para a coroa de uma rainha.

O rei do mar era viúvo havia alguns anos e sua mãe idosa tomava conta da casa para ele. Era uma mulher inteligente, mas orgulhosa no que dizia respeito a seu nobre berço. Era por isso que usava doze ostras em sua cauda, enquanto todos os outros de alta posição tinham de se contentar com seis. Sob outros aspectos, era digna de grande louvor, pois era muito devotada às netas, as princesinhas do mar. Eram seis lindas crianças, e a mais nova era a mais encantadora. Sua pele era clara e delicada como uma pétala de rosa. Os olhos eram azuis como o mar mais profundo. Como todas as outras, porém, não tinha pés e seu corpo terminava numa cauda de peixe.

O dia inteiro as princesas do mar brincavam nos grandes salões do castelo, em que flores cresciam direto das paredes. As grandes janelas de âmbar ficavam abertas, e os peixes entravam por elas nadando, exatamente como andorinhas entram voando nas nossas casas quando deixamos as janelas abertas. Os peixes deslizavam até onde estavam as princesas, comiam em suas mãos e esperavam um afago.

Fora do castelo havia um bonito jardim com árvores de um azul profundo e de um vermelho flamejante. Seus frutos rutilavam como ouro e suas flores eram como labaredas, com folhas e talos que nunca ficavam imóveis. O próprio solo era da mais fina areia, mas azul como uma chama de enxofre.

Um estranho fulgor azulado envolvia tudo que estava à vista. Se você estivesse lá embaixo, não saberia que estava no fundo do mar, poderia imaginar que estava suspenso lá em cima no ar, sem nada além do céu acima e abaixo de você. Quando havia uma calmaria, era possível vislumbrar o sol, que parecia uma flor púrpura de cujo cálice jorrava luz.

Cada uma das princesinhas tinha o seu próprio pedaço de terra no jardim, onde podia cavar e plantar a seu bel-prazer. Uma arranjou seu canteiro de flores na forma de uma baleia; outra achou mais interessante moldar o seu como uma pequena sereia; mas a caçula fez o seu bem redondo como o sol, e só quis flores que tivessem um brilho vermelho como o dele.

Era uma criança curiosa, sossegada e pensativa. Enquanto as irmãs decoravam seus jardins com as coisas maravilhosas que conseguiam de navios naufragados, ela não admitia nada além de flores rosa-avermelhadas que eram como o sol lá no alto, e uma bela estátua de mármore. A estátua era de um bonito menino, cinzelada na pura pedra branca, e aparecera no fundo do mar depois de um naufrágio. Perto dela a princesinha havia plantado um salgueiro-chorão cor-de-rosa, que cresceu esplendidamente e deixava sua fresca folhagem cair em dobras

sobre a estátua e até o solo azul, arenoso, do oceano. Sua sombra ganhava um matiz violeta e, como os galhos, nunca ficava parada. As raízes e a copa da árvore pareciam estar sempre brincando, tentando se beijar.

Não havia nada de que as princesas gostassem mais do que de ouvir sobre o mundo dos humanos acima do mar. Sua velha avó tinha de lhes contar tudo que sabia sobre navios e cidades, pessoas e animais. Uma coisa em especial as assombrava com sua beleza: saber que as flores tinham uma fragrância – no fundo do mar não tinham nenhuma – e também que as árvores na floresta eram verdes e que os peixes que voavam nas árvores sabiam cantar tão docemente que era um prazer ouvi-los. (A avó chamava os passarinhos de peixes. De outro modo, as princesinhas do mar, que nunca tinham visto um passarinho, não a teriam entendido.)

“Quando vocês fizerem quinze anos”, disse-lhes a avó, “vamos deixá-las subir até a superfície e se sentar nos rochedos ao luar, vendo passar os grandes navios. Verão florestas e também cidades.” No ano seguinte uma das irmãs completaria quinze anos, mas as outras – bem, cada uma era um ano mais nova que a outra, de modo que a mais nova de todas teria de esperar nada menos que cinco anos antes de poder subir das profundezas para a superfície e ver como são as coisas por aqui. Mas cada uma prometia contar às outras tudo que vira e o que lhe parecera mais interessante naquela primeira visita. Nunca estavam satisfeitas com o que a avó contava. Havia um sem-número de coisas sobre as quais ansiavam por ouvir.

Nenhuma das sereias era mais curiosa que a caçula, e era também ela, tão quieta e pensativa, a que tinha de suportar a mais longa espera. Em muitas noites ela se postava junto à janela aberta e fitava através das águas azul escuras, onde peixes espadanavam a água com suas nadadeiras e caudas. Podia ver a lua e as estrelas, embora sua luz fosse muito pálida. Através da água, pareciam muito maiores que aos nossos olhos. Se uma nuvem escura passava acima dela, sabia que era ou uma baleia que nadava sobre a sua cabeça ou um navio cheio de passageiros. Aquelas pessoas nem sonhavam que sob eles havia uma linda pequena sereia, estendendo os braços brancos para a quilha do barco.

Assim que fez quinze anos, a mais velha das princesas ganhou permissão para subir à superfície do oceano. Quando voltou, tinha dúzias de coisas para contar. O mais delicioso, ela disse, foi ficar deitada num banco de areia perto da praia numa noite de lua, com o mar calmo. Então foi possível contemplar a grande cidade onde as luzes tremeluziam como uma centena de estrelas. Podiam-se ouvir sons de música e o estrépito de carros e pessoas. Podiam-se ver todas as torres das igrejas e ouvir os sinos tocando. E exatamente por não ter chegado perto de

todas essas maravilhas, ansiava por todas elas ainda mais. Oh, como a irmã caçula bebia aquelas palavras! E mais tarde naquela noite, quando ficou junto à janela aberta fitando através das águas azul-escuras, ela pensou na grande cidade com todo seu ruído e estrépito, e até imaginou que podia ouvir os sinos das igrejas tocando para ela.

Um ano depois, a segunda irmã teve permissão para subir mar acima e nadar para onde quisesse. Chegou à superfície bem na hora do pôr do sol e essa, ela contou, foi a visão mais bela de todas. Todo o céu parecia ouro, disse, e as nuvens – bem, simplesmente não era capaz de descrever como eram lindas ao passar, em tons de carmesim e violeta, sobre sua cabeça. Mais veloz ainda que as nuvens, um bando de cisnes selvagens voou como um longo e brancovéu por sobre a água rumo ao sol poente. Ela nadou nessa direção, mas o sol se pôs, e sua luz rósea foi engolida por mar e nuvem.

Mais um ano se passou, e a terceira irmã foi à tona. Era a mais ousada de todas, e nadou até um rio largo que desaguava no mar. Viu bonitos morros verdes cobertos de parreiras; solares e granjas espiavam de matas magníficas; ouviu os passarinhos cantando; e o sol era tão quente que teve de mergulhar muitas vezes na água para refrescar o rosto abrasado. Numa pequena enseada, topou com um bando de crianças humanas, divertindo-se, completamente nuas, na água. Quis brincar com elas, mas ficaram apavoradas e fugiram. Depois um animalzinho preto foi até a água. Era um cachorro, mas ela nunca tinha visto um. O animal latiu tanto para ela que ela ficou amedrontada e nadou para o mar aberto. Mas disse que nunca esqueceria a magnífica floresta, os morros verdes, e as lindas criancinhas, que eram capazes de nadar, embora não tivessem caudas.

A quarta irmã não foi tão ousada. Permaneceu muito distante da terra, nas vastidões desertas do oceano, mas foi exatamente isso, ela lhes contou, que tornou sua visita tão maravilhosa. Podia ver por quilômetros e quilômetros à sua volta, e o céu pairava sobre ela como um grande sino de vidro. Vira navios, mas tão ao longe que pareciam gaivotas. Os golfinhos brincavam nas ondas e baleias imensas esguichavam água com tanta força que pareciam estar cercadas por uma centena de chafarizes.

Agora era a vez da quinta irmã. Como seu aniversário caía no inverno, ela viu coisas que as outras não tinham visto da primeira vez. O mar parecia inteiramente verde e sobre ele flutuavam grandes icebergs. Cada um parecia uma pérola, ela disse, mas eram mais altos que as torres de igreja construídas pelos seres humanos. Apareciam nas formas mais fantásticas, e brilhavam como diamantes. Ela se sentara num dos maiores, e todos os navios pareciam ter

medo dele, pois passavam navegando rapidamente e muito ao largo do lugar onde ela estava sentada, com o vento brincando em seus longos cabelos.

Mais tarde naquela noite o céu se fechou. Trovões estrondeavam, relâmpagos chispavam e as ondas escuras erguiam os enormes blocos de gelo tão alto que os tiravam da água, fazendo-os reluzir na intensa luz vermelha. Todos os navios recolheram as velas, e em meio ao horror e ao alarme geral, a sereia permaneceu sentada tranquilamente no iceberg flutuante, vendo os relâmpagos azuis ziguezaguearem rumo ao mar resplandecente.

Na primeira vez que as irmãs subiram à superfície, ficaram sempre encantadas de ver tantas coisas novas e bonitas. Mais tarde, porém, quando ficaram mais velhas e podiam emergir sempre que queriam, ficaram menos entusiasmadas. Tinham saudade do fundo do mar. E depois de um mês diziam que, afinal de contas, era muito mais agradável lá embaixo – era tão reconfortante estar em casa. Mesmo assim, muitas vezes, ao entardecer, as cinco irmãs davam-se os braços e emergiam juntas. Suas vozes eram lindas, mais bonitas que a de qualquer ser humano.

Antes da aproximação de uma tempestade, quando esperavam o naufrágio de um navio, as irmãs costumavam nadar diante do barco e cantar docemente as delícias das profundezas do mar. Diziam aos marinheiros para não terem medo de mergulhar até o fundo, mas eles nunca entendiam suas canções. Pensavam estar ouvindo os uivos da tempestade. Nunca viam, também, nenhuma das delícias que as sereias prometiam, pois se o navio afundava, os homens se afogavam, e era só como homens mortos que alcançavam o palácio do rei do mar.

Quando as irmãs subiam assim de braços dados pela água, a caçula sempre ficava para trás, sozinha, acompanhando-as com os olhos. Teria chorado, mas as sereias não têm lágrimas e sofrem ainda mais que nós. “Oh, se pelo menos eu tivesse quinze anos”, ela dizia. “Sei que vou gostar muito do mundo lá de cima e de todas as pessoas que vivem nele.”

Então finalmente ela fez quinze anos. “Bem, agora você logo escapará das nossas mãos”, disse a velha rainha-mãe, sua avó. “Venha, deixe-me vesti-la como suas outras irmãs”, e pôs no seu cabelo uma grinalda de lírios brancos em que cada pétala de flor era metade de uma pérola. Depois a velha senhora mandou trazer oito grandes ostras para prender firmemente na cauda da princesa e mostrar sua alta posição.

“Ai! Está doendo”, disse a Pequena Sereia.

“Sim, a beleza tem seu preço”, respondeu a avó. Como a Pequena Sereia teria gostado de se livrar de todos aqueles enfeites e pôr de lado aquela pesada grinalda! As flores vermelhas de seu jardim assentavam-lhe muito melhor, mas não ousou fazer nenhuma modificação. “Adeus”, disse, ao subir pela água tão leve e limpidamente quanto as bolhas se elevam à superfície.

O sol acabara de se pôr quando ela ergueu a cabeça sobre as ondas, mas as nuvens ainda estavam tingidas de carmesim e ouro. No alto do céu pálido, rosado, a estrela vespertina luzia clara e vívida. O ar estava ameno e fresco. Um grande navio de três mastros deslizava na água, com apenas uma vela hasteada porque não soprava nenhuma aragem. Os marinheiros estavam refestelados no cordame ou nas vergas. Havia música e canto a bordo, e quando escureceu uma centena de lanternas foi acesa. Com suas muitas cores, tinha-se a impressão de que as bandeiras de todas as nações estavam drapejando no ar.

A Pequena Sereia nadou até a vigia da cabine e, cada vez que uma onda a levantava, podia ver uma multidão de pessoas bem-vestidas através do vidro claro. Entre elas estava um jovem príncipe, a mais bonita daquelas pessoas, com grandes olhos escuros. Não podia ter mais de dezesseis anos. Era seu aniversário, e era por isso que havia tanto alvoroço. Quando o jovem príncipe saiu para o convés, onde os marinheiros estavam dançando, mais de uma centena de foguetes zuniram rumo ao céu e espocaram num esplendor, tornando o céu claro como o dia. A Pequena Sereia ficou tão surpresa que mergulhou, se escondendo sob a água. Mas depressa pôs a cabeça para fora de novo. E veja! Parecia que as estrelas lá do céu estavam caindo sobre ela. Nunca vira fogos de artifício assim. Grandes sóis rodopiavam à sua volta; peixes de fogo refulgentes lançavam-se no ar azul, e todo esse fulgor se refletia nas águas claras e calmas embaixo. O próprio navio estava tão feericamente iluminado que se podiam ver não só todas as pessoas que lá estavam como a corda mais fina. Que garboso parecia o jovem príncipe quando apertava as mãos dos marinheiros! Ele ria e sorria enquanto a música ressoava pelo delicioso ar da noite.

Ficou tarde, mas a Pequena Sereia não conseguia tirar os olhos do navio ou do belo príncipe. As lanternas coloridas haviam sido apagadas; os foguetes não mais subiam no ar; e o canhão cessara de dar tiros. Mas ela estava desassossegada e era possível ouvir um som queixoso, zangado, sob as ondas. Mesmo assim a Pequena Sereia continuou sobre a água, balançando-se para cima e para baixo para poder olhar a cabine. O navio ganhou velocidade; uma após outra as suas velas foram desfraldadas. As ondas cresciam, nuvens pesadas

escureciam o céu e relâmpagos faiscavam a distância. Uma tempestade pavorosa estava se armando. Por isso os marinheiros recolheram as velas, enquanto o vento sacudia o grande navio e o arrastava pelo mar furioso. As ondas subiam cada vez mais alto, até se assemelharem a enormes montanhas negras, ameaçando derrubar o mastro. Mas o navio mergulhava como um cisne entre elas e voltava a subir em cristas arrogantes e espumosas. A Pequena Sereia pensou que devia ser divertido para um navio navegar daquele jeito, mas a tripulação pensava diferente. O barco gemia e estalava; suas pranchas sólidas rompiam-se sob as violentas pancadas do mar. Então o mastro partiu-se ruidosamente em dois, como um caniço. O navio adernou quando a água se precipitou no porão.

De repente a Pequena Sereia compreendeu que o navio estava em perigo. Ela mesma tinha de ter cuidado com as vigas e pedaços de destroços à deriva. Em certos momentos ficava tão escuro que não conseguia ver nada, mas depois o clarão de um relâmpago iluminava todas as pessoas a bordo. Agora era cada um por si. Ela estava à procura do jovem príncipe e, no momento mesmo em que o navio estava se partindo, viu-o desaparecer nas profundezas do mar.

Por um instante, ficou encantada, pois pensou que agora ele viveria na sua parte do mundo. Mas logo se lembrou que criaturas humanas não vivem debaixo d'água e que ele só chegaria ao palácio de seu pai como um homem morto. Não, não, ele não podia morrer. Assim ela nadou entre as vigas e pranchas que o mar arrastava, indiferente ao perigo de ser esmagada. Mergulhava profundamente e emergia das ondas, e finalmente encontrou o jovem príncipe. Ele mal conseguia seguir nadando no mar tempestuoso. Seus membros fraquejavam; seus olhos bonitos estavam fechados; e teria certamente se afogado se a Pequena Sereia não tivesse ido em seu socorro. Ela segurou-lhe a cabeça sobre a água e deixou que as ondas a carregassem com ele.

Quando amanheceu a tempestade cessara e não havia vestígio do navio. O sol despontou da água, vermelho e candente, e pareceu devolver a cor às faces do príncipe; mas os olhos dele continuavam fechados. A sereia beijou-lhe a fronte alta e delicada, e ajeitou-lhe para trás o cabelo molhado. Aos seus olhos, ele parecia a estátua de mármore que tinha em seu jardimzinho. Beijou-o de novo e fez um pedido para que ele pudesse viver.

Logo a sereia viu diante de si terra firme, com suas majestosas montanhas azuis cobertas de neve branca cintilante, parecendo cisnes aninhados. Perto da costa havia lindas florestas verdes e junto a uma delas erguia-se um prédio alto; se era uma igreja ou um convento ela não sabia dizer. Limoeiros e laranjeiras cresciam no jardim e ao lado da porta havia três palmeiras

altas. O mar formava uma angra nesse ponto e a água aí era perfeitamente calma, embora muito profunda. A sereia nadou com o belo príncipe até a praia, coberta de areia fina e branca. Ali depositou o príncipe sob o sol morno, fazendo um travesseiro de areia para sua cabeça.

Sinos repicaram no grande prédio branco, e várias meninas apareceram no jardim. A Pequena Sereia nadou para bem longe da praia e escondeu-se atrás de uns penedos grandes que se elevavam acima da água. Cobriu o cabelo e o peito com espuma do mar para que ninguém a pudesse ver. Depois ficou espiando para ver quem ajudaria o pobre príncipe.

Não demorou muito e surgiu uma menina. Pareceu muito assustada, mas só por um momento, e correu para buscar ajuda de outros. A sereia viu o príncipe voltar a si, e ele sorriu para todos que o cercavam. Mas não houve sorriso para ela, pois ele não tinha a mais pálida ideia de quem o salvara. Depois que o levaram para o grande prédio, a Pequena Sereia se sentiu tão infeliz que mergulhou de volta para o palácio do pai.

Sempre fora silenciosa e pensativa, mas agora estava mais que nunca. Suas irmãs lhe perguntavam o que vira durante sua visita à superfície, mas ela não lhes contava nada. Em muitas manhãs e entardeceres ela subia até o ponto onde deixara o príncipe. Viu as frutas do jardim amadurecerem e observou-as quando foram colhidas. Viu a neve derreter nos picos. Mas nunca via o príncipe e por isso sempre voltava para casa ainda mais cheia de dor do que antes. Seu único consolo era ficar em seu jardimzinho, os braços em torno da bela estátua de mármore, tão parecida com o príncipe. Nunca mais cuidou das suas flores, e elas se espalhavam selvagememente pelas trilhas, enroscando seus longos talos e folhas em torno dos galhos das árvores até barrar completamente a luz.

Por fim ela não conseguiu mais guardar aquilo consigo e contou tudo a uma das irmãs. Logo as outras ficaram sabendo, mas ninguém mais, exceto algumas outras sereias que não diriam nada a ninguém a não ser suas melhores amigas. Uma delas pôde lhe dar notícias do príncipe. Ela também vira os festejos realizados a bordo e contou mais sobre o príncipe e a localização de seu reino.

“Vamos, irmãzinha”, disseram as outras princesas. E com os braços nos ombros umas das outras, subiram numa longa fileira até a superfície, bem diante do lugar onde se erguia o castelo do príncipe. O castelo, construído de uma pedra amarelo-clara brilhante, tinha longos lances de degraus de mármore, um dos quais levava diretamente ao mar. Esplêndidos domos dourados elevavam-se acima do telhado, e entre as colunas que cercavam toda a construção

havia esculturas de mármore que pareciam vivas. Através do vidro claro das altas janelas era possível ver salões magníficos ornados com suntuosas cortinas de seda e tapeçarias. As paredes eram cobertas com grandes pinturas, e era um prazer contemplá-las. No centro do maior salão havia uma fonte que lançava seus jorros espumantes até o domo de vidro do teto, e através deste o sol brilhava sobre a água e as belas plantas que cresciam no grande tanque.

Agora que sabia onde o príncipe vivia, a Pequena Sereia passava muitos ocasos e muitas noites naquele ponto. Nadava até muito mais perto da costa do que as outras ousavam. Chegou a avançar pelo estreito canal para ir até o belo balcão de mármore que projetava suas longas sombras sobre a água. Ali ela se sentava e contemplava o jovem príncipe, que supunha estar completamente só ao clarão da lua.

Muitas vezes, à noite, a Pequena Sereia o via sair ao mar em seu esplêndido barco, com bandeiras hasteadas aos acordes de música. Espiava do meio dos juncos verdes, e, quando o vento levantava o longo véu branco e prateado do seu cabelo, e pessoas o viam, imaginavam apenas que era um cisne, estendendo as asas.

Muitas noites, quando os pescadores saíam para o mar com suas tochas, ela os ouvia louvando o jovem príncipe, e suas palavras a deixavam ainda mais feliz por lhe ter salvado a vida. E ela lembrava como aninhara a cabeça dele em seu peito e com que carinho o beijara. Mas ele não sabia nada de nada disso e nunca sequer sonhara que ela existia.

A Pequena Sereia foi gostando cada vez mais dos seres humanos e ansiava profundamente pela companhia deles. O mundo em que viviam parecia tão maior que o seu próprio. Veja, eles podiam varar os oceanos em navios, e escalar montanhas íngremes mais altas que as nuvens. E as terras que possuíam, suas matas e seus campos, se estendiam muito além de onde a vista alcançava. Havia uma porção de outras coisas que ela teria gostado de saber, e suas irmãs não eram capazes de responder a todas as suas perguntas. Por isso foi visitar sua velha avó, que sabia tudo sobre o mundo superior, como chamava tão apropriadamente os países acima do mar.

“Quando não se afogam”, perguntou a Pequena Sereia, “os seres humanos podem continuar vivendo para sempre? Não morrem como nós, aqui embaixo no mar?”

“Sim, sim”, respondeu a velha senhora. “Eles também têm de morrer, e seu tempo de vida é até mais curto que o nosso. Nós por vezes alcançamos a idade de trezentos anos, mas quando nossa vida aqui chega ao fim, simplesmente nos transformamos em espuma na água.

Aqui não temos sepultura daqueles que amamos. Não temos uma alma imortal e nunca teremos outra vida. Somos como o junco verde. Uma vez cortado, cessa de crescer. Mas os seres humanos têm almas que vivem para sempre, mesmo depois que seus corpos se transformaram em pó. Elas sobem através do ar puro até alcançarem as estrelas brilhantes. Assim como nós subimos à flor da água e contemplamos as terras dos seres humanos, assim eles atingem reinos belos, desconhecidos – regiões que nunca veremos.”

“Por que não podemos ter uma alma imortal?” a Pequena Sereia perguntou, pesarosa. “Eu daria de boa vontade todos os trezentos anos que tenho para viver se pudesse me tornar um ser humano por um só dia e partilhar daquele mundo celestial.”

“Você não deveria se apoquentar com isso”, disse a avó. “Somos muito mais felizes e vivemos melhor aqui do que os seres humanos lá em cima.”

“Então estou condenada a morrer e flutuar como espuma no mar, a nunca ouvir a música das ondas ou ver as lindas flores e o sol vermelho. Não há mesmo nada que eu possa fazer para conseguir uma alma imortal?”

“Não” disse a velha senhora. “Só se um ser humano a amasse tanto que você importasse mais para ele que pai e mãe. Se ele a amasse de todo o coração e eixasse o padre pôr a mão direita sobre a sua como uma promessa de ser fiel agora e por toda a eternidade – nesse caso a alma dele deslizaria para dentro do seu corpo e você, também, obteria uma parcela da felicidade humana. Ele lhe daria uma alma, e no entanto conservaria a dele próprio. Mas isso nunca pode acontecer. Sua cauda de peixe, que achamos tão bonita, parece repulsiva à gente da terra. Sabem tão pouco sobre isso que acreditam realmente que as duas desajeitadas escoras que chamam de pernas são bonitas.”

A Pequena Sereia deu um suspiro e olhou pesarosamente para sua cauda de peixe.

“Devemos ficar satisfeitos com o que temos”, disse a velha senhora. “Vamos dançar e nos alegrar pelos trezentos anos que temos para viver – é bastante tempo, não é? Depois da morte, poderemos descansar e pôr o sono em dia. Hoje teremos um baile na corte.” Esse baile era algo mais esplêndido que tudo que já vimos na terra. As paredes e o teto do grande salão eram feitos de cristal espesso, mas transparente. Várias centenas de conchas enormes, vermelho-rosa e verde-relva, estavam dispostas de cada lado, cada uma com uma chama azul que iluminava o salão inteiro, e, luzindo através das paredes, iluminavam também o mar. Um sem-número de peixes, grandes e pequenos, podia ser visto nadando rumo às paredes de cristal.

As escamas de alguns fulgiam com um brilho púrpura avermelhado e as de outros como prata e ouro. Cortando o salão pelo meio corria uma larga torrente, e nela homens e mulheres de cauda dançavam ao seu próprio som dolente. Nenhum ser humano tem voz tão bela. Ninguém cantava mais docemente que a Pequena Sereia, e todos a aplaudiram. Por um instante houve alegria em seu coração, pois ela sabia que ninguém tinha uma voz mais bela que a sua em terra ou no mar. Mas em seguida seus pensamentos se voltaram para o mundo acima dela. Não conseguia esquecer o belo príncipe e a grande dor de não ter a alma imortal que ele possuía. Assim, saiu furtivamente do palácio do pai, e enquanto todos lá dentro cantavam e se divertiam, foi se sentar em seu jardimzinho, desolada.

De repente ouviu o som de uma buzina ecoando através da água, e pensou: “Ah, lá vai ele, navegando lá em cima – ele que eu amo mais que a meu pai ou a minha mãe, ele que está sempre em meus pensamentos e em cujas mãos eu depositaria alegremente minha felicidade. Arriscaria qualquer coisa para tê-lo e a uma alma imortal. Enquanto minhas irmãs dançam lá no castelo de meu pai, vou à procura da bruxa do mar. Sempre tive um medo terrível dela, mas talvez possa me ajudar e me dizer o que fazer.”

Assim a Pequena Sereia partiu para onde a bruxa morava, no lado mais distante dos remoinhos espumantes. Nunca estivera lá antes. Naquele lugar não cresciam flores nem relva do mar. Não havia nada além do fundo arenoso cinzento que se estendia até os turbilhões, onde a água rodopiava com o estrondo de rodas de moinho e sugava para as profundezas tudo que podia agarrar. Tinha de passar pelo meio desses furiosos torvelinhos para chegar ao domínio da bruxa do mar. Por um longo trecho não havia outro caminho senão pela lama quente, borbulhante – que a bruxa chamava de seu charco.

A casa da bruxa ficava atrás do charco, no meio de uma floresta fantástica. Todas as árvores e arbustos eram pólipos, metade animal e metade planta. Pareciam serpentes de cem cabeças crescendo do chão. Tinham ramos que pareciam braços longos e viscosos, com dedos flexíveis semelhantes a vermes. Nó por nó, desde a raiz até a crista, estavam em constante movimento, e se enroscavam com força em torno de qualquer coisa que conseguissem agarrar no mar, e não a soltavam mais. A Pequena Sereia ficou apavorada e se deteve à beira da mata. Seu coração saltava de medo e ela esteve prestes a dar meia-volta. Mas então lembrou-se do príncipe e da alma humana, e recobrou a coragem. Prendeu firmemente em torno da cabeça seu longo e flutuante cabelo para que os pólipos não o pudessem agarrar. Depois dobrou os braços sobre o peito e arremessou-se para frente como um peixe disparado através da água, por entre

os pólipos repelentes, que tentavam agarrá-la com seus braços e dedos ágeis. Notou como cada um deles havia agarrado alguma coisa e a retinha firmemente, com uma centena de pequenos braços que pareciam argolas de ferro. Esqueletos brancos de seres humanos que haviam morrido no mar e afundado até as águas profundas olhavam dos braços dos pólipos. Lemes e arcas de navios estavam fortemente apertados em seus braços, junto com esqueletos de animais da terra e – o mais horripilante de tudo – uma sereiazinha, que eles haviam agarrado e estrangulado.

Chegou então a um grande charco lodoso na mata, onde grandes e gordas cobras-d'água revolviavam-se no lamaçal, mostrando suas horrendas barrigas de um amarelo-esbranquiçado. No meio do charco erguia-se uma casa, construída com os ossos de humanos naufragados. Lá estava a bruxa do mar, deixando um sapo comer da sua boca, como as pessoas alimentam às vezes um canário com um torrão de açúcar. Ela chamava as repelentes cobras d'água de seus pintinhos e deixava-as rastejar sobre o seu peito.

“Sei exatamente o que você procura”, disse a bruxa do mar. “Que idiota você é! Mas sua vontade vai ser atendida, e vai lhe trazer desventura, minha linda princesa. Você quer se livrar de sua cauda de peixe e ter no lugar dela um par de tocos para andar como um ser humano, de modo que o jovem príncipe se apaixone por você e lhe dê uma alma imortal.” E ao dizer isso a bruxa soltou uma gargalhada tão alta e repulsiva que o sapo e as cobras caíram estatelados no chão. “Você veio na hora certa”, disse a bruxa. “A partir de amanhã, assim que o sol se levantar, e por um ano inteiro, eu não seria mais capaz de ajudá-la. Vou preparar uma bebida para você. Terá de nadar para a terra com ela antes do nascer do sol, sentar-se na praia e tomá-la. Sua cauda se dividirá então em duas e encolherá para virar o que os seres humanos chamam de ‘bonitas pernas’. Mas vai doer. Você sentirá como se uma espada afiada a cortasse. Todos que a virem dirão que você é o ser humano mais encantador que já encontraram. Vai conservar seus movimentos graciosos – nenhuma dançarina jamais deslizará com tanta leveza –, mas cada passo que der a fará sentir como se estivesse pisando numa faca afiada, o bastante para fazer seus pés sangrarem. Se está disposta a enfrentar tudo isso, posso ajudá-la.”

“Estou”, disse a pequena princesa, e sua voz tremia. Mas voltou seus pensamentos para o príncipe e o prêmio de uma alma imortal.

“Pense sobre isso com cuidado”, disse a bruxa. “Depois que assumir a forma de um ser humano, nunca mais poderá ser uma sereia. Não será capaz de descer nadando através da água ao encontro de suas irmãs e do palácio de seu pai. Só conseguirá uma alma imortal se conquistar o amor do príncipe e fizer com que ele se disponha a esquecer o pai e a mãe por amor a você.

Ele deve tê-la sempre em seus pensamentos e permitir que o padre junte suas mãos para que se tornem marido e mulher. Se o príncipe se casar com alguma outra pessoa, na manhã seguinte seu coração se partirá, e você virará espuma na crista das ondas.”

“Estou pronta”, disse a Pequena Sereia, e ficou pálida como a morte.

“Mas terá que me pagar”, disse a bruxa. “Não vai receber minha ajuda a troco de nada. Você tem a voz mais adorável entre todos que habitam aqui no fundo do mar. Provavelmente pensa que poderá encantar o príncipe com ela, mas terá que dá-la para mim. Vou lhe pedir o que possui de melhor como paga por minha poção. Você entende, tenho de misturar nela um pouco do meu próprio sangue, para que a bebida seja afiada como uma espada de dois gumes.”

“Mas se me tira a minha voz”, disse a Pequena Sereia, “o que me sobrar?” “Sua linda figura”, disse a bruxa, “seus movimentos graciosos e seus olhos expressivos. Com eles pode encantar facilmente um coração humano... Bem, onde está a sua coragem? Estique a linguinha e deixe-me cortá-la fora como meu pagamento. Depois receberá sua poderosa poção.”

“Assim seja”, disse a Pequena Sereia, e a bruxa pôs seu caldeirão no fogo para cozinhar a poção mágica. “Limpeza antes de mais nada”, ela disse, enquanto esfregava a panela com um feixe de cobras que tinha amarrado juntas numa grande laçada. Depois deu uma picada no seio e deixou que o sangue preto caísse no caldeirão. O vapor que se ergueu criava formas estranhas, apavorantes de se ver. A bruxa continuava a jogar novas coisas no caldeirão, e quando a mistura começou a ferver, soava como um crocodilo chorando. Finalmente a poção mágica ficou pronta, e era cristalina como água.

“Pronto!” disse a bruxa ao cortar fora a língua da Pequena Sereia. Agora ela estava muda e não podia falar nem cantar.

“Se os pólipos a agarrarem quando você voltar pela mata”, disse a bruxa, “basta jogar sobre eles uma única gota desta poção, e os braços e dedos deles se romperão em mil pedaços.” Mas a Pequena Sereia não precisou disso. Os pólipos se encolheram aterrorizados quando avistaram a poção cintilante que tremeluzia em sua mão como uma estrela. Assim, passou rapidamente pela mata, o charco e os redemoinhos atreadores.

A Pequena Sereia pôde contemplar o palácio do pai. As luzes do salão de baile estavam apagadas. Certamente todos lá estavam dormindo a essa hora. Mas não ousou entrar para vê-los, pois agora estava muda e prestes a deixá-los para sempre. Tinha a impressão de que seu coração ia se partir de tanta dor. Entrou furtivamente no jardim, arrancou uma flor do canteiro

de cada uma das irmãs, soprou mil beijos na direção do palácio e depois subiu à superfície através das águas azul-escuras.

O sol ainda não raiara quando ela avistou o palácio do príncipe e subiu os degraus de mármore. O luar era claro e vívido. A Pequena Sereia tomou a poção cortante, causticante, e teve a impressão de que uma espada estava trespassando seu corpo delicado. Desmaiou e tombou, como morta.

O sol se levantou e, luzindo através do mar, acordou-a. Ela sentiu uma dor aguda. Mas bem ali, na sua frente, estava o belo príncipe. Os olhos dele, negros como carvão, a fitavam tão intensamente que ela baixou os seus, e percebeu que sua cauda de peixe desaparecera e que tinha um bonito par de pernas brancas como as que qualquer menina desejaria ter. Mas estava inteiramente nua e por isso envolveu-se em seu longo cabelo, que caía delicadamente. O príncipe perguntou-lhe quem era e como chegara até ali, e ela só pôde olhar de volta para ele com seus olhos de um azul profundo, doce e tristemente, pois, é claro, não podia falar. Então ele a tomou pela mão e a levou para o palácio. Cada passo que ela dava, como a bruxa predissera, a fazia sentir como se estivesse pisando em facas e agulhas afiadas, mas suportou isso firmemente. Caminhou com a leveza de uma bolha ao lado do príncipe. Este e todos que a viram ficaram maravilhados ante a graça de seus movimentos.

Deram-lhe vestidos suntuosos de seda e musselina. Ela era a mais bela criatura no palácio, mas era muda, não podia falar nem cantar. Lindas moças escravas vestidas de seda e ouro apareceram e dançaram diante do príncipe e de seus parentes reais. Uma cantou mais lindamente que todas as outras, e o príncipe bateu palmas e sorriu para ela. Isso deixou triste a Pequena Sereia, que sabia que ela própria podia cantar ainda mais lindamente. E pensou: “Oh, se pelo menos ele soubesse que abri mão de minha voz para sempre para estar com ele.”

As moças escravas dançaram uma dança graciosa, deslizando ao som da mais encantadora das músicas. E a Pequena Sereia ergueu seus belos braços brancos, ficou na ponta dos pés e deslizou pelo piso, dançando como ninguém dançara antes. A cada passo, parecia mais e mais encantadora, e seus olhos falavam mais profundamente ao coração que o canto das moças escravas.

Todos ficaram encantados, especialmente o príncipe, que a chamou de sua criancinha enfeitada. Ela continuou dançando, apesar da sensação de estar pisando em facas afiadas cada

vez que seu pé tocava o chão. O príncipe disse que ela nunca deveria deixá-lo, e ela ganhou permissão para dormir do lado de fora de sua porta, numa almofada de veludo.

O príncipe mandou fazer para ela um traje de pajem para que pudesse sair a cavalo com ele. Cavalgavam juntos pelas matas fragrantas, onde os ramos verdes roçavam seus ombros e os passarinhos cantavam em meio às folhas frescas. Ela subia com o príncipe ao topo de montanhas altas e, embora seus pés delicados sangrassem e todos pudessem ver o sangue, ela apenas ria e acompanhava o príncipe até onde podiam ver as nuvens abaixo deles, parecendo um bando de aves a viajar para terras distantes.

No palácio do príncipe, quando todos na casa dormiam, ela costumava ir para os largos degraus de mármore e refrescar os pés ferventes na água fria do mar. E naqueles momentos pensava nos que estavam lá embaixo nas profundezas. Uma noite suas irmãs subiram de braços dados, cantando melancolicamente enquanto flutuavam na água. Acenou para elas e elas a reconheceram e lhe disseram o quanto as fizera, a todas, infelizes. Depois disso, passaram a visitá-la todas as noites, e uma vez ela viu a distância sua velha avó, que não vinha à superfície havia muitos anos, e também o velho rei do mar com sua coroa na cabeça. Ambos estenderam as mãos para ela, mas não se aventuraram tão perto da costa quanto as irmãs.

Com o tempo, ela foi se tornando mais preciosa para o príncipe. Ele a amava como se ama uma criancinha, mas jamais lhe passara pela cabeça fazer dela sua rainha. E no entanto ela precisava se tornar sua esposa, pois do contrário nunca receberia uma alma imortal e, na manhã do casamento dele, se dissolveria em espuma no mar.

“É de mim que você gosta mais?”, os olhos da Pequena Sereia pareciam perguntar quando ele a tomava nos braços e beijava sua linda testa.

“Sim, você é muito preciosa para mim”, dizia o príncipe, “pois ninguém tem um coração tão bondoso. E você é mais devotada a mim que qualquer outra pessoa. Você me lembra uma menina que conheci uma vez, mas que provavelmente nunca verei de novo. O navio em que eu viajava naufragou, e as ondas me jogaram na costa, perto de um templo sagrado, onde várias meninas estavam cumprindo suas obrigações. A mais nova delas me encontrou na praia e salvou minha vida. Só a vi duas vezes. Ela é a única no mundo que eu poderia amar. Mas você é tão parecida com ela que quase tirei a imagem dela da minha mente. Ela pertence ao templo sagrado, e minha boa fortuna enviou você para mim. Nunca nos separaremos.”

“Ah, mal sabe ele que fui eu que lhe salvei a vida”, pensou a Pequena Sereia. “Carreguei-o pelo mar até o templo na mata e esperei na espuma que alguém viesse socorrê-lo. Vi a menininha que ele ama mais do que a mim” – e a Pequena Sereia suspirou profundamente, pois não sabia derramar lágrimas. “Ele diz que a menina pertence ao templo sagrado e que por isso nunca retornará ao mundo. Eles nunca voltarão a se encontrar. Eu estou ao lado dele, vejo-o todo dia. Vou cuidar dele e amá-lo e dar minha vida por ele.”

Não muito tempo depois, correu o rumor de que o príncipe iria se casar, que a esposa seria a bonita filha de um rei vizinho e que era por isso que ele estava equipando um navio tão esplêndido. O príncipe ia fazer uma visita a um reino vizinho – era assim que falavam, dando a entender que estava indo ver a filha do vizinho. A roda que o cercava era grande, mas a Pequena Sereia sacudia a cabeça e ria. Conhecía os pensamentos do príncipe muito melhor que ninguém.

“Tenho que ir”, ele disse a ela. “Tenho de visitar essa bonita princesa porque meus pais insistem nisso. Mas eles não podem me forçar a trazê-la para cá como minha esposa. Nunca fui capaz de amá-la. Ela não tem nenhuma semelhança com a menina bonita do templo, com quem você se parece. Se eu fosse obrigado a escolher uma noiva, preferiria escolher você, minha mudinha rejeitada, com seus olhos expressivos.” E beijava a boca rosada da sereia, brincava com o longo cabelo dela, e pousava a cabeça contra o peito dela de tal maneira que o coração da sereia sonhava com a felicidade humana e uma alma imortal.

“Você não tem medo do mar, não é, minha mudinha?” ele perguntou quando se viram no convés do esplêndido navio que iria transportá-los ao reino vizinho. E ele lhe falou de tempestades violentas e de calmarias, dos estranhos peixes que nadam nas profundezas e do que os mergulhadores tinham visto lá. Ela sorria às histórias dele, pois sabia mais do que ninguém das maravilhas do fundo do mar.

À noite, quando havia lua num céu sem nuvens e todos estavam dormindo, exceto pelo timoneiro em seu leme, a Pequena Sereia sentava-se junto à amurada, os olhos espreitando a água clara. Tinha a impressão de poder ver o palácio do pai, com sua velha avó postada no alto dele com a coroa de prata na cabeça, tentando enxergar por entre a rápida corrente na quilha do navio. Depois suas irmãs surgiam das ondas e a fitavam com olhos cheios de aflição, torcendo as mãos brancas. Acenava e sorria para elas, e teria gostado de lhes dizer que estava feliz e que tudo ia bem para ela. Mas o camareiro apareceu exatamente nesse instante, e as irmãs mergulharam, deixando o rapaz convencido de que a coisa branca que vira era apenas espuma sobre a água.

Na manhã seguinte o navio entrou no porto da magnífica capital do rei vizinho. Os sinos das igrejas estavam tocando e podia-se ouvir um som de clarim, vindo das torres. Soldados faziam continência, com baionetas fulgurantes e bandeiras desfraldadas. Cada dia houve um festejo. Bailes e entretenimentos se seguiam uns aos outros, mas a princesa ainda não aparecera. As pessoas diziam que ela estava sendo criada e educada num templo sagrado, onde estava aprendendo todas as virtudes régias. Finalmente ela chegou.

A Pequena Sereia, que estava ansiosa para ver a beleza dela, teve de admitir que nunca vira pessoa mais encantadora. Sua pele era clara e delicada e, por trás de cílios longos e escuros, seus olhos azuis sorridentes brilhavam com profunda sinceridade.

“É você”, disse o príncipe. “Você é aquela que me salvou quando eu estava estendido na praia, semimorto.” E estreitou nos braços sua noiva, de faces afogueadas. “Oh, estou tão feliz”, ele disse à Pequena Sereia. “Meu desejo mais caro – mais do que eu ousava esperar – foi satisfeito. Minha felicidade lhe dará prazer, porque você é mais devotada a mim do que ninguém.” A Pequena Sereia beijou a mão dele e sentiu como se seu coração já estivesse partido. O dia do casamento dele significaria a sua morte, e ela se transformaria em espuma nas ondas do oceano.

Todos os sinos das igrejas repicavam enquanto os arautos percorriam as ruas para proclamar o noivado. Óleo perfumado queimava em preciosas lâmpadas de prata em cada altar. O padre balançava o incensário enquanto o noivo e a noiva se davam as mãos e recebiam a bênção do bispo. Vestida de seda e ouro, a Pequena Sereia segurava a cauda da noiva, mas seus ouvidos nunca tinham ouvido aquela música festiva, e seus olhos nunca tinham visto os santos ritos. Ela pensava sobre sua última noite na terra e sobre tudo que havia perdido neste mundo.

Na mesma noite noivo e noiva embarcaram no navio. O canhão troava, as bandeiras tremulavam, e no centro do navio fora erguida uma suntuosa tenda de púrpura e ouro. Estava recoberta de ricas almofadas, pois os recém-casados deveriam dormir ali naquela noite calma, fresca. As velas se enfunaram com a brisa e o navio singrou leve e suavemente os mares claros.

Quando escureceu, acenderam-se lanternas coloridas e os marinheiros dançaram alegremente no convés. A Pequena Sereia não pôde deixar de pensar naquela primeira vez em que tinha emergido e contemplado uma cena de festejos jubilosos igual a esta. E agora ela entrou na dança, volteando e precipitando-se com a leveza de uma andorinha acuada. Brados de admiração a saudaram de todos os cantos. Nunca antes ela dançara com tanta elegância. Era

como se facas afiadas estivessem cortando seus pés delicados, mas ela não sentia nada, pois a ferida em seu coração era muito mais dolorida. Sabia que aquela era a última noite em que poderia ver o príncipe, por quem abandonara sua família e seu lar, abrira mão de sua linda voz e sofrera horas de agonia sem que ele de nada suspeitasse. Era a última noite em que podia respirar com ele ou contemplar o mar profundo e o céu estrelado. Uma noite eterna, sem pensamentos ou sonhos, a esperava, a ela que não tinha alma e nunca ganharia uma. Tudo foi alegria e regozijo a bordo até muito depois da meia-noite. Ela dançou e riu com os outros enquanto em seu coração pensava na morte. O príncipe beijava sua noiva encantadora, que brincava com seu cabelo escuro, e de braços dados os dois se retiraram para a magnífica tenda.

Agora o navio estava silencioso e calmo. Só o timoneiro estava lá junto a seu leme. A pequena princesa recostou-se com seus braços brancos na amurada e olhou para o leste em busca de sinal da rósea aurora. O primeiro raio do sol, ela sabia, traria a sua morte. De repente viu suas irmãs emergindo. Estavam pálidas como ela própria, mas seus longos e belos cabelos não mais ondulavam ao vento – haviam sido cortados.

“Demos nossos cabelos à bruxa”, disseram, “para que nos ajudasse a salvá-la da morte que a espera esta noite. Ela nos deu uma faca – veja, aqui está. Vê como é afiada? Antes do nascer do sol você tem de cravá-la no coração do príncipe. Então, quando o sangue morno dele borriar seus pés, eles voltarão a crescer juntos e formar uma cauda de peixe, e você será sereia de novo. Poderá voltar conosco para a água e viver seus trezentos anos antes de ser transformada na espuma do mar salgado. Apresses-se! Ou ele ou você morrerá antes do nascer do sol. Nossa velha avó tem sofrido tanto que seu cabelo branco tem caído, como os nossos sob a tesoura da bruxa. Mate o príncipe e volte para nós! Mas vá depressa – veja as faixas vermelhas no céu. Em alguns minutos o sol despontará e então você morrerá.” Com um suspiro profundo e estranho, elas submergiram.

A Pequena Sereia afastou a cortina púrpura da tenda e viu o belo noivo dormindo com a cabeça no peito da princesa. Inclinando-se, ela beijou a nobre fronte dele e depois olhou para o céu, onde o rubor da aurora se tornava cada vez mais luminoso. Fitou a faca afiada em sua mão e novamente fixou os olhos no príncipe, que sussurrou o nome da noiva em seus sonhos – só ela estava em seus pensamentos. Quando a Pequena Sereia empunhou a faca sua mão tremeu – e então ela a arremessou longe nas ondas. A água ficou vermelha no lugar em que caiu, e algo parecido com gotas de sangue ressumou dela. Com um último olhar para o príncipe, seus olhos anuviados pela morte, ela saltou do navio no mar e sentiu seu corpo se dissolver em espuma.

E logo o sol começou a nascer do mar. Seus raios cálidos e suaves caíram sobre a espuma fria como a morte, mas a Pequena Sereia não tinha a sensação de estar morrendo. Viu o sol esplendoroso e, pairando à sua volta, centenas de formosas criaturas – podia ver perfeitamente através delas, ver as velas brancas do navio e as nuvens rosadas no céu. E a voz delas era a voz da melodia, embora etérea demais para ser ouvida por ouvidos mortais, assim como nenhum olho mortal as podia ver. Não tinham asas, mas sua leveza as fazia flutuar no ar. A Pequena Sereia viu que tinha um corpo como o delas e que estava se elevando cada vez mais acima da espuma.

“Onde estou?” perguntou, e sua voz soou como a dos outros seres, mais etérea que qualquer música terrena podia soar.

“Entre as irmãs do ar”, responderam as outras. “Uma sereia não tem alma imortal, e jamais pode ter uma a menos que conquiste o amor de um ser humano. A eternidade de uma sereia depende de um poder que independe dela. As filhas do ar tampouco têm uma alma eterna, mas podem conseguir uma através de suas boas ações. Devemos voar para os países quentes, onde o ar abafado da pestilência significa morte para os seres humanos. Devemos levar brisas frescas. Devemos transportar a fragrância das flores através do ar e enviar consolo e cura. Depois que tivermos tentado fazer todo o bem que podemos em trezentos anos, conquistaremos uma alma imortal e teremos uma parcela da felicidade eterna da humanidade. Você, Pequena Sereia, tentou com todo o seu coração fazer como estamos fazendo. Você sofreu e perseverou e se elevou ao mundo dos espíritos do ar. Agora, com trezentos anos de boas ações, você também pode conquistar uma alma imortal.”

A Pequena Sereia ergueu seus braços de cristal para o sol de Deus, e pela primeira vez conheceu o gosto das lágrimas.

No navio havia alvoroço e sons de vida por todo lado. A Pequena Sereia viu o príncipe e a bela noiva dele à sua procura. Com grande tristeza, eles fitavam a espuma perolada, como se soubessem que ela se jogara nas ondas. Invisível, ela beijou a testa da noiva, sorriu para o príncipe e em seguida, com as outras filhas do ar, subiu para uma nuvem rosa-avermelhada que navegava para o céu.

“Assim flutuaremos por trezentos anos, até finalmente chegarmos ao rei no celeste.”

“E podemos atingi-lo ainda mais cedo”, sussurrou uma das suas companheiras. “Invisíveis, flutuamos para dentro de lares humanos em que há crianças, e para cada dia em que

encontramos uma boa criança, que faz mamãe e papai felizes e merece o amor deles, Deus abrevia nosso tempo de sofrimento. A criança nunca percebe nada quando voamos em seu quarto e sorrimos com alegria, e assim um ano é subtraído dos trezentos. Mas quando vemos uma criança travessa ou maldosa, derramamos lágrimas de dor, e cada lágrima acrescenta mais um dia ao nosso tempo de provação.”

Retirado de: TATAR, Maria. Contos de Fadas: Edição Comentada e Ilustrada. 2ª edição. Rio de Janeiro. Zahar. 2013. (páginas 320-347)

6.10. OS CISNES SELVAGENS

Hans Christian Andersen

Muito longe daqui, lá para onde as andorinhas voam quando nós temos Inverno, vivia um rei com onze filhos e uma filha, Elisa. Os onze irmãos – os príncipes – iam à escola com estrelas ao peito e sabre à ilharga. Escreviam em «ardósias» de ouro com «penas» de diamante e sabiam tão bem recitar como ler. Ouvindo-os, via-se logo que eram príncipes. A irmã Elisa sentava-se num pequeno escabelo de cristal e tinha um livro de estampas que fora comprado pelo valor de meio reino.

Oh! As crianças viviam muito bem! Mas não viria a ser sempre assim!

O pai, que era o rei de todo o país, casou com uma rainha má, nada gentil para com as pobres crianças. Puderam notá-lo logo no primeiro dia.

Em todo o palácio havia grande ostentação e as crianças brincavam «às visitas», mas em vez de receberem bolos e maçãs assadas, que era o que havia para oferecer, a rainha deu-lhes apenas areia numa chávena de chá, dizendo que podiam fingir que era outra coisa.

Logo na semana seguinte pôs a irmãzinha Elisa no campo, em casa de camponeses, e não durou muito até que dissesse tanta coisa ao rei sobre os pobres príncipes, que este nunca mais se importou com eles.

– Voem por esse mundo fora e tratem de vós mesmos – disse a rainha má. – Voem como grandes aves sem voz! – Não lhes pôde, porém, fazer tanto mal como queria. Transformaram-se em onze belos cisnes selvagens. Com um grito estranho, partiram a voar das janelas do palácio sobre o parque e o bosque.

Era ainda manhã cedo, quando passaram pela casa dos camponeses onde a irmã Elisa estava a dormir. Aqui pairaram sobre o telhado, estenderam os longos pescoços e bateram com as asas, mas ninguém os ouviu nem viu. Tiveram de voltar a partir, no alto, entre as nuvens, pelo mundo fora. Voaram para um grande bosque sombrio que se estendia até à praia.

A pobre Elisinha estava na cabana do camponês a brincar com uma folha verde, pois outro brinquedo não tinha. Fez um buraco na folha, olhou através dele para o Sol e foi como se visse os claros olhos dos irmãos, e, de cada vez que os raios quentes do Sol lhe brilhavam nas faces, pensava nos beijos de todos eles.

Os dias decorriam iguais uns aos outros. Se o vento soprava na grande roseira diante de casa, esta sussurrava às rosas: – Quem pode ser mais bonita do que vocês? – As rosas abanavam a cabeça e diziam: – Elisa. – E se a velha se sentava ao domingo à porta a ler o seu livro de salmos, o vento virava as folhas e dizia para o livro: – Quem pode ser mais piedoso do que tu? – Elisa – dizia o livro de salmos, e era a pura verdade o que as rosas e o livro de salmos diziam.

Quando fez quinze anos, mandaram-na regressar. Assim que a rainha viu como ela era bonita, encheu-se de raiva e de ódio. Bem a teria transformado num cisne selvagem como os irmãos, mas não o podia fazer já, pois o rei queria ver a filha.

De manhã cedo, a rainha foi à sala de banho, construída em mármore e decorada com almofadas fofas e os mais belos tapetes. Pegou em três sapos, beijou-os e disse para um: – Põe-te na cabeça de Elisa, quando ela entrar no banho, para que fique tão estúpida como tu. – Põe-te na sua testa – ordenou ao segundo – para que fique feia como tu, de modo a que o pai não a reconheça. – Pousa no seu coração – segredou ao terceiro – para que venha a ter maus pensamentos e a sofrer com isso. – Colocou então os sapos na água clara, que logo tomou uma cor esverdeada. Chamou por Elisa, despiu-a e mandou-a entrar na água e, quando ela aí mergulhou, pôs-se-lhe um sapo no cabelo, o segundo na testa e o terceiro no peito, mas Elisa pareceu nem dar por isso. Logo que se levantou, flutuaram três papoilas vermelhas na água. Se os animais não fossem venenosos nem beijados pela rainha bruxa, ter-se-iam transformado em rosas vermelhas, mas flores se tornaram mesmo assim, ao tocarem a cabeça e o coração de Elisa. Era demasiado piedosa e inocente para que o feitiço tivesse poder sobre ela!

Quando a rainha má viu isto, esfregou-a com suco de nozes, de modo que ficou toda castanha-escura, untou o belo rosto com um unguento malcheiroso e emaranhou-lhe o belo cabelo. Era impossível reconhecer a linda Elisa.

O pai, quando a viu, ficou todo horrorizado, dizendo que não era filha dele. Ninguém mais a reconheceria senão o cão de guarda e as andorinhas, mas eram pobres animais e nada podiam dizer.

Então a pobre Elisa chorou, pensando nos onze irmãos, que estavam longe. Aflita, saiu furtivamente do palácio, andou todo o dia por campos e pauis, embrenhando-se na grande floresta. Nem sequer sabia para onde devia ir, mas sentia-se tão triste e com tantas saudades dos irmãos, que, como ela, deviam ter sido também atirados para o mundo! Iria procurá-los e achá-los-ia.

Mal penetrou no bosque, logo anoiteceu. Afastou-se de caminhos e atalhos. Deitou-se sobre o musgo macio, rezou a sua oração da noite e encostou a cabeça a um cepo. Estava tudo calmo, o ar tão suave e à volta, na erva e no musgo, brilhavam, como fogo verde, mais de cem pirilâmpas. Quando tocou com a mão levemente num dos ramos, tombaram os insectos luzentes, como estrelas cadentes, sobre ela.

Toda a noite sonhou com os irmãos. Brincavam, como quando eram crianças, escreviam com «penas» de diamante sobre «ardósias» de ouro e viam o belo livro de estampas que custara meio reino. Mas nas ardósias não escreviam, como antes, apenas zeros e traços, não, mas as acções mais ousadas que haviam praticado, tudo o que tinham vivido e visto. No livro de estampas, tudo era vivo, os pássaros cantavam e os homens saíam do livro e falavam para Elisa e para os irmãos, mas quando voltava a folha, logo saltavam novamente para dentro, para que não houvesse confusão nas estampas.

Quando acordou, já o Sol ia alto. Não podia vê-lo bem, porque as grandes árvores estendiam os ramos espessos e firmes, mas os raios brincavam por fora como uma teia de oiro oscilante. Havia um perfume de verdura e os pássaros quase vinham pousar-lhe nos ombros. Ouvia a água murmurar. Havia muitas fontes grandes e todas escorriam para um lago com o mais belo fundo de areia. À volta cresciam espessos arbustos, mas num sítio os veados haviam feito uma grande abertura e por aí se dirigiu Elisa até à água. Era tão clara que, se o vento não agitasse os ramos e os arbustos, de modo a moverem-se, podia bem ter acreditado que estavam pintados no fundo, tão distintamente se reflectia aí cada folha, tanto aquelas através das quais o Sol brilhava como as que se encontravam completamente na sombra.

Assim que viu o seu rosto, ficou toda horrorizada, tão castanho e feio que era! Mas quando molhou a mãozinha e esfregou os olhos e a testa, luziu a pele branca outra vez. Então,

tirou toda a roupa e entrou na água fresca. Uma filha de rei mais bonita que ela não se encontraria neste mundo!

Quando voltou a vestir-se e entrançou o longo cabelo, encaminhou-se para a fonte borbulhante, bebeu da mão em concha e continuou a vagar no bosque, sem saber para onde ir. Pensou nos irmãos, pensou no bom Deus, que certamente não a abandonaria. Ele fazia crescer as maçãs bravas para saciar os famintos e foi Ele que lhe mostrou uma tal árvore, com os ramos dobrados pelo peso dos frutos. Aqui colheu o almoço, colocou suportes sob os ramos e entrou na parte mais sombria do bosque. Estava tudo tão silencioso que ouvia os próprios passos, ouvia cada folhinha a murchar que se curvava sob os seus pés. Não se via um pássaro. Nenhum raio de Sol conseguia penetrar por entre os grandes e espessos ramos das árvores. Os altos troncos estavam tão perto uns dos outros que, quando olhava em frente, era como se um grade de traves bem juntas umas às outras a rodeasse. Oh! Havia aqui uma solidão como nunca antes conhecera!

Fez-se então muito escura a noite! Nem um único pirilampo brilhava no musgo. Aflita, deitou-se no chão para dormir. Pareceu-lhe que os ramos das árvores por cima se abriam para o lado e que o Senhor, com doces olhos, olhava para ela em baixo e que anjinhos espreitavam sobre a sua cabeça e sob os seus braços.

Quando despertou de manhã, não sabia se sonhara ou se fora realmente assim.

Caminhou alguns passos em frente e encontrou uma velha com bagas num cesto. A velha deu-lhe algumas. Elisa perguntou se vira onze príncipes cavalgando pelo bosque.

– Não – respondeu a velha –, mas vi ontem onze cisnes com coroas de ouro na cabeça, nadando pelo regato abaixo, aqui mesmo ao lado.

Depois conduziu Elisa um pouco mais à frente até um declive. Em baixo torneava um regato. As árvores nas margens estendiam umas para as outras longos ramos cheios de folhas e onde, pelo seu crescimento natural, não podiam alcançar-se. Tinham desprendido as raízes da terra, pendendo para a água com os ramos entrelaçados.

Elisa disse adeus à velha e dirigiu-se ao longo do regato até onde este fluía para uma grande praia aberta.

Todo o belo mar estava diante da rapariga, mas nem uma vela se mostrava, nem um barco se podia ver. Para onde devia seguir? Observou as inúmeras pedrinhas na margem. A

água tinha-as arredondado todas. Vidro, ferro, pedra, tudo o que ali jazia, lançado à praia, tomara forma pela água, que, contudo, era muito mais macia do que as suas finas mãos. «Está sempre infatigável a rolar e assim se nivela o que é duro. Também quero ser infatigável. Obrigada pela vossa lição, vós límpidas ondas rolantes. Algum dia – diz-me o coração – ireis levar-me aos meus queridos irmãos.

Nas algas lançadas à praia estavam onze penas brancas de cisnes. Juntou-as como que a fazer um ramo. Havia nelas gotas de água. Se era orvalho ou lágrimas, ninguém o poderia dizer. Estava sozinha na praia, mas não se sentia só, pois o mar apresentava uma eterna transformação, sim, em algumas poucas horas mais do que os frescos lagos interiores poderiam mostrar em todo um ano. Se aparecia uma grande nuvem negra, era como se o mar dissesse «eu também sei mostrar-me sombrio» e então soprava o vento e as ondas voltavam o branco para fora. Masse as nuvens brilhavam vermelhas e os ventos dormiam, ficava o mar como uma folha de rosa. Estava agora ora verde, ora branco, mas como repousava calmo! Havia, contudo, nas margens um suave movimento, a água elevava-se docemente, como o peito de uma criança quando dorme.

Quando o Sol estava quase a pôr-se, Elisa viu onze cisnes selvagens com coroas de ouro na cabeça, voando para terra. Pairavam uns atrás dos outros e pareciam uma longa fita branca. Então Elisa subiu o declive e escondeu-se por detrás de um arbusto. Os cisnes pousaram perto dela, batendo as grandes asas brancas.

Quando o Sol se sumiu sob a água, caiu-lhes subitamente a plumagem e ali estavam os onze belos príncipes, os irmãos de Elisa. Lançou um grande grito, pois, apesar de terem mudado muito, sabia que eram eles, sentiu que deviam ser eles. Saltou para os seus braços, chamou-os pelos nomes e eles ficaram tão contentes quando viram e reconheceram a irmãzinha, que agora estava tão crescida e bonita! Riram e choraram e logo lhe contaram como a madrasta fora má para com eles.

– Nós, irmã – disse o mais velho –, voamos como cisnes selvagens, enquanto o Sol está no céu. Quando desce, tomamos a nossa forma humana. Por isso, ao pôr do Sol, temos sempre de ter o cuidado de encontrar um pouso para os pés, pois se voássemos lá alto, na direcção das nuvens, tombaríamos como seres humanos no abismo. Não é aqui que moramos. Há uma terra tão bonita como esta do outro lado do mar, mas é longo o caminho para lá, temos de atravessar o grande mar e, no trajecto, não há nenhuma ilha onde possamos pernoitar. Só um rochedozinho isolado se ergue aí. Mais espaço não tem do que aquele em que podemos repousar juntos uns

aos outros. Se o mar está bravo, salpica a água sobre nós, mas agradecemos a Deus por ele. Ali pernoitamos em nossa forma de homens; sem ele nunca poderíamos visitar a nossa querida pátria, pois dois dos mais longos dias do ano precisamos para o nosso voo. Só uma vez no ano nos é permitido visitar a terra dos nossos pais. Podemos ficar aí onze dias, voar sobre o grande bosque e daí ver o palácio onde nascemos e onde mora o nosso pai, ver a alta torre da igreja, onde está enterrada a nossa mãe. Aqui parece-nos que as árvores e os arbustos são nossos parentes, aqui correm os cavalos selvagens sobre a planície, como os víamos na nossa infância. Aqui cantam os carvoeiros as velhas canções ao som das quais dançávamos, ainda crianças. Aqui é a nossa pátria, para aqui somos atraídos e aqui te encontramos, querida irmãzinha! Ainda podemos ficar dois dias, mas depois temos de partir sobre o mar para uma bela terra, mas que não é a nossa! Como podemos levar-te? Não temos navio nem sequer um pequeno barco!

– Como poderei salvar-vos? – disse a irmã.

Falaram quase toda a noite. Apenas dormitaram algumas horas. Elisa acordou com o som das asas dos cisnes, sussurrando por cima dela. Os irmãos estavam outra vez transformados, voando em grandes círculos e por fim lá para longe, mas um deles, o mais novo, ficou para trás. O cisne pôs a cabeça no seu regaço e ela acariciou-lhe as penas brancas. Estiveram todo o dia juntos. À noitinha voltaram os outros e, quando o Sol se pôs, tomaram a sua forma natural.

– Amanhã vamos voar daqui. Não podemos regressar antes de todo um ano. Mas não podemos deixar-te assim. Tens coragem para nos seguir? O meu braço é forte o bastante para te transportar através da floresta. Não teremos todos juntos asas suficientemente fortes para voar contigo sobre o mar?

– Sim, levai-me convosco! – respondeu Elisa.

Passaram a noite toda a tecer uma rede de casca de salgueiro flexível e de juncos rijos, que ficou grande e forte. Nela se deitou Elisa e quando o Sol se ergueu e os irmãos se transformaram em cisnes selvagens, pegaram na rede com os bicos e voaram alto para as nuvens com a irmã querida, que ainda dormia. Os raios do Sol incidiam-lhe directamente no rosto. Por isso, um dos cisnes voava sobre a sua cabeça para que as asas largas pudessem fazer-lhe sombra.

Estava longe a terra, quando Elisa acordou. Julgou que ainda sonhava, tão maravilhoso lhe pareceu ser transportada sobre o mar alto, através do ar! Ao seu lado havia um ramo de belas bagas maduras e um molho de raízes saborosas. Tinha-os colhido o irmão mais novo, que

ali os pusera para ela. Sorriu-lhe agradecida, pois sabia que fora ele, o que voava por cima da sua cabeça e lhe dava sombra com as asas.

Estavam tão alto que o primeiro navio que viram pareceu- -lhes uma gaivota branca pousada na água. Uma grande nuvem encontrava-se por detrás deles. Era toda uma montanha e nela viu Elisa a sombra de si própria e dos onze cisnes, tão gigantescos voavam ali! Era o mais belo quadro que vira até então! Mas logo que o Sol subiu mais alto e a nuvem ficou para trás, desapareceu a imagem da sombra flutuante.

Continuaram todo o dia a voar, como uma flecha sussurrante através do ar, mas mais lentamente do que nunca, pois tinham de transportar a irmã. Pôs-se mau tempo, a noite aproximava-se. Receosa, Elisa viu o Sol baixar e ainda não se avistava o rochedo isolado no mar. Pareceu-lhe que os cisnes batiam mais forte com as asas. Ai! Era culpa sua se não chegassem a tempo. Quando o Sol se pusesse, tornar-se-iam seres humanos, cairiam no mar e afogar-se-iam. Então rezou do mais fundo do coração uma oração a Deus. Mas ainda não avistava nenhum rochedo. As nuvens pretas aproximavam-se cada vez mais. As fortes rajadas de vento anunciavam uma tempestade. As nuvens formavam uma única e grande onda ameaçadora, que parecia chumbo e avançava. Luziam relâmpagos uns atrás dos outros.

O Sol estava agora na borda do mar. O coração de Elisa batia fortemente. Os cisnes desceram tão rapidamente, que julgou que ia cair, mas ainda continuavam a pairar. O Sol estava meio mergulhado na água. Avistou então o pequeno rochedo em baixo, que não parecia maior do que uma foca, com a cabeça fora da água. O Sol baixava rapidamente. Era agora como uma estrela. Entretanto os seus pés tocaram o chão firme. O Sol extinguiu-se como a última chispa de um papel a arder. De braços dados, viu os irmãos à sua volta, mas mais lugar do que para eles e ela não havia ali embaixo. O mar batia contra o rochedo e tombava com fortes bategas sobre eles. O céu brilhava num fogo sempre constante e a trovoada ribombava, trovão atrás de trovão, mas Elisa e os irmãos deram as mãos e cantaram um salmo, com que receberam consolo e coragem.

Ao romper do dia o ar estava puro e calmo. Logo que o Sol subiu, os cisnes partiram da ilha e levaram com eles Elisa. O mar ainda estava agitado. Parecia-lhes, quando estavam no ar, que a espuma branca no mar verde-escuro eram milhões de cisnes vogando nas ondas.

Quando o Sol ficou ainda mais alto, Elisa viu diante de si, meio flutuando no ar, uma terra montanhosa com massas de gelo brilhantes nas rochas e no meio estendia-se um palácio

com uma boa milha de comprido com arrojadas arcadas umas sobre as outras. Por baixo abanavam palmeirais e flores maravilhosas, tão grandes como rodas de moinho. Perguntou se era a terra para onde iam, mas os cisnes abanaram a cabeça, pois aquilo que ela via era o belo palácio nas nuvens, em constante transformação, da Fada Morgana. Nele não podia entrar nenhum ser humano. Elisa olhou-o fixamente. Então desmoronaram-se montes, bosques e palácio e apareceram doze soberbas igrejas, todas iguais umas às outras, com altas torres e janelas pontiagudas. Pareceu-lhe ouvir órgão, mas foi o mar que ela ouviu. Agora estavam as igrejas bem perto, transformando-se numa frota que navegava debaixo dela. Olhou para baixo e era apenas uma neblina que passava sobre a água. Sim, uma transformação constante tinha ela diante dos olhos. Viu, então, a verdadeira terra para onde ia. E erguiam-se aí belas montanhas azuis, com bosques de cedros, cidades e palácios. Muito antes de o Sol se pôr, já estava sentada na rocha diante de uma grande gruta, coberta com verdes e finas plantas trepadeiras que pareciam tapetes bordados.

– Agora vamos ver com o que vais sonhar esta noite aqui! – disse o irmão mais novo, mostrando-lhe o quarto de dormir.

– Oxalá sonhe como poderei salvar-vos! – respondeu. E este pensamento ocupou-a vivamente. Pediu fervorosamente a Deus que a ajudasse, sim, mesmo a dormir continuou a orar. Então pareceu-lhe que voava alto no ar para o palácio nas nuvens da Fada Morgana e que esta veio ao seu encontro, tão bela e esplendorosa, contudo, parecendo-se com a velha que lhe dera bagas no bosque e lhe falara dos cisnes com coroas de ouro.

– Teus irmãos podem ser salvos – disse ela –, mas tens coragem e perseverança? É certo que o mar é mais macio do que as tuas finas mãos. No entanto, dá forma às pedras duras, mas não sente as dores que os teus dedos hão-de sentir. Não tem coração, não sofre a angústia e o tormento que tens de suportar. Vês esta urtiga que tenho na mão? Desta espécie crescem muitas à volta da gruta onde dormes. Toma nota, só essas e as que brotam nas sepulturas do cemitério são boas. São essas que tens de apanhar, mesmo que te façam arder a pele e deixem bolhas. Se esmagares as urtigas com os pés, obterás linho. Com ele terás de tecer e enlaçar onze cotas de malha, de mangas compridas. Lança-as sobre os onze cisnes selvagens e o encanto fica quebrado. Mas lembra-te bem! Desde o momento em que começares o teu trabalho e até estar completamente acabado, mesmo que dure anos, não podes falar. A primeira palavra que disseres penetrará como um punhal mortífero no coração dos teus irmãos. Da tua língua depende a vida deles. Tem em atenção tudo isto!

No mesmo momento, tocou-lhe na mão com a urtiga. Sentiu como que um fogo ardente. Assim acordou Elisa. Era já dia claro e perto do sítio onde dormira estava uma urtiga como aquela que vira em sonho. Então caiu de joelhos, agradeceu a Deus e saiu da gruta a fim de dar início à sua tarefa.

Com as mãos delicadas apanhou as feias urtigas, que eram como fogo. Grandes bolhas ardiavam-lhe nas mãos e nos braços, mas de bom grado sofria, pudesse ela salvar os queridos irmãos. Esmagou as urtigas, uma por uma, com os pés descalços e entrançou o linho verde.

Quando o Sol se pôs, vieram os irmãos e ficaram assustados ao encontrá-la assim muda. Julgaram que era um novo encantamento da madrasta má, mas quando lhe viram as mãos, compreenderam o que fazia por eles; o irmão mais novo chorou e onde as suas lágrimas caíam não sentia nenhuma dor, já que desapareciam as bolhas ardentes.

Passou toda a noite a trabalhar, pois não descansaria enquanto não tivesse salvo os irmãos queridos. Permaneceu todo o dia seguinte, enquanto os cisnes estiveram fora, sentada no seu isolamento, mas nunca o tempo correrá tão depressa. Uma cota de malha ficou completamente pronta. Começou logo a seguinte.

Soou então a trompa de caça nos montes. Ficou cheia de medo. Os sons aproximavam-se, podia ouvir os cães a ladrar. Assustada, entrou na gruta, atou um molho as urtigas que juntara e cardara e sentou-se em cima.

Nesse mesmo momento veio um cão grande saltando do barranco e logo um outro e ainda outro. Ladraram alto, correram para trás e voltaram outra vez. Não demorou muito que estivessem todos os caçadores diante da gruta e o mais belo de todos era o rei do país. Dirigiu-se para Elisa. Nunca vira uma rapariga tão bonita!

– Como vieste parar aqui, linda menina? – perguntou o rei. Elisa abanou a cabeça, não devia falar, tratava-se da salvação e da vida dos irmãos. Escondeu as mãos sob o avental para que o rei não visse o que tinha de sofrer.

– Vem comigo! – disse ele. – Não podes ficar aqui! Se fores tão boa como és bonita, vestir-te-ei de seda e veludo, pôr-te-ei a coroa de ouro na cabeça e residirás no meu palácio mais rico. Depois, pegou nela e sentou-a no cavalo. Elisa chorava, torcia as mãos, mas o rei disse:

– Só quero a tua felicidade! Um dia agradecer-me-ás! – E assim partiu pelos montes, segurando-a à frente no cavalo e os caçadores atrás dele.

Quando o Sol se pôs, estava a bela cidade real com igrejas e cúpulas diante deles e o rei conduziu-a ao palácio, onde grandes repuxos saltavam nas altas salas de mármore e paredes e tectos ostentavam pinturas. Mas ela não tinha olhos para isso, chorava e afligia-se. Dócil, deixou que as damas lhe vestissem os vestidos reais, lhe entrançassem pérolas no cabelo e lhe calçassem finas luvas nos dedos a arder por causa das urtigas. Quando ficou em todo o seu esplendor, estava tão deslumbrantemente bela que a corte se inclinou ainda mais profundamente perante ela e o rei proclamou Elisa como sua noiva. Ainda que o arcebispo abanasse a cabeça e murmurasse que a bela rapariga do bosque era certamente uma herege que cegara os olhos e seduzira o coração do rei! Mas o rei não o ouviu, mandou tocar a música, que viessem os mais deliciosos manjares e que as mais gentis meninas dançassem à volta dela. Foi levada através dos jardins odorosos para salas magníficas, mas nem um sorriso lhe assomou aos lábios ou transpareceu nos seus olhos. A tristeza estava ali como herança e posse eternas.

Então o rei abriu um pequeno aposento junto àquele em que iria dormir. Estava decorado com preciosas tapeçarias verdes e parecia mesmo a gruta onde ela estivera. No chão encontrava-se o molho de linho que tecera com as urtigas e no tecto estava suspensa a cota de malha que ficara pronta. Tudo isso trouxera um dos caçadores consigo, como curiosidade.

– Podes sonhar aqui com o antigo lugar onde vivias – disse o rei. – Eis o trabalho em que te ocupavas. Agora, no meio de todo o esplendor, divertir-te-á a recordar esse tempo!

Quando Elisa viu tudo aquilo, que tão perto lhe estava do coração, esboçou um sorriso e o sangue assomou-lhe às faces. Pensou na salvação dos irmãos, beijou a mão do rei, que a estreitou de encontro ao coração e mandou que todos os sinos das igrejas tocassem a anunciar as bodas. A bela rapariga muda do bosque veio a ser a rainha do país.

Então murmurou o arcebispo palavras más ao ouvido do rei, mas não lhe caíram no fundo do coração. Realizou-se o casamento. O próprio arcebispo teve de colocar-lhe a coroa na cabeça e com tão má vontade e com tanta força lhe premiu o estreito anel da coroa na testa, que lhe fez doer. Um mais pesado anel, contudo, circundava o seu coração – o cuidado pelos irmãos. Não sentia as dores corporais. A boca estava muda – uma única palavra custaria aos irmãos a vida –, mas nos olhos havia um profundo amor pelo rei bom e belo, que tudo fazia para a alegrar. De todo o coração, de dia para dia, lhe queria mais. Oh! Se pudesse simplesmente confiar-se a

ele, contar-lhe as suas mágoas! Mas muda tinha de ser, muda tinha de completar a sua tarefa. Por isso escapava-se de noite do lado dele, entrava no quartinho que estava decorado como a gruta e acabou uma cota de malha após outra, mas, quando começou a sétima, não tinha mais linho.

Sabia que no cemitério cresciam as urtigas de que precisava, mas tinha ela própria de ir apanhá-las. Como conseguiria isso?

«Oh! Que são as dores nos dedos comparadas com a tortura que sofre o coração?», pensou. «Tenho de tentá-lo! O Senhor não me retirará a Sua protecção!» Com angústia no coração, como se estivesse perante uma má acção, desceu na noite clara de luar ao jardim, atravessou as longas áleas, saiu para as ruas solitárias e encaminhou-se para o cemitério. Aí viu sentado numa das maiores pedras tumulares um círculo de velhas bruxas horríveis que despiram os andrajos, como se quisessem banhar-se, e começaram a esgaravatar com os longos dedos magros nas covas frescas, retirando os cadáveres e comendo-lhes a carne. Elisa teve de passar perto delas, que lhe lançaram olhares maus, mas ela recitou a sua oração, juntou as urtigas ardentosas e levou-as para o palácio.

Só uma única pessoa a viu, o arcebispo, que estava levantado quando os outros dormiam. Tinha, pois, razão quando dissera que havia algo na rainha que não estava bem.

Era uma bruxa, assim transtornando a cabeça ao rei e a todo o povo.

No confessionário, contou ao rei o que vira e o que receava. Quando as palavras duras lhe saíam da língua, as imagens dos santos abanavam a cabeça, como se quisessem dizer: – Não é assim! A Elisa está inocente! Mas o arcebispo explicou-o de outro modo, que testemunhavam contra ela, que abanavam a cabeça pelo seu pecado. Rolaram então duas pesadas lágrimas pelas faces do rei. Regressou a casa com a dúvida no coração e à noite fingiu que dormia, mas nenhum sono tranquilo lhe cobriu os olhos. Observou como Elisa se levantava e que assim sucedia todas as noites. E de todas as vezes a seguiu de mansinho, vendo que desaparecia no seu aposento privado.

De dia para dia tornou-se-lhe o semblante mais sombrio. Elisa notou-o, mas não compreendeu. Inquietou-se com isso, mas o que não sofria o seu coração pelos irmãos! No veludo e púrpura reais corriam as lágrimas salgadas, aí se quedavam como diamantes cintilantes e todos os que viam esse rico esplendor desejavam ser como a rainha. Estava, entretanto, quase no fim do trabalho, faltava-lhe ainda uma cota de malha. Mas não tinha mais linho, nem uma

única urtiga. Mais uma vez, a última, tinha de ir ao cemitério apanhar uma mão-cheia de urtigas. Pensou com angústia no caminho solitário e nas bruxas horríveis, mas a sua vontade era firme, como era a confiança em Deus.

Assim lá foi, mas o rei e o arcebispo seguiram-na, viram-na desaparecer pelo portão de grades do cemitério e, quando se aproximaram, depararam-se-lhe nas pedras tumulares as bruxas que Elisa encontrara. O rei virou o rosto, pois entre estas julgou ver aquela cuja cabeça ainda na noite anterior repousara no seu peito.

– O povo que a julgue! – disse o rei. E o povo condenou-a: seria queimada nas chamas rubras.

Das belas salas reais foi levada para uma masmorra escura e húmida, onde o vento assobiava pela janela com grades. Em vez de veludo e seda deram-lhe o molho de urtigas que colhera, podia aí repousar a cabeça. As cotas de malha duras e ardentosas que tecera podiam servir-lhe de enxergão e de coberta. Mas nada mais caro podiam ter-lhe oferecido. Voltou ao trabalho e rezou a Deus. Lá fora cantavam os rapazes da rua canções de escárnio sobre ela. Nenhuma alma a consolou com uma palavra querida.

À noite, algo sussurrou junto às grades, eram as asas de um cisne. Era o irmão mais novo, que voltara a encontrar a irmã. Elisa soluçou alto de alegria, se bem que soubesse que a noite que chegava era talvez a última que tinha para viver. Mas agora o trabalho encontrava-se quase acabado e o irmão estava ali.

O arcebispo veio para passar a última hora junto dela, prometera-o ao rei. Mas ela abanou a cabeça, pediu-lhe com o olhar e gestos para que a deixasse sozinha. Nessa noite tinha de acabar o trabalho, ou seria tudo inútil, tudo, dores, lágrimas e noites em claro. O arcebispo foi-se embora com más palavras para ela, mas a pobre Elisa sabia que estava inocente e continuou a trabalhar.

Os ratinhos corriam no chão, arrastavam as urtigas para diante dos pés dela, pois queriam ajudá-la um pouco, e o tordo pousou nas grades da janela e cantou toda a noite, tão alegremente quanto podia, para que ela não perdesse a coragem.

Ainda era madrugada, só dentro de uma hora se levantaria o Sol. Ali estavam os onze irmãos ao portão do palácio, pedindo para serem levados ao rei. Que não podia ser foi a resposta, ainda era bem de noite, o rei dormia e não seria acordado. Pediram, ameaçaram, veio a guarda, desceu mesmo o rei, que perguntou o que se passava. Levantou-se então o Sol no mesmo

momento e nenhum irmão havia à vista, mas lá no alto sobre o palácio voavam onze cisnes selvagens.

Para fora das portas da cidade acorria em massa o povo, que queria ver a feiticeira a ser queimada. Um miserável cavalo puxava a carroça onde ela ia sentada. Tinham-lhe dado um vestido de serapilheira grosseira. O lindo cabelo comprido pendia solto à volta da esbelta cabeça. As faces estavam pálidas de morte, os lábios moviam-se lentamente, mas os dedos entrançavam o fio verde. Nem mesmo a caminho da morte abandonava o trabalho começado. As dez cotas de malha estavam aos seus pés, a décima primeira acabava ela agora. A população insultava-a.

– Vede a feiticeira como murmura! Nem um livro de salmos leva nas mãos! Pelo contrário, o seu horrível feitiço leva-o ela consigo. Tirai-lho e rasgai-o em mil pedaços!

Correram para ela e queriam rasgar as cotas. Vieram então onze cisnes brancos voando, que se puseram à volta dela na carroça, batendo com as grandes asas. A multidão, assustada, afastou-se.

– É um sinal do céu! Está certamente inocente! – murmuraram muitos, mas não ousaram dizê-lo alto. Depois o carrasco agarrou-a pela mão.

Então lançou num gesto rápido as onze cotas sobre os onze cisnes e logo ali ficaram onze belos príncipes, mas o mais novo tinha uma asa de cisne no lugar de um braço, pois faltava uma manga na sua cota, que ela não conseguira aprontar.

– Agora posso falar! – disse ela. – Estou inocente!

O povo, que viu o que acontecera, curvou-se diante de Elisa como perante uma santa, mas ela tombou desmaiada nos braços dos irmãos. Tanta comoção, angústia e dores tiveram o seu efeito.

– Sim, está inocente! – disse o irmão mais velho, e depois contou tudo o que acontecera e, enquanto ele falava, espalhou-se um perfume, como de milhões de rosas, pois cada um dos pedaços de lenha da fogueira criara raízes e desabrochava em ramos. Estava ali uma sebe odorosa, alta e grande com rosas vermelhas e em cima uma flor branca e brilhante, que reluzia como uma estrela. Apanhou-a o rei, que a pôs sobre o peito de Elisa e então ela acordou com paz e júbilo no coração.

Todos os sinos tocaram por si próprios e vieram pássaros em grandes bandos. Formou-se um cortejo de noivado de regresso ao palácio, como nunca rei algum vira.

Retirado de: ANDERSEN, Hans Christian. Os cisnes selvagens. Disponível em: <https://arquivos.dglab.gov.pt/wp-content/uploads/sites/16/2013/12/Os-Cisnes-Selvagens.pdf>. Acesso em: 19 de outubro de 2021.